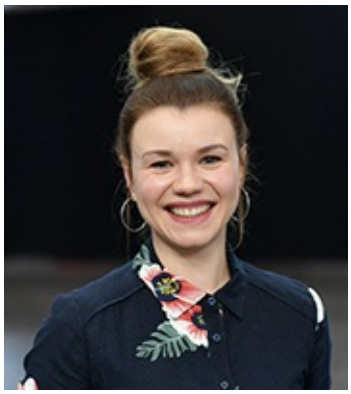
A RAPARIGA DA CABANA

ROMY HAUSMANN



«Sinistro e retorcido.»
Kirkus Review



© Jens Kalaene/picture alliance/dpa/Fotobanco.pt

ROMY HAUSMANN nasceu na Alemanha Oriental em 1981. Aos vinte e quatro anos tornou-se editora-chefe numa produtora cinematográfica em Munique. *A Rapariga da Cabana*, o seu primeiro *thriller*, esteve no topo das tabelas de vendas alemãs e foi publicado em vinte países. Está atualmente a ser produzida a sua adaptação televisiva para uma série de seis episódios a estrear na Netflix.

A Rapariga da Cabana
Romy Hausmann

Publicado em Portugal por
Porto Editora
Divisão Editorial Literária – Lisboa
Email: dellisboa@portoeditora.pt

Título original:
Liebes Kind
© 2019 by DTV VERLAGSGESELLSCHAFT MBH & CO. KG, München
Rights negotiated through Ute Körner Literary Agency – www.uklitag.com

Tradução: Sara M. Felício e Paulo Tavares

Design da capa: Manuel Pessoa

1.ª edição em papel: abril de 2023

Rua da Restauração, 365
4099-023 Porto
Portugal

www.portoeditora.pt

ISBN 978-972-0-67373-2

Para a Caterina, naturalmente.

«Nada é mais triste do que a morte de uma ilusão.»

Arthur Koestler

Estudante (23) desaparecida em Munique

Munique (LR) – A polícia de Munique procura pistas sobre o paradeiro de Lena Beck (23), de Haidhausen (Munique). Segundo declarações de testemunhas, a estudante universitária esteve numa festa na noite de quarta para quinta no bairro de Maxvorstadt até cerca das cinco da manhã. De regresso a casa, telefonou a uma amiga. Desde então, tem o telemóvel desligado. Na sexta-feira, as buscas policiais na área urbana de Munique revelaram-se infrutíferas. Lena Beck mede 1,65 metros, é magra e tem cabelo loiro pela altura dos ombros. Da última vez que foi vista, usava uma blusa prateada, calças de ganga pretas, botas pretas e um casaco azul-escuro.

No primeiro dia, perco a noção do tempo, a dignidade e um molar. Em compensação, passo a ter dois filhos e uma gata. Não me recordo de como se chamam, à exceção da gata: *Menina Tinky*. Também tenho um marido. É alto, com cabelo curto e escuro e olhos cinzentos. Observo-o de soslaio quando estamos sentados juntos no sofá gasto. Envolvida pelo abraço dele, sinto as feridas latejarem pelas minhas costas abaixo, como se cada uma delas tivesse a sua própria pulsação. Dói-me um corte na testa. De vez em quando, vejo tudo negro ou surgem relâmpagos brancos diante dos meus olhos. Nesses momentos, tento simplesmente respirar.

É difícil perceber se é noite de verdade ou se foi assim que ele decidiu. As janelas estão tapadas com painéis de isolamento. É ele quem cria o dia e a noite. Como Deus. Tento convencer-me de que o pior já passou, mas pressinto que iremos para a cama juntos em breve. As crianças já têm os pijamas vestidos. O do menino está-lhe um pouco pequeno, enquanto no da menina as mangas vão muito além dos pulsos. As crianças estão ajoelhadas no chão a alguns passos do sofá e erguem as mãos com as palmas estendidas para sentirem o calor residual do fogão a lenha. O fogo consumiu-se até se converter num monte negro, com apenas algumas brasas ainda vermelhas e incandescentes. As vozes agudas infantis e o seu alegre tagarelar misturam-se na absoluta perversidade da situação. Não consigo entender exatamente o que dizem. Ouço as crianças como que através de uma camada de algodão, enquanto reflito sobre como lhes irei matar o pai.

A Noite do Acidente

Hannah

No início é fácil. Endireito as costas e respiro fundo. Subo para a ambulância e levam-me. Digo aos homens de casaco cor de laranja o nome da mamã e que o grupo sanguíneo dela é AB negativo. AB negativo é o tipo de sangue mais raro e não tem anticorpos contra os grupos A e B, o que quer dizer que a mamã pode receber sangue dos restantes grupos sanguíneos. Sei isto porque falámos sobre tipos de sangue nas aulas. E porque está no livro grosso. Parece-me que fiz tudo bem. É só quando penso sem querer no meu irmão que o meu joelho direito começa a tremer. O Jonathan ficará com medo sem mim.

Concentra-te, Hannah. Já és uma menina crescida.

Não, hoje sou uma menina pequena e tonta. Está frio, está demasiada claridade e estão coisas a apitar. Pergunto de onde vêm os apitos e um dos homens de casaco cor de laranja diz:

– É o coração da tua mãe.

O coração da minha mãe nunca tinha apitado.

Concentra-te, Hannah.

Na viagem há muitos solavancos e eu fecho os olhos. O coração da minha mãe está a apitar.

Quando ela gritou ouviu-se um estrondo. Se o coração deixasse de apitar agora, estes teriam sido os seus últimos sons: um grito e um estrondo. E sem sequer me desejar boa-noite.

A ambulância dá um pequeno salto antes de parar.

– Chegámos – avisa o homem. Ao hospital, quer ele dizer.

Um hospital é um edifício onde as doenças ou feridas são tratadas com assistência médica.

– Vamos lá, pequena – diz o homem.

As minhas pernas começam a mexer-se automaticamente e tão depressa que nem me lembro de contar os passos. Sigo os homens que empurram a maca ruidosa, entram por uma grande porta de vidro com um sinal luminoso que diz «Urgências» e avançam por um longo corredor. Como se estivessem sincronizados, vários auxiliares aparecem de ambos os lados e muitas vozes exaltadas falam ao mesmo tempo.

– Não podes entrar aqui – diz um homem gordo de bata verde, afastando-me um pouco para o lado quando chegamos a outra grande porta no final do corredor. – Mandaremos alguém para tomar conta de ti. – O dedo indicador dele aponta na direção de uma fila de cadeiras encostadas à parede. – Para já, senta-te ali.

Quero dizer alguma coisa, mas não me saem as palavras, e de qualquer forma o homem deu logo meia-volta e desapareceu pela porta com os outros auxiliares. Conto as cadeiras ao longo da parede: sete. Não me disse em qual delas me devia sentar, o homem gordo de bata verde. Sem me dar conta, comecei a roer a unha do polegar. *Concentra-te Hannah. Já és uma menina crescida.*

Sento-me na cadeira do meio com os joelhos encolhidos e fico a arrancar agulhas de pinheiro e pedaços de casca de árvore castanhos da bainha do vestido. Sujei-me muito, esta noite. Volto a pensar no Jonathan. O pobre e pequeno Jonathan que ficou em casa e terá de fazer a limpeza. Imagino-o a chorar por não saber como tirar as manchas da carpete da sala. Tenho a certeza de que temos o detergente adequado na arrecadação, mas o papá trancou a porta com dois cadeados. Uma medida de segurança, como muitas outras que devemos ter. Todo o cuidado é pouco.

– Olá – diz uma voz feminina.

Salto da cadeira e ponho-me de pé.

– Sou a enfermeira Ruth – apresenta-se a mulher com um sorriso, estendendo a mão para me cumprimentar.

Digo-lhe que me chamo Hannah e que Hannah é um palíndromo. Um

palíndromo é uma palavra que se lê da mesma maneira da esquerda para a direita e da direita para a esquerda. Com o objetivo de o comprovar, soletro o meu nome, primeiro a partir do princípio e depois a partir do fim.

– Estou a perceber – responde-me ela, continuando a sorrir.

A enfermeira Ruth é mais velha do que a mamã, tem cabelo grisalho e é um pouco gorducha. Por cima da bata de tom amarelo-claro usa um casaco de malha colorido que parece bem quente e tem um crachá com o focinho de um panda. «*Be Happy*», lê-se nele. Está em inglês e quer dizer «Sê Feliz». Os cantos da minha boca estremecem.

– Não tens sapatos, querida – comenta a enfermeira Ruth, e eu mexo o dedo grande do pé esquerdo através do buraco nos colãs.

A mamã remendou-os num dos seus dias bons. Aposto que ficaria zangada comigo se soubesse que os voltei a romper.

A enfermeira Ruth tira um lenço do bolso da bata porque pensa que estou a chorar. Pelo buraco nos colãs ou pela mamã. Não lhe conto que, na realidade, é apenas a luz demasiado clara das lâmpadas em forma de tubo no teto que me cega. Limito-me a dizer:

– Obrigada, és muito amável.

Devemos ser sempre educados. Devemos pedir sempre as coisas com boas maneiras e saber agradecer. O meu irmão e eu agradecemos sempre quando a mamã nos dá uma barra energética, apesar de detestarmos barras energéticas. Não gostamos do sabor, mas são importantes por causa das vitaminas. Cálcio e potássio e magnésio e vitamina B para o metabolismo e para a produção de sangue. Comemos três todos os dias, a não ser quando ficamos sem provisões. Nessas alturas, só nos resta desejar que o papá não demore muito a chegar a casa e que tenha feito compras pelo caminho.

Aceito o lenço, seco os olhos, assoo o nariz ruidosamente e depois devolvo-o à enfermeira Ruth. Não devemos ficar com nada que não seja nosso. Isso é roubar. A enfermeira Ruth ri-se e guarda novamente o lenço na bata. Também lhe pergunto pela mamã, mas ela apenas diz:

– Está nas melhores mãos.

Sei que esta não é uma verdadeira resposta, não sou burra.

– Quando a poderei ver? – pergunto, mas também não me responde.

Em vez disso, a enfermeira Ruth diz que me vai levar à sala de repouso do pessoal para vermos se ali há um par de chinelos que eu possa usar. Os chinelos são uma espécie de pantufas. O Jonathan e eu temos de usar pantufas quando estamos em casa porque o chão custa muito a aquecer, mas às vezes esquecemo-nos e sujamos as meias. Então, a mamã ralha connosco porque não é dia de lavar roupa e o papá ralha com a mamã porque ela não limpou bem o chão. A limpeza é importante.

A sala de repouso do pessoal é uma divisão grande, com pelo menos cinquenta passos desde a porta até à parede oposta. No centro há três mesas, cada uma com quatro cadeiras em redor. Três vezes quatro são doze. Uma das cadeiras não está arrumada. Alguém se deve ter sentado nela e não voltou a deixá-la no sítio quando se foi embora. Espero que essa pessoa tenha sido castigada. A ordem também é importante. A parede esquerda da sala está ocupada por um armário metálico com muitos compartimentos individuais que se podem fechar à chave, embora quase todos tenham a chave posta, e por um beliche, igualmente de metal. Ao fundo há duas grandes janelas através das quais podemos ver a noite. Negra e sem estrelas. À direita há uma pequena cozinha que até tem uma chaleira elétrica sobre a bancada. A água quente pode ser muito perigosa. Acima de uma temperatura de 45 graus, queima a pele. Acima dos 60 graus, a proteína das células da pele degrada-se e as células morrem. Dentro da chaleira elétrica, a água é aquecida até aos cem graus. Também temos uma, mas guardamo-la à chave.

– Senta-te sossegada.

Três vezes quatro são doze. Doze cadeiras. Tenho de pensar bem, mas distraio-me com a noite negra, sem estrelas, para lá das janelas.

Concentra-te, Hannah.

A enfermeira Ruth dirige-se ao armário e abre um compartimento atrás do outro, fechando-os logo de seguida. Solta um longo «hmmm» algumas vezes,

ouvindo-se pelo meio o bater metálico das portas. Olha para mim por cima do ombro e volta a dizer:

– Sim, querida, senta-te sossegada.

Ao princípio, penso que talvez devesse escolher a cadeira que está desarrumada, mas isso não estaria bem. Cada um deve arrumar aquilo que utiliza. Mostrar-se responsável. *És uma menina crescida, Hannah*. Assinto com a cabeça para o vazio e conto para dentro: um, dó, li, tá… Sobra uma cadeira que me dará uma boa visão da porta e que depois voltarei a deixar bem colocada debaixo da mesa quando a enfermeira Ruth disser que terminou o tempo de estar sentada.

– Ora bem – diz ela, sorridente, voltando-se para mim com um par de chinelos de borracha cor-de-rosa na mão. – A verdade é que te ficarão um pouco grandes, mas são melhores do que nada.

Depois, põe-me os chinelos diante dos pés e espera que eu os calce.

– Escuta, Hannah – acrescenta ela, tirando o casaco de malha. – A tua mamã não tinha carteira quando sofreram o acidente. Isso quer dizer que não encontrámos um cartão de identidade nem qualquer outro documento.

Agarra-me então o braço, mantém-no esticado e enfia a minha mão pelo buraco da manga do seu casaco.

– Não temos nem o nome nem a morada dela. E, infelizmente, nem sequer um contacto de emergência.

– Chama-se Lena – digo para ajudar, tal como antes, na ambulância.

Devemos estar sempre dispostos a ajudar. O meu irmão e eu ajudamos a mamã de cada vez que lhe tremem os dedos. E também quando ela se esquece de coisas, como dos nossos nomes ou da hora de ir à casa de banho. Acompanhamo-la até lá para que não caia da sanita nem faça outros disparates.

A enfermeira Ruth passou já para a outra manga. O calor que o casaco conserva alastra agradavelmente pelas minhas costas.

– Sim – diz ela. – Lena, muito bem. Uma Lena sem apelido. O paramédico da ambulância também já apontou essa informação.

Quando suspira, consigo sentir-lhe o hálito. Cheira a pasta de dentes. Arrasta a minha cadeira, que range pelo chão, até poder ficar agachada à minha frente sem bater com a cabeça no canto da mesa. Os cantos das mesas podem ser muito perigosos. A mamã costuma bater com a cabeça na mesa quando tem um dos seus ataques.

A enfermeira Ruth começa a abotoar-me o casaco. Com o indicador imito sobre a minha coxa a linha em ziguezague que faz a risca do seu cabelo. Ponta para a direita, a direito, ponta para a esquerda, a direito, ponta para a esquerda outra vez, como um raio de luz torcido. Como se tivesse sentido que eu lhe observava a cabeça, a enfermeira Ruth olha subitamente para cima.

– Há alguém a quem possamos ligar, Hannah? Talvez ao teu papá. Sabes o vosso número de telefone de cor?

Aceno que não com a cabeça.

– Mas tens papá?

Aceno que sim.

– E ele vive contigo? Contigo e com a tua mamã?

Volto a acenar que sim com a cabeça.

– Não queres que lhe liguemos? Ele terá de saber que a tua mãe sofreu um acidente e que vocês estão aqui hospital. Estará certamente preocupado por não terem voltado para casa.

Ponta para a direita, a direito, ponta para a esquerda, a direito, ponta para a esquerda outra vez, como um raio de luz torcido.

– Diz-me, Hannah, já alguma vez tinhas estado num hospital? Ou a tua mamã? Talvez até neste mesmo hospital? Assim, podíamos procurar o vosso número de telefone no nosso computador superinteligente.

Abano a cabeça.

– Em caso de emergência, as feridas expostas também podem ser esterilizadas com urina. Esta tem um efeito desinfetante, cicatrizante e calmante, fim.

A enfermeira Ruth pega-me nas mãos.

– Muito bem. Sabes que mais, Hannah? Vou preparar um chá para depois

conversarmos um pouco, tu e eu. O que te parece?

– Conversarmos sobre o quê?

Hannah

Logo vi, tenho de lhe falar da mamã, mas de início não me ocorre nada para dizer. Só consigo pensar no grande estrondo do carro a atropelá-la e em como, num abrir e fechar de olhos, ela ficou estendida no chão duro e frio, perante as luzes dos faróis, com os braços e as pernas todos torcidos. Tinha a pele demasiado branca e o sangue que lhe saía de uma série de pequenos cortes na cara era demasiado vermelho. Carmesim. Um farol partiu-se com o impacto e a mamã ficou com a cara cheia de estilhaços de vidro. Sentei-me na berma da estrada com os olhos fechados e só os abri ligeiramente de vez em quando, até que apareceram as luzes azuis da ambulância a piscarem na escuridão.

Mas, na realidade, não tenho de contar nada disto à enfermeira Ruth. Ela já sabe que a mamã teve um acidente. Caso contrário, não estaríamos aqui. A enfermeira Ruth não tira os olhos de mim. Encolho os ombros e sopro, formando relevos trémulos no meu chá. É de roseira brava, diz a enfermeira Ruth, acrescentando que o chá de roseira brava era o preferido da filha dela quando era pequena.

– E sempre com uma boa colherada de mel. Era uma verdadeira gulosona.

Gulosona. Não creio que esta palavra exista realmente, mas agrada-me.

– A minha filha chama-se Nina – diz a enfermeira Ruth. – Como a Nina Simone, uma cantora de *jazz* muito famosa. *My baby don't care for shows* – começa a cantar, não muito bem. – *My baby don't care for clothes. My baby just cares for me*. Já a ouviste alguma vez?

Aceno que não com a cabeça.

– Já imaginava – ri-se. – Não me parece que na tua idade se ouça esta música. E, em todo o caso, canto muito mal. Bom, quando a minha Nina era pequena como tu, íamos ao parque infantil quase todos os dias, se o tempo não estivesse muito mau. Se não pudéssemos ir, ficávamos em casa a fazer *puzzles* ou biscoitos. Ó Deus, o que ela mais gostava era de comer a massa diretamente da taça. E devorava tanta que ficávamos apenas com a suficiente para preparar meia bandeja de biscoitos.

A enfermeira Ruth continua a rir. Parece-me que gosta muito da filha.

– Nós também fazemos *puzzles* – digo. – Mas biscoitos não. Às vezes a minha mamã é desastrada e por isso é melhor que não se aproxime de fogões.

Tapo de imediato a boca com a mão. Não devia ter chamado desastrada à mamã.

– Hannah?

Devemos mostrar sempre respeito pelos mais velhos.

– Acho que precisamos de falar urgentemente com o teu papá – diz a enfermeira Ruth. – Pensa lá outra vez, pode ser que te lembres do número de telefone da vossa casa.

– Nós não temos telefone.

– Bom, então, e a vossa morada? Sabes o nome da rua onde vivem? Assim, podíamos mandar lá alguém para ir buscar o teu papá.

Abano a cabeça muito lentamente. A enfermeira Ruth não compreende.

– Ninguém nos pode encontrar – murmuro.

Lena

O ar logo depois de ter chovido. O primeiro e o último quadrado de uma tablete de chocolate, que são sempre os mais saborosos. O perfume das frésias. O álbum Low *de David Bowie. Salsichas com caril depois de uma*

noitada. Uma noitada. O zumbido de um zângão gordo. Tudo o que o Sol faz, quer seja nascer, pôr-se ou simplesmente brilhar. Um céu azul. Um céu negro. Qualquer céu. A forma como a minha mãe revira os olhos quando me vem visitar sem avisar e a louça está por lavar. O velho banco comprido de baloiço no jardim dos meus avós e o seu chiar, como se cantasse uma estranha canção quando nos balançamos para trás e para diante. Aqueles ridículos pesos para toalhas de mesa idênticos a morangos e limões. O vento de verão no rosto e no cabelo. O mar, o seu rumor. A areia branca e fina entre os dedos dos pés…

– Amo-te – geme ele, separando o seu corpo pegajoso do meu.

– Eu também te amo – digo em voz baixa, contorcendo-me como uma corça moribunda.

– … várias fraturas no lado esquerdo envolvendo as costelas, da segunda à quarta. Hematomas subperiostais…

Hannah

– Não acredito que não me queres dizer onde vivem.

A enfermeira Ruth está a sorrir, mas não é um sorriso completo, só metade, feito apenas com o lado direito da boca.

– A minha filha também adorava este tipo de jogos quando era pequena.

– Nina – digo eu, para que a enfermeira Ruth perceba que prestei atenção. Devemos prestar sempre muita atenção. – A gulosona.

– Exato, a gulosona – confirma ela, afastando a sua chávena de chá e inclinando-se um pouco mais sobre a mesa. – E esses jogos são divertidos, claro. Mas sabes, Hannah, infelizmente nem todas as alturas são boas para jogar. Porque acontecem coisas graves. Quando uma pessoa sofreu um

acidente e a trazem para o hospital, temos de avisar a família dela. É o nosso dever.

Tento não pestanejar enquanto ela me olha daquele modo tão especial. Quero que seja ela a pestanejar primeiro. Nesse caso, terá perdido.

– Por vezes, quando alguém está muito ferido, como a tua mamã, temos de tomar decisões importantes.

Quem pestanejar primeiro perde, é assim o jogo.

– Decisões que a pessoa ferida não consegue tomar naquele momento. Percebes, Hannah?

A enfermeira Ruth perdeu.

– Enfim… – suspira ela.

Levo a mão à boca e belisco o lábio inferior para que não se aperceba de que estou a sorrir. Não devemos rir das pessoas, nem quando perdem o duelo de não pestanejar.

– Pensei que poderíamos falar um pouco antes de chegar a polícia.

A polícia é um órgão executivo do Estado. A sua função é investigar atos puníveis ou ilegais, e às vezes age no sentido de tirar as crianças aos seus pais.

– A polícia vai chegar?

– É perfeitamente normal. Há que descobrir como se deu o acidente em que a tua mamã ficou ferida. Sabes o que significa a expressão «atropelamento e fuga», Hannah?

– A expressão «atropelamento e fuga» descreve o desaparecimento indevido de um utilizador da via pública do local onde ocorreu um acidente de trânsito provocado por ele, fim.

A enfermeira Ruth assente.

– É um crime que a polícia tem de investigar.

– Então, o homem envolvido será castigado?

A enfermeira Ruth semicerra os olhos.

– Era, portanto, um homem que conduzia o carro? Porque perguntas, Hannah?

– Porque ele era simpático. Tratou de nós e chamou a ambulância. Disse

que tudo iria ficar bem e deu-me um casaco quando fiquei com frio enquanto esperávamos. A verdade é que só se foi embora pouco antes de chegar a ambulância. Acho que estava tão assustado como a mamã e eu.

Já não quero olhar mais para a enfermeira Ruth.

– E, seja como for, ele não teve culpa do acidente – digo com a minha voz de ratinho.

O papá inventou a voz de ratinho para os dias maus da mamã porque pensava que a incomodaríamos se falássemos demasiado alto. «A mamã precisa de sossego», dizia ele nessas alturas. «A mamã não se está a sentir muito bem hoje.»

– O que queres dizer com isso, Hannah? – pergunta a enfermeira Ruth, parecendo também conhecer a voz de ratinho, pois fala da mesma forma. – De quem foi a culpa?

Tenho de pensar bem no que vou dizer.

Concentra-te, Hannah. Já és uma menina crescida.

– A minha mamã às vezes faz coisas tontas sem querer.

A enfermeira Ruth parece surpreendida. Ficar surpreendido é quando se ouve ou experiencia algo inesperado. Pode ser algo bom, como um presente que nos dão apesar de não ser o nosso aniversário. A minha gata, a *Menina Tinky*, foi uma surpresa deste tipo. Quando o papá chegou a casa e disse que me tinha trazido uma coisa, pensei que seria um livro novo ou um jogo de tabuleiro que pudesse jogar com o Jonathan. Mas ele mostrou-me então a *Menina Tinky*, que desde esse dia é minha e de mais ninguém.

Uma surpresa também pode ser algo mau. Como, por exemplo, a mamã a sair a correr de casa a meio da noite. Prefiro pensar de seguida em algo bonito. Na *Menina Tinky* e no seu pelo macio, tigrado e avermelhado, que está sempre quente quando nos sentamos juntas no chão, diante do fogão a lenha, ela ao meu colo, as minhas mãos a acariciarem-lhe o pelo, o meu nariz frio afundado na sua nuca morna, nas suas patinhas fofas.

– Hannah?

Não quero. Prefiro continuar a pensar na *Menina Tinky*.

– Tens problemas em casa, Hannah?

A mamã não gosta muito da *Menina Tinky*. Uma vez, chegou mesmo a dar-lhe um pontapé.

– Tens problemas com a tua mamã?

E é realmente desastrada, independentemente do que o papá diz. Em certos dias, nem sequer consegue acender o fogão sem a ajuda dele.

– Hannah?

Uma vez, estivemos mais de uma semana sem aquecimento em casa e ficámos tão gelados que nos sentíamos sempre cansados. Mas, seja como for, ela é a minha mamã. E, quando penso nela, sei que a amo. O amor é muito parecido com a felicidade. É um sentimento quente que nos faz rir por tudo e por nada, ainda que ninguém tenha contado uma piada. É assim que a enfermeira Ruth se ri quando fala da Nina. A gulosona.

– Querida, fala comigo, por favor!

– Não quero que a polícia venha e leve a minha mamã! – respondo, mas agora com a minha voz de leão.

Hannah

Às vezes, o meu irmão e eu jogamos um jogo. Chama-se «O que sentimos com…». Há muito tempo que o conhecemos. Não tenho a certeza, mas penso que o jogamos desde que a mamã nos falou pela primeira vez de «felicidade».

«A felicidade é uma coincidência particularmente positiva, uma reviravolta favorável do destino, fim.» Foi isto que eu li em voz alta no livro grosso que sabe sempre tudo. Ao princípio, o Jonathan assentiu, como sempre faz quando leio a passagem correspondente, mas depois semicerrou os olhos e perguntou o que significava aquilo na realidade. Primeiro, disse-lhe que ele era idiota e que não tinha certamente prestado atenção. Devemos prestar

sempre muita atenção. Não escutar é má educação. No entanto, voltei a ler porque, idiota ou não, o Jonathan não deixa de ser meu irmão. «A felicidade é uma coincidência particularmente positiva, uma reviravolta favorável do destino.» Depois, disse «fim» de modo muito lento e claro para que ele soubesse que a passagem tinha terminado.

Mas o Jonathan continuava com os olhos semicerrados.

«Idiota és tu. Eu já tinha percebido. Referia-me ao que sentimos com ela; no corpo, quero dizer.»

«O que sentimos com a felicidade?», perguntámos então à mamã.

«Isto», respondeu ela, tomando-nos nos seus braços.

«Calor», observou o Jonathan, concluindo que tinha subido um pouco a temperatura corporal à mamã.

Quanto a mim, esborrachei o nariz na cova entre o pescoço e o ombro dela. Cheirava a prados. A felicidade é quente, quase como uma ligeira febre, tem odor e um batimento que avança como o ponteiro dos segundos do relógio da cozinha.

O Jonathan e eu também falámos sobre o que sentimos com um susto.

«Um susto é como uma bofetada», sugeriu ele.

«Que nos surpreende», acrescentei eu.

E tínhamos razão. Um susto é exatamente assim. E podemos também identificá-lo no rosto de alguém. Os olhos ficam muito abertos pela surpresa e as bochechas tornam-se vermelhas de repente, como se uma mão invisível e dura as tivesse esbofeteado.

É neste estado que está a enfermeira Ruth. Falei-lhe com a minha voz de leão, gritei-lhe que não queria que a polícia viesse e levasse a minha mamã.

– Hannah – reage a enfermeira Ruth, num tom de voz um pouco mais agudo, certamente por causa do susto.

O meu primeiro pensamento é que tenho de contar ao Jonathan, não nos podemos esquecer: susto = bofetada + surpresa + voz aguda. O segundo é que ele está neste momento em casa, a debater-se com a carpete, e o terceiro é que a enfermeira Ruth disse que a polícia estava a caminho. Fico triste, com

lágrimas nos olhos.

A tristeza não é um sentimento bonito. Imagino-a como um pequeno animal com muitos dentes pontiagudos que todos nós escondemos dentro do corpo. Na maior parte do tempo está a dormir, mas em certos momentos acorda com fome. Podemos notar inclusivamente quando nos começa a roer o coração. Não causa danos muito graves, ou não tão graves que nos façam gritar, embora fiquemos um pouco debilitados e com vontade de descansar. A enfermeira Ruth apercebeu-se provavelmente de que eu própria estou agora um pouco debilitada e, por isso, esquece-se do susto que lhe provoquei. Levanta-se da cadeira, que nesse momento range no chão, dá a volta à mesa e aperta-me a cabeça contra o seu peito volumoso e mole.

– Eu sei que tudo isto é demasiado para uma menina tão pequena. Mas não precisas de ficar com medo, Hannah. Ninguém vos quer fazer mal, nem à tua mãe nem a ti. Às vezes as famílias só precisam de um pouco de ajuda, embora elas próprias não o consigam ver.

A sua mão quente está posta sobre a minha orelha. Consigo ouvir o som do mar e fecho os olhos.

«Dizem que precisamos de aproximar uma concha do ouvido para ouvirmos o mar», contou-nos a mamã há muito tempo, «mas na verdade funciona também com outros objetos ocos, se os pusermos junto à orelha. Basta uma lata de conservas ou uma mão.»

«E como entra lá o mar?», quis eu saber.

«Bem, para sermos rigorosos, o que realmente ouves é o som do teu próprio sangue. Mas é muito mais bonito imaginar que é o mar, não concordas?»

Assenti com a cabeça e perguntei o que era uma lata de conservas. Eu era ainda muito pequena e não sabia que uma lata de conservas pode ser bastante perigosa: é feita de metal e a tampa redonda, quando se corta com um abre-latas, é tão afiada que nos pode ferir muito, a nós ou aos outros.

A enfermeira Ruth afasta a mão da minha orelha e o mar desaparece.

– Será que a tua família precisa de ajuda em casa, Hannah? – pergunta ela,

agachando-se junto à minha cadeira e pegando-me nas mãos, que estão no meu colo.

– Não – respondo. – Para dizer a verdade, sabemos como funciona tudo. Temos as nossas próprias regras. Só que às vezes a mamã esquece-as. Felizmente, ela tem-nos a nós, que lhas recordamos.

– E, ainda assim, faz tontices? Foi isso que disseste antes, não foi? Que às vezes ela faz coisas tontas sem querer.

Inclino-me para a frente e faço um funil de segredos com as mãos. Este funil de segredos fomos nós, o Jonathan e eu, que o inventámos, mas não o devemos usar quando o papá está em casa. A enfermeira Ruth vira a cabeça para que eu lhe possa pôr o funil na orelha.

– Queria matar o papá sem querer – murmuro.

A cabeça da enfermeira Ruth gira nesse instante. Um susto, consigo perceber claramente. Sacudo a cabeça, agarro-lhe a cara e volto a pô-la na posição certa para o funil de segredos.

– Não tens de contar à polícia. O Jonathan está a tratar das manchas na carpete.

Lena

Quer três, diz-me ele, enquanto descasca uma cebola. Retira com toda a calma a camada exterior, produzindo um som que se assemelha ao arrancar de um penso rápido da pele. É um som que me dói. Estou ao lado dele na cozinha, fixada na faca que tem na mão. Uma faca de cortar, com lâmina fina de serrilha, suficientemente afiada.

– Estás a ouvir-me, Lena?

– Claro – responde a mulher que começo a odiar com todas as fibras do meu ser. Ele consegue tudo dela, estendendo a mão com ousadia e servindo-se

à vontade. Do corpo, do orgulho e da dignidade dela. E, ainda assim, ela sorri para ele. Esta mulher enoja-me. – Queres três.

– Desde sempre. E tu?

A mulher também sempre quis três. Eu nunca quis nenhum, mas a minha opinião não conta. Há dias em que o meu desejo é poder vir a habituar-me a isto. Noutros, sei que tal nunca deverá acontecer. Reúno as minhas últimas reservas, pequenos cacos de uma vontade quebrada, memórias e razões, e guardo-as num lugar seguro. Como um esquilo que enterra as provisões para o inverno. Só posso esperar que ninguém, nem ele nem a mulher fraca, descubram o meu esconderijo. O lugar secreto onde existe céu e pesos pirosos para as toalhas de mesa.

– Queres um copo de vinho?

Deixa junto à tábua de madeira a faca com que acaba de cortar a cebola em quartos e volta-se para mim. A faca fica simplesmente ali. A meio braço de distância, ao meu alcance. Tenho de me forçar a desviar a vista. A olhá-lo de novo nos olhos com o sorriso imbecil de mulher fraca nos lábios.

– Sim, com muito gosto.

– Maravilhoso – diz ele, devolvendo o sorriso e dando um passo em direção à mesa de jantar, na qual ainda se encontram os dois sacos de papel castanho com as compras por arrumar. – Tinto ou branco? Acabei por trazer dos dois porque não sabia o que preferirias com o esparguete.

Está ali de pé, ligeiramente inclinado sobre os sacos, de costas quase viradas para mim, com a mão direita enfiada num dos sacos. E a faca junto à tabua de cortar, a meio braço de distância, ao meu alcance. «Agora!», gritam as vozes interiores.

– Lena?

O saco de papel farfalha quando ele tira a primeira garrafa.

– Se posso escolher, prefiro tinto.

– Sim, eu também prefiro.

Contente e com a garrafa na mão, vira-se de novo. A mulher fraca apoia-se na bancada. Um dedo avança miseravelmente para a faca. Entre ambos há

apenas alguns centímetros e, contudo, uma impossibilidade. Ele cozinha para mim. Comemos juntos e brindamos, desejando que eu engravide o quanto antes. Quer três filhos. Seremos uma família muito feliz.

– Fibrilação auricular!

Hannah

A enfermeira Ruth saiu da sala tão depressa que quase tropeçou. Como me disse para ficar bem sentada à espera dela, não me mexo. Devemos fazer sempre o que os adultos dizem, mesmo se formos muito espertos, como eu sou. Tenho vontade de medir a sala, mas devo ficar aqui sentada, e por isso começo a contar. Gosto de contar quando não me devo mexer e não me ocorre nada mais sobre o que pensar. Assim, o tempo passa mais depressa. O meu irmão costuma trautear uma canção quando se aborrece, mas isso sim é aborrecido, penso eu, porque ele escolhe sempre a mesma canção. O mais divertido de contar é que nunca sabemos a que número chegaremos antes de se acabar o tempo.

Quando a enfermeira Ruth regressa, já contei até 1128 e quase me esqueço de me levantar. Devemos levantar-nos sempre quando a porta se abre, assim como apresentar as mãos. As unhas têm de estar limpas e não devemos esconder na mão nada com que possamos provocar ferimentos, a nós próprios ou aos outros. Mas a enfermeira Ruth não se centra nisso, dizendo-me apenas para me sentar outra vez. Traz com ela um caderno de desenho e lápis de cor e declara:

– Tive uma boa ideia, Hannah.

Quer que eu desenhe alguma coisa, pois claro. Não estou muito certa de que a ideia seja assim tão boa. Os lápis são de cores bonitas, não há dúvida:

vermelho, amarelo, azul, preto, lilás, laranja, rosa, castanho e verde. Mas estão muito afiados. Pego no vermelho e passo com o polegar pela ponta – sim, realmente muito afiado. Em casa costumamos desenhar, mas com lápis de cera. E usamos estes lápis também para escrever.

– Porque é que tenho de desenhar alguma coisa?

A enfermeira Ruth encolhe os ombros.

– Bom, para começar, é uma forma de ficarmos entretidas até poderes ver a tua mamã. Além disso, podemos dizer que estamos muito ocupadas quando a polícia chegar e te quiser fazer perguntas tontas. O que te parece?

– E o que tenho de desenhar?

A enfermeira Ruth volta a encolher os ombros.

– Hum, podias desenhar simplesmente o que te aconteceu hoje, antes de teres chegado aqui com a tua mamã.

Sem me aperceber, começo a morder a ponta do lápis. Soltam-se pequenas lascas de madeira que se agarram à língua. Lambo as costas da mão para me livrar delas.

– Não – digo então. – Pensei em algo melhor. Vou fazer um desenho para depois oferecer à mamã.

– Certo, muito bem. E já tens alguma ideia do que queres desenhar?

– Sim, talvez – respondo, pensativa. – Algo que sei que a deixará alegre.

A enfermeira Ruth está muito curiosa. Ela própria o confessa e nota-se-lhe no rosto. Tem os olhos muito abertos e levantou tanto as sobrancelhas que a testa ficou enrugada. Pouso o lápis vermelho e pego no azul. Começo com muito cuidado. Os lápis afiados podem ser muito perigosos. Primeiro, desenho a cara da minha mamã. A enfermeira Ruth pergunta por que razão é azul. Estalo a língua e reviro os olhos. Às vezes, a enfermeira Ruth também é um pouco idiota, como o meu irmão.

– Porque não tenho um lápis branco. E porque, de qualquer forma, não se veria o lápis branco no papel branco – explico eu.

Depois, desenho o corpo da mamã com um vestido comprido e bonito, também a azul, embora devesse ser branco. Em seguida, o seu belo cabelo

comprido a amarelo. E, no final, as árvores negras com ramos semelhantes a dedos esqueléticos de monstros que tentam agarrar a mamã.

– Parece perigoso, Hannah – comenta a enfermeira Ruth. – Fala-me um pouco sobre o desenho.

– Bem, esta é a história da minha mamã e do meu papá e de como se apaixonaram. Uma noite, já muito tarde, a mamã estava a caminhar pelo bosque. Consegues ver como é bonito o brilho da lua no cabelo dela?

– Sim, é muito bonito, Hannah. Ela estava sozinha no bosque?

– Sim, e sentia um medo horrível. É por isso que não se está a rir, vês?

– Porque é que sentia tanto medo?

– Tinha-se perdido. Mas então… – Agora desenho o meu papá a sair de trás de uma árvore. – Então chega o papá e encontra-a. É a melhor parte da história. Ele está ali, como se tivesse saído do nada, e salva-a. – Corrijo a boca da minha mãe para que ela passe a sorrir. O sorriso fica muito grosso, como uma grande banana vermelha. – E apaixonam-se os dois à primeira vista.

Satisfeita, pouso o lápis vermelho junto à folha de papel, na qual acabei de desenhar vários coraçõezinhos. Um coração vermelho é o símbolo comum do amor. Desenhei seis corações vermelhos para que houvesse ainda mais amor.

– Uau – diz a enfermeira Ruth, espantada – Parece quase um conto de fadas.

– Não. Não é um conto de fadas, é uma história real. Tal como a mamã a descreve sempre. Se fosse um conto, primeiro teríamos de dizer «Era uma vez». «Era uma vez» é a introdução tradicional para contos, mitos e lendas. Muitas vezes, peço-lhe que me conte esta história, sobretudo quando está triste. Quando conta a história, sorri sempre e fica muito bonita. – Para o demonstrar, aponto com o dedo indicador para a boca de banana vermelha da mamã.

A enfermeira Ruth inclina-se um pouco mais sobre a mesa.

– E o que tem o teu papá na mão?

– É um lenço que ele vai usar para lhe tapar os olhos porque a quer surpreender. Ela não pode saber para onde vão.

– Para onde vão eles, Hannah?

– Para casa, claro – respondo. – Para a cabana.

Lena

Mostra-te agradecida.

Deus abençoou-te.

Tens uma casa bonita.

Tens uma família.

Tens tudo o que sempre desejaste.

A voz na minha cabeça apenas arranha a superfície. Sinto que me arde um vazio no estômago. O vazio não pode arder. Mas como arde, este vazio! Os meus maxilares ficam tensos do esforço quando tento abrir a tampa da lata de cacau com os dedos a tremer. Está encravada. Maldita seja, está mesmo encravada. Sinto que o suor se acumula sob o cabelo e me faz arder a cicatriz na testa. Sobre a bancada, junto à embalagem de leite, há duas chávenas à espera, uma vermelha e uma azul, ambas com pintas brancas, ambas de melamina inquebrável. As crianças têm de tomar o pequeno-almoço, e tem de ser agora. O pequeno-almoço às sete e meia. É assim tão difícil de perceber? As crianças precisam de uma rotina diária bem definida. As crianças precisam de um pequeno-almoço equilibrado.

Que tipo de mãe és tu, Lena?

Que tipo de monstro?

Consigo ouvi-las agitadas atrás de mim – por favor, meninos, façam menos barulho! *A cozinha, a zona de refeições e a sala de estar fazem parte do mesmo espaço comum. Ao correrem uma atrás da outra, os berros que soltam fazem ricochete pelos cantos da casa como uma bola de borracha descontrolada* – por favor, parem quietos! *Pelo meio, vão saltando por cima*

dos braços do sofá e deixando-se cair sobre o assento, fazendo um ruído que se assemelha a um enorme e pesado suspiro, uma e outra vez – quero que parem já! *Sinto a cabeça prestes a explodir, a pressão no meu crânio torna-se insuportável.*

– Mamã?

Estremeço. De repente, a minha filha está ao meu lado e, com curiosidade, apoia o queixo na borda da bancada. É tão pequena. Uma menina minúscula e delicada com finos caracóis loiros e pele muito branca. Como um anjinho. Mas não como um daqueles querubins de porcelana, bem arranjados e com as maçãs do rosto rosadas, que a minha mãe coleciona no seu aparador da sala. Mais como um anjo com algo de errado. Um protótipo que quase saiu bem, mas não completamente.

– Hannah – digo num tom assertivo, sem uma ponta de afeto.

– Queres que te ajude, mamã?

Os olhos dela, azul-claros e muito redondos, mostram que não ficou ofendida com a frieza do meu tom de voz, ou simplesmente que não quer ficar ofendida. Assinto, cansada, e empurro a lata de cacau na direção dela. A minha filha abre-a em poucos segundos com um movimento habilidoso.

– Já está! – exclama, com o rosto iluminado.

– Obrigada – forço-me a dizer.

Dá meia-volta para regressar à brincadeira, mas agarro-a pelo braço, provavelmente com demasiada força, tendo em conta que é ainda muito pequena e delicada. Um instante depois, volto a soltá-la.

– Desculpa. Magoei-te?

Franze o sobrolho e faz uma careta como se eu tivesse acabado de dizer algo muito disparatado.

– Não, claro que não. Tu nunca me magoarias, mamã.

Uma sensação diferente cobre por um momento o meu vazio interior como uma manta pesada e quente. Tento sorrir.

– Talvez me possas ajudar um pouco mais.

Ergo as mãos trémulas, como que para me explicar, mas, entretanto, já a

Hannah assentiu com a cabeça, pondo-se em bicos dos pés para alcançar a colher de plástico verde-néon também já pronta em cima da bancada. Põe duas colheres de cacau em cada chávena, juntando-as cuidadosamente ao leite, e mexe a mistura, contando com atenção e voz monótona a quantidade de vezes que a colher dá a volta, tilintando na chávena.

– Uma, duas, três…

A contagem, os ruídos. A voz na minha cabeça que continua a arranhar a superfície sem parar, criando a primeira brecha. A voz que diz: «É tua filha e tens de a amar. Quer isso te agrade quer não.»

– … sete, oito…

Custa-me cada vez mais respirar. Os joelhos fraquejam. Tento agarrar-me à borda da bancada para não cair, mas o gesto fica suspenso no ar.

– … treze, catorze…

Em câmara lenta, o teto inclina-se, o chão ondula e eu afundo-me na minha fraqueza, escorregando quase placidamente para a escuridão libertadora. Obrigada.

– Papá – ouço a Hannah gritar, como se estivesse debaixo de água. – A mamã voltou a ter um ataque!

– Estabilizar circulação!

Hannah

A enfermeira Ruth pergunta-me o que quero dizer com «cabana».

Primeiro, tenho vontade de lhe dar umas pancadas na cabeça para que pense melhor por ela, mas depois concluo que mais vale ajudá-la. Devemos estar sempre dispostos a ajudar.

– Uma cabana é uma casa pequena de madeira. No bosque.

A enfermeira Ruth acena com a cabeça como se tivesse entendido, mas tem as sobrancelhas levantadas e o maxilar um pouco mais para baixo do que antes, como se, de alguma forma, tivesse ficado desencaixado.

– Queres dizer que vivem no bosque? Numa cabana?

Confirmo muito lentamente e acrescento:

– Muito bem.

É como a mamã me elogia por ter acertado as respostas às perguntas que me faz durante as horas de estudo. A mamã diz sempre: «Muito bem, Hannah.» E isso faz com que pensar sobre as coisas seja muito mais divertido. Talvez a enfermeira Ruth sinta o mesmo.

– Alguma vez viveste noutro sítio, Hannah? Numa casa de verdade?

– Uma cabana é uma casa de verdade! O papá construiu-a especialmente para nós. E também temos ar bom. O aparelho de recirculação só sofreu uma pequena avaria duas ou três vezes. Deve ouvir-se sempre um zumbido suave, caso contrário algo não está bem. Por sorte, tenho muito bom ouvido. Se o aparelho de recirculação fica a funcionar mal, noto logo, muito antes de começarmos a ter dor de cabeça. Além disso, o papá arranja-o muito depressa e explica que não passava de uma pequena ligação solta, nada de grave. É muito bom a trabalhar com as mãos.

A enfermeira Ruth pestaneja muitas vezes.

– O que é… – começa ela a dizer, mas depois cala-se.

Eu também não digo nada porque me parece que, por fim, ela percebeu que se deve esforçar para pensar. A mamã espera sempre um pouco quando não consigo pensar imediatamente nas respostas certas durante o estudo. «Não serve de nada que te dê as soluções», diz ela. «Tens de te acostumar a usar a cabeça. Pensa, Hannah. Concentra-te. Tu és capaz.»

– O que é… – repete a enfermeira Ruth. – O que é um aparelho de re…?

– Recirculação. É uma palavra difícil, não é? Sabes o que faço quando encontro uma palavra difícil?

A enfermeira Ruth volta a ficar em silêncio.

– Repito mentalmente a palavra difícil muitas vezes até a conseguir

memorizar. É por isso que o meu vocabulário é muito melhor do que o do Jonathan. Em algumas situações, basta dizer a palavra duas vezes na minha mente, mas noutras preciso de o fazer umas dez vezes.

A enfermeira Ruth continua sem dizer nada. Talvez esteja a experimentar o meu truque e a praticar a palavra difícil na mente.

Por fim, algo acontece, a boca dela começa a mexer-se.

– E também me dirás o que é um… – Respira fundo antes de dizer as palavras difíceis. – … aparelho de recirculação?

– Muito bem – elogio-a de novo, satisfeita com os progressos dela e comigo mesma. Sou boa professora. Herdei-o da mamã. – O aparelho de recirculação dá-nos o ar – explico, esforçando-me por falar o mais lentamente possível para que a enfermeira Ruth entenda tudo. – O ser humano não pode viver sem oxigénio. Todos os dias tem de inalar e exalar entre dez e vinte mil litros de ar. Esta quantidade é entre dez e vinte mil vezes o que cabe num pacote de leite. O ar que inalamos contém aproximadamente vinte e um por cento de oxigénio e zero vírgula zero três por cento de dióxido de carbono. O ar que exalamos contém aproximadamente dezassete por cento de oxigénio e quatro por cento de dióxido de carbono, fim. O aparelho de recirculação garante que o ar bom entra na nossa cabana para respirarmos e que o mau sai. Se isso não acontecesse, asfixiaríamos.

A enfermeira Ruth leva a mão à boca. Reparo que treme um pouco. Toda ela, não apenas a mão.

– E porque não abrem a janela quando precisam de ar, Hannah.

Penso que é uma pergunta, mas não soa como tal. Na realidade, quando queremos perguntar alguma coisa, temos de subir a entoação da voz no final da frase. Ponho-me a ordenar os lápis que tenho à minha frente numa fila longa e direita, desde os mais claros até aos mais escuros, começando no amarelo e terminando no preto.

– Hannah? – A voz da enfermeira Ruth sobe agora de entoação, lá está, e eu levanto a vista da minha fila de lápis para a olhar nos olhos. – Podes dizer-me pelo menos quem é o Jonathan?

– É o meu irmão.

– E o Jonathan também vive na cabana? Contigo e com os vossos pais?

– Sim, claro. Não fez nada de mal. Por que razão devíamos mandá-lo embora?

– Fala-me das manchas na carpete.

A enfermeira Ruth olha-me agora muito séria e acaba mesmo por me ganhar no duelo do não pestanejar, mas apenas porque os meus olhos voltam a ficar com lágrimas. A culpa é da luz e do cansaço.

– Hannah? Contaste há pouco que o Jonathan estava a tratar das manchas na carpete. Que manchas, Hannah?

Abano a cabeça e respondo:

– Estou cansada e quero ver a mamã.

A enfermeira Ruth estende o braço sobre a mesa para me dar a mão. O gesto faz com que dois lápis saiam da fila, o azul e o verde.

– Eu sei, mas acredita que os médicos nos avisarão assim que puderes ir ter com ela. Queres fazer outro desenho entretanto? Olha aqui a quantidade de folhas. – Solta-me a mão e toca no caderno de desenho com o dedo. – Ainda tens muitas em branco.

Encolho os ombros. A verdade é que já não tenho vontade de desenhar.

A enfermeira Ruth põe a cara de pensar, com os olhos entreabertos e os lábios franzidos.

– E que tal se me fizeres um desenho de toda a vossa família? Um desenho em que esteja também o teu irmão. Jonathan – diz ela, com um sorriso. Prestou atenção e recorda-se do nome dele. – Dão-se bem os dois? Ou às vezes zangam-se um com o outro?

– Só nos zangamos quando ele se porta como um idiota.

A enfermeira Ruth solta um pequeno riso.

– Estou a perceber. E, diz-me, o teu irmão é mais velho ou mais novo do que tu?

Arranco do caderno o desenho da mamã e do papá no bosque e deixo-o de lado. Depois, escolho o lápis azul e ponho-me a desenhar a cara do Jonathan

numa folha nova.

– Mais novo – digo. – Dois anos mais novo.

– Certo, não me digas, deixa-me adivinhar. Tem… – começa a enfermeira Ruth, parecendo estar a pensar muito. – Bem, é difícil. Calculo que terá… seis anos.

Levanto os olhos do papel. Pobre enfermeira Ruth, que tonta, está visto que não sabe contar.

– Treze menos dois… – digo eu para a ajudar, mas ela fica a fitar-me de olhos arregalados. – Tem onze, claro – acrescento, dando-lhe a solução.

A verdade é que a enfermeira Ruth ainda tem muito a aprender na vida.

Hannah

Aprender é importante. Não devemos ser ignorantes. Aprender é mais fácil para mim do que para o Jonathan. Sempre foi assim. Ele só aprendeu a ler corretamente aos quatro anos. É claro que sabemos o que é uma escola. Uma escola é uma instituição que oferece educação a crianças e jovens, mas por sorte nós não temos de lá ir. O caminho é muito perigoso. Poderíamos perder-nos ou ser vítimas de um ataque. Além disso, só as crianças realmente burras, as que não sabem aprender sozinhas, têm de ir à escola. Parece-me que a enfermeira Ruth também teve de ir à escola quando era pequena, apesar de o que lá se passa ser certamente o que concluí há algum tempo: na escola fazem por ensinar coisas importantes às crianças, mas elas continuam a ser ignorantes. E isso nota-se na enfermeira Ruth. Uma conta tão simples, treze menos dois. Também me parece que a enfermeira Ruth está envergonhada de não ter sido capaz de resolver um problema tão fácil. Pergunta inclusivamente se tudo o que lhe contei é verdade. Mal acabo de pintar as calças do Jonathan, viro a folha e desenho treze traços no outro lado. Risco dois deles e conto os

que sobram, lentamente e com clareza, para que me ouça. Não há dúvida de que sobram onze traços. Treze menos dois são onze. Não me parece bem que ela pense que eu estou a mentir só porque é um pouco ignorante. Eu nunca mentiria. Não devemos mentir. E também lhe transmito isso, porque pelos vistos não o sabe, a pobre e ignorante enfermeira Ruth.

– Hannah. – Agora soa como se fosse chorar. – A cabana. E o aparelho de circulação.

– Recirculação! – corrijo com a minha voz de leão.

A enfermeira Ruth estremece. Susto, outra vez. Olhos muitos abertos e bochechas vermelhas. Mas desta vez não fico com pena, porque ela não se quer esforçar.

– Não tolero isso! – continuo a gritar com a minha voz de leão, batendo com a mão aberta em cima da mesa.

Os lápis saltam e o verde acaba mesmo por rolar pela mesa até cair no chão. Não nos devemos fazer passar propositadamente por tontos. Curvo-me debaixo da mesa para apanhar o lápis verde e, quando volto para cima, a enfermeira Ruth pede desculpa. Bom, já é alguma coisa. Devemos pedir sempre desculpa quando fazemos algo errado.

– Não te queria arreliar, Hannah – diz ela. – Esta situação deve ser muito difícil para ti. Compreendo isso. Mas também quero entender tudo o resto. Gostaria muito de saber como são as coisas na vossa casa. Não conheço mais ninguém que viva numa cabana no bosque.

Volto a virar a folha e continuo a pintar as calças do Jonathan. São as preferidas dele, as azuis, que só pode vestir aos domingos.

– Hannah? – Levanto os olhos. – Perdoas-me, não perdoas?

Aceno afirmativamente, retomando de seguida o meu desenho. O Jonathan herdou de mim a sua camisa vermelha preferida. Quando ainda era nova, quase brilhava. Penso que ele ficaria contente se soubesse que no meu desenho tem vestida a sua roupa favorita. Para terminar, acrescento o cabelo encaracolado. O cabelo dele é quase preto, como o do papá. Depois, começo a desenhar a minha cara mesmo ao lado do ombro do Jonathan. Também vou

desenhar o meu vestido preferido, o branco às flores. Ficaremos todos muito bonitos no meu desenho.

– Não podem abrir nenhuma janela em casa, não é verdade, Hannah? Por isso precisam desse aparelho.

– Aparelho de recirculação – murmuro.

– A cabana não tem janelas?

– É claro que tem.

Preciso do lápis amarelo para os meus caracóis.

– Mas não as abrem? Porquê, Hannah?

– É demasiado perigoso. Por isso também as tapámos com tábuas aparafusadas.

Pergunto a mim mesma se seria uma mentira desenhar uma fita vermelha no cabelo. Não tenho nenhuma fita desta cor, apenas uma azul-escura, mas uma vermelha ficaria muito melhor com as flores do vestido.

– Este é o teu papá, Hannah? Disseste que ele era bom a trabalhar com as mãos.

– Sim.

A minha mão aproxima-se do lápis vermelho com muito cuidado, enquanto fixo a vista nos olhos da enfermeira Ruth. Ela não pode saber que não tenho nenhuma fita para o cabelo de cor vermelha, mas preocupa-me um pouco que perceba pela minha cara que quero fazer batota. Ficar preocupado não é o mesmo que ficar assustado, mas também não é bom. A preocupação é mais como a sensação de náuseas que temos quando nos dói a barriga e não sabemos se vamos vomitar ou não.

O papá ficou muito preocupado quando a mamã se foi embora. Disse-nos que não sabia se ela voltaria algum dia e começou a chorar. O papá nunca tinha chorado. Estendi a mão e senti as lágrimas peganhentas que lhe corriam pelo rosto. Ele não o disse, mas eu concluí de imediato que a culpa de a mamã se ter ido embora era em parte minha, por causa da questão com a Sara. O Jonathan também concluiu o mesmo. Ficou a olhar para mim durante muito tempo e deixou de me falar durante vários dias, até eu lhe lembrar que ele

também não gostava muito da Sara.

– Sabes, Hannah. Estava aqui a pensar que te esforçaste muito para desenhar o teu irmão. Nota-se que gostas muito dele. Não devíamos enviar alguém a vossa casa, talvez para ver como ele se está a sair com a carpete? Ou para o ajudar?

Pego rapidamente no lápis vermelho, sem deixar de fixar a vista na enfermeira Ruth, mas ela não parece ligar ao facto de eu querer fazer batota com as cores.

– Ou então – continua ela, sem esperar a minha resposta – podíamos ir buscá-lo e trazê-lo para aqui. Assim, podiam esperar juntos pela vossa mamã. Algumas coisas parecem muito menos más quando estamos com alguém que é importante para nós.

– Não me parece que o Jonathan gostasse disto – respondo. A minha fita vermelha inventada fica mesmo bem com o vestido às flores. – Acho que ficaria a tremer se tivesse de estar aqui.

– Mas tu estás a ser corajosa e não estás a tremer.

– Sim, isso é verdade – reconheço. – Mas se calhar sou mais corajosa do que o Jonathan. Porque sou mais velha, ou um pouco mais esperta, ou ambas as coisas. Ele também se assusta muito mais do que eu com o sangue. E com o ruído.

– Que ruído?

– Bem, de onde achas que vieram as manchas horríveis na carpete?

A enfermeira Ruth parece pôr-se a pensar, mas agora já sei que ela não é lá muito boa nisso.

– Como quando deixas cair uma melancia ao chão – explico, para lhe evitar nova vergonha. – É como soa quando bates com uma coisa na cabeça de alguém. Pum! – grito, com a minha voz de leão, voltando logo de seguida a um tom normal: – E depois fica tudo muito silencioso.

Matthias

Quatro mil oitocentos e vinte cinco dias.

Contei e amaldiçoei cada um deles. O meu cabelo foi ficando grisalho, o meu batimento cardíaco mais irregular. No primeiro ano percorri o último trajeto dela todos os dias. Imprimi folhetos e afixei-os em todos os postes de iluminação. Por minha própria iniciativa, questionei supostos amigos e pus algumas pessoas na linha. Telefonei várias vezes por dia ao meu velho amigo Gerd, Gerd Brühling, que a procurava na qualidade de chefe da polícia e responsável pela equipa de investigação. Ao ver que ele não a conseguia encontrar, dei por terminada a minha amizade com o senhor Brühling. A certa altura, quando comecei a sentir que os meus esforços eram inúteis, tentei fazer com que, pelo menos, as mentiras parassem. Nesse sentido, dei bastantes entrevistas, cinquenta ou mais.

A Lena está desaparecida há 4825 dias. E noites. São quase catorze anos. Catorze anos durante os quais cada uma das chamadas telefónicas poderia ter trazido a única notícia capaz de mudar tudo. A nossa filha tinha sido sequestrada e exigiam-nos um resgate. A nossa filha fora encontrada e retirada das águas do Isar, tão azul e inchada que se tornara irreconhecível. A nossa filha tinha sido localizada, violada, assassinada e descartada como se fosse lixo, talvez no estrangeiro, algures na Europa de Leste.

– Matthias? Ainda estás aí? – A voz do Gerd soa esganiçada de excitação.

Não respondo, tento apenas respirar. O auscultador do telefone treme na minha mão direita, repleta de suor. Com a esquerda procuro apoiar-me na cómoda do corredor. O espaço onde me encontro, o vestíbulo da nossa casa, começa a perder solidez. As escadas, a carpete, o roupeiro parecem balançar-se na minha direção como que arrastados por uma onda. O chão por baixo dos meus pés torna-se mole. Ao meu lado está a Karin, que, ainda meio a dormir, desceu as escadas quando viu que eu não regressava ao quarto no piso de cima. Nervosa, mexendo no cinto creme do roupão felpudo, sussurra:

– O que aconteceu, Matthias? O que aconteceu?

Engulo a saliva que tenho na boca com grande dificuldade devido ao nó na garganta, à notícia e ao seu significado, aos quase catorze malditos anos. A Karin e eu imaginámos centenas de vezes a Lena a morrer de formas terríveis, torturámo-nos com milhares de cenários. E só uma das possibilidades começou a deixar de ser considerada na nossa imaginação: e se o telefone tocasse e nos dissessem que a tinham encontrado viva?

– Lena – respondo, ofegante.

A minha mulher fecha os olhos e dá alguns passos trôpegos para trás, até que as suas costas batem na parede e ela se deixa deslizar até ao chão. Leva as mãos ao rosto e começa a soluçar, mas não ruidosamente e com dramatismo, não desse modo. Passou demasiado tempo, 4825 dias que nos esvaziaram de esperança. Aquilo que ela solta assemelha-se mais a pequenos soluços, tristes inspirações breves e frágeis.

– Não, não – digo eu, conseguindo finalmente verbalizar algumas palavras, e estendo a mão para ela.

– Matthias? – chama o Gerd ao telefone.

– Como «não, não»? – pergunta a Karin, afundada contra a parede.

– Acreditam que a sequestraram, mas têm-na. Está viva – digo com uma voz que mal chega aos meus ouvidos. E repito: – Está viva.

– O quê? – pergunta a Karin, levantando-se desajeitadamente.

Seguro-a pelo braço quando parece que vai voltar a perder o equilíbrio porque lhe tremem as pernas.

– Sim – diz a voz esganiçada do Gerd no outro lado da linha.

A informação que me acaba de dar é vaga. Não sei se é porque não me pode dizer mais ou porque não o quer fazer. Refere apenas que a descrição inserida na base de dados de pessoas desaparecidas encontrou várias semelhanças. Ele sairá amanhã bem cedo para ir a um hospital de Cham, na fronteira checa, no sentido de confirmar a identidade da Lena. Cham, apenas a duas horas e meia de Munique, tão perto. A Lena está tão perto, talvez sempre tenha estado. E eu não a encontrei.

– Vou contigo – berro eu. – Vamos os dois, mas não amanhã de manhã, agora mesmo.

– Não, Matthias, não pode ser – diz o Gerd, com o tom de um adulto que tenta dissuadir uma criança teimosa. – Os procedimentos não são assim…

– Não quero saber – interrompe a criança. – Estou-me a cagar para os procedimentos! Visto-me e passas por aqui para me levar.

Ouço o Gerd suspirar do outro lado da linha.

– Deves-me isto – acrescento, antes que ele se possa lançar numa longa e desnecessariamente detalhada explicação sobre o protocolo habitual. – Vamos embora.

O Gerd suspira outra vez e eu desligo. Decido dar-lhe meia hora para que me venha buscar. Se não vier, partirei sem ele e ponto final. Em direção a Cham, em direção a Lena. Dou um abraço à Karin. As lágrimas cálidas que ela chora molham o tecido do meu pijama.

– Está viva – murmuro eu junto ao cabelo dela. E que bem que estas palavras soam: – Está viva.

Um quarto de hora depois já estamos os dois vestidos, e a Karin penteou inclusivamente o cabelo. Limitamo-nos a andar de um lado para o outro no corredor, os dois juntos, ambos com a cara voltada para a porta de entrada, por cujo vidro fosco veremos os faróis do carro do Gerd se ele vier. Eu só o penso, mas a Karin verbaliza-o:

– Não esperemos mais.

Assinto com veemência e tiro do chaveiro de parede as chaves do carro.

Em direção a Cham. Em direção à Lena. Está viva.

Só quando entramos na autoestrada com o nosso velho *Volvo* é que a bolha que me envolvera desde a chamada do Gerd subitamente explode. De repente, pergunto-me se não deveríamos ter esperado por ele. Se foi uma boa decisão ter trazido a Karin. As palavras do Gerd ao telefone voltam a ouvir-se na minha mente: «Escuta, Matthias, não temos ainda a certeza, mas recebi uma chamada de um colega em Cham. Uma mulher atirou-se para a frente de um

carro numa zona florestal perto da fronteira checa. Aparentemente, chama-se Lena. Os meu colegas suspeitaram que o acidente podia estar relacionado com um caso de sequestro e foi por isso que pesquisaram na base de dados de pessoas desaparecidas. Há algumas características em comum, como a cicatriz na testa, por exemplo. No entanto, ela ficou gravemente ferida no acidente. Encontra-se na Cirurgia Traumatológica e ninguém pode falar com ela neste momento. Matthias? Ainda estás aí?»

«Lena», murmurara, olhando para a Karin.

«Sim», disse o Gerd. «Amanhã, bem cedo, partirei para Cham. Até que possamos confirmar de modo inequívoco a identidade da mulher…»

E eu:

«Vou contigo.»

– Karin, creio que te devo avisar – digo quando me apercebo de que as reservas de Gerd poderão não estar relacionadas apenas com o incumprimento do protocolo habitual. Devia tê-lo contado à minha mulher antes, quando nos estávamos a vestir, mas não consegui articular nada mais do que um mero «está viva», uma e outra vez, espantado, perplexo, incrédulo. – O Gerd disse que ela está nas urgências por causa de um acidente. Poderá estar gravemente ferida. Serias capaz de a ver assim?

– Estás louco? É a nossa filha!

A Karin tem razão. A nossa filha precisa de nós ao pé dela, sobretudo no estado em que se encontra. Piso a fundo o pedal do acelerador e levo o nosso *Volvo* ao limite. Quase catorze anos depois, apenas cento e oitenta quilómetros nos separam da nossa filha.

«Chau, papá! Até breve! E obrigada, a sério!», ouço-a dizer com aquela voz alegre, enquanto, na minha memória, a vejo saltar os degraus que dão para o jardim dianteiro. Na tarde antes do seu desaparecimento, veio ver-nos e tomar um café connosco depois de lhe terem roubado a bicicleta no *campus* da faculdade. Fiz questão de lhe dar o dinheiro sem que a mãe soubesse. A Karin considerava que a filha devia ser mais independente e, tal como muitos outros

estudantes, ter um emprego a tempo parcial. Quanto a mim, parecia-me uma má ideia. A nossa filha devia concentrar-se nos estudos. E, como ela precisava de uma bicicleta nova, decidi dar-lhe trezentos euros.

Chau, papá! Até breve!

Chau, meu anjo, até daqui a 4825 dias…

– Matthias – diz a Karin, agitando o meu telemóvel.

Só então me apercebo do toque e da luz azulada do ecrã que ilumina o interior escuro do carro.

– Gerd – suponho, imaginando-o nesse momento diante da nossa casa, já tendo tocado algumas vezes à campainha e deduzido que partíramos sem ele. Olho para o relógio do carro. Foi pontual. – Atende tu e mantém-te calma.

O Gerd protesta com um tal volume ao ouvido de Karin que até eu o consigo ouvir.

– É que não podíamos esperar, tens de compreender – desculpa-se a Karin.

Ouço ainda o Gerd a pedir-lhe para me transmitir que continuo a ser um idiota e, nesse momento, não consigo evitar sorrir, sendo invadido por uma centelha fugaz, por uma ligeira melancolia. O Gerd era o meu melhor amigo, antigamente, noutra vida.

– Sim, sim, não te preocupes – responde a Karin, antes de se despedir e voltar a deixar às escuras, com o premir de um botão, o interior do carro. – Pediu para nos encontrarmos com ele no hospital. Devemos manter-nos calmos até ele chegar, até por consideração pelos colegas dele lá no hospital.

Começo a bufar e a melancolia esfuma-se.

– Como se me interessassem os colegas do senhor Brühling. Queremos saber o que aconteceu à nossa filha e é isso que importa.

Ouço a Karin a revolver a carteira e depreendo que seja para guardar o meu telemóvel. Porém, distingo depois o som familiar de uma embalagem de lenços de papel a ser aberta. Pelo canto do olho, vejo-a limpar o rosto.

– Sequestrada – soluça. – Se, como parece, foi realmente um sequestro, por que razão nunca ninguém nos contactou a pedir um resgate?

Encolho os ombros.

– Não seria a primeira vez que um depravado qualquer raptaria uma rapariga para a manter subjugada.

Sem o conseguir evitar, penso imediatamente no Mark Sutthoff. E se ele, afinal de contas, teve alguma coisa a ver com o desaparecimento da Lena? Meu Deus, e pensar que o tive nas minhas mãos…

– «Subjugada» é uma palavra terrível.

A voz da Karin mistura-se com as imagens na minha mente. As minhas mãos no colarinho do Mark Sutthoff, as costas dele contra a parede, o rosto vermelho como uma lagosta. «Onde está ela, porco?»

– Eu sei – digo.

A Karin fica com o nariz entupido.

– Achas que ela recuperará? Não me refiro aos ferimentos do acidente.

– Ela é forte, sempre foi – respondo, sorrindo para a animar e acariciando-lhe o joelho.

Passamos o resto da viagem em silêncio, apenas tossicando de tempos a tempos para aclarar a garganta seca. Ainda assim, sei no que a Karin está a pensar. Está a questionar-se sobre se a pessoa que nos devolverão hoje será ainda a nossa filha, depois de todos estes anos e daquilo que poderá ter tido de suportar. No passado, a Karin costumava dizer coisas como «espero que pelo menos tenha sido rápido» e «rezo para que tenha conseguido». Com este «conseguido» referia-se a uma morte rápida, sem tortura física ou psicológica e sem sofrimento. Muitas vezes, tive de me conter para não me zangar com ela, embora em segredo também pensasse o mesmo. Sinto que nós os dois, sentados no mesmo carro e separados apenas pelo apoio de braços, estamos na realidade a quilómetros um do outro. A Karin está assustada, a Karin tem dúvidas. Eu, pelo contrário, só penso que há médicos para tudo, para o corpo e para a alma, e que tudo irá ficar bem. De outro modo, teria a Lena sobrevivido se não fosse capaz de persistir, se não se quisesse agarrar à vida? Talvez eu seja demasiado ingénuo e a Karin seja demasiado pessimista, talvez a verdade se encontre algures num ponto intermédio, como este apoio de braços, e seja fácil de manejar e muito simples.

– Ela é forte – volto a frisar, e a Karin tossica para aclarar a garganta.

Lena

Alguém grita:

– Não!

E depois:

– Oh, meu Deus!

Puxam-me o corpo rígido. Tremo. Sinto calor e um abraço firme.

– Lena! Oh, meu Deus, Lena!

Pisco os olhos. Sorrio sem força. Afinal, ele sempre voltou, no último momento. As crianças estão vivas, agarradas ao pescoço dele. Vejo que tem um braço à minha volta e o rosto branco do susto. Estendo a minha mão fria. Toco numa lágrima.

– Sinto muito – diz ele.

– Salvaste-nos – respondo eu.

– Paciente estável.

Hannah

Penso que fiz alguma coisa mal. Tenho a certeza de que fiz, porque contei até 2676 e a enfermeira Ruth ainda não voltou. Imitei o som de uma melancia a cair, «pum!», e logo a seguir ela disse que tinha de ir perguntar se já podíamos ver a mamã e que, enquanto não voltasse, eu devia continuar o desenho da minha família. Desenhei uma mancha vermelha num dos lados da

cabeça do papá, mas agora não sei que mais fazer.

Estou cansada. A noite para lá das janelas já se tornou um pouco cinzenta. Quase nunca fiquei acordada até tão tarde, a não ser quando a Sara ainda estava connosco e não nos deixava dormir com os seus berros. Devemos sempre dormir o suficiente para que o corpo se possa regenerar. Apoio a cabeça na mesa e fecho os olhos. A mamã costuma dizer que podemos escolher o que sonhar se pensarmos com muita força numa coisa em concreto antes de adormecermos. Quero sonhar com algo muito bonito: a mamã e eu finalmente noutra viagem, só nós as duas, porque sou a sua filha preferida.

Por isso, penso com toda a minha força na primeira vez que saímos juntas.

Ao princípio, eu estava um pouco preocupada, mas a mamã disse:

«É um lugar maravilhoso, Hannah, vais adorá-lo.»

E acrescentou que não podíamos contar a ninguém que íamos sair.

«Chiu», disse ela, pondo o dedo indicador sobre os lábios franzidos. «As nossas viagens são um segredo.»

«E o Jonathan? Ele vai ficar assustado quando acordar e perceber que não está ninguém em casa.»

«Não te preocupes. Ele vai dormir durante muito tempo e, quando acordar, já teremos voltado, prometo.»

Arranjámo-nos para ficar bonitas. Pude inclusivamente usar o meu vestido preferido, o branco às flores. Depois saímos de casa em bicos dos pés até ao carro. Sentei-me à frente, ao lado da mamã. A estrada que fizemos era lisa como o papel e refletia o sol. Em alguns pontos, era possível ver as ondulações do calor, como pequenos fogos sem cor. Encostei o nariz ao vidro frio da janela. O céu parecia um quadro, com nuvens brancas como a neve sobre um fundo azul. Desenhei os contornos de uma nuvem em forma de vaca no vidro e a mamã riu-se. No rádio tocava uma canção que conhecíamos e o riso da mamã sobrepôs-se à melodia antes de ela a começar a cantar. Deixámos a estrada principal e entrámos numa zona de casas. A mamã estacionou o carro à sombra de uma árvore enorme. Era um ácer. Podemos identificar estas árvores pelas suas folhas de cinco pontas que parecem uma

grande mão verde.

Num jardim celebrava-se uma festa para a qual tínhamos sido convidadas. A mamã estava certa, era um sítio maravilhoso. As pessoas esperavam-nos e riam, chamando-nos com gestos e dizendo:

«Cá estão vocês!»

A mamã queria apresentar-me, mas a emoção não me deixava ficar quieta. Tirei as sandálias e corri descalça pelo jardim, cheirei as hortênsias, grandes como couves, e depois estendi-me de barriga para baixo no relvado. A relva cheirava ao detergente para a roupa que costumamos usar. Arranquei algumas folhas e também margaridas e deixei que uma joaninha corresse pelas costas da minha mão. Um homem com olhos de um azul muito claro e cabelo grisalho sentou-se ao meu lado sobre a relva e disse:

«Alegra-me muito que tenhas vindo, Hannah.»

Mostrei-lhe a joaninha na minha mão e ele explicou-me que estes insetos eram muito úteis porque comiam os pulgões e os ácaros. Fiquei impressionada com aquela criatura tão pequena.

«Também se costuma dizer», explicou o homem, «que as joaninhas dão sorte.»

Gostei de saber aquilo. Entretanto, alguém nos chamou para comer. Na parte de trás do jardim tinham montado uma mesa comprida. Pus o calcanhar do pé direito à frente dos dedos do esquerdo e fui alternando a posição dos pés até medir por completo o comprimento da mesa: trinta passos. Havia bolo de chocolate, tarte de morango e pudim de baunilha com framboesas do tamanho da unha do meu polegar, bolachas, palitos salgados e salsichas grelhadas. Queria experimentar tudo, mas a mamã disse que tínhamos de voltar porque o Jonathan devia estar quase a acordar. O soporífero nunca durava tanto quanto queríamos.

«Posso comer pelo menos uma fatia do bolo de chocolate, mamã? Só uma pequenina, por favor? Consigo comê-la muito depressa.»

A mamã disse que não com a cabeça. Tirou uma barra energética da carteira, abriu o plástico e deu-ma.

«De qualquer forma, não é saudável comer demasiados doces, Hannah. Em casa leremos sobre o que o excesso de açúcar pode fazer ao corpo. E agora vai buscar as tuas sandálias porque temos mesmo de ir embora.»

Depois de me transmitir isto, começou a afastar-se, apressada, na direção do portão do jardim, sem se despedir dos outros convidados. Quando a alcancei, pouco antes de chegar ao carro, virei-me para trás uma última vez. Junto à cerca do jardim, a dizer-me adeus com a mão, estava o homem que me falara sobre as joaninhas. Levantei a minha mão, mas apenas por um momento, para que a mamã não visse. E então regressámos a casa.

«O consumo excessivo de açúcar e alimentos doces pode gerar os seguintes sintomas», começou a mamã a ler em voz alta no livro grosso que sabe sempre tudo. Tirara-o da estante da sala de estar mal regressáramos. «Cansaço, apatia, ansiedade, problemas digestivos, flatulência, diarreia ou obstipação, nervosismo, transtornos do sono e da concentração, bem como cáries dentárias. Estás a ver?» Fechou o livro com força, fazendo barulho. «Alegra-te por não teres tido de comer o bolo.»

Assenti. A minha mamã cuida muito bem de mim. Quer sempre o melhor para mim. Um momento depois, o Jonathan estava de pé junto à porta da sala. Devia ter acabado de acordar.

«O que estão a fazer?», perguntou ele, enquanto esfregava o sono dos olhos.

«Nada, Jonathan», respondeu a mamã a sorrir, piscando-me o olho.

A minha mamã e eu tínhamos um segredo. A minha mamã e eu ficaríamos juntas para sempre…

– Hannah?

Pestanejo.

– Hannah?

Levanto a cabeça da mesa.

Tenho à minha frente dois desconhecidos. Um homem de fato cinzento e uma mulher alta e magra com cabelo castanho e curto. O meu corpo estremece

do susto. Ergo-o e endireito muito as costas, como quando nos sentamos à mesa para comer. A mulher estende-me a mão. Em resposta, estendo as minhas e viro-as muito devagar para que ela possa observar primeiro as unhas e depois as palmas. Mas, antes de terminar de as mostrar, ela pega na minha mão direita e agita-a. A mulher e o homem dizem «Olá, Hannah» e informam-me de que a enfermeira Ruth não veio porque necessitava de fazer uma pausa.

– Foi muito atencioso da parte dela tomar conta de ti todo este tempo – diz a mulher, sorrindo.

Depois, apresenta-se como doutora Hamstedt, embora não se pareça com uma médica. Não tem bata. Quero alertá-la, porque talvez se tenha esquecido da bata e isso lhe possa trazer problemas, mas não há tempo, porque agora é a vez do homem. Ele também não me quer ver as mãos, apesar de ser polícia. Mostra-me inclusivamente a identificação e ri por estar muito diferente na fotografia.

– Como vês, aqui ainda eu era jovem e bonito.

Julgo que pretende ser uma piada, mas, quando a minha boca se prepara para sorrir, o homem fica sério de novo.

– Hannah, preciso de ir urgentemente a tua casa para me assegurar de que está tudo bem – diz ele, sentando-se na cadeira em que antes estivera a enfermeira Ruth.

Então, estica o pescoço para ver o desenho que eu fiz e dá uns toques ligeiros com o dedo mesmo sobre o sítio onde o papá tem uma mancha vermelha na cabeça.

– Depois daquilo que nos contou a enfermeira Ruth, estou convencido de que aconteceu lá algo terrível esta noite. Acredito que a tua mãe e tu ficaram tão assustadas que fugiram e acabaram por ter o acidente em que ela ficou ferida.

Agora, pega no meu primeiro desenho, o da mamã e do papá no bosque, e aponta para o lenço que o papá tem na mão.

– Não precisas de ter medo, Hannah. Diz-me onde é a cabana. Eu tratarei de tudo. Nada de mal te irá acontecer, prometo.

– Escuta o comissário Giesner, Hannah. Podes confiar em nós – acrescenta a mulher.

– Onde é a cabana, Hannah? Podes descrever-me o caminho? – o polícia volta à carga.

– Não tenhas medo, estás a salvo aqui – insiste a mulher.

Não me parecem umas pessoas antipáticas, sobretudo o polícia, que é muito mais agradável do que eu teria imaginado. Mas não quero falar com eles. Quero que a enfermeira Ruth volte, ou pelo menos quero ir dormir. Julgo que compreendem isto porque me deixam ficar em silêncio quando volto a apoiar a cabeça na mesa e fecho os olhos. Ao princípio, tento pensar de novo em algo bonito, mas não consigo porque estou demasiado concentrada em escutar o homem e a mulher, esperando um sinal que me indique que estão a levantar-se e a deixar a sala de repouso. No entanto, enquanto conto até chegar 148, eles continuam ali sentados. E só nesse momento ouço o arrastar das cadeiras no chão e, pouco depois, a porta.

Matthias

Entramos no parque de estacionamento do hospital. São quase quatro horas.

A Karin procura a minha mão. A dela está fria e húmida. Diz algo. Não consigo ouvir nada a não ser a minha pulsação nos ouvidos. Não corremos, não entramos descontrolados no edifício, os nossos passos são cautelosos e contidos. Tudo se desenrola como que em modo automático. Cruzamos uma porta. Fazemos o breve percurso pela zona de entrada até chegarmos à receção, onde está sentada uma mulher. A minha boca mexe-se. Quero transmitir-lhe que somos os pais da Lena Beck, admitida no hospital como vítima de um acidente. Que temos de ir à Cirurgia Traumatológica. Não sei

como soa a minha voz, se as frases me saem tal como as organizei na mente. Agora também a rececionista mexe a boca e levanta o auscultador do telefone. A Karin puxa-me pela manga da camisa e afasta-me alguns passos da cabina de vidro onde a rececionista está a ligar a alguém. A Karin tem o rosto branco e os olhos tremem-lhe nas órbitas quando me encara. Ao vê-la tão nervosa, apoiando-se numa perna e logo a seguir na outra, ponho o meu braço à volta dos seus ombros. Quero dizer-lhe para se acalmar, e pelos vistos digo mesmo, porque pouco depois ela acena com a cabeça em sinal afirmativo. Chega um médico ou um enfermeiro, não sei. Em todo o caso, usa bata. Um homem de fato cinzento acompanha-o. Sinto a minha mão ser apertada, mas não consigo fixar os nomes. Seguimo-los até um elevador. Entramos, não sei se subimos ou se descemos. Depois de o elevador parar, um dos homens toca-me no ombro, provavelmente para me indicar que devemos sair. A Karin agarra-me outra vez a mão e segura-a com força. A nossa procissão avança até meio de um corredor e ali se detém. A Karin solta-me a mão de repente. Apenas porque isso me incomodou, volto a ficar subitamente atento.

– Seria melhor entrar apenas um de vocês – diz o médico. – Embora ela tenha recebido cuidados médicos, ainda permanece inconsciente. Preferimos que desperte quando lhe for mais benéfico, sobretudo porque não podemos descartar a hipótese de se encontrar em choque.

– O que significa que não poderei falar com ela – devolvo eu de forma bastante idiota.

O homem de fato cinzento, que percebo agora tratar-se de um comissário da polícia, diz:

– Primeiro, precisamos da vossa ajuda para a identificar sem sombra de dúvida. Tudo o resto discutiremos depois.

– Farei eu isso – respondo, olhando para a Karin, que concorda.

Tínhamo-lo combinado assim há muitos anos. Eu encarregar-me-ia de identificar o cadáver da nossa filha, que estaria coberto por um lençol fino sobre uma mesa de autópsias. Segurar-lhe-ia a mão uma vez mais e dar-lhe-ia um último beijo na testa fria. Dir-lhe-ia que a amamos.

No entanto, não estamos numa cave de medicina legal, mas num hospital, e a nossa filha está viva. O médico leva-me pelo braço em direção a uma porta que divide o corredor em dois. Nas minhas costas, a Karin pergunta ao comissário o que irá acontecer agora. Não chego a ouvir a resposta porque a porta se fechou atrás do médico e de mim. De súbito, sinto-me inseguro, começo a questionar-me sobre o aspeto que terá a nossa filha com os ferimentos sofridos no acidente e tudo o resto por que terá passado. Quando desapareceu, estava no quarto semestre da formação de professores, uma jovem que acabara de abrir as asas para começar a voar. Agora, tem trinta e sete anos, é uma mulher feita que, se não tivesse sido arrancada da sua vida naquela noite, poderia estar casada e ter os seus próprios filhos.

– Por favor, não se assuste – diz o médico quando chegamos à porta do quarto dela. Já tem a mão no puxador, mas hesita um pouco. – Apresenta algumas feridas na cara, sobretudo cortes. Mas parecem mais graves do que realmente são.

Solto uma espécie de grunhido. O ar que tenho nos pulmões não me dá para mais. Sinto o tórax apertado. O médico faz pressão no puxador. A porta abre-se cada vez mais.

Fecho os olhos e sou inundado por imagens. A minha Leninha, uma coisa minúscula nos braços da Karin. Cinquenta centímetros, três quilos e quatrocentos e trinta gramas, uma mão pequeníssima a agarrar o meu polegar.

«Bem-vinda ao mundo, meu anjo», digo-lhe. «O teu papá cuidará sempre de ti.»

A minha Leninha com os seus dentes separados e o enorme cone de doces no primeiro dia de aulas. Desde logo a insistir para que a tratássemos por Lena, pois tudo o resto era demasiado infantil. Lena, que pintou de preto o seu belo cabelo loiro, sentada no sofá da nossa sala com os joelhos para cima a abrir buracos nas calças de ganga com um alfinete de ama. Lena, que volta a ser loira e todo o meu orgulho. Que está deslumbrante no seu vestido, na noite do baile de finalistas, com uma série de bons resultados nos exames nacionais e muitos planos na cabeça. Lena, a estudante universitária, e Lena, na última

vez que a vi antes do seu desaparecimento, a saltar os degraus que dão para o jardim dianteiro, virando-se depois para trás por um momento para me acenar alegremente com a mão. *Chau, papá! Até breve! E obrigada, a sério!*

Entro então no quarto.

A cama encontra-se ao centro. Oiço os bipes das máquinas. Os olhos dela estão fechados. Tem, de facto, feridas no rosto. Está repleto de cortes que parecem pequenos triângulos. Tem a face esquerda azulada e inchada. O lábio aberto. Parece que foi cosida por cima das sobrancelhas. Apesar de tudo, a pequena cicatriz que tem na testa, do lado direito, logo abaixo da linha do cabelo, é claramente visível. E ainda assim…

Devia ter bastado olhar uma vez, mas o significado do que vi precisa de encontrar chão firme, necessita de tempo, e é pesado, afunda-se sem parar. De repente, levo a mão à boca e, cambaleante, afasto-me da cama.

– Não é a Lena – arquejo para a palma da mão. – Não é a minha filha.

O médico segura-me pelo cotovelo, ajuda-me a ficar de pé e tira-me do quarto, talvez fazendo tudo ao mesmo tempo.

– Não é ela – repito várias vezes.

– Sinto muito – diz o médico. *Sinto muito*, como se isso dissesse tudo.

Hannah

Se pudesse escolher, gostava de estar neste momento junto ao mar. Com a minha mamã – apenas nós as duas porque sou a sua filha preferida –, no lugar mais bonito do mundo. Na verdade, ela deve-me uma viagem ao mar porque a última não correu bem. Devemos sempre estar de bom humor quando vamos de viagem. Aproveitei todas as ondas, lancei-me de barriga sobre elas, com todas as minhas forças, como se já suspeitasse que poderia ser a última vez que saíamos juntas. A mamã tinha mudado. Estava deitada de costas na areia a

olhar para o céu. Pensei que era por causa do papá. Sempre que ele estava fora, ela tinha medo de que ele não fosse voltar. Embora não o admitisse, eu conseguia perceber. Ficava nervosa e agitada, contava as barras energéticas e não parava de me perguntar se o aparelho de recirculação estava a funcionar bem. Tenho um excelente ouvido, o melhor de nós todos.

Senti muita vontade de a animar e, por isso, fiz o meu caminho entre as ondas de volta à praia, mas virei-me para ver o mar mais uma vez, no caso de termos de ir logo embora por causa do Jonathan, porque o soporífero nunca durava tanto como gostaríamos. Vi o sol brilhar sobre o mar como se tivesse derramado nele um grande carregamento de diamantes. O céu e a água eram a mesma coisa, toda azul, só azul, de cima a baixo, *lembra-te disto, Hannah, nunca te esqueças deste belo e interminável azul*. Fechei os olhos e inspirei o ar salgado, que se prendeu pegajosamente aos meus pulmões. *Não te esqueças, Hannah, simplesmente não te esqueças*. O mar, *das Meer*, *the sea*, *la mer*, cobre quase três quartos da superfície terrestre. A flora marinha produz cerca de setenta por cento do oxigénio presente na atmosfera da Terra. Quando tive a certeza de que tinha guardado tudo na minha mente, caminhei com passos pesados pela areia quente até onde a mamã estava deitada.

«Mamã?»

Não respondeu. Sacudi o meu cabelo para cima dela como fazem os cães quando têm o pelo molhado, querendo mesmo que ela se levantasse num salto para me perseguir pela praia, como costumava fazer sempre. Mas naquele dia limitou-se a ficar deitada, muito rígida, a olhar para o céu sem parar, como se não estivesse realmente ali.

«Tu também querias ir ao mar», resmunguei, deixando-me cair junto a ela na areia.

«Ai, Hannah», respondeu, virando-se de lado para mim. «Sinto muito, por tudo.»

«O que queres dizer com isso, mamã?»

«Vocês têm uma vida tão dura, e tudo por minha culpa.»

Referia-se ao olho negro.

«Foi só um acidente tonto», disse eu. «Não é grave.»

«És muito inteligente, Hannah. E estás a ficar crescida. Um dia, parecer-te-á grave.» Agarrou-me a mão e apertou-a com demasiada força. «Se alguém te perguntar por mim, conta a verdade, estás a ouvir?»

«Já sabes que eu não minto. O papá diz sempre que mentir…»

«Já sei», interrompeu-me ela. Na verdade, não devemos interromper as pessoas. É mal-educado. Soltou uma espécie de riso. «Ai, esquece o que te disse, Hannah. São provavelmente só as minhas hormonas.»

As hormonas são mensageiros bioquímicos que desencadeiam certos processos biológicos. Como o facto de a mamã estar a chorar neste momento, por exemplo, e lhe saírem pequenos sons agudos pela boca. Nunca a tinha ouvido fazer qualquer ruído a chorar, embora estes sons fossem muito baixos. Tenho excelente ouvido.

A mamã puxou-me pelos braços até eu ficar sentada na posição certa para um abraço.

«Amo-te muito, Hannah.»

«Para sempre?»

«Para sempre e sempre e sempre…»

Ouço a porta e levanto os olhos. Desta vez, é a enfermeira Ruth, finalmente de volta.

– Bom, Hannah, como estás? – pergunta-me com um meio sorriso. É o sorriso pateta que faz quando fica um pouco envergonhada. Deve ser por me ter deixado sozinha e, em vez de regressar, ter enviado dois desconhecidos.

– Fico feliz por ter voltado.

– Eu também – diz ela, sorrindo.

Salto da cadeira e contorno a mesa, sem ter pedido permissão para me levantar, e abraço-me a ela. A enfermeira Ruth acaricia-me a cabeça. Põe a mão novamente sobre a minha orelha e eu ouço o mar. O mar, *das Meer*, *the sea*, *la mer*, o lugar mais bonito do mundo.

– Trago-te uma boa notícia – diz-me, através do murmúrio das ondas. – Já

podemos ir ver a tua mamã, se quiseres. Ainda não acordou, mas os médicos já fizeram o que podiam, por agora.

Assinto com a cabeça contra a sua barriga macia. Quero ir ver a mamã, mas também quero que a enfermeira Ruth me abrace durante mais algum tempo.

– Ouves isto? – pergunta ela.

Só então levanto a cabeça. Refere-se a um ruído semelhante a um estranho bater de asas algures na distância, mas claramente audível. A enfermeira Ruth aponta para a janela. Consigo distinguir umas luzes intermitentes, brancas e vermelhas, na noite cinzenta. Branco-vermelho-branco-vermelho, flap-flap-flap-flap.

– O que é aquilo?

– Um helicóptero. A polícia está agora a sobrevoar a zona onde a tua mamã teve o acidente. – A enfermeira Ruth agacha-se à minha frente e pega-me na cara com as suas mãos quentes. – Vão encontrar a cabana, Hannah. Vão tirar de lá o teu irmão. – Agora sorri de verdade e eu, não me ocorrendo nada melhor, sorrio também. – O que dizes, queres ir ver a tua mamã?

Aceno que sim. A enfermeira Ruth pega-me na mão e deixamos a sala de repouso.

Matthias

Compaixão. Palavras de consolo. Há quase catorze anos que sei o quão pouco tudo isso significa. As pessoas dizem coisas simplesmente para serem amáveis. A Karin ainda se esforça por anuir entre lágrimas, enquanto o comissário nos oferece as suas frases vazias.

– Sinto realmente muito, senhor e senhora Beck.

O Gerd também já chegou e forma connosco um infeliz semicírculo no

corredor da Cirurgia Traumatológica. Olho para a camisa que traz debaixo do casaco de cabedal gasto e aberto, e que, com a pressa desta noite, ficou mal abotoada.

– Era por isto que queria vir sem vocês – atreve-se a dizer. Engulo algumas palavras feias. – A vossa deceção é agora ainda maior, claro. – Engulo outra vez.

– Quem é então esta mulher? – pergunta a Karin entre soluços.

Só teve de olhar para mim quando regressei com o médico da área restrita para o saber de imediato:

– Não é ela, pois não? – perguntou. E eu queria abanar a cabeça, mas nem sequer isso consegui fazer.

– Senhora Beck – diz agora o colega do Gerd –, esta é uma investigação em curso. Espero que compreenda que não lhe podemos dar nenhuma informação.

– Porque de repente já não tem nada que ver connosco, Karin – traduzo. – Não é a nossa filha e, por isso, não nos podem contar nada.

– O que o meu colega Giesner quer dizer… – intervém o Gerd, esforçando-se por manter um tom calmo, embora a sua voz chegue aos meus ouvidos na frequência errada.

– Fazes-nos saltar da cama a meio da noite e transmites-nos que encontraram a nossa filha! – afirmo zangado.

– Eu disse-te que havia semelhanças que teríamos de comprovar – replica o Gerd, também zangado. O outro comissário afasta-se alguns passos, notoriamente desconfortável com a situação. – Alertei desde logo que não era certo que a mulher fosse a Lena. – O Gerd esfrega a testa e suspira, virando-se para a minha mulher. – Sinto muito, Karin. Não vos devia ter dado falsas esperanças. Fui pouco profissional. Sabes que, para mim, é uma questão pessoal…

– Há quase catorze anos que és pouco profissional – disparo, mas sou ignorado.

– Mas o que significa isto agora para nós? – soluça a Karin.

O Gerd volta a suspirar.

– Significa que…

– Que podemos esperar mais catorze anos, Karin – interrompo-o bruscamente. Não me apetece continuar nesta conversa fiada com boa educação e palavras de alento. – Que ela não vai voltar para casa connosco.

Sinto a fúria começar a arder na minha cara, as maçãs do rosto incendiadas, como se tivesse sido tomado por febre.

– Matthias… – A Karin agarra-me o braço, mas não me quero acalmar. Quero que o Gerd perceba o mal que nos fez.

– Significa que já não temos filha, é isso que significa! Que está morta! Provavelmente está morta há quase catorze anos. Só que o genial senhor Brühling nem sequer nos conseguiu trazer o corpo dela para que lhe pudéssemos dar um funeral digno!

– Matthias… – As unhas da Karin afundam-se no tecido do meu casaco. De repente, fica com o rosto ainda mais pálido, abre muito os olhos e fixa-os em algo. – Ali – sussurra.

Não a entendo.

– É ela.

Sigo o olhar da minha mulher através do corredor. Deixo então de respirar e o meu coração parece parar.

– Aquela é a… Lena…

A Karin tem razão. É ela. Vem na nossa direção, caminhando ao longo do corredor pela mão de uma enfermeira. A nossa filha, a nossa pequena Lena, a minha Leninha.

Lena

Recordo vagamente o chiar dos travões, a minha própria voz, num grito

que logo se extinguiu, o impacto e a surpresa de não sentir qualquer dor, pelo menos não inicialmente. Chegou depois, a dor, e invadiu-me com tal violência que me deixou inconsciente. Não sei quanto tempo demorei – dez minutos?, uma hora? – a recuperar os sentidos. Foi como se estivesse fechada num quarto completamente escuro e, de repente, alguém tivesse acendido a luz. Fiquei desperta e totalmente lúcida.

Deduzi que tinha sofrido um acidente. Deduzi que estava numa ambulância. Ouvi os bipes que traduziam o meu batimento cardíaco para o mundo exterior. Ouvi as sirenes. Deduzi que íamos muito depressa, percebendo as irregularidades da estrada e a forma como a ambulância fazia as curvas. A dor que me percorria o corpo era indescritível. Contudo, tentei mexer-me para verificar se sentia os membros. Onde há sensibilidade – ainda que seja dor – há vida que pode ser recuperada, pensei para mim mesma. Se me esforçasse e conseguisse mexer um pouco os dedos dos pés e dobrar os das mãos, seria um bom sinal. Só não podia mexer a cabeça, uma vez que o meu pescoço estava preso e imobilizado. Tinham-me posto um colar cervical e não conseguia ver o que se passava à minha volta. Direita e esquerda não existiam, apenas uma parte de cima fixa, o teto amarelo da ambulância. Diretamente sobre mim havia um pedaço de fita isoladora prateada no tejadilho que devia tapar alguma pequena greta ou buraco ou até uma desalentadora mancha de sangue que não se conseguia limpar. Sentia uma pequena pressão no peito e nas canelas, mas esperava que fossem apenas correias bem apertadas. Não era aconselhável cair da maca durante a viagem e ficar ainda pior. Seria absurdo.

– Parece que está a recuperar os sentidos – disse uma voz masculina.

Um momento depois, um paramédico inclinou-se sobre o meu limitado campo de visão e projetou-me nos olhos a luz de uma pequena lanterna. Devia seguir o ponto de luz. Esforcei-me ao máximo, mas a minha visão ficou desfocada e o ponto de luz converteu-se numa superfície brilhante e desfiada. A dor adquiriu fluidez e escorreu para fora.

O paramédico guardou a lanterna.

– Não tenha medo – disse ele. – Vamos levá-la para o hospital.

Com o polegar, protegido por uma luva de látex, limpou-me uma lágrima na face. Os bipes que traduziam o meu batimento cardíaco tornaram-se mais rápidos e irregulares.

– Fique calma. – O paramédico tentou manter a distância e pediu desculpa.

Comecei a contorcer-me por baixo das correias, que subitamente me pareceram demasiado apertadas.

– Acalme-se. Ouça, vai ficar tudo bem. Foi atropelada por um carro, mas estamos quase a chegar ao hospital. Já falta muito pouco – garantiu ele, agarrando-me as pernas com força. Tive vontade de gritar, mas só consegui continuar a contorcer-me por baixo das correias. – Vou dar-lhe algo para a acalmar.

De imediato, os bipes do meu coração voltaram a ser mais lentos e regulares, algo que me pareceu não estar certo.

– Pode dizer-me como se chama? – perguntou o auxiliar. – Lembra-se do seu nome?

As minhas pálpebras começaram a tremer.

– Não creio que vamos chegar a algum lado – ouvi-o dizer, mas como se estivesse muito longe. – Deve estar em estado de choque.

– Lena – disse então uma segunda voz. Uma voz que não era real, que não podia ser real, que devia ser resultante do sedativo, do choque. – Chama-se Lena – repetiu a voz, como que para confirmar a sua existência.

Tentei mover a cabeça, mas estava presa, com a cara virada para o teto amarelecido. E estava cansada, esta cabeça tola. Tão cansada. As minhas pálpebras fecharam-se. «Hannah», foi o último pensamento que se formou no nevoeiro da minha mente antes de se instalar a escuridão. Era a voz da Hannah que eu acabara de ouvir. A Hannah estava comigo na ambulância…

Reprimo um gemido. Não quero que reparem que acordei. Passou algum tempo, isso é certo. Falta-me a parte do filme entre os meus últimos pensamentos na ambulância e este momento. Estou num hospital, deitada numa cama. A minha cabeça parece muito leve, provavelmente fruto de uma

grande quantidade de medicação. Sinto uma espécie de beliscão na parte interior do braço direito. Puseram-me um cateter. Chega-me o cheiro a desinfetante e consigo ouvir os sons familiares de um eletrocardiógrafo. Distingo várias vozes e movimento em redor.

– Consegue ouvir-me? Pode fazer-me um sinal, mexer um dedo?

Não faço nada. Concentro-me em respirar e mantenho os olhos fechados como uma menina teimosa. Nem sequer pestanejo quando o louco do teu pai se aproxima da minha cama e se passa completamente.

– Não é ela! Não é a minha filha!

Parece-me que têm de o amparar para conseguir sair do quarto.

Eu, pelo contrário, continuo aqui deitada como um bocado de carne morta, de modo muito semelhante àquelas noites em que ficava ali estendida enquanto o teu marido abusava sexualmente de mim. Com os olhos bem fechados. Sei que, quando os abrir, se abrirão também as portas do inferno. Tenho medo, Lena. Um medo terrível.

Matthias

A expressão da Karin. O rosto pálido e os olhos muito abertos e fixos.

A Lena, que caminha ao longo do corredor na nossa direção pela mão de uma enfermeira.

A nossa filha, a nossa pequena Lena, a minha Leninha, como aos seis ou sete anos. Demasiado pequena para aquele cone de doces tão grande, pensa o meu cérebro baralhado quando as imagens do passado se misturam com a realidade do presente. Os caracóis loiros, o queixo pontiagudo, os olhos, meu Deus, aqueles olhos.

Procuro apoio com a mão e acabo por me segurar no braço do Gerd.

– Lena…

– Ai, Deus – ouço a Karin dizer, antes de o Gerd afastar o braço de mim.

Os meus olhos seguem o gesto brusco e compreendem que o Gerd chegou mesmo a tempo de amparar a Karin por baixo dos braços, porque a minha mulher havia perdido a força nas pernas.

– O que… – deixa ele escapar antes de virar a cabeça para a esquerda, na direção da menina. – Como é possível?

Também o Giesner, o seu colega de Cham, que até agora se mantivera a uma certa distância, se aproxima de nós.

– Lena! – chama a Karin.

De repente, a enfermeira que a traz pela mão detém-se. A Leninha dá um passo inseguro para se esconder atrás dela. O alvoroço parece tê-la assustado.

– Chiu! Silêncio! Fiquem calados! – grito eu, mas a Karin está totalmente descontrolada.

– Que significa isto? – arqueja ela, antes de soltar um guincho: – Lena!

A enfermeira faz a menina retroceder pelo corredor.

– Não, não, não! Espere! – vocifero, e vou atrás delas, até que alguém me impede, uns braços desconhecidos que me agarram por trás. – Leninha! – consigo berrar, antes de o Giesner me imobilizar no chão como a um animal raivoso.

Enquanto me debato por baixo dele com as minhas últimas forças, a Leninha desaparece e o corredor fica vazio, sem contar connosco. Silêncio.

– Venha comigo, senhor Beck – diz o Giesner uns instantes depois, ajudando-me a levantar.

O Gerd e o Giesner, guiados por um enfermeiro, levam-nos até ao quarto vazio mais próximo. O Gerd ajuda a Karin a deitar-se na cama, na qual ela se afunda como se a tivessem acabado de desligar. O enfermeiro pergunta se precisamos de um médico para lhe dar um sedativo.

– Não, obrigado – decido, sem realmente considerar o estado em que a minha mulher se encontra. – Está tudo bem.

Assim que o enfermeiro sai do quarto, o Giesner interpela-nos:

– Devem-me uma explicação.

– Lena – dizemos, a Karin e eu, em uníssono. – A menina do corredor é igual à nossa filha – explico-lhe. – Quando era pequena – acrescento rapidamente ao aperceber-me de quão loucos lhe devemos parecer.

Uns pais em estado de emergência psicológica que perturbam uma menina desconhecida – foi esta a imagem que teremos dado ao Giesner. Só que a menina não pode ser uma desconhecida se é como uma cópia autêntica da nossa filha, não é?

– É verdade – diz o Gerd, saindo inesperadamente em nossa defesa. – Como um clone.

Agora o Giesner fita-o também com uma expressão cética.

– Sou amigo da família. Conheço a Lena desde que nasceu.

Amigo da família, mastigo as palavras em silêncio, mas controlo-me. Aqui não se trata do Gerd e de mim, mas da Lena. Não, trata-se daquela menina.

– Esperem um momento. – Lembro-me de uma coisa e levo a mão ao casaco para tirar a carteira. Sempre que a abro, vejo a minha Leninha em cores já algo desbotadas a sorrir-me por detrás de um plástico transparente, com a sua separação entre os dentes e o enorme cone de doces. Tiro a fotografia e entrego-a ao Giesner – Tome. Veja você mesmo.

O Giesner pega na fotografia e estuda-a com atenção.

– Hum… – diz algumas vezes, sem acrescentar mais nada. – Hum…

– Quem é aquela menina? – pergunta a Karin, ao fundo, com a voz fraca.

– Aquela menina, de acordo com as suas próprias declarações, é a filha da vítima do acidente.

Abano a cabeça.

– Mas isso não faz qualquer sentido. Aquela mulher ali – digo eu, fazendo um vago sinal com o rosto na direção da porta – não é a Lena.

– Matthias, tens a certeza? – pergunta a Karin. – Talvez não a tenhas reconhecido ao fim de todos estes anos. Tem a cicatriz? – Com pequenos movimentos imperfeitos, passa o dedo indicador pelo lado direito da testa, por baixo da linha do cabelo. – Posso ver eu a mulher?

– Tem uma cicatriz, sim. Mas não é ela. Eu reconheceria a minha própria

filha – digo, num inadvertido tom brusco. – Desculpa, querida. A sério que não é ela.

– E se a fosse só espreitar? Apenas para ter a certeza?

– Não é ela, Karin!

– Vamos acalmar-nos primeiro – intervém o Gerd. – Karin, tu não vais entrar naquele quarto. Vou eu. Seria capaz de reconhecer a Lena.

– Estão realmente a dizer que não consigo identificar a minha própria filha? Não posso acreditar.

– Claro que consegues, Matthias – murmura o Gerd. – Mas a verdade é que há aqui algo que nos está a escapar. Temos de descobrir quem é esta mulher e por que razão há uma menina idêntica à Lena que diz ser filha dela.

– Hum… – faz o Giesner outra vez, devolvendo-me a fotografia. Vira-se então para o Gerd. – Sabes se existe um registo do ADN da Lena Beck?

Gerd assente com a cabeça, como um aluno exemplar.

– Criámos um na altura, com uma amostra da escova de dentes dela.

– Muito bem – diz o Giesner para a Karin e para mim. – Isso significa que só precisamos de uma amostra da menina. É algo rápido, basta fazer um simples teste de saliva. Com ele, criaremos um perfil de ADN e compararemos depois ambos os perfis para verificar se há correspondências. Assim, pelo menos saberemos se a menina tem algum grau de parentesco com a vossa filha. No entanto, teremos ainda de descobrir qual a relação entre a menina e a vítima do acidente…

– Vamos interrogar a menina – propõe o Gerd com uma determinação que não lhe via há quase catorze anos.

«Vamos encontrar a tua filha, Matthias», disse ele naquela altura, com os pés pretensiosamente em cima da secretária e o cigarro ao canto da boca, como um polícia de um mau filme americano. «Nem que seja a última coisa que faça, trarei a nossa Lena de volta a casa.»

O Giesner suspira.

– Já falei com ela, inclusivamente com a ajuda de uma especialista, mas não avançámos muito.

– Falou com ela? – pergunto eu, ofegante. – O que quer dizer com isso de não terem avançado muito?

– A doutora Hamstedt, a nossa especialista, ainda não pôde realizar um diagnóstico seguro. Até agora só conseguimos reunir algumas peças do *puzzle*, mas esperamos saber mais em breve, quando encontrarmos a cabana de que a Hannah nos falou. Enviei um helicóptero, que está a sobrevoar essa zona do bosque, e também tenho uma equipa a caminho do local do acidente.

– Hannah… – Repito para mim mesmo.

É então esse o nome dela: Hannah. Procuro os olhos da Karin, mas ela não me presta atenção, está focada no Giesner.

– Que cabana? – pergunta ela. – A Lena está lá, nessa cabana?

O Giesner aclara a garganta.

– O comissário Brühling tem razão. Primeiro, precisam de se acalmar um pouco.

Ao dizer isto, faz sinal ao Gerd para que este o siga até à porta. O Gerd anui. A Karin pergunta:

– Que raio se está a passar aqui?

Lena

Por momentos, penso em fugir. Mas como o faria? Mal me consigo mexer, estou ligada a aparelhos que certamente dispariam um alarme se eu tocasse nos elétrodos e, além disso, há sempre alguém a entrar no quarto. É como se me quisessem obrigar a ficar acordada, com tanta atividade. No início, era apenas pessoal do hospital. Vinham substituir os sacos intravenosos ou verificar o eletrocardiógrafo e não demoravam muito tempo. Era suportável – só tinha de fechar os olhos e respirar.

Contudo, depois estes dois polícias apareceram e decidiram montar

acampamento junto à minha cama. Um deles, pelo que consegui retirar das suas conversas murmuradas, veio expressamente de Munique, enquanto o outro pertence às forças policiais de Cham. Não param de falar da «menina».

Hannah. Afinal, não a imaginei, ela *estava* mesmo lá, veio comigo na ambulância. Até aqui, ao hospital. Hannah está aqui.

Distingo palavras como «sequestro» e «cabana». O eletrocardiógrafo a que estou ligada regista a minha súbita agitação com uma série de sons nervosos. Mesmo ao lado da minha cabeça, um dos polícias, creio que o de Cham, pressiona o botão de emergência. Ouço os passos de ambos junto à minha cama enquanto esperam por alguém do pessoal médico.

Chega um homem, que verifica primeiro a ligação do eletrocardiógrafo no meu dedo médio e depois prime um frio estetoscópio contra o meu peito.

– Está tudo bem – transmite ele a «Cham» e «Munique». – Pode ter sido apenas um pesadelo.

Um dos polícias murmura uma resposta.

Ouço a porta a fechar com a saída do enfermeiro e uma primeira cadeira a ser arrastada pelo chão até ao pé da minha cama, sendo depois seguida por uma segunda. Parecem decididos a ficar aqui sentados até que eu recupere a consciência e responda às suas perguntas.

Foi precisamente sobre isto que passei muitas noites a pensar, quando a proximidade dele, com o hálito quente no meu pescoço e a pele pegajosa contra a minha, me mantinha acordada: o que contarei se algum dia sair deste buraco?

E então ordenava os detalhes. Alguns empilhei desde o início num monte de coisas indizíveis, as perversidades indescritíveis que o converteram a ele num monstro e, sobretudo, a mim na sua vítima. Não queria passar o resto da minha vida como a pobre mulher da cabana. Seria forte, explicaria apenas o necessário, com as costas direitas e o foco claro. Conto três respirações em silêncio, como uma última pequena delonga antes de abrir os olhos. Chegou o momento, Lena.

Um dos homens, o de fato cinzento, inclina-se nesse instante sobre o meu

campo de visão. Também o outro se levanta da cadeira. Estão ambos curvados sobre mim, com as perguntas que têm para fazer já evidentes nas suas expressões, e o eletrocardiógrafo dispara.

– Olá – diz o homem de fato cinzento. – Acalme-se, por favor. Está tudo bem. Sou o Frank Giesner, da polícia de Cham, e este é o meu colega Gerd Brühling, de Munique. Percebeu o que eu disse? Somos da polícia.

Tento anuir, mas não consigo.

– Consegue ouvir-me?

– Talvez seja melhor chamar outra vez o enfermeiro – sugere o Munique, apontando para o botão de emergência.

O Cham segue o conselho.

– Trouxeram-na para o hospital porque foi atropelada por um carro. Pode dizer-me como se chama?

Reviro os olhos e gemo de dor.

– Ouça, sabemos da existência da cabana e já a estamos a procurar. A si não irá acontecer nada. Está a salvo aqui.

A porta abre-se. O enfermeiro volta ao quarto. O Cham e o Munique afastam-se da cama ao mesmo tempo.

– Já acordou – explica Munique.

O enfermeiro toma-me o pulso e diz:

– Vou pedir ao doutor Schwindt que cá venha para lhe dar uma injeção. Contudo, poderá demorar um pouco porque estamos na mudança de turno. É sempre uma altura caótica.

Abro a boca para protestar, mas só me sai um ruído, um som estranho que se parece situar entre um arquejo de exaustão e um riso histérico. Quando volto a adquirir algum controlo, já o enfermeiro se foi outra vez embora. Só consigo pensar na necessidade de me manter lúcida.

– Encontraram-no? – pergunto com dificuldade.

O Cham faz um gesto vago com a cabeça, enquanto o Munique não deixa de olhar para a minha cicatriz na testa.

– Como lhe disse, ainda estamos à procura da cabana. Mas não se

preocupe. Está segura aqui. Quer dizer-nos o seu nome?

Convenço-me de que é um pedido simples e completamente lógico. Que não tem nada de sinistro ou ameaçador, pelo contrário. Se a polícia souber quem sou, poderá avisar a minha família. Informar a minha mãe de que estou viva para que ela me venha buscar e levar para bem longe. Quero responder, já inspirei fundo e abri a boca. Mas, mais uma vez, só me saem uns quantos sons histéricos. Engoli a minha identidade e rio-me disso.

Continuo algum tempo neste estado e os polícias aguardam com paciência. A par da perplexidade, os rostos deles evidenciam também um outro sentimento: pena. Para eles, sou isto, a pobre rapariga da cabana. Ao compreendê-lo, passa-me o riso. Não de imediato, de forma intermitente. Durante uns instantes, pareço um motor aos soluços. Por fim, há silêncio. E depois a minha resposta:

– Lena. Chamo-me Lena.

Hannah

A verdade é que o reconheci logo, daquela festa no jardim, na primeira viagem que fiz com a mamã. Foi ele quem me falou das joaninhas e de como elas davam sorte. Lembrava-me do seu cabelo grisalho e dos seus olhos azuis muito claros, da mesma cor de um dos vestidos de domingo da mamã. Embora esse vestido também tenha riscas brancas. Mas depois fiquei menos segura, porque as pessoas com quem ele se encontrava no corredor do hospital estavam todas a falar tão alto que assustaram a enfermeira Ruth e ela teve de me levar de volta para a sala de repouso. Caminhámos tão depressa que tive de levantar a ponta dos dedos dos pés para não perder os chinelos de borracha cor-de-rosa.

Na realidade, ela tinha-me prometido que iríamos ver a mamã, mas agora

fecha a porta da sala de repouso e diz:

– Creio que temos de esperar um pouco mais antes de a podermos ver, Hannah.

Olho para o chão e vejo uma linha. É lilás, provavelmente do casaco de malha colorido da enfermeira Ruth que ainda tenho vestido.

– Não fiques triste, minha querida – diz ela, levantando-me o queixo. – Assim que pudermos, vamos ter com a tua mamã, prometo. Mas antes quero perceber o que acabou de acontecer ali fora. – Baixa a mão e puxa-me até ao interior da sala, de volta à nossa mesa. – Esta gente parece estar um pouco louca. – Acrescenta, talvez agora só para ela própria, pois começa a balbuciar de uma forma muito estranha e sem olhar para mim. Devemos sempre olhar para as pessoas quando falamos com elas. – Armar toda esta confusão e assustar assim uma menina. Como se hoje não tivesses já passado por coisas suficientes. Quem julgam eles que são? – Abana a cabeça algumas vezes. – Vá, Hannah, senta-te. Vou preparar-te outro chá e depois vou tentar saber que disparate foi aquele.

Obedeço e sento-me. A enfermeira Ruth aproxima-se da pequena cozinha. Consigo ouvi-la a abrir a torneira atrás de mim e a encher a chaleira elétrica.

– Acho que sei – digo eu.

– Hem? – A enfermeira Ruth não me ouviu bem porque a água está a correr.

– Acho que sei! – grito, mas, entretanto, já fechou a torneira.

– A que te referes, Hannah?

Trás, faz a tampa da chaleira, e *clique*, o botão para a pôr a funcionar.

– Quem eles julgam que são – digo eu.

Agora há silêncio atrás de mim. É muito provável que a enfermeira Ruth volte a não entender nada.

– Penso que aquele que gritava muito é meu avô.

– Teu…?

– Um avô é o pai de um dos progenitores ou, em linguagem coloquial, um homem velho, fim.

Viro-me para a enfermeira Ruth, para poder ver na cara dela se me entendeu. É claro que não. Está outra vez a olhar para mim de olhos arregalados. E eu suspiro.

– Ele também gritou «Lena» – explico à pobre e tonta enfermeira Ruth. – É esse o nome da minha mamã, já se esqueceu? E, além disso, reconheci-o.

Como não espero que a enfermeira Ruth tente entender tudo sozinha, começo a contar-lhe a história da nossa primeira viagem. A viagem em que a mamã e eu fomos de carro por aquela estrada reluzente até ao jardim onde a relva tinha o cheiro do nosso detergente para a roupa e as flores das hortênsias eram grandes como couves, e onde havia apenas alimentos pouco saudáveis para comer. Também lhe falo do meu avô, que se sentou comigo na relva e me explicou coisas sobre as joaninhas.

– As joaninhas são muito úteis porque comem os pulgões e os ácaros – digo eu, repetindo o que ele me ensinara. – E também se costuma dizer que dão sorte.

A enfermeira Ruth, que tinha vindo com passos de ratinho desde a pequena cozinha até à nossa mesa, deixa-se afundar na cadeira. A água na chaleira já ferveu e aposto que já estará fria quando ela for fazer o meu chá.

– Estás a dizer-me que já tinhas visto aquele homem? – pergunta a enfermeira Ruth quando eu acabo de falar.

Encaro-a e confirmo.

– Fizemos muitas viagens juntas, a mamã e eu. Estivemos no mar e em Paris. A Torre Eiffel foi construída para celebrar o centenário da Revolução Francesa e tem 324 metros de altura. – Inclino-me sobre a mesa e sussurro: – Mas não podes contar a ninguém.

– Não entendo… – a enfermeira Ruth volta a balbuciar.

– Bom, que fizemos viagens. É segredo. Senão, eu e a mamã vamos ter problemas.

– Com o teu papá?

– Sim – respondo. – É que a mamã é desastrada. Nem sequer consegue acender o fogão sozinha. O papá diria certamente que é demasiado perigoso

que ela conduza um carro, ainda por cima comigo, e para tão longe. Além disso, aposto que o Jonathan também ficaria zangado.

Na realidade, não queria voltar a pensar no Jonathan, porque me dá pena todo aquele trabalho estúpido com as manchas na carpete. Para me distrair, aliso a saia do vestido. Tem bolsos dos dois lados. A costura inferior do bolso direito está a abrir e, por isso, só posso guardar coisas no esquerdo.

– Por que motivo haveria ele de ficar zangado convosco? Não o levaram nas vossas viagens?

– Ah, ele não se teria divertido nada nelas.

A enfermeira Ruth eleva o rosto.

De início, não lhe quero contar porque me dá um pouco de vergonha. Mas depois penso que não é culpa minha que a mamã me considere a sua filha favorita e prefira viajar só comigo.

– É mais porque… penso que ele ficaria zangado se soubesse que lhe damos soporíferos – explico, preferindo manter os olhos fixos no meu vestido e não na cara da enfermeira Ruth. A mamã tem mesmo de me arranjar a costura do bolso quando voltarmos para casa.

Lena

Foi numa quinta-feira de maio que desapareci do mundo. A Alice escorregou pela toca do coelho, caiu de cabeça e ficou inanimada quando bateu no fundo. Creio, porém, que ele me terá injetado algum anestésico antes de me arrastar até à cabana. A primeira coisa de que me lembro é do fedor a suor, urina e ar bafiento. Depois, como que de muito longe, o som de uma chave a girar numa fechadura e o estalido de um interruptor. Não estremeci até ao momento em que bateu várias vezes com o pé na minha perna.

– Como estás, Lena? – perguntou o homem que se erguia à minha frente e

me sorria das alturas.

Os meus olhos percorreram a divisão da casa e vi uma estante que ocupava a maior parte da parede em frente, provisões, frascos de conservas, sacos de batatas, um objeto escuro que reconheci como sendo o meu saco de viagem pelos fechos prateados brilhantes, vários bidões e uma pilha de lenha ao canto, uma lâmpada suspensa no teto; em baixo, os meus pés descalços, atados pelos tornozelos com fita adesiva castanha; subindo, as minhas calças de ganga manchadas e a blusa encharcada de suor, os meus braços e os meus pulsos presos ao tubo de descarga de um velho lavatório com uma espécie de correntes feitas de abraçadeiras. Por fim, os meus olhos regressaram ao homem, que continuava a sorrir e repetiu a pergunta com uma voz paciente:

– Como estás, Lena?

Lena. Não era eu, este não era o meu nome.

As engrenagens do meu cérebro começaram a girar. Tratava-se de um mal-entendido, devia ter-me confundido com outra. Quando tentei clarificar o erro que tinha sido cometido, gemi na minha mordaça como um cão espancado. Ao mesmo tempo, forcei com tal desespero as abraçadeiras que elas acabaram por me cortar os pulsos.

O homem abanou a cabeça piedosamente, virou-se e dirigiu-se para a porta. Um estalido, a luz. Depois a porta, o metal a entrar na fechadura, a chave a dar duas voltas.

Eu, sozinha, na completa escuridão. Comecei a gritar e a forçar as abraçadeiras, ambas as coisas para nada. Através da mordaça, os meus gritos soavam como um grunhido abafado, e as abraçadeiras continuavam intactas. Tinha sido raptada. Presa a um tubo de descarga. Um mal-entendido terrível. E, além disso, a escuridão, que tornava a situação mais aterradora. Parecia que a divisão onde estava se dissolvera. Sentia-me a flutuar numa esfera negra indefinida, incapaz de ancorar os meus pensamentos. Evoquei o rosto do homem. Os seus olhos negros, o nariz um pouco torto, o sorriso, o cabelo escuro e ondulado. Só o vira por um momento e, ainda assim, a sua imagem tinha ficado marcada a fogo na minha mente, tal como a sua voz.

Como estás, Lena?

Lena, Lena, Lena… Conhecia uma Lena. Uma estagiária na agência de publicidade onde trabalhei, uma rapariga malcriada e respondona. Pais ricos, pais muito ricos. E, então, compreendi. Era ela quem ele queria! A Lena dos pais ricos. Um resgate, era esse o motivo de tudo isto. O que aconteceria a seguir? Será que me mataria ao aperceber-se do erro que cometera? Será que me soltaria? Pediria, ao invés, um resgate por mim? Imaginei o meu pai a enfiar maços de notas numa maleta. Uma maleta que já não tinha e um dinheiro que nunca havia tido. Vi a minha mãe, com roupa preta e chapéu igualmente preto, a morder o lábio inferior enquanto pensava o que mais poderia dizer de mim, para além de que eu tinha sido uma deceção para ela durante a maior parte da minha vida. E a Kirsten, que pela primeira vez estava de acordo com ela. Cheguei mesmo a pensar na velha senhora Bar-Lev do segundo andar. Via-a junto do grupo de pessoas que abanavam a cabeça e se queixavam de quão mal funcionava o serviço de limpeza das escadas do nosso prédio. O diabo leva as meninas más. Os meus pensamentos andavam em círculo, enfurecidos, sobrepostos, sem âncora na esfera negra onde só existia o fedor a suor, urina e ar bafiento, a esfera que me arrastava e me levava para longe – até que desapareci.

Acordei. De novo ali. Ainda ali.

Pestanejei com lágrimas nos olhos ao voltar a vista para a lâmpada do teto, presa por um fio que havia sido encurtado.

– Como estás, Lena?

O homem tinha voltado, estava em pé junto a mim, como antes, e sorria.

Calculei que devia estar sequestrada há mais de meio dia, se bem que as sensações e os cálculos diferiam muito a este respeito. Na escuridão, o tempo parecia parar. No entanto, sentia-me quase normal fisicamente, pelo que não deveria estar ali há mais do que algumas horas. Estava cansada e doía-me a cabeça, o que interpretei como os primeiros sinais de desidratação, mas o meu cérebro ainda funcionava – mesmo que só tivesse para me oferecer este

pensamento: *ao fim de dois ou três dias sem água, morres*.

– Já te acalmaste?

Reprimi o impulso de gritar e anuí em silêncio.

– Muito bem – disse o homem, virando-se e dirigindo-se para a porta.

Esperei pelo estalido do interruptor da luz.

Não aconteceu nada. A lâmpada continuou acesa. E, ao sair, o homem deixou inclusivamente a porta entreaberta.

Esqueci-me de respirar, ficando a olhar para a porta aberta. Forcei com puxões as correntes sem tirar os olhos da porta, a apenas quatro ou cinco ou seis passadas de distância, fora do meu alcance.

Pisquei os olhos para me livrar de um par de lágrimas idiotas. De qualquer forma, não chegaria muito longe. O homem regressaria de seguida, outra coisa não faria sentido, pois tinha deixado a luz acesa e a porta aberta. Restava-me aguardar. Fiz um esforço enorme para, até onde as correntes permitissem, mudar a posição em que estava sentada. O desconforto instalara-se no meu corpo. A parede de madeira tosca fazia pressão contra as minhas costas. Sentia as pernas inchadas, o pescoço rígido e os ombros doridos por estarem esticados para um dos lados há horas. O lavatório ao qual estava presa ficava à minha direita e, por isso, a posição dos meus braços assemelhava-se à de um jogador de basebol à espera da bola para bater. E espera. E continua a esperar. O meu coração batia desenfreado. Onde se teria ele metido?

Tinha ido buscar a faca.

Pelo menos, era isso que eles faziam. Os psicopatas. Iam buscar uma faca, um machado, uma serra elétrica, com um sorriso nos lábios. Possuíam os seus próprios códigos loucos, pelo que a pergunta «como estás, Lena?» tinha sido, na realidade, outra muito diferente.

Na realidade dele, o homem perguntara-me se eu estava preparada para morrer, e eu mostrara-me disposta a isso com a minha silenciosa anuência. Dera-lhe permissão. Naquele preciso instante devia estar a admirar a longa e larga lâmina da sua faca preferida. A girar o cabo para poder ver o seu rosto

refletido no metal. A imaginar como ele se afundaria facilmente na minha carne, como requereria um esforço mínimo para me cortar os músculos teimosos, as artérias e as veias.

Hiperventilei na minha mordaça. A qualquer momento, o homem cruzaria a porta com uma faca na mão. Estaria morta antes mesmo de as buscas para me encontrarem terem sequer começado. «Típico», pensaria a minha mãe ao ver que, mais uma vez, eu não aparecia para tomar café ao fim de semana, como ficara prometido. Apenas «típico», não «alguma coisa se deve passar». E a Kirsten? A Kirsten talvez chegasse mesmo a concluir que o fizera de propósito, com alguma intenção retorcida. «Sempre gostou muito de dramatizar…», ouço a voz dela dizer na minha mente.

A qualquer momento.

Agora. A porta. O homem regressara.

As minhas pálpebras começaram a tremer. O meu coração e a minha respiração aceleraram tanto que comecei a ficar tonta. Dobrei as pernas e retrocedi tudo o que pude contra a parede. Como que através de um espesso vidro fosco, vi-o acercar-se de mim, cada vez mais próximo, até que ficou mesmo à minha frente, com algo na mão – a faca.

– Tens sede, Lena?

Demorei alguns segundos a compreender o significado daquelas palavras e perceber que o objeto que o homem trazia na mão não era uma faca, mas sim uma garrafa de água.

– Tens sede, Lena? – repetiu ele.

Enquanto ele abria a garrafa, assenti ao ritmo das intensas batidas no interior do meu peito e grunhi como um animal ávido com a esperança de que ele me tirasse a mordaça. Só que isso não aconteceu. O homem manteve-se ali, em pé diante de mim, e balançou a garrafa à frente dos meus olhos. A sorrir.

Sacudi a cabeça, desorientada. O homem baixou a mão direita e depois levantou a esquerda, na qual segurava uma embalagem de tinta para o cabelo. A mulher na fotografia parecia muito contente com o seu novo cabelo loiro-

claro. A imagem despertou algo em mim, uma sensação desagradável que começou no estômago e logo alastrou a todo o meu corpo.

Circunspecto, o homem anuiu.

– Primeiro, vamos pintar o teu cabelo. Depois, poderás beber.

Calculei as minhas hipóteses. *Ao fim de dois ou três dias sem água, morres.*

– Leva o tempo que quiseres a pensar, não há problema.

Encolheu os ombros e virou-se para sair, mas eu vociferei contra a mordaça e bati no chão com os pés atados. O homem virou-se lentamente.

– É a decisão certa. E, como devemos sempre recompensar as decisões certas, podes beber agora um gole de água.

O homem pôs a embalagem de tinta na extremidade do lavatório, curvou-se, pousou a garrafa de água ao meu lado e desatou-me a mordaça. Depois, pegou na garrafa e desenroscou a tampa. Com uma mão levou-a à minha boca e com a outra segurou-me a nuca. Um gole era apenas um gole, como acabei por perceber. Ainda assim, agradeci-lhe e lambi uma gota perdida no meu lábio inferior.

– E agora vamos pôr-te bonita.

Ao levantar-se, os joelhos estalaram, mas logo se acercou da estante atrás de si. Quando se virou-se de novo, tinha uma tesoura na mão.

– Penso que tudo isto foi um enorme mal-entendido – comecei por dizer, com a voz rouca, enquanto ele cortava as abraçadeiras que me prendiam os pulsos. – Deves ter-me confundido com outra pessoa. Não me chamo Lena – continuei, e ele deteve-se entre a terceira e a quarta abraçadeira. – O meu nome é…

– Fica calada! – gritou ele, tão alto que me assustei. A última abraçadeira libertou as minhas mãos com um estalo. – Quantas vezes já te disse para não me mentires?

– Mas não estou a mentir…

– Eu disse-te para ficares calada!

O rosto dele tornou-se subitamente vermelho e surgiu-lhe uma veia a

latejar com fúria sob a pele na têmpora esquerda. O meu olhar recaiu na tesoura que segurava na mão.

– Desculpa – disse eu em voz baixa.

O homem resmungou algo, enquanto eu continuava a olhar para a tesoura.

– O que queres de mim? – perguntei com cautela.

Ele estendeu o braço até ao lavatório e trocou a tesoura pela embalagem de tinta.

– Quero pôr-te bonita, Lena.

Estas palavras explodiram na minha mente e paralisaram qualquer pensamento, geraram um curto-circuito mental. Soltei um grito agudo e desferi-lhe um golpe firme no peito, fazendo-o bater com a cabeça na cerâmica do lavatório.

– Merda!

De alguma forma, o meu corpo conseguiu lançar-se para a frente e levantar-se, ficando com a porta a apenas alguns metros de distância. As minhas pernas cambalearam, não suportavam o meu peso há já muito tempo, a circulação, *controla-te*, um movimento atrás de mim, a maçaneta da porta tão próxima. Tentei alcançá-la, quase lhe toquei, mas fui então puxada para trás. A mão dele agarrara-me pelo cabelo e, ao puxar-me, aterrei de costas, com o couro cabeludo a arder-me como se estivesse em chamas. Agarrei-lhe o antebraço, tentei procurar apoio para os pés, enquanto ele gritava e eu também.

– És um monte de merda ingrato!

– O que queres de mim, seu doido varrido?

Arrastou-me de volta ao lavatório e atirou-me ao chão com força. Enrolei-me sobre mim mesma e solucei tanto que comecei a sufocar.

– Este mundo não tem remédio, Lena – começou ele a dizer, ofegante, mas perfeitamente calmo. – As pessoas tornaram-se umas ingratas. Ingratas e desrespeitosas. As promessas perderam o seu valor, ninguém quer assumir compromissos. E quem se lembra ainda da importância das regras quando por toda a parte nos insinuam que não temos de cumprir nenhuma? Estás confusa.

Ainda assim, tenho de te recordar as consequências do teu mau comportamento.

Ficou calado para que estas palavras pudessem ser absorvidas. Ouvi-o respirar fundo e, seguindo um pressentimento, fiz o mesmo. Depois, fechei os olhos. O primeiro pontapé que me deu foi no estômago.

Sabes, Lena, naquela altura eu ainda não tinha nenhuma ideia do que ele queria dizer com «regras», mas compreendi claramente uma delas. Eu teria de ser tu – ou seria morta. Chama-lhe condicionamento instantâneo, se quiseres. Chama-me cobarde ou louca, tanto me faz. Mas, por favor, não aches estranho que, quando o polícia me perguntou como me chamava, num primeiro momento só me tenha saído uma resposta: «Lena. Chamo-me Lena.»

– Apelido?

O polícia de Cham tira do bolso do casaco um pequeno bloco de notas e uma caneta. O tom que ressoa na sua breve pergunta não me escapa.

Abano a cabeça. A Lena não tem apelido.

– Bom, pelo menos sabemos que não é a Lena Beck – afirma Munique, deslizando até à ponta da sua cadeira.

Levo a mão à testa, ao sítio onde a cicatriz me começou a doer. Não sei se a dor se deve ao olhar penetrante do polícia ou à transpiração que liberto por todos os poros do meu corpo.

– Quem é você? – pergunta o Cham outra vez, com calma, enfatizando cada palavra.

Numa questão de segundos, a minha resposta parece ter-me convertido numa impostora, sendo impossível ignorá-lo. E talvez a suspeição na voz do Cham tenha razão de ser. Talvez eu seja uma impostora. E talvez a culpa não seja só do teu marido, mas igualmente minha. Continua a ser mais fácil convencer-me de que todas aquelas coisas horríveis aconteceram à Lena e não à Jasmin.

Algures num qualquer canto do mundo, a Jasmin vive uma vida feliz.

Respira o ar depois de ter chovido. Briga pelo primeiro quadrado e pelo último de uma tablete de chocolate. Desfruta do aroma das frésias. Dança e berra canções de David Bowie. Depois de uma noitada, partilha com alguém uma cerveja e uma salsicha com caril, num enorme equívoco que considera ser amor. A Jasmin, livre e sem restrições, experimenta todas as coisas boas e tolas que compõem a vida. As coisas que eu tentava recordar quando o teu marido se deitava sobre mim e eu, na realidade, apenas queria morrer.

Lambo as lágrimas e ergo o rosto.

Munique tosse levemente.

– Deixe que lhe explique uma coisa, *Lena*…

Matthias

No horizonte, a aurora vai engolindo tiras de céu cinzento-claro. Praticamente consegue ver-se como o novo dia devora a noite. São quase cinco horas. Estou junto à janela do quarto de hospital onde esperamos pelo Gerd e o Giesner. A Karin continua sentada na cama. Vejo-a balançar as pernas no reflexo do vidro da janela. Tem a cabeça curvada e esfrega as mãos no colo. De vez em quando, solta um ligeiro suspiro. Na minha mente, recupero a última hora e tento compreender. A mulher que pensámos ser a nossa Lena desaparecida é uma estranha. Por um instante, os meus pensamentos voltam a centrar-se no Gerd. Gerd, o falhado a quem temos de agradecer toda esta agitação. Juntou os nossos últimos e miseráveis restos de esperança numa pequena pilha e pegou-lhes fogo intencionalmente. Tudo o que resta agora são cinzas.

Contemplo o céu numa investida de fé cristã. Já estás aí em cima há algum tempo, Lena, não é verdade?

Só me apercebo de que comecei a soluçar quando o rosto da Karin aparece

junto ao meu no reflexo da janela. Sinto a mão dela nas minhas costas. A Karin apoia a cabeça no meu ombro e fecha os olhos. Ambos sabemos. Se a Lena não reapareceu esta noite, teremos de nos resignar em definitivo à ideia de que não regressará a casa, nunca mais. Mas agora, na fria realidade do hospital, tal ideia afigura-se de súbito muito diferente face a momentos anteriores, quando estávamos sentados no sofá da sala ou quando, à noite, na cama, enumerávamos os cenários do que poderia ter acontecido à nossa filha. Até agora, tinham sido teorias com certa margem de manobra. Compreendo que, durante os últimos catorze anos, essa margem foi o minúsculo e único lugar onde pudemos existir, onde tivemos ar para respirar. Agora, já não temos qualquer espaço. Flutuamos no vazio algures, lá em cima, no céu, como dois astronautas tristes a quem cortaram o tubo de ar. Aperto a mão da Karin. Não quero ficar à deriva sozinho lá fora, na escuridão do vazio. A Karin assente, como se fosse capaz de ler os meus pensamentos. Abraço-a, apertando-a contra mim o mais que consigo. O coração da minha mulher bate junto ao meu. No céu, um novo dia. Hannah, é então assim que ela se chama. Deste-lhe o nome da minha mãe. É bonito, Lena. É muito bonito.

Lena

– Era uma estudante universitária de Munique, com vinte e três anos, uma dessas jovens despreocupadas. Estava no segundo ano da formação de professores. O pai garante que ela queria ser professora desde muito nova. Eu, pelo contrário, estava certo de que iria fazer algo artístico. Escritora, talvez. Tinha uma imaginação muito fértil e era capaz de inventar as histórias mais incríveis. Ou atriz, isso também lhe teria assentado bem. Em todo o caso, era uma dessas raparigas que nos fazem virar a cabeça. Dessas que entram numa sala e só têm de sorrir para deixar sem palavras os presentes. Cabelo comprido

e loiro, olhos azuis, uma bela figura. Desapareceu quando regressava a casa depois de uma festa de estudantes. Sem deixar rasto nem qualquer pista, desapareceu simplesmente. Sem testemunhas, nada. Os últimos a vê-la foram os outros convidados da festa, que afirmaram que ela tinha consumido algumas bebidas alcoólicas e talvez algo mais, sabe. Surgiram muitas teorias. O trajeto para casa deve tê-la levado pela margem do Isar e feito cruzar a ponte de Reichenbach. Talvez tenha caído ao rio e se tenha afogado. Tivemos mergulhadores a procurá-la várias vezes, mas não encontrámos nada. Investigámos o namorado, mas ele não podia estar relacionado com o desaparecimento, ainda que o pai da Lena se tenha negado a admiti-lo durante muito tempo. Também era concebível que se tratasse de um sequestro, mas nunca houve pedido de resgate. Podia, contudo, não ter sido obra de um único criminoso. Ela podia ter caído nas mãos de uma rede de traficantes de pessoas. Sequestrada e vendida no estrangeiro, obrigada a prostituir-se, certamente já ouviu falar destes casos. Bom, como vê, as possibilidades são inúmeras. A verdade é que não sabemos o que aconteceu à Lena Beck há catorze anos. Permanece um mistério até hoje. Naquela altura, prometi ao pai dela que a iria encontrar. Sabe o que nos ensinam no início da nossa formação? Não? Nunca fazer promessas. As pessoas ficam destroçadas quando as promessas não são cumpridas. E este pai está destroçado, acredite. Sente muita falta da filha, ainda, todos os dias. Eu também sinto falta dela, todos nós sentimos. A Lena tinha uma cicatriz como a sua. Com quatro ou cinco anos, caiu e bateu com a cabeça no canto de uma estante. E aconteceu precisamente na minha sala de estar, acredita? O pai dela ficou desaustinado. Como foi que fez essa?

Creio que é primeira vez que respiro desde que Munique me começou a falar de ti. O mesmo parece aplicar-se a Cham, pois ouço-o inspirar fundo.

– Foi ele quem ma fez – esclareço, tocando com cuidado no sítio que continuará certamente a marcar-me muito depois de os cortes que sofri no acidente terem sarado.

– Pode dizer-me quem é «ele»?

Anuindo, respondo:

– O homem que me sequestrou.

O homem que me chamou Lena e me deu uma tareia.

Depois de me atacar, fiquei enrolada sobre mim mesma no sítio onde estava, no chão, à direita do lavatório. Segurei com força no meu punho o dente que cuspi enquanto ele me dava pontapés. Contei seis pontapés e três murros. Embora depois me tivesse deixado em paz, ainda via luzes brilhantes a explodir diante dos meus olhos abertos ou fechados, uma espécie de fogo de artifício gerado pela dor. Sentia o corpo como uma enorme nódoa negra sob pressão constante.

O homem estava de pé a meu lado, massajando os nós dos dedos.

– Podemos continuar agora, Lena?

Sem esperar pela minha resposta, curvou-se, agarrou-me os pulsos como se as suas mãos fossem um torno e pôs-me de pé. Limitei-me a gemer. As minhas pernas não me sustiveram e caí nesse mesmo instante.

– Tens de te esforçar um pouco, Lena.

Desta vez, pegou em mim por baixo das axilas e levantou-me. Depois, arrastou-me até ao lavatório, sobre o qual havia um espelho. Era um espelho velho e gasto que não refletia mais do que o meu rosto desvanecido. Ainda assim, pude distinguir o rasto castanho de sangue seco que me ia do nariz ao queixo. Segurei-me ao lavatório em busca de apoio e fiquei a olhar para o ralo.

– Ai, Lena – disse ele junto à minha nuca. – Tivemos um início muito mau. – Pôs os braços à volta da minha cintura e começou a desabotoar-me as calças. – É melhor que te lavemos primeiro. Verás que depois te vais sentir como nova.

Este, já agora, é um dos episódios que acabaram no monte de coisas indizíveis, se te interessa. Um episódio que me provoca uma vergonha terrível porque não consegui resistir. Devia ter cravado o meu cotovelo na barriga dele, tê-lo afastado de mim ou, pelo menos, ter gritado.

Jasmin jamais teria deixado que lhe fizessem isto. Não teria esperado

quieta enquanto ele enchia o lavatório com água de um bidão. Não teria ficado ali nua diante dele, com os braços caídos e as pernas abertas, nem teria deixado que ele a lavasse. Não teria permitido que lhe esfregassem o corpo inteiro com uma esponja áspera até ficar com a pele vermelha e dorida. Não teria suportado sem protestar que lhe pintassem o cabelo de loiro ou chorado em silêncio pelo molar, que acabara no rebordo do lavatório, dentro de uma pequena poça de sangue acastanhado e salpicos de água. Quando ele me despiu, reparou que, em algum momento daquele dia, eu urinara nas calças.

– Vá, tens de aprender a controlar-te – disse ele, levantando as sobrancelhas e torcendo o nariz. – Já és uma mulher adulta, Lena.

Jasmin não se teria desculpado timidamente. Ter-lhe-ia cuspido na cara e gritado um «vai-te foder!».

Eu, pelo contrário, assenti obedientemente quando ele escorreu a esponja uma última vez e perguntou:

– Está muito melhor, não está?

Deixei que ele me secasse, que me aplicasse a tinta, que me esfregasse a cabeça e me penteasse o cabelo húmido acabado de pintar. Acabei mesmo por lhe agradecer quando me passou para as mãos a garrafa de água. Como recompensa, disse ele.

– E agora vamos vestir-te, Lena. Deves estar morta de frio.

Na estante havia roupa preparada para mim. Não sei se estava ali desde o princípio ou se ele a trouxera mais tarde. Roupa interior branca, umas meias finas com brilho acetinado, uma blusa branca, uma saia escura pelo joelho e uns sapatos com tiras um número abaixo do meu. Passei os olhos pelas minhas próprias coisas, que estavam amontoadas por baixo do lavatório, e voltei a fixá-los na estante, identificando o meu saco de viagem numa das prateleiras superiores, fora de alcance. Parecia enrugado, como um invólucro vazio. O mais provável é que ele tivesse tirado tudo lá de dentro.

– Dizem que nunca devemos julgar um livro pela capa – comentou ele.

Tentei não olhar quando se baixou, segurando as cuecas brancas e

enfiando-as pelas minhas pernas. Inclinei a cabeça para trás e fiquei a mirar o teto.

– Mas a verdade é que uma roupa feia torna uma mulher feia.

Entre as vigas de madeira vi uma agradável teia de aranha que me podia distrair do toque dele enquanto me punha o sutiã. *A dona Aranha subiu pela parede*, trauteei mentalmente. A minha mãe costumava cantar-me esta canção quando eu era pequena e ela ainda era a minha mãe. Sentava-se na beira da minha cama e fazia uns gestos divertidos com os dedos para imitar os movimentos da pequena aranha. *Veio a chuva forte que a fez cair…*

– Terás de seguir as minhas regras, Lena. Ordem, limpeza, disciplina, respeito, honestidade, fidelidade, lealdade. Sempre que eu entrar numa das divisões da casa em que tu estejas, terás de te pôr numa posição em que me seja possível ver-te e estenderás as mãos. Entendido? Pretendo verificar se tens as unhas limpas e assegurar-me de que não escondes nada que possa causar danos, tanto a mim como, em última análise, a ti. Poderás usar a casa de banho às sete da manhã, ao meio-dia e meia, às cinco da tarde e às oito da noite. Tratarei de te ajudar com a higiene pessoal. Infelizmente, não temos água canalizada aqui, apenas estes bidões. – Apontou com a cabeça para os bidões que eu já tinha visto. – Mas é o que basta, desde que não gastemos demasiada água. Em contrapartida, temos um gerador de eletricidade e estamos bem equipados. Gostarás de aqui estar.

Puxou o fecho da minha saia para cima com um ruído seco e ajustou os ombros da minha blusa, antes de se pôr à minha frente e passar os dedos abertos pelo meu cabelo.

– Não penses que não podemos falar um com o outro, Lena. É claro que podemos. Quero que sejas feliz e prometo que farei tudo para que tal aconteça. No entanto, em troca, precisarei de ter a segurança de que entendeste as regras e, sobretudo, de que as seguirás. Caso contrário, a nossa convivência não funcionará. – Olhou-me de alto a baixo. – Quase perfeita.

Convivência, a palavra ressoou na minha cabeça, *convivência*, enquanto ele pegava no batom que também estava na estante, *convivência*. Pôs-me o

batom nos lábios com movimentos pouco precisos.

– Só falta uma coisa.

Com a mão esquerda, agarrou-me a parte de trás do pescoço e, com a direita, voltou a deixar o batom na estante, substituindo-o pela tesoura com que tinha cortado as abraçadeiras dos meus pulsos. Comecei a ficar com a respiração descontrolada. O aperto no meu pescoço tornou-se mais forte. A tesoura afundou-se na minha testa. O sangue escorreu-me pelas orelhas e entrou-me no olho direito.

Tu tens uma cicatriz, Lena.

Eu também teria uma em breve.

– Logo veremos se é o suficiente – disse ele, enquanto me passava com a esponja um pouco abaixo da linha do cabelo. Se não for, teremos de lhe dar um retoque. É melhor que aguentes a esponja aí durante um bocado para não ficares com a blusa suja. – Dirigiu a minha mão para a minha própria testa. – Segura-a com força, Lena. Seria uma pena se a blusa ficasse manchada.

Apertei a esponja contra a testa e soltei um gemido.

– Devíamos tê-lo feito antes de te teres vestido. Não sei como não pensei nisso. É a tua blusa preferida.

Deixei de conseguir ver. Havia sangue nos meus olhos e as minhas pálpebras tremiam. Tive então uma quebra de tensão, a sala inclinou-se, ficou de pernas para o ar e eu caí em câmara lenta, batendo no chão e desmaiando.

A primeira coisa de que me lembro ao recuperar os sentidos foi abrir os olhos e tentar desesperadamente respirar, como se tivesse estado debaixo de água durante muito tempo. Estava deitada de costas sobre algo macio, e sentia a testa latejar com uma dor forte. Vi por cima de mim umas tiras castanhas difusas que, alguns instantes depois, percebi serem as vigas de madeira de um teto. Tentei sentar-me, mas não consegui. Os fragmentos de informação que conseguia assimilar fizeram-me concluir que estava numa sala de estar. Uma carpete grossa, um antiquado fogão a lenha de ferro fundido no qual havia

fogo, uma parede de livros. A superfície sob o meu corpo cedeu. Um sofá, compreendi, estava deitada num sofá, envolta numa manta de lã e com uma almofada debaixo da barriga das pernas, certamente para me estabilizar a tensão. Alguém estava sentado a meu lado. Uma mão tocou na minha. Uma mão pequena.

– Estás acordada? – ouvi sussurrar uma voz infantil, antes de o rosto de um menino aparecer no meu campo de visão.

Tinha a pele muito branca, uma cara delgada e bonita com olhos azul-claros e finos caracóis negros. Observei-o como se fosse uma obra de arte que me parecia ao mesmo tempo bela e repulsiva.

– Jonathan! – chamou outra voz.

Fechei os olhos e voltei a sentir um movimento por baixo do meu corpo quando o menino se levantou, sobressaltado.

– Não a queria acordar, papá! Só ver se tinha acabado de descansar.

Papá. Era filho dele. O monstro tinha um filho.

– Podes ir preparar o tabuleiro de xadrez, Jonathan – ouvi, e depois: – Lena…

Mais uma vez, a base do sofá baixou com o peso de um outro corpo.

– Abre os olhos, Lena. Sei que estás acordada.

Pisquei os olhos.

– Estás linda – disse ele, afastando um fio de cabelo do meu rosto. Fixou a vista num ponto específico da minha testa. – Julgo que ficou bem. Voltei a trabalhá-la um pouco com a faca e cosi-a logo de seguida.

Da minha garganta saiu um som seco.

– Ai, vá lá, Lena. De qualquer forma, estavas inconsciente e não sentiste nada. – Sorriu. – Não te podia ter corrido melhor, não achas?

Ergui uma mão trémula para tocar na testa. Senti os pontos e a extremidade pontiaguda de um fio picou-me o dedo. Nesse momento, ele agarrou-me a mão e voltou a pô-la para baixo.

– Não lhe toques, Lena, para a ferida não ficar infetada. Dentro de alguns dias já poderemos tirar os pontos.

Comecei a soluçar.

– Por favor, tens de me deixar ir. Quero regressar a casa.

O homem inclinou-se para a frente, ficando tão perto de mim que as pontas dos nossos narizes quase se tocaram. Nesse movimento, o peso dele recaiu dolorosamente sobre o meu torso, magoado pelos murros e pontapés que me tinha dado.

– Já estás em casa, Lena – devolveu-me num sussurro, beijando-me depois a testa.

Virei a cabeça e afundei a cara no forro do encosto do sofá, cujo leve odor a humidade me recordou os móveis da casa dos meus avós. Em resposta, ele enfiou bruscamente a mão entre o forro e a minha face e virou-me a cara, forçando-me a olhá-lo nos olhos.

– Faz um favor a ti mesma e pensa, Lena. Pergunta-te se estou a brincar. Se te estou a tentar assustar. Ou se seria capaz de te matar.

– Não é brincadeira nenhuma – obriguei-me a dizer.

Custava-me cada vez mais respirar, sob o peso do corpo dele. Em contrapartida, pelo menos em parte, o meu cérebro parecia ter voltado a funcionar. E o pensamento que se formou nesse instante era muito claro, um pensamento que talvez até já ali estivesse havia algum tempo, mas que se tinha enredado com outras ideias: as roupas que estava a usar.

– Só te explicarei isto uma vez, Lena. Por isso, escuta bem.

A roupa interior, as meias, a saia, a blusa e, sobretudo, os sapatos, que me estavam pequenos. Era evidente que tinham pertencido a outra pessoa.

– A partir de agora, serás uma boa mãe e esposa, e seguirás as minhas regras. Percebeste?

– Onde está a mãe do teu filho?

Por um momento, pareceu realmente surpreendido.

– Onde está a mãe dele? – voltei a perguntar, desta vez com mais veemência.

O coração saltou-me do peito e senti que me palpitava na garganta.

– *Tu* és a mãe dele.

O homem sentou-se direito. Inadvertidamente, suspirei de alívio ao poder respirar de novo à vontade, sem o peso do corpo dele sobre o meu torso.

– E agora, levanta-te. Já descansaste o suficiente.

Havia uma outra criança, uma menina. Só me dei conta dela quando ele me ajudou a sentar. Estava no vão de uma porta desengonçada, rígida como uma vara, com um pijama que lhe ficava demasiado grande e o rosto sério e pálido, há não sei quanto tempo. A menina parecia apertar contra o peito algo que percebi ter uma pelugem de manchas vermelhas. E orelhas. Um pequeno animal.

– Hannah – disse ele –, a mamã já acordou.

A expressão da menina não mudou. Julguei-a mais nova do que o menino. Era mais pequena e mais frágil do que ele, com o mesmo queixo afilado e os mesmos caracóis finos, embora loiros. O monstro tinha um filho e uma filha.

– Vá, aproxima-te, Hannah – disse-lhe ele, acenando com impaciência. – Não tenhas medo, vem cá e traz a *Menina Tinky* contigo. A mamã regressou finalmente a casa.

A filha semicerrou os olhos, que ficaram a parecer duas ranhuras. Naturalmente, terá percebido que havia ali algo que não batia certo. No sofá da sala estava uma mulher estranha encolhida. Terá compreendido que eu não era a sua mãe. Os meus lábios formaram um silencioso «ajuda-me».

A menina observou-me, com os olhos semicerrados, sem pestanejar. Depois, deu um salto para trás e desapareceu no corredor ou na sala contígua.

Desorientada, levei a mão à boca e tapei-a, enquanto arfava e o meu corpo era fulminado por um pânico frio. Os meus ouvidos rugiam. Como que de muito longe, ouvi a voz dele:

– As crianças sentiram muitas saudades tuas. Têm muito para pôr em dia.

– Mas isso… não é possível – ouvi a minha própria voz dizer, soando estranha e distorcida.

– São os teus filhos. E eu sou o teu marido. Somos uma família feliz.

– Não são meus filhos – choramingou a voz distorcida.

– Somos uma família feliz. E eu sou o teu marido – repetiu ele. – Sou o teu marido e eles são os teus filhos. Além de nós, não tens mais ninguém. É melhor que entendas isto.

A minha cabeça oscilou sem coordenação. Queria negar, mas parecia que me tinha subitamente esquecido de como o fazer. Nesse momento, a mão dele saiu disparada, agarrou-me a boca e apertou-me os maxilares com força. Os olhos do homem faiscavam e os dentes rangiam. Um predador, um caçador, um monstro e, a partir de então, meu marido. Um marido que não brincava, algo que parecia querer frisar naquele momento, ao perguntar:

– Sabes como soa o crânio de alguém quando o partes, Lena? Soa como quando atiras uma melancia ao chão. Pum!

Sobressaltada, encolhi-me.

– É assim que soa: pum! Um som interessante.

Os polícias não dizem nada. Limitam-se a ficar sentados em silêncio, com os rostos subitamente vazios, sem nenhuma expressão que possa interpretar. Sou invadida pelo medo irracional de ter dito algo errado. E depois há outra sensação ainda, fria e retorcida: culpa. Sinto-me culpada porque tenho uma cicatriz que te pertence.

– Raptou-me para dar uma nova mãe aos filhos – digo, resumindo muito e, exausta, afundando-me na almofada, talvez também para fugir aos seus olhares. Fixo a vista no teto. – Que dia é hoje? – pergunto.

Hannah

A enfermeira Ruth preparou-me outro chá e está agora a fazer-me um pão com manteiga. Usa uma faca da gaveta dos talheres que alguém se deve ter esquecido de fechar à chave. Transmiti-lhe que não era hora de comer, mas

penso que ela se assustou quando o meu estômago fez um barulho muito forte. Na realidade, sendo enfermeira, devia saber que é apenas ar que tenho na barriga, não alguma coisa perigosa que me possa fazer ficar doente. Mas provavelmente não me escutou com atenção quando lhe tentei explicar como se produzem estes ruídos e o que isso significa. Em vez disso, começou a pedir desculpa por, ao fim daquelas horas todas, não me ter dado nada para comer.

– Bom, querida – diz ela, pondo um prato diante de mim, na mesa, em cima do desenho que fiz da minha família.

Por baixo, só se fica a ver a cabeça do papá com a mancha vermelha de um dos lados, porque ele é o mais alto de todos. Nós, os restantes, desaparecemos debaixo do prato.

– A cafetaria abre às sete e poderemos então ir buscar-te mais alguma coisa. Às quartas têm sempre uns folhados de maçã deliciosos. Tens de os provar.

Agradeço. Devemos ser sempre educados.

– Bom, podes comer, Hannah – diz a enfermeira Ruth.

Pego na fatia de pão dobrada em duas e dou-lhe uma pequena dentada. O papá também nos traz pão sempre que vai fazer compras, mas nunca mais do que um, porque o pão depressa ganha bolor e o bolor não é bom para a saúde.

A enfermeira Ruth está de pé junto à mesa e observa-me enquanto como.

– Quando acabares, devias deitar-te um bocado – diz ela, apontando com a cabeça para a cama na parede do lado esquerdo, junto ao grande armário metálico. – Foi uma noite muito longa para ti. Far-te-á bem dormir um pouco.

– Pensava que íamos ver a minha mamã – contraponho, pousando o pão no prato.

– Sim, também o faremos, claro. Mas primeiro quero falar com os polícias.

– Por causa do avô?

A enfermeira tira o pão do prato e volta a pôr-mo na mão.

– Também por isso. Come um pouco, por favor, Hannah. Eu sei que estás provavelmente demasiado agitada para comer, mas tenta dar só umas

dentadas, sim?

Dou cinco porque me parece que o cinco é um bom número. Uma por cada pessoa da minha família. Uma pela mamã, uma pelo papá, uma pela *Menina Tinky*, uma por mim mesma e uma especialmente grande pelo Jonathan, porque tem de limpar a carpete.

– Não consegues mais? – pergunta a enfermeira Ruth.

Abano a cabeça. O pão tem agora os contornos de África. A seguir à Ásia, África é o maior continente da Terra. Vivem lá leões, zebras e chacais de dorso negro.

– Está bem, vamos lá – diz a enfermeira Ruth, puxando a minha cadeira para que eu me possa levantar.

A cama da sala de repouso é boa e dura, mas não tem roupa de cama, apenas um lençol. A enfermeira Ruth vai buscar uma almofada e uma manta enrolada ao armário metálico e aconchega-me. Os meus olhos fecham-se de imediato, mas não quero dormir, pois receio perder o momento de finalmente poder ir ver a mamã. A enfermeira Ruth senta-se ao meu lado na beira da cama. Sinto-a a acariciar o meu cabelo e imagino que ela é a minha mamã.

– Queres que te conte uma história para dormir? – pergunta a voz dela.

Digo que sim com a cabeça.

– Tens alguma preferida?

– Gosto quando a mamã me fala das estrelas – sussurro. Não é um segredo para ter de sussurrar, mas sinto logo a minha voz muito cansada.

– As estrelas. Muito bem – diz a enfermeira Ruth. – Deixa-me pensar um pouco… Sim, já sei. É uma história que a minha filha aprendeu no infantário e que me pedia para contar também em casa antes de dormir. Sobretudo quando estava triste e precisava de um pouco de ânimo.

– Nina, a gulosona – sussurro com a minha voz cansada.

– Sim – ri a enfermeira Ruth. – Nina, a gulosona. Bom, vamos lá. Era uma vez duas estrelas. Uma maior, que emanava um brilho vermelho, e uma outra mais pequena, cuja luz era um pouco mais apagada. E eram as duas muito amigas. Dormiam ambas durante o dia para assim descansarem e poderem

brincar juntas no céu depois de irromperem com o anoitecer. A estrela pequena admirava a sua amiga grande, reluzente e vermelha, e esforçava-se muito por brilhar, se possível, com uma luz igualmente bonita. Certo dia, ao entardecer, enquanto o céu começava a ganhar tons cinzentos, mas a noite ainda demorava a chegar, um valente estouro despertou a estrela pequena do seu sonho. Sobressaltada, olhou em redor, mas não conseguiu identificar a causa daquele ruído ensurdecedor. Junto a ela, ouviu a sua amiga grande e vermelha dizer com voz tranquila: «Está tudo bem, estrelita. Não tenhas medo e dorme mais um bocadinho. Prometo que esta noite brilharei com uma claridade especial só para ti.» E assim foi: nessa noite, a amiga grande brilhou com mais intensidade do que nunca, inclusivamente mais do que todas as outras estrelas da galáxia, e a estrela pequena admirou-a e ficou a gostar ainda mais dela. Nas noites seguintes, a amiga continuou a brilhar de uma forma magnífica no céu escuro, até que a estrela pequena acordou uma noite e ela tinha desaparecido. Muito assustada, olhou em redor, mas não encontrou a amiga em nenhum lado. A estrela pequena teve medo e ficou ainda mais receosa ao ver que estava rodeada por uma névoa misteriosa, densa e cinzenta. Começou a chamar a amiga, mas não obteve resposta. Então, começou a chorar muito porque adorava a sua companheira e se sentia muito só. As outras estrelas estavam demasiado longe para poder encontrar uma nova amiga entre elas e, além disso, nenhuma poderia jamais substituir a sua querida e grande amiga vermelha. Em desespero, a estrela pequena chamou por Deus, o maior poder que conhecia. E Deus acabou mesmo por aparecer e escutar os seus lamentos. A estrela pequena explicou-lhe que a amiga tinha desaparecido e que se sentia só, que aquela névoa densa lhe dava muito medo…

– Não era isso que eu queria dizer! – Durante um bom bocado fiz um grande esforço para continuar a escutar, mas agora tenho de interromper a enfermeira Ruth. É mal-educado, bem sei, mas quando uma pessoa comete um erro temos de a chamar à atenção. – Eu queria que me explicasses algo a sério sobre as estrelas, não que me contasses um conto.

– Ah – diz a enfermeira Ruth, coçando a cabeça. – Referes-te às constelações e essas coisas?

Faço uma expressão de confirmação.

– Ora bem, vais ter de me perdoar, Hannah. A verdade é que não entendo muito desses assuntos. Não queres, ainda assim, dar uma oportunidade à minha história? Vais ver que é muito bonita.

Digo que não com a cabeça e volto-me para o outro lado com o intuito de me distanciar da enfermeira Ruth.

– Não quero que Deus se intrometa na história. A minha mamã diz que Deus é um monstro.

Lena

É dia 16 de setembro, responde o Cham à minha pergunta sobre a data.

Quatro meses, portanto.

O teu marido manteve-me cativa quatro meses, Lena. Talvez penses que isso não é nada. Tu tiveste de o aguentar durante anos. Deste-lhe filhos e brincaram às famílias.

Lembro-me, porém, daquela primeira noite, sentada no sofá ao lado dele, paralisada pela perplexidade. Olhando-o de soslaio sem poder fazer mais do que admirar o seu disfarce. Um homem bem-parecido que mudara de roupa para a nossa «primeira noite especial», já não em calças de ganga e *T-shirt* desbotada, mas bem arranjado, com umas calças escuras e uma camisa azul-clara. Parecia que tinha acabado de chegar do escritório ou que estava prestes a sair para um encontro. Não era um monstro desgrenhado e malcheiroso, com cara bexigosa e olhos negros e vazios, como num filme de terror. Também me lembro de observar os teus filhos, que também pareciam normais, completamente normais e ao mesmo tempo não. Como podiam eles tagarelar

alegremente junto ao fogão a lenha enquanto, de pijama vestido, aqueciam ali as mãos? Até mesmo a menina, que antes me tinha observado desconfiada com os olhos semicerrados a partir do vão da porta, ria de contente ao deixar a gata sobre os dedos dos pés descalços do irmão.

– Morde-o, *Menina Tinky!* – gritava ela.

E tudo o que eu conseguia pensar era que aquilo não podia estar a acontecer, que aquilo não era real.

Também me lembro de chorar por ti naquela noite, Lena. Chorar pela mulher cujos sapatos tinha calçados. A pobre mulher da cabana que tivera de estar ali antes de mim. A mulher que, tanto quanto podia compreender, estava morta, pum!, com a cabeça aberta. Os teus sapatos eram uma advertência muito desoladora. E, ainda assim, soube de imediato que não iria entrar neste jogo demente e doentio. Soube que me recomporia e reuniria forças, que recuperaria dos seus ataques, dos seus murros e pontapés, e que encontraria forma de sair dali. Ou ele ou eu. Um dos dois – creio que o fim inevitável foi claro para mim desde a primeira noite.

Já tinha identificado a saída. A porta em questão era feita de madeira e estava fechada com dois cadeados. Havia um tilintar no bolso das calças quando ele se mexia e, por isso, assumi que andava sempre com as chaves. A porta ficava à minha esquerda, a apenas alguns metros do sofá em que estava sentada com ele. Não havia nenhum corredor ou zona de entrada separada. A porta abria diretamente para a divisão em que nos encontrávamos, uma mistura de sala de estar e cozinha. Do outro lado, mais para o interior da cabana, adivinhava-se para lá de uma passagem um pequeno corredor que conduzia aos quartos e à arrecadação onde eu tinha acordado depois do sequestro. Havia também, provavelmente, uma casa de banho ou, pelo menos, uma sanita. Embora desejasse que ele me mostrasse o quanto antes o resto das divisões para me poder orientar melhor e estudar as possibilidades de fuga, não deixava de ter um forte pressentimento do que se seguiria quando ele desse a noite por terminada e me levasse para a cama. Por momentos, alimentei a ingénua e ténue esperança de que simplesmente me encaminhasse

outra vez para a arrecadação e me prendesse ao lavatório durante a noite.

Desde logo, tive de descartar como possibilidade de fuga as janelas, pelo menos as da sala. Estavam tapadas com painéis de isolamento. Era ele quem criava o dia e a noite. Como Deus. Só esta ideia fez-me sentir o sabor da bílis. Pelo canto do olho, tinha contado o número de parafusos: mais de quarenta por janela. Sem uma ferramenta adequada, nunca conseguiria desaparafusá-los.

A porta à minha esquerda parecia, naquele momento, a única opção. Era ela que dava para o exterior, independentemente do que estivesse do outro lado, mas, em todo o caso, para a rua. Tinha de conseguir a chave. Ou matá-lo. Para isso, porém, precisava de algum tipo de arma. Centrei o olhar no extremo oposto da sala, na zona de refeições. As quatro cadeiras dispostas em redor da mesa pareciam ser de madeira maciça, mas também se encontravam fixadas ao chão com esquadros de metal. A parede atrás estava ocupada por uma pequena cozinha. Fixei-me na bancada vazia e nos cadeados. Cadeados em todos os malditos armários. Especulei um pouco em torno das gavetas, imaginando-me a tirar uma faca, de preferência uma daquelas bastante afiadas que cortam tudo, até a carne. Porém, na verdade, suspeitava de que estivessem vazias.

Ouvi-me suspirar.

– Estás cansada, Lena? Preferes ir já para a cama?

Estremeci.

– Não, não. Estou bem, obrigada.

Levantou o braço pesado dos meus ombros e olhou para o relógio de pulso. Vi a esfera do relógio. Pouco passava das sete e meia.

– Meninos, a mamã tem razão. Já é tarde. Está na hora de dormir.

As crianças começaram a protestar.

– Nada de refilar! Quando a mamã fala, têm de a ouvir!

A menina encarou-me com um semblante carregado.

– Podem com certeza ficar levantados um pouco mais – comentei com cautela.

– Não, já é tarde – disse ele, erguendo-se do sofá como que para os enxotar. – Vamos, os dois, lavar os dentes!

Obedientemente, as crianças puseram-se de pé.

– A *Menina Tinky* pode dormir connosco, papá? – perguntou a filha.

– Não, vai ficar na sala, caso contrário vais passar outra noite sem dormir – respondeu ele, virando-se depois para mim. – Vens, por favor?

De algum modo, consegui levantar a ferida sobredimensionada que era o meu corpo e pô-lo numa posição vertical. O teu marido agarrou-me o braço para me apoiar. Arrastei-me atrás das crianças com passos cuidadosos, saí da sala e cruzei um corredor estreito.

As crianças pararam diante de uma porta trancada que se encontrava à direita. Ele passou ao meu lado, estendeu o braço para alcançar a chave guardada no topo da moldura da porta e abriu a fechadura. As crianças apressaram-se a entrar. Ele voltou-se para mim, guardou a chave no bolso das calças com um sorriso irónico e fez-me sinal para entrar também.

A casa de banho era muito estreita e mal tinha espaço para os quatro. À esquerda, estava instalado um lavatório, com um bidão de água por baixo. Ao fundo, a sanita, que mais parecia um pequeno barril branco. À direita, uma velha banheira de zinco sem torneiras. Por cima da banheira, apenas a alguns centímetros do teto, reparei que havia na parede um buraco do tamanho de um punho, no qual fora inserido um bocado de tubo cortado. Supus que seria uma espécie de saída de ar, embora não parecesse estar a funcionar particularmente bem, pois a atmosfera tinha algo de viscoso e húmido. Não havia qualquer janela e, tal como na arrecadação, do teto pendia uma lâmpada sem candeeiro.

As crianças pegaram nas escovas de dentes, que estavam em dois copos de plástico coloridos na prateleira por cima do lavatório. A imagem destes copos pareceu-me absurda. Enquanto passava com a língua no buraco recente na gengiva, imaginei este homem, o teu marido, como milhares de outros clientes, a parar na secção de higiene oral do supermercado e a escolher com carinho os copos com ilustrações que pudessem agradar aos vossos filhos. No copo azul do menino, um cavaleiro montava o seu cavalo e, no copo rosa da

menina, uma princesa dançava num prado cheio de flores. Imaginei este homem junto à caixa a pagar os copos para as escovas de dentes, sem ninguém suspeitar de que aqueles utensílios não estavam destinados a um lar, mas a um buraco no qual se fechavam pessoas.

– Limpar a casa de banho é, naturalmente, uma tarefa da dona de casa. Mas não te preocupes, eu próprio tratarei da sanita.

Só mais tarde percebi o que ele queria dizer com aquilo. Como não havia água canalizada na cabana, utilizávamos uma sanita de compostagem na qual as fezes iam diretamente para um contentor cheio de húmus que tinha de ser esvaziado de tempos a tempos – lá fora. Essa, evidentemente, não era uma tarefa que a dona de casa pudesse realizar, pois para ela já não existia «lá fora».

– Bem – disse ele, olhando para o relógio de pulso. – Já passaram três minutos.

Como que obedecendo a uma ordem, as crianças cuspiram em sincronia a espuma da pasta de dentes no lavatório. Depois, uma logo seguida da outra, lavaram a cara com a água do bidão.

– Hoje será a mamã quem vos irá deitar – anunciou o pai com um sorriso rasgado.

– Boa, finalmente! – alegrou-se o menino, enquanto secava o rosto com uma toalha.

O teu marido conduziu-me até ao corredor e a menina saiu atrás de nós, fechando a porta. Não percebi o aparente compasso de espera, até que o menino saiu e a menina ocupou o lugar dele. Deduzi que o pai estava a permitir que os filhos fossem à sanita sem supervisão e vi aí o início de uma possibilidade de fuga, ainda que, num primeiro momento, só conseguisse pensar nos copos com ilustrações infantis. Seria bom se os conseguisse partir de alguma maneira. O plástico partido pode ser muito afiado, uma arma.

As crianças partilhavam um quarto minúsculo com espaço apenas para um beliche. As paredes de madeira estavam repletas de pinturas e desenhos

amarrotados feitos por elas. Procurei perceber o que tentavam representar, mas a luz, mais uma vez proveniente de uma única lâmpada despida, era fraca. Havia uma janela, evidentemente vedada. O menino subiu a escada para a cama de cima, enquanto a menina se enfiou na de baixo.

– Tens de te sentar aqui – informou-me ela de modo algo mecânico, acariciando ao de leve o espaço livre ao seu lado – É assim que fazes sempre.

Virei-me para o teu marido, que estava encostado à ombreira da porta, sorridente e de braços cruzados. Hesitante, aproximei-me da cama e sentei-me, com as costas e a cabeça curvadas para não bater na cama de cima.

– E agora vais contar-nos uma história. Como sempre.

– Eu…

– Olha, mamã! – A cara do menino apareceu de repente junto à minha. Estava dependurado sem mãos na tábua lateral que o protegia de possíveis quedas durante a noite. – Consigo voar!

– Está quieto, Jonathan – ciciou a menina. – Isso é perigoso. E, além disso, vamos ouvir agora uma história.

– Está bem – resmungou o menino, recolhendo-se. Por cima de mim, o colchão abaulou no estrado de ripas enquanto ele tentava encontrar uma posição confortável para dormir. – Quero uma de aviões.

A menina estalou a língua.

– Não és tu que decides. Eu sou a mais velha e, por isso, tenho o direito de escolher.

– Queres ser sempre tu a escolher!

– Sim, e com razão…

– Basta! – gritou o teu marido, assustando-nos aos três. – Já não há história esta noite. Levanta-te, Lena.

– Mas, papá – ouvi o menino dizer por cima de mim.

– Não. Nenhum dos dois se sabe comportar. Levanta-te já, Lena.

Não sei por que motivo permaneci sentada. Se por ter ficado paralisada pela repentina mudança de humor do pai das crianças ou por toda a situação, pela perversa normalidade de uma discussão entre irmãos nestas

circunstâncias tão chocantemente diferentes. Mas não me mexi, fiquei ali sentada a fitá-lo.

Os olhos do teu marido estreitaram-se.

– Levanta-te. Agora. Lena.

Não conseguia respirar. Cada palavra, e a forma com ele as enfatizou, foi como uma punhalada nos meus pulmões. Comecei a respirar superficialmente, quase a ofegar. Então, senti um ligeiro toque no joelho. A mão da tua filha. Olhei para ela.

– Tens de te levantar – murmurou ela, quase sem se fazer ouvir.

Por uma fração de segundo, olhámo-nos nos olhos. Depois, a tua filha voltou-se rapidamente para o outro lado, de modo que já só lhe via as costas delgadas, e puxou a manta até à altura dos ombros. Levantei-me como se estivesse num sonho, hipnotizada pela voz dela.

– Dá as boas-noites às crianças, Lena – disse o teu marido, sorrindo outra vez.

– Boa noite, crianças.

– Boa noite! – responderam elas em uníssono enquanto ele fechava a porta atrás de nós.

Tal como acontecera antes com a casa de banho, tirou a chave do topo da moldura da porta. Fechava-os durante a noite. Tapei a boca com a mão para abafar um gemido.

– Bom – disse ele, sorrindo, depois de voltar a deixar a chave no sítio. – E agora nós…

Estremeço. Há um som que vibra e passa despercebido durante alguns instantes, até que o Cham, aparentemente ausente, também estremece um pouco e o bloco de notas e a caneta, ao escorregarem-lhe do colo, caem no chão. O Cham deixa-os ali ficar. Em vez de os apanhar, tateia nervosamente o casaco, procura no seu interior e tira do bolso de dentro um telemóvel.

– Giesner – responde, gemendo o seu nome.

Tento retirar sentido do que chega em fragmentos do outro lado da linha,

mas os bipes incomodativos do eletrocardiógrafo tornam a tarefa difícil.

– Muito bem, um momento – diz ele, afastando o telemóvel da orelha e lançando-lhe um olhar penetrante. – Os elementos da nossa equipa encontraram a cabana. Deverão estar preparados para algo em particular quando entrarem?

Abano a cabeça.

– Bati-lhe com um globo de neve. Atingi-o com força… – Faço uma pausa e levo a mão a um dos lados da nuca.

– Deixou-o inconsciente?

Confirmo.

– Entrem – ordena Giesner ao telefone.

Afundo-me na almofada e fecho os olhos. Entre os meus pensamentos, ouço uma voz:

«Consegues ver como é bom viver aqui?»

«Sim, querido, é muito bom viver aqui», respondo em silêncio e sorrio.

Lena

– Lena?

– Hmm…?

– Será que nos pode contar mais?

Abro os olhos e tento erguer-me um pouco. De imediato, Munique levanta-se da sua cadeira para me pôr uma almofada atrás das costas, deixando-me assim mais confortável.

– Deem-me só um momento, sim?

O Munique assente, compreensivo, e o Cham diz:

– Leve o tempo de que precisar.

Pondero por onde voltar a começar. São tantas as coisas indizíveis, Lena.

Tenho de pôr parênteses astutos em torno de detalhes que os polícias não têm necessidade de saber. Mas tu, Lena, tu tens de saber o que ele fez comigo.

Desvio o olhar do Munique para o Cham. Perturbado, Munique esfrega as mãos. O Cham inclina-se para a frente na cadeira, suspira e recolhe o bloco de notas e a caneta que lhe tinham caído do colo quando o telemóvel tocara. Suponho que esperam agora o relato de uma violação, um episódio duro, brutal. Seria bastante compreensível que tivesse de me preparar mentalmente antes de poder contar algo dessa natureza. O que eles não imaginam é que houve muitas outras coisas.

Estas aqui são só para ti, Lena.

– Bom – disse ele, sorrindo, depois de voltar a deixar a chave no sítio. – E agora nós…

Retesei os ombros, endireitei as costas e cerrei os punhos. Esperava exatamente o mesmo que os polícias que tinham ouvido a minha história até este ponto.

Pensei em Kirsten, em como chegara a casa no ano anterior, a essa hora indistinta e cinzenta entre a noite e a manhã em que o mundo está ainda na cama e ninguém ouve os teus gritos abafados, nem se cruza contigo por acaso para te ajudar e tirar de cima de ti aquele animal. Pensei no modo como ela se deixou cair, deslizando pela parede do nosso corredor de entrada, com a cara arranhada e pálida como a de um cadáver e o vestido rasgado, e em como me agachei junto dela, mas sem me atrever a abraçá-la.

«Porque não desde luta?», perguntei eu, porque era demasiado parva ou estava demasiado cansada, não tendo ainda grande noção da realidade, porque acordara sobressaltada quando ouvira a Kirsten a irromper em casa. Porque estivera a dormir, como o mundo inteiro, quando a Kirsten fora agredida no pátio traseiro.

A Kirsten virou o seu rosto branco e estranho para mim e disse:

«Porque, naquele momento, estava morta. Já não tinha corpo. Nem braços para lhe bater, nem pernas para o pontapear. E a minha mente estava noutro

lugar.»

Era com isso que eu contava, Lena. Poder estar morta debaixo dele e apenas esperar que acabasse rapidamente. Mas, ao mesmo tempo, também me fiz forte, cerrei os punhos e endireitei as costas, embora ainda me doessem dos murros e dos pontapés que o teu marido me dera naquele dia. Ergui o queixo e olhei-o nos olhos. Pensei em Kirsten, que sobrevivera à sua própria morte. Que tinha sido tão forte. Eu também o seria. Mesmo que ele tomasse o meu corpo, não teria a minha mente.

– Vamos lá – gritei numa mistura de provocação e arrogância. – Acabemos com isto o quanto antes.

Vi como o rosto dele se descompôs, Lena. Como os traços se desfizeram e toda a fachada ruiu, levando-o a precisar de uns instantes para se recompor. Apanhara-o desprevenido. O olho esquerdo dele tremia e o sorriso que esboçava parecia inseguro. Contudo, continuava a ser mais forte do que eu. Ele era o homem que não brincava, ele era Deus e eu um verme, e teria de me provar isso mesmo. Agarrou-me pelo braço e arrastou-me de volta à casa de banho.

– Tens programada a utilização da casa de banho para as sete da manhã, o meio-dia, as cinco da tarde e as oito da noite – disparou ele, enquanto rebuscava a chave no bolso das calças. – Já são oito.

Vi como os dedos lhe tremiam, apenas muito ligeiramente, mas tremiam. Foi um momento abençoado, Lena.

O teu marido abriu a porta, eu entrei e virei-me, esperando que ele fechasse a porta outra vez. Depois de ter visto como deixava as crianças irem sozinhas à sanita, não me ocorreu que pudesse ser de outra maneira.

– Vá – disse ele, apontando com a cabeça para o interior da casa de banho. Dei meia-volta e segui o olhar dele até à sanita. Era certamente um teste, uma forma de medir forças para se desforrar do momento abençoado que me concedera. – Faz.

Voltei a virar-me. O teu marido estava à porta, impavidamente repulsivo, com o braço esquerdo esticado e a mão apoiada na ombreira, a cabeça

levantada e um sorriso do qual tinha desaparecido qualquer vestígio de insegurança.

– Não – disse eu.

– Vai à sanita, Lena.

Apertei os lábios e neguei lentamente com a cabeça.

– Eu disse para ires à sanita.

– Então, sai. Não o farei diante de ti.

– Farás, sim, Lena. Porque farás tudo o que eu te disser.

Quando deu um passo na minha direção, lancei as mãos ao ar e arquejei:

– Espera. Desculpa, desculpa.

Queria lutar, ser forte, claro que sim. Mas não me podia arriscar a levar uma nova tareia nesse mesmo dia. Ele parou e olhou-me com desconfiança.

– É que… não tenho vontade.

Nenhum movimento, nenhum movimento – só aquele olhar desconfiado. Tentei controlar-me.

– Como te disse, tens programada a utilização da casa de banho para as sete da manhã, o meio-dia, as cinco da tarde e as oito da noite.

Baixei as mãos e assenti vigorosamente.

– Eu sei. Ouvi o que disseste. Sete da manhã, meio-dia, cinco da tarde e oito da noite. Mas não tenho vontade. – Senti o esboço de um sorriso a atravessar-me os lábios. – Não tenho vontade – repeti. – Podemos ir já para a cama.

Aconteceu tudo tão rápido que nem sequer tive tempo de recuar, levantar os braços, respirar ou sequer piscar os olhos.

Queres saber, Lena? Queres saber o que o teu marido faz quando alguém se nega a ir à sanita diante dele? Tê-lo-ás também sofrido na pele?

Se assim foi, saberás como é ser lançada ao chão. Tu própria te terás encolhido e levado as mãos à cara para proteger os pontos ainda doridos na testa. Terás tentado respirar fundo uma última vez, antes de ele começar a pontapear-te o estômago. Terás fechado os olhos com força, em antecipação dessa terrível dor. Que, na verdade, não chega. Terás voltado a respirar fundo

por acreditares que está a chegar, agora mesmo, a dor… Mas nem pontapés nem dor, apenas um estranho som áspero. Então, ter-te-ás atrevido a espreitar por entre os dedos. Terás visto o homem, o teu marido, de pé sobre ti com as pernas abertas e a mão na braguilha das calças. Devido ao susto, ter-te-ás esquecido de respirar uma terceira vez, e agora era mesmo essencial, porque precisas de suster a respiração enquanto ele mija sobre ti, enquanto o mijo quente parece queimar a tua pele e se infiltra na tua roupa e no teu cabelo, deixando-os encharcados. Saberás o que é ficarmos a contorcer-nos no chão sem saber onde nos esconder. Conhecerás o sentimento que nos invade quando o último jorro nos atinge em cheio na cara e sentimos uma gota nos lábios apertados, e então ouvimos de novo a braguilha, *zip*, e o teu marido a dizer calmamente:

– Espero que compreendas agora o porquê de ser tão importante seguir os horários da utilização da casa de banho, Lena. Nunca se sabe quando algo pode correr mal.

É quase certo que a seguir vomitaste, Lena, e que o teu marido te fez limpar a casa de banho, impassível perante o quanto tremias e arfavas de repulsa. Limpaste a casa de banho de joelhos, com o cabelo molhado e a roupa empapada, enquanto ele esperava sentado na beira da banheira de zinco, com as pernas cruzadas numa pose descontraída, e te observava. Talvez tenha demorado horas até ficar satisfeito com o teu trabalho. Depois, tiveste de te despir e entrar na banheira. Ele lavou-te, porque estavas suja, claro.

– Ai, Lena, ficaste tão suja outra vez.

No final, secou-te e levou-te para o quarto.

Se também passaste por tudo isto, Lena, então sabes que não se pode simplesmente falar do que aconteceu, porque o que ele fez contigo é muito diferente de todas essas coisas duras e brutais que são terríveis, mas não novas. Os polícias já sabem dessas outras coisas. Ouviram-nas muitas vezes, as suficientes para estarem agora sentados ao pé de mim cabisbaixos e a esfregar as mãos. Talvez essas outras coisas os deixem realmente sensibilizados, mas, em última análise, fazem parte dos ossos do ofício e,

assim que anotarem a palavra «violação», ficam despachados. Não exigem detalhes. Trata-se de um homem em cima de uma mulher que, muito provavelmente, sente dor. Eu serei uma dessas mulheres, Lena. Serei uma dessas mulheres assim que a equipa forense tiver revolvido a cabana e inspecionado os lençóis. Não há nada que possa fazer para o evitar.

No entanto, garanto-te que não serei a mulher que se arrastou de joelhos num charco de mijo e vomitou na casa de banho enquanto chorava. Foi isto que pus entre os meus parênteses. Firmes e inamovíveis.

Os polícias continuam pacientemente à espera da parte inevitável da minha história.

Aceno com a cabeça para indicar que estou preparada para retomar o relato.

– Depois de fechar as crianças para dormir, levou-me para o quarto. Da coluna direita da cabeceira da cama pendiam umas algemas. Não havia hipótese de escapar.

Levantei a manga da minha camisa de hospital e mostrei-lhes o braço direto, primeiro ao Cham e depois ao Munique. À volta do meu pulso, ainda se via uma marca avermelhada de pele esfolada.

– Prendia-me à coluna da cama, sempre. Também de noite, enquanto dormíamos. Suponho que o fazia para me impedir de levantar em silêncio e ir buscar as chaves. Ou para não o asfixiar com uma almofada.

O Cham escreve algo no seu bloco de notas.

– Então… – começa ele, hesitante – Ele, quer dizer…

– Sim – respondo.

Apenas «sim». É o suficiente para confirmar as coisas duras e brutas, Lena. Tão simples quanto isso. Talvez em algum momento, mais à frente, apareça uma polícia com a intenção de saber exatamente como aconteceu. Também com a Kirsten foi assim, depois de ter sido atacada no pátio traseiro. Enviam uma mulher porque acreditam que entre mulheres será mais fácil falar do sucedido, mas, em última análise, tudo o que as mulheres-polícias

conseguem perguntar é de que orifício corporal se tratou e se transmitimos com clareza que não consentíamos a «relação».

«Disse-lhe que não?», perguntou a polícia à Kirsten.

Foi o suficiente para ela perguntar de volta:

«Está a falar a sério?»

Pelo menos, durante alguns instantes tenho um pouco de paz.

Até que o telemóvel do Cham volta a tocar. Como não consigo perceber o que está a ser dito, afasto a almofada e viro-me de lado. Esta noite não há algemas… Sorrio, não há algemas.

O Cham tossica. A mão com que segurara o telemóvel está agora pousada no colo. A conversa já terminou. Ou foi muito rápida ou dormitei durante alguns instantes.

– O que aconteceu? – pergunto, tentando sentar-me.

Desta vez, o Munique não me ajuda com a almofada. Talvez julgue que prefiro esforçar-me sozinha a ter de suportar a proximidade física de um homem, principalmente agora.

O Cham espera até que eu fique confortável.

– Têm o homem. O rapaz também – diz ele nesse momento.

– Correu tudo bem?

– Têm ambos – diz o Cham outra vez, como se isso fosse uma resposta.

Em todo o caso, faço uma expressão de concordância.

– É uma boa notícia – digo. E então, porque acabou, porque realmente acabou, acrescento: – Jasmin Grass. Chamo-me Jasmin Grass. Nasci no dia 28 de março de 1983, em Regensburg. A minha mãe chama-se Susanne, também Grass. Vive em Straubing. Podem ligar-lhe?

O Cham parece surpreendido, mas apenas por momentos.

– Claro, não há problema.

– Obrigada – digo, sorrindo.

– Mas há algo mais, *Jasmin*.

O meu sorriso esmorece. A forma como enfatizou o meu nome. A cara

dele.

Os bipes do eletrocardiógrafo adquirem um novo ritmo.

– O quê? – pergunto com cautela.

– Contou-nos antes que atingiu o seu sequestrador. – O Cham passa com os olhos pelo bloco de notas. – Com um globo de neve.

– Sim – confirmo vigorosamente. – Porquê?

O Cham não diz nada. Olha para o Munique, depois para mim, volta a olhar para o Munique e depois passa-lhe o telemóvel. O Munique observa de perto o ecrã e de seguida levanta a vista e observa-me a mim.

– O que é? – pergunto, seguindo a batida dos milissegundos do eletrocardiógrafo. – O que se passa?

Matthias

Por um momento, houve paz, uma aceitação desconhecida, apenas a Karin e eu e o céu onde surgia o novo dia. Esse momento, no qual ficámos abraçados, foi como uma ilha, um pequeno e bem-vindo refúgio. Era evidente que não podíamos ficar para sempre onde estávamos, que alguém abriria de seguida a porta e entraria, o Gerd ou o Giesner, ou algum dos seus homens, e nos trariam de volta à realidade. Para mim, isso era claro, mas esforçava-me muito para não pensar naquilo em que, naturalmente, não conseguia deixar de pensar. E então foi a Karin quem arruinou o momento por completo.

– Creio que devíamos avisar o Mark – disse ela contra o meu peito.

– Só por cima do meu cadáver – devolvi eu.

Foi só isso, o fim da paz; o céu deixou de estar carregado de esperança, passou a ser apenas cinzento e triste, e a pesar sobre a silhueta negra das casas, que pareciam ter sido recortadas por uma tesoura ao longe. Começava a haver luz em algumas janelas. Madrugadores que iniciavam o dia e, ao

acenderem as luzes, enviavam o inevitável sinal de que o mundo continuava a girar sem parar, não sendo possível detê-lo nem fugir dele. Não existia, na verdade, nenhuma ilha.

– O que lhe irias dizer? – perguntei eu, tentando esquivar-me a uma potencial discussão de princípios.

A Karin sempre tinha gostado do Mark. «Ele jamais faria mal à Lena», assumiu ela, e desta posição foi impossível demovê-la, ao passo que eu mencionei imediatamente o nome dele quando participámos o desaparecimento na esquadra da polícia.

«A vossa filha tinha problemas com alguém?», perguntaram-nos.

«Com o Mark Sutthoff», disparei.

«Matthias!», disse bruscamente a Karin, dando-me uma cotovelada de lado.

Mark Sutthoff. No mundo dele, um modelo barra ator barra cantor. Na realidade, um fanfarrão vendedor de carros em segunda mão a quem compráramos o velho *Polo* da Lena. Por aquela altura, Lena devia ter acabado de fazer vinte anos, ou pelo menos continuava a viver connosco e ainda não se tinha mudado para o apartamento de Haidhausen. Não me dei conta de que já no concessionário ele aparentemente a rondara e lhe pedira o número de telefone nas minhas costas, até que um dia, ao final da tarde, nos apareceu à porta para a ir buscar e a Lena, resplandecente, disse:

«Papá, deves lembrar-te do Mark. Foi ele quem nos vendeu o *Polo*.»

Era só isso que devia ter acontecido e nada mais. Era só isso que queríamos dele, o maldito pequeno *Polo* azul. Ninguém referira que a transação incluiria um drama que duraria anos. Lena e Mark Sutthoff juntos, Lena e Mark Sutthoff separados.

«O Mark namoriscou com outra rapariga!»

«O Mark pode ir-se lixar!»

«Mas, papá, eu amo-o tanto!»

A Lena não via o que eu via. O Mark não era bom para ela, não era suficientemente bom.

«Não estás disposto a dar-lhe uma oportunidade», dizia a Karin como forma de minimizar os meus reparos, suspirando e abanando a cabeça.

Ninguém conseguia ver o que eu via.

E agora, no hospital, preparávamo-nos para ter novamente essa lamentável discussão. A Karin queria ligar ao Mark Sutthoff e contar-lhe o que acontecera esta noite.

– Mas não sabemos nada – disse eu num ranger de dentes, com a esperança de que a Karin deixasse o assunto ficar por ali.

– Não estava a sugerir que o fizéssemos agora, certamente não a estas horas inoportunas. Mas depois, mais tarde…

– Que disparate! – interrompi-a rudemente, mas logo refleti melhor, quando ela se libertou do nosso abraço e voltou à cama. – Desculpa – murmurei por cima do ombro. – É que não entendo o propósito. Ele já não tem nada que ver com a Lena.

– Ele sofreu tanto como nós.

– Com o quê? Com a incerteza? – bufei, zangado. Apenas um ano depois do desaparecimento da Lena, o Mark Sutthoff mudou-se para Paris com a nova namorada. – Não demorou muito a superar a perda, se bem te lembras. Ela não o teria desejado. – Hesitei e a Karin reparou.

– Seja como for, agora temos de esperar. Mas, quando soubermos algo mais concreto, julgo que o devemos contactar, a sério, Matthias. Temos de o fazer, é justo.

Vi o meu rosto a alterar-se, no reflexo da janela.

– Eu disse que não – grunhi para o rosto no vidro.

– Está bem – suspirou a Karin. – Não fiques alterado. Não pretendia… – a frase, incompleta, ficou suspensa no ar, tornando-o mais seco e pesado.

Desde esse momento, não voltámos a abordar a questão. O ar continua pesado, o silêncio pressiona os nossos cérebros. Neles, surgem cenários que são ainda piores quando não os partilhamos.

«Até agora só conseguimos reunir algumas peças do *puzzle*», dissera o Giesner. Um sequestro, uma cabana, uma mulher que se parece com Lena, a

pequena Hannah. Tento encaixar as peças, mas sou incapaz de encontrar o sentido oculto. E então começo a andar de um lado para o outro do quarto, como um tigre enjaulado. A Karin pôs os pés para cima e está agora deitada na cama com os olhos fixos no teto e as mãos cruzadas sobre o ventre. Digo-lhe que deve tentar dormir um pouco.

– Não consigo – devolve-me ela num sussurro.

É como se esperássemos o resultado de uma operação grave. Já não aguentamos mais.

– Vou ver o que se está a passar.

A Karin apoia-se nos cotovelos.

– Ainda devem estar a meio do interrogatório. Caso contrário, já tinham vindo ter connosco.

– Talvez os possa ajudar.

– No quê? No interrogatório? – A Karin ri-se em voz baixa. – Ah, Matthias.

– Não, estou a falar a sério. O que os está a fazer demorar tanto? Talvez seja preciso pressionar aquela mulher. Aposto que sabe muito bem o que aconteceu à Lena.

A Karin arregala os olhos.

– Achas mesmo?

– Claro que sim! Por que razão se fez passar pela Lena? Como é que convenceu a menina de que é mãe dela? – Aponto vagamente para a porta. – A menina ali fora é filha da Lena. Até um cego o conseguiria perceber! Nem sequer é preciso fazer um teste de ADN para o atestar.

Os pés da Karin ficam suspensos na beira da cama.

– Acreditas que aquela mulher está envolvida de alguma forma?

– Bom, certamente também te terás apercebido de que há aqui algo que não bate certo, ou não?

Alguém bate à porta.

A Karin levanta-se num salto e estende a mão para alcançar a minha. Agita de tal forma os dedos no ar que parece estar a tocar uma complicada peça para

piano. Dou-lhe a mão e puxo-a para o meu lado. Ficamos assim, de mãos dadas, ombro com ombro, quando um instante depois o Giesner entra no quarto para nos pôr a par do estado da investigação.

Hannah

No lado de fora está muito escuro. As árvores são negras e têm ramos que são como dedos esqueléticos de monstros.

– Não me apanhas! – grita a mamã.

Começo a correr e debaixo dos meus pés o chão estala, mas também estala debaixo dos da mamã, e é por isso que sei em que direção devo correr, apesar de quase não a conseguir ver por causa da escuridão. Só quando as árvores ficam mais afastadas é que distingo uma ponta do seu belo vestido branco, que brilha como prata à luz da Lua.

De repente, há muita luz, uma luz amarela, como uma enchente luminosa. Vejo os troncos negros das árvores e entre eles os contornos da mamã, também negros. Os braços dela estão abertos para os lados, como um anjo prestes a voar. Nesse momento, há um barulho muito forte e eu paro. É assim que nos sentimos com os sustos. Já não vejo a mamã, apenas a enchente de luz amarela. Começo a andar em bicos dos pés e, como a luz fica cada vez mais forte, tenho de tapar os olhos com a mão porque começaram a chorar. Desvio os ramos das árvores até que o bosque acaba e se transforma de súbito numa estrada. A mamã está caída diante de um carro. Reconheço a cara dela à luz dos faróis. Tem os olhos fechados.

Ouço o chão atrás de mim a estalar de novo. Volto-me e vejo o papá. Passa ao meu lado aos tropeções até à estrada, até à mamã, que está ali caída.

– Perdeste! – grita ele. – Ah ah!

A mamã abre os olhos e ri.

– Isso não foi justo, vocês os dois!

Estende as mãos em direção ao papá, que a ajuda a levantar-se e lhe limpa as coisas vermelhas do rosto.

– Agora és tu, Hannah – diz-me o papá. – Esforça-te.

Solto um gritinho e dou meia-volta para regressar a correr pelo bosque. Após algumas passadas, sinto que me puxam a manga. É a enfermeira Ruth, que me leva para trás de um tronco grosso e me diz:

– Este é um bom esconderijo, Hannah…

– … Hannah?

O bosque desvanece-se e apenas a cara da enfermeira Ruth continua ali, muito perto da minha.

– Hannah – chama ela. – Acorda, Hannah.

Bocejo e pestanejo. Não estou mesmo no bosque, mas na sala de repouso, deitada na cama.

– Acorda, Hannah – diz outra vez a enfermeira Ruth.

– Já podemos ir ver a mamã? – pergunto. A minha voz continua a soar muito cansada e rouca.

A enfermeira Ruth não diz nada de início, mas depois pergunta-me se dormi bem.

– Sim, e também sonhei.

– Foi um sonho bonito?

Confirmei com a cabeça.

A enfermeira Ruth põe então o seu meio sorriso pateta. É por isso que percebo que algo se passa.

– A minha mamã não está bem?

A enfermeira Ruth olha agora para o chão.

– Tenho de te levar a ver a doutora Hamstedt.

Ao princípio não sei quem é, mas depois lembro-me. É a mulher alta e magra com cabelo castanho e curto que veio antes à sala de repouso com o polícia. A médica que se tinha esquecido da bata.

Quero saber por que razão tenho de a ir ver, mas a enfermeira Ruth antecipa-se e diz:

– Assim podes despedir-te dela antes.

Jasmin

O doutor Schwindt veio, apesar do caos da mudança de turno. Era preciso, até eu tinha de o admitir.

– Não fui eu! Não fui eu! – gritei uma e outra vez, enquanto esbracejava, acabando por arrancar o catéter sem querer, algo que não devia ter acontecido, tal como todas as outras coisas que aconteceram e não deviam. E menos ainda…

– Tente respirar muito lentamente, senhora Grass – diz o doutor Schwindt, enfatizando o meu nome como se fosse algo precioso. O eletrocardiógrafo deixa de dar sinal e o doutor Schwindt tem de o reiniciar. – A tecnologia – comenta, lacónico, enquanto pressiona os botões correspondentes.

Imagino que o aparelho se fartou do meu coração irregular, que está ligado ao meu humor.

– Daqui por uns instantes, sentir-se-á um pouco cansada – explica o médico quando os bipes voltam a soar com normalidade.

Decidi gostar dele, simplesmente porque neste momento me sinto só e preciso de aliados. O doutor Schwindt é um senhor de alguma idade, com uma barba muito bem tratada e óculos com lentes de meia-lua. Quem me dera que o meu pai aqui estivesse. Ou alguém.

– Também é possível que note uma sensação de entorpecimento nos braços e nas pernas. Mas é algo perfeitamente normal, pelo que não tem motivos para se preocupar, sim?

– Doutor Schwindt – digo eu, com a voz algo debilitada –, poderia fazer-

me um favor?

– Que favor, senhora Grass?

– Poderia confirmar uma informação na minha ficha médica?

O doutor Schwindt gira sobre si mesmo, como se estivesse à procura de alguma coisa, e depois diz:

– Hum, penso que a polícia a deve estar a analisar. Que quer saber?

Engulo em seco.

– Preciso de saber se estou grávida.

O doutor Schwindt ajeita os óculos no nariz, pois tinham deslizado um pouco para a frente quando estava ocupado com o eletrocardiógrafo.

– Bom, se está preocupada com os efeitos do sedativo, posso garantir-lhe que não é prejudicial…

– A minha preocupação é mais geral – interrompo-o.

– Não há problema, senhora Grass. Consultarei então a sua ficha médica – diz o doutor Schwindt, assentindo.

Fico a gostar ainda mais dele porque não me faz perguntas adicionais.

– Obrigada.

– E agora durma um pouco, está bem?

O doutor Schwindt deseja-me ainda uma boa recuperação e, antes de sair do quarto, deixa a pequena caixa com o botão de emergência ao meu alcance.

Estou agora aqui deitada e a sensação de entorpecimento começa a formigar nos meus dedos das mãos e dos pés. O efeito não chega à minha mente, que está bem desperta, provavelmente devido à adrenalina.

«Mas há algo mais, Jasmin», dissera o Cham depois da chamada telefónica e de passar o telemóvel ao Munique.

«O quê? O que aconteceu?», perguntei, com o coração aos saltos e em pânico.

A resposta do Cham fora esta: «têm o homem». O que poderia ser então? Teria o teu marido resistido à detenção? Teria talvez escapado? Estaria a caminho do hospital? Não, isso não podia ser, era de todo impossível. Eu atingira-o com o globo de neve com bastante força. Ele caíra ao chão.

Colapsara e ficara ali estendido sem se mexer.

O Munique suspirou, levantou a vista do ecrã do telemóvel e olhou de novo para o Cham.

Quanto a mim, não conseguia aguentar mais.

«Digam-me de uma vez por todas o que aconteceu!»

Entre eles, debateram se me deviam mostrar ou não a foto que a equipa na cabana tinha enviado ao Cham.

«Não é adequada para uma identificação», opinou o Munique.

Agitei a mão no ar com impaciência. O Cham fitou-me de olhos semicerrados.

«Mostra-lhe a fotografia, Brühling. Ela conseguirá suportar.»

Acenei com a cabeça, transmitindo a minha concordância. Contudo, aquilo que vi quando Munique me passou o telemóvel de Cham… a fotografia, o teu marido…

«Não fui eu! Não fui eu!», comecei a gritar, deixando cair o telemóvel, que ali ficou, na superfície oca que as mantas formavam entre as minhas pernas, com o ecrã ligado e a brilhar, a brilhar em tons vermelhos, tudo era vermelho.

Virei a cara. A cabeça dele já lá não estava, ou pelo menos não como devia, o rosto desfeito, vermelho, tudo vermelho.

Munique saltou da cadeira, agarrou o telemóvel, pressionou o botão no canto superior direito para desligar o ecrã e devolveu-o a Cham, que voltou a abrir a fotografia.

«Teremos ainda de apurar se estes ferimentos foram realmente feitos com um globo de neve», disse ele, num tom sóbrio. «À primeira vista, parece que, bom…»

«Não, não, não!», continuei a gritar. «Não fui eu! Só lhe bati… o globo de neve… só lhe bati com ele uma vez…»

A voz falhou-me na garganta a meio dos gritos. Fiquei então em silêncio e comecei lentamente a compreender. Abrira o crânio ao teu marido. Partira-lhe todos os ossos da cara. Rasgara-lhe a pele.

Devo tê-lo atingido com o globo de neve na cabeça vezes sem conta, como

uma possuída. Pum!, como ele dissera. Pum!, como quando atiras uma melancia ao chão.

«Tente respirar muito lentamente», aconselhara o doutor Schwindt.

Respirar muito lentamente, repito para mim mesma, e começo a ficar com as pálpebras pesadas. Sinto-me a afundar, a afundar cada vez mais num cansaço apático, e tenho cada vez mais frio, e o frio parece alastrar-se pelos meus membros, entorpecendo-os. O doutor Schwindt também referira isto, este entorpecimento nos braços e nas pernas, algo completamente normal, sem motivo para preocupações, mas a verdade é que sinto um frio terrível.

«Tens frio, mamã?», pergunta uma voz saída das minhas alucinações.

Sim, Jonathan, tenho frio, muito.

Algo correu muito mal. Matei-o, Lena. Matei o teu marido. Golpeei-o até o deixar irreconhecível. Pum!, ouviu-se uma e outra vez. Pum!

A cabeça pesa-me e cai para um dos lados. Acabaram de bater à porta do quarto? As minhas pálpebras vão cedendo ao cansaço.

A porta abre-se e aparece uma mulher, num sonho ou na realidade, não sei, estou demasiado afundada para ser capaz de distinguir.

– Olá – creio que diz a mulher. – Está aqui alguém que a queria ver.

Há um movimento atrás das costas dela, pisco os olhos, sonho ou realidade, Hannah avança e aproxima-se da minha cama, tudo em câmara lenta, enfia a mão no bolso direito do vestido. Noto que começo a revirar os olhos. Sinto que a minha mão se fecha num punho sem força por baixo da mão de Hannah. Que ela estica com cuidado os meus dedos, um atrás do outro, para desfazer o punho. Que me põe algo na mão e logo a volta a fechar com cuidado. Que as minhas pálpebras vacilam de novo e que Hannah me beija com delicadeza na testa, mesmo na minha cicatriz, antes de murmurar:

– Lembro-me perfeitamente de tudo.

Desabo e caio num sono profundo.

Mulher foge de cabana após quatro meses de cativeiro

Cham/Munique (MK) – É quase um milagre: após quatro meses de cativeiro, Jasmin G. (35), a consultora de publicidade de Regensburg que estava desaparecida desde meados de maio, escapou de uma remota cabana na floresta perto da fronteira entre a Baviera e a República Checa. Os detalhes do seu cativeiro que têm vindo a ser revelados gradualmente superam tudo o que possa ser imaginado. A mulher de 35 anos foi forçada a viver com o seu sequestrador, cuja identidade a polícia ainda não revelou, e os dois filhos menores deste, numa estrutura familiar forçada. As primeiras fontes mencionam também formas pervertidas de abuso sexual e psicológico. Acredita-se que G. esteve acorrentada durante semanas, sendo alimentada em tigelas de cão. Na terça-feira, Jasmin G. conseguiu finalmente escapar ao seu torturador. Durante a fuga, o homem ainda não identificado foi morto por G., segundo declarou na quarta-feira de manhã um dos investigadores responsáveis, o comissário-chefe Gerd Brühling. Este sequestro está também diretamente relacionado com o caso da rapariga da festa de Munique, Lena Beck, então com 23 anos, que desapareceu em janeiro de 2004. Tal como os dois filhos menores do alegado sequestrador (uma rapariga, 13, e um rapaz, 11), Jasmin G. está atualmente a ser submetida a tratamento terapêutico. Acredita-se que uma das crianças, além de ter problemas psicológicos, também se encontra fisicamente debilitada, sendo possível que padeça de uma deficiência. Todavia, ainda não está provado que as crianças tenham sofrido os mesmos abusos sexuais de que Jasmin G. foi vítima.

Duas Semanas Depois

Jasmin

A sequência é esta: três pancadas breves seguidas de duas longas.

Toc-toc-toc – toc – toc.

Arrasto os pés pelo chão, mas espero ainda mais um momento por precaução. Diante da porta do meu apartamento, uma tábua do soalho range. *Vá lá*, resmungo em silêncio ao pensar que a senhora Bar-Lev poderá ter a orelha colada ao outro lado da porta para ver se consegue ouvir algum ruído na minha casa. *Hoje não, bruxa velha.*

Ontem, tinha tanta fome que abri a porta demasiado depressa e permiti-lhe que obtivesse uma boa visão da trágica sensação do momento. Desde então, imagino-a a servir café a um repórter na sua sala de estar. «A pobre rapariga encontra-se num estado terrível. Está magríssima. Já não lava o cabelo, usa uma *T-shirt* com nódoas e umas calças de fato de treino deformadas. Nota-se que não está bem.» Nota-se aquilo por que passou, quer ela dizer, mordiscando um biscoito com a sua dentadura postiça. O repórter escreve com empenho. Escreve sobre beijos e carícias que se pegaram ao meu rosto e ao meu corpo e não podem ser lavados, sobre o facto de ter desistido de tomar banho e esfregar a minha pele porque perdi a energia e, em todo o caso, nunca me conseguirei livrar do frio suor do medo. Um último resquício de sensatez na minha mente tonta diz-me que a senhora Bar-Lev nunca faria isso, mas as imagens são vívidas e persistentes. Ela só recebe uma pequena pensão, pelo que um dinheirinho extra seria certamente bem-vindo. *Tens de parar*. Leia hoje mesmo: entrevista exclusiva com a vizinha da vítima da cabana. *Tens de parar!*

A minha barriga está a dar horas. O cheiro a comida acabada de fazer infiltra-se por baixo da porta. Aposto que é um guisado. As tábuas do soalho rangem outra vez e depois ouço passos nas escadas. A senhora Bar-Lev anda

lentamente, tem um problema na anca. Por momentos, sinto-me mal. Todos os dias, desde que regressei a casa, esta maravilhosa senhora de idade sobe as escadas até à minha porta, que para ela devem parecer o Kilimanjaro. Já podia ter falado com os jornalistas há muito tempo, mas, em vez disso, tem-se plantado à frente do fogão dela, com a anca problemática, a cozinhar para mim. *Devias ter vergonha.*

Espero até ouvir o estalido da porta a fechar-se dois pisos abaixo e depois aguardo ainda um pouco mais para ter a certeza de que está tudo realmente em silêncio no patamar lá fora. Rodo a chave, puxo a porta pelo puxador, pego na caçarola deixada no tapete, volto a fechar a porta e rodo a chave outra vez, fazendo o meu melhor tempo até ao momento: menos de três segundos. Com a caçarola na mão, apoio brevemente as minhas costas contra a porta trancada e respiro como se tivesse acabado de correr uma maratona. *Está tudo bem, calma, mantém-te calma,* imploro a mim mesma, tentando abrandar o batimento no meu peito. Depois, levanto a tampa. Gulache. Podia jurar que me cheirara a guisado.

Podia jurar que só tinha atingido o teu marido uma vez.

Levo a pequena caçarola para a cozinha e pouso-a no fogão.

Deixei-o num tal estado que, à primeira vista, não era evidente que a «arma do crime», como a chamam, pudesse ser de facto um globo de neve. Os polícias terão procurado outras possíveis armas na cabana, mas não havia ali nenhum martelo que pudesse explicar a contundência dos golpes, nem nenhuma faca que pudesse ser responsável pela profundidade dos cortes. É verdade, porém, que existiam martelos e outras ferramentas, facas, inclusivamente muito afiadas, como as que são usadas para estripar animais. Mas estava tudo fechado à chave e, portanto, para todos os efeitos, fora do meu alcance. Só quando receberam o relatório forense completo é que puderam confirmar, sem sombra de dúvidas, que o globo de neve tinha sido a arma do crime. Ao que parece, chegaram mesmo a reconstruí-lo quase por inteiro. Ficou a faltar apenas um fragmento que não conseguiram encontrar.

O teu marido está morto, Lena.

Os teus filhos estão no manicómio.

Devia sentir-me melhor, como uma sobrevivente, a vencedora, agradecida e ansiosa por recuperar a vida pela qual tão obstinadamente lutara durante quatro meses. No entanto, a realidade é outra. O meu apartamento está escurecido. O céu com que tanto sonhei, o sol, o canto dos pássaros, não posso suportar nada disto. A minha campainha está desligada, funciono por sequências de pancadas na porta. Também desativei o telefone fixo. E só deixo o telemóvel ligado de modo a estar contactável para a polícia e para a minha terapeuta. À polícia vou respondendo a algumas dúvidas aos poucos, questões que parecem não querer chegar a um fim, e à minha terapeuta vou transmitindo que me encontro bem. Que já consegui ir ao supermercado da esquina, sozinha, sem ser acompanhada por ninguém, algo aparentemente digno de aplauso. Que neste preciso momento estou a cozinhar algo delicioso e mais logo verei os episódios que me faltam da última temporada da série *Gilmore Girls*. Que, infelizmente, não poderei ir à próxima sessão porque a minha mãe ou uns amigos chegados virão ver-me. Já tenho a boca seca de tanto mentir.

Queres saber como é o meu dia na realidade? Ainda acordo pontualmente às dez para as sete e com o braço direito esticado por cima da cabeça, a única posição em que podia dormir na cabana, algemada à coluna do alçado da cama. Às vezes, tento ser rebelde e volto a fechar os olhos. Mudo de posição, com vontade de simplesmente continuar a dormir, mas não consigo. Tenho de me levantar e preparar o pequeno-almoço para as crianças. Este tem de estar na mesa às sete e meia em ponto, caso contrário as crianças começam a ficar nervosas e desatam aos pulos por toda a sala como bolas de borracha descontroladas, soltando guinchos até parecer que a minha cabeça vai rebentar – *por favor, meninos, façam menos barulho!*

Tem de estar na mesa às sete e meia em ponto, caso contrário ele grita comigo. *Que tipo de mãe és tu, Lena? Que tipo de monstro?*

Ele não está aqui, sei isso muito bem. Está morto. Fui eu que o matei. A polícia encontrou o corpo. Mas ainda não consigo sentir essa realidade.

Quando contei isto à minha terapeuta, tudo o que lhe ocorreu dizer foi: «É perfeitamente normal. Requer tempo.» Deixa que te diga: esta mulher não escuta como deve ser. O tempo já não tem qualquer papel na minha vida. Perdi-o no primeiro dia na cabana. Só existe o tempo dele. É ele quem cria o dia e a noite. Como Deus. Ainda.

Evidentemente, não preparo o pequeno-almoço. Não há crianças, apenas eu no apartamento, em – ah ah – liberdade. Apesar disso, todas as manhãs vou até à cozinha às sete e meia, embora tudo o que faça seja apoiar-me na bancada e tentar respirar para expulsar a voz que se enfurece na minha mente.

És uma ingrata, Lena. Ingrata e má.

Sou boa, devolvo desoladamente à voz. Sou boa a ir da cama para o sofá ou para o meu cadeirão de leitura já gasto. Sou boa a ler livros que não entendo. «O rio estava ali. Era um dia quente», escreve Hemingway. Até aí sou capaz de entender. Mas depois as letras começam a dançar diante dos meus olhos e o rio de que ele fala faz uma curva e transforma-se numa corrente selvagem, incontrolável, que me arrasta com ela, enquanto o calor do dia se converte num forno abrasador e insuportável que gera suor de todos os poros do meu corpo e lágrimas nos meus olhos. Sou boa a fechar livros e a atirá-los para longe. Sou boa a engolir a comida que a velha senhora Bar-Lev me deixa à porta e a vomitá-la logo de seguida como uma fonte. Sou boa a fazer as necessidades de acordo com o horário dele, ainda, ainda, ainda… *Tens programada a utilização da casa de banho para as sete da manhã, o meio-dia, as cinco da tarde e as oito da noite*.

O que resta de uma pessoa quando tem de aguentar a vontade de cagar só porque ainda são quatro e meia? O que restou de mim?

Com frequência, detenho-me em frente ao bloco de facas da cozinha e, por vezes, a minha mão agarra com vontade própria um dos cabos. Não é o da faca maior do bloco, mas o da mais afiada. Foi-me oferecida pela minha mãe num Natal. «Corta tudo», dissera ela. «Vegetais, pão, carne.» Carne, Lena.

Estou vazia, excetuando este único e muito nítido sentimento. Plantou-se a si mesmo dentro de mim e não encontro forma de me livrar dele. Arde-me no

estômago, pressiona-me as têmporas como um torno que, de dia para dia, vai ficando cada vez mais apertado. Também isso se afigura normal à minha terapeuta. Segundo ela, superar os acontecimentos requer tempo: primeiro para os ordenar na minha mente e depois para compreender que, na realidade, tudo acabou.

Penso que ela está enganada, mas não me atrevo a apontar-lhe o erro. A polícia também não sabe nada disto. Custou-me muita energia e todas as minhas capacidades de representação para receber alta do hospital, mas tenho medo de que me considerem louca e me voltem a fechar.

Tens de saber que, depois das duas primeiras noites na unidade de acidentes, fui transferida para a unidade de segurança. Esta é a ala do hospital para pacientes que representam um perigo para si mesmos ou para os outros. São quartos nos quais o puxador da porta pode ser retirado com um simples movimento do pulso. Não sei se eles temiam realmente que eu pudesse fazer mal a alguém ou a mim mesma. Se assim fosse, pergunto-me porque não lhes ocorreu revistar o saco de viagem que a minha mãe me trouxe para o hospital. Podia tê-lo feito, Lena. Graças à tua filha, tive tudo o que seria necessário. No entanto, prefiro pensar que o meu internamento naquele quarto apenas pretendia – como o pessoal do hospital afirmava – disponibilizar-me segurança e impedir visitas indesejadas. Jornalistas demasiado curiosos, por exemplo. Certamente não tenho de te explicar o verdadeiro efeito que este suposto espaço protegido teve em mim. Como nos passos do pessoal de segurança que andava para trás e para frente no lado de fora do meu quarto pensava ouvir outros passos. Os de alguém que vinha à minha procura para me castigar. Como me voltei a sentir presa no quarto fechado, enquanto à minha volta todos falavam em «liberdade», no fim do meu martírio – um paradoxo. A liberdade não mudava o facto de estar fechada. A minha terapeuta acredita que seria importante para mim encontrar-me com os teus filhos, mas não o consigo fazer. Não os consigo olhar nos olhos depois de lhes ter matado o pai.

Será que é isso, Lena? A sensação que me aperta como um torno. Será

culpa?

Ando a tomar analgésicos para as três costelas que parti no acidente. Tomo sempre meio comprimido a mais, na esperança de que mitigue também a outra dor. Sinto-me muito só, Lena. E, ainda assim, não há forma de pegar no telemóvel para buscar companhia. Penso no meu pai, na Kirsten e em como seria bom se um deles viesse até aqui e batesse à porta. Três pancadas breves seguidas de duas longas. Mas isso não irá acontecer. Desapareceram ambos, irremediavelmente. O meu pai morreu num acidente de viação quando eu tinha sete anos. Ao morrer, levou a minha mãe com ele, embora de um modo bastante complexo. A minha mãe vive em Straubing, nem a cinquenta quilómetros daqui, e goza de uma ótima saúde. Porém, depois da morte do meu pai, nunca mais se voltou a sentar na beira da minha cama para me cantar canções engraçadas sobre aranhas. Na semana passada, quando me foi buscar ao hospital, cumprimentou-me com um aperto de mão. E a Kirsten, mesmo antes do meu sequestro, já não me suportava. Como vês, Lena, o teu marido não podia ter escolhido uma pessoa menos adequada para a sua perversa encenação familiar. Eu era a pior candidata possível para representar o teu papel, ainda que, nestes últimos dias, me tenha questionado muito sobre se o teu papel era assim tão claro. Não me refiro ao que o teu marido me obrigou a fazer. Refiro-me a ti, Lena. Comecei a ler na internet artigos relacionados com o teu desaparecimento. Mas não aguento muito tempo porque as letras começam a dançar, o ecrã torna-se demasiado brilhante e faz-me lacrimejar, há muitas fotos tuas, a semelhança entre nós as duas faz-me sentir o sabor da bílis. Quem és, na realidade? Quem és tu, Lena Beck?

Matthias

Caro Senhor Rogner,

Tentei telefonar várias vezes para a vossa redação, tendo sido informado de que o senhor está doente. Todavia, segundo me parece, tal não o exime de responsabilidade quanto ao conteúdo do vosso jornal, o qual, como chefe de redação, o senhor deve assumir, mesmo estando ausente. Como pôde permitir que os seus colaboradores publicassem semelhantes artigos? Como pôde deixar que um lixo daqueles fosse publicado pela enésima vez? Senhor Rogner, estou profundamente dececionado com a sua atitude! Não obstante ter a obrigação de saber mais do que ninguém o que é sofrer uma grande perda, atreve-se a arrastar para a lama primeiro a minha filha e agora também a minha neta? Furioso como estou, gostaria de deixar algo bastante claro, e sinta-se à vontade para me citar: a Hannah está sã, tanto física como mentalmente, tão sã como se pode estar nestas circunstâncias. Infelizmente, devido aos anos de carência de vitamina D, é apenas um pouco mais pequena do que o habitual para as crianças da idade dela. Acredite ou não, a Hannah é uma criança perfeitamente normal! É capaz de segurar na colher da sopa sem a entornar. Não se baba. Sabe ir à casa de banho sozinha e até lava as mãos depois. Também não apresenta sinais de maus-tratos físicos. Tem os dentes impecáveis. O dentista que a trata deu-lhe mesmo uma estrela autocolante. Sabe, por acaso, o que significa uma estrela autocolante? Uma estrela autocolante só é dada, repito, só é dada às crianças que lavam muito bem os dentes. A Hannah não comunica através de sons de animais. Pelo contrário, possui um impressionante vocabulário, o qual supera, sem dúvida, o do vosso tabloide. Além disso, caso lhe interesse, fala quatro línguas estrangeiras: inglês, francês, espanhol e italiano. Por isso, pode escolher a mais indicada para ela lhe pedir a si e aos seus colaboradores que deixem de publicar barbaridades de uma vez por todas! Embora nada compense o meu desespero pessoal em relação às publicações dos últimos dias, rogo-lhe que chame à razão o ou a repórter em questão. Caso mais

algum artigo imoral e flagrantemente falso apareça no vosso jornal, reservo-me o direito de tomar medidas legais.

Cordiais cumprimentos,
Matthias Beck

Hesito um momento antes de pressionar o botão «enviar». Talvez pela Karin. Por ela me ter dito para não tentar discutir com os órgãos de comunicação social, sabendo eu por experiência própria como são aqueles abutres. Também me transmitiu que eu devia tratar melhor o meu coração. Que tenho coisas melhores para fazer do que barricar-me no meu escritório a escrever furiosamente «*e-mails* inúteis», para citar a Karin.

Mas como evitar fazê-lo? A imprensa apelida a Hannah de «rapariga-*zombie*» e «criança-fantasma». Existe apenas uma fotografia dela, mas na internet é possível encontrá-la até com legendas em chinês e cirílico. Ainda bem que não consigo perceber o que dizem. Basta-me o «rapariga-*zombie*». Jornalistazecos miseráveis! Não sofremos já o suficiente?

«Precisamente», dissera a Karin, quando, logo a seguir ao pequeno-almoço, me viu com a intenção de desaparecer de novo no escritório para ligar o computador.

Entre os dois pratos de tostas com marmelada mordidas, encontrava-se o jornal diário que nos tinha tirado o apetite com o seu título: «A primeira foto: assim é a rapariga-*zombie* da cabana dos horrores!»

«É precisamente esse o ponto: *já* sofremos o suficiente.»

O tom da minha mulher era benévolo, embora a expressão que o acompanhava me transmitisse o que aquelas palavras queriam realmente dizer: eu estava a ir na direção errada. Tínhamos o luto de uma filha para fazer. Porque era o comportamento adequado ou porque, depois de todo este tempo de incerteza e espera, simplesmente o merecíamos. Em primeiro lugar, devíamos superar o que acontecera naquela noite, duas semanas antes. A implacável montanha-russa emocional quando, por uns momentos, julgáramos

ter recuperado a nossa Lena, apenas para a perdermos logo a seguir.

«A Lena teria desejado que eu o fizesse», respondi então à Karin. E cada vez que lho repito é como se a golpeasse com a mão na garganta.

Contra isto não se pode argumentar nada, a frase silencia-a de imediato. A Lena deixou-nos uma dádiva, a mais valiosa de todas. E precisamente por isso pressiono agora o botão «enviar», mandando a minha crítica severa ao chefe de redação do jornal.

Que terrível milagre é a vida. Um milagre que a Lena concebeu.

Hannah. A nossa pequena Hannah…

– Matthias! – chama-me a Karin lá de baixo, do corredor de entrada, como se fosse possível eu não ter ouvido a campainha da porta. O Gerd tinha ligado para dizer que havia desenvolvimentos no caso, mas preferira não transmitir nada à Karin ao telefone. Era possível que tivesse aprendido com o caos que provocara na noite em questão.

– Matthias! – ressoa outra vez a voz da Karin desde o piso de baixo, e eu afundo-me um pouco mais na minha cadeira de escritório. A verdade é que ainda não encontraram o corpo da Lena. – O Gerd está aqui!

Apoio as mãos sobre a secretária e levanto-me com dificuldade.

Para a Karin é importante. Ficaria satisfeita com uns quantos ossos cuja análise se revelasse irrefutável. Gostaria apenas de ter algo para enterrar, bem como um lugar onde chorar e pôr flores. Eu, pelo contrário, não sei como reagiria se alguém me mostrasse um osso e dissesse: «Esta é a tua Lena.»

O Gerd e os seus colegas estão a trabalhar com base no pressuposto de que o sequestrador a enterrou algures no bosque, perto da cabana, mas já não esperam encontrá-la inteira. Aparentemente, há uma grande população de javalis na região. Não é agradável que nos digam, quando está em causa a nossa própria filha, que os javalis são omnívoros e que podem arrastar os seus despojos ao longo de quilómetros.

«Menos o crânio», explicara o Gerd. «Isso deixam para trás. Porque é demasiado grande.»

Quase não consigo começar a descer as escadas, ao pensar nisto. Os

joelhos tremem-me e o coração convulsiona-se. Lá em baixo, a Karin acaba de pôr um pé no primeiro degrau, quase de certeza para subir e ver onde me meti.

– Já vou – respondo, sorrindo com debilidade.

A minha mulher anui com insistência. Consigo ver as manchas avermelhadas, provocadas pelos nervos, que tem no rosto e no pescoço.

O Gerd já está sentado na sala de estar, num dos sofás de dois lugares. Diante dele, na pequena mesa de centro, há uma chávena de café. A Karin usou a nossa louça boa, a branca com rebordo dourado.

– Não te levantes – digo quando o Gerd se prepara para se pôr de pé. Sento-me diante dele, no segundo sofá, e a Karin senta-se ao meu lado, no braço do sofá. – E então? Há alguma novidade?

De forma pomposa, o Gerd respira fundo.

– Já estamos em condições de confirmar sem quaisquer dúvidas que a Lena esteve retida na cabana.

Espero a bomba, em vão.

– Sim, e que mais? Já sabemos isso há muito tempo.

– Não, Matthias, apenas o suspeitávamos. É diferente. O conhecimento baseia-se em factos e provas. Conseguimos encontrar dois fios de cabelo que conservavam a raiz e gerámos um perfil genético a partir deles. O perfil coincide com a amostra de referência que retirámos da escova de dentes da Lena naquela altura.

Suspiro e olho para a Karin, que levou a mão ao peito e parece realmente impressionada.

– Com as vossas engenhocas de ADN também conseguiram averiguar a identidade do sequestrador?

– Não – responde Gerd, com o maxilar visivelmente tenso. – Infelizmente, não temos nada com que o comparar. Não corresponde a qualquer registo na nossa base de dados, o que significa que nunca teve cadastro, pelo menos por crimes graves. Não costumamos armazenar material genético nos delitos menores, como um simples furto.

– Ou talvez tinha sido astuto o suficiente para não se deixar apanhar por vocês.

A Karin pousa uma mão no meu braço para me acalmar.

– Matthias…

Gesticulo em direção ao Gerd.

– Já tens o tipo! Ou pelo menos o que restou dele. Sabes que viveu com a Lena e as crianças na cabana, certamente durante anos! E, ainda assim, não consegues descobrir quem é? Talvez devesses deixar de usar esses vossos tubos de ensaio e, em vez disso, inspecionar aquela choça como deve ser!

– Acredita, Matthias, já o fizemos. Muito a fundo, na verdade.

– E não há nada? A sério? Um documento em que aparece o nome dele? Um recibo do cartão de crédito? Sei lá!

– Ontem chegou o resultado da análise genética dele e agora trabalharemos com isso – responde o Gerd.

Inclino-me para a frente e, ao fazê-lo, aperto inadvertidamente a mão da Karin no ângulo interior do meu cotovelo.

– Tu mesmo o acabaste de dizer, Gerd: não tens nada.

Sem dúvida, teria de escrever ao tal Rogner do jornal sobre isto, sobre a incompetência da polícia, que há duas semanas anda às voltas no mesmo sítio, como uma matilha de cães idiotas a perseguirem a própria cauda. A Karin liberta a mão do meu braço e leva-a ao meu ombro.

– Querido…

– Agora temos o ADN dele – repete Gerd. – Não te esqueças de que tudo isto requer procedimentos muito caros. A realidade não é como mostram nessas séries policiais do *CSI* ou do *Tatort*, em que no espaço de uma hora recebem resultados concretos e reveladores.

– No espaço de uma hora – começo a rir. – Tenho mesmo de te lembrar há quanto tempo a Lena está desaparecida?

– E o que acontecerá agora? – pergunta a Karin, esperando conseguir mudar o rumo da conversa.

Bem pode esperar sentada. *Trarei a Lena de volta a casa*, prometera-me o

Gerd há catorze anos. O meu prémio de consolação, estava visto, podia ser um osso roído por um javali. Ou, quem sabe, apenas dois fios de cabelo com a raiz conservada. Em contrapartida, têm o seu sequestrador inteiro e, ainda assim, não descobrem quem é o tipo? Noto que fico com as faces quentes enquanto o Gerd conta à Karin algo sobre um qualquer produto químico que faz com que as marcas de sangue que foram limpas voltem a ficar visíveis. Da Lena não encontraram, em todo o caso, uma quantidade suficiente que levasse a suspeitar de uma hemorragia mortal.

– E a cabana? – intrometo-me abruptamente. – Tem de pertencer a alguém! Deve ter um registo de propriedade.

O Gerd respira fundo quando deixa de olhar para a Karin e se vira para mim.

– Não se sabe ao certo se o terreno onde está situada pertence à Baviera ou se é território checo. De qualquer modo, trata-se de uma zona fronteiriça. Terra de ninguém. Oficialmente, não há ali nenhuma cabana. E também não parece ter chamado a atenção dos habitantes mais próximos. A vegetação está tão crescida que quase nenhum carro entra naquela zona.

– Pelo amor de Deus, Gerd! – vocifero, levantando-me de súbito. – Aperta outra vez essa tal Grass, porra! Ela diz que passou quatro meses na cabana com esse tipo e nem sequer sabia o nome dele? Deve estar a brincar!

O Gerd também se levanta. Estamos agora frente a frente, apenas separados pela pequena mesa de centro e as lamentáveis tentativas da Karin para manter a paz.

– Matthias, eles estão a fazer tudo…

– A senhora Grass já prestou declarações – diz o Gerd, interrompendo a Karin. Ao contrário de mim, faz um esforço para falar num tom sereno. – Ela afirmou que o sequestrador nunca disse como se chamava. Não temos motivo para duvidar da palavra dela. E, para as crianças, era apenas o «papá».

– Deixa-me falar com ela! Verás quão depressa ela se lembra do nome!

– Até tu sabes que isso é um disparate, Matthias.

– Um disparate, é?

– Evidentemente. Não permitiremos que importunes uma testemunha.

– Bela testemunha.

– A verdade é que tu mesmo devias saber como acabam estas coisas – diz o Gerd, com um olhar bastante expressivo.

Abro a boca para contrapor, mas deixo-me ficar.

– Escuta, Matthias. Estou convencido de que saberemos em breve a identidade do sequestrador, mas isso não significa que consigamos automaticamente descobrir o que aconteceu à Lena. Tens de compreender isso. – Vira-se outra vez para a Karin e atreve-se a dirigir-lhe um sorriso, um sorriso idiota e condescendente. – Mas faremos o nosso melhor.

Agarro-me ao peito e a dor modera o meu tom:

– *Trarei a Lena de volta a casa.* São palavras tuas, Gerd. Palavras tuas.

Atravesso a sala com passos curtos e cautelosos em direção ao corredor de entrada. Não posso colapsar, não agora, não aqui, diante do Gerd.

– Traz-nos pelo menos alguma explicação para o porquê de ele ter levado a nossa filha – digo por cima do ombro, quando chego ao corredor de entrada. – E traz à minha mulher um maldito osso para ela ter finalmente onde deixar algumas flores.

– Matthias! – chama o Gerd quando eu já estou junto às escadas. – As amostras de ADN também confirmaram, sem margem para dúvidas, que a Hannah e o Jonathan são filhos biológicos da Lena. És oficialmente avô. Parabéns.

– Idiota – murmuro, enquanto subo com cuidado as escadas para me enfiar no escritório.

Hannah

Às vezes, durante a noite, fico acordada na cama e penso que gostaria de

ter o meu céu estrelado de volta. Estico o braço o mais que posso em direção ao teto e desejo poder tocar as estrelas. Como fazia antes. Imagino a mão da mamã sobre a minha, a orientar o meu dedo indicador de estrela em estrela até ficarem todas ligadas por linhas invisíveis. «Esta é uma constelação muito famosa, Hannah. O Grande Carro», diz ela, e sorri para mim. Eu também sorrio para ela, apesar de ter lido há algum tempo no livro grosso que sabe sempre tudo que o Grande Carro não é realmente uma constelação, mas o conjunto das sete estrelas mais brilhantes da constelação da Ursa Maior. Quando penso nisso, na minha mamã e nas estrelas, dói-me o coração da tristeza que o aperta.

Não gosto da clínica infantil. Tenho saudades da minha família e da pequena *Menina Tinky*, com as suas patinhas desajeitadas e ternas e o seu pelo macio.

O meu quarto não me agrada. O teto é demasiado alto e não lhe consigo tocar, por mais que estique o braço. Ali em cima não há estrelas. E pela primeira janela a sério que tenho também não se vê nada, porque as persianas estão sempre fechadas. Atirei uma cadeira contra o vidro, mas só fez um barulho. E arranjou-me problemas. A senhora Hamstedt continua a dizer que é médica, apesar de até hoje eu nunca a ter visto de bata. É a chefe aqui. Garanti-lhe que não estou doente e que, portanto, não devia continuar numa clínica infantil, mas não me deixam voltar para casa. Nem sequer posso ir à casa de banho quando preciso e querem que fale a toda a hora daquilo de que tenho medo. Mas eu não tenho medo de nada, só não gosto de aqui estar. E é por isso que quero voltar para casa agora mesmo. Quando lhe transmito isto, a senhora Hamstedt diz apenas «Hannah», num tom muito estranho, como se eu fosse um pouco tonta. Mas eu não sou tonta! E também não tenho medo. Há aqui um rapaz que, às vezes, tem verdadeiros ataques de pânico. Num momento, está sentado a comer muito tranquilamente e, no seguinte, atira o prato e os talheres para o chão e começa a bater com a cabeça na mesa. Costumo contar as pancadas em silêncio. O recorde dele está nas doze vezes até que alguém intervenha. Perguntei à senhora Hamstedt o porquê de o rapaz

fazer aquilo e ela contou-me que o problema se chama «perturbação de *stress* pós-traumático». É algo que se pode ter quando se passou por uma experiência horrível, explicou-me ela. Como uma ferida invisível que custa muito a curar.

Não acredito que estejam realmente a ajudar o rapaz. Limitam-se a pôr-lhe um penso na testa, dar-lhe comprimidos azuis e mandá-lo ir fazer desenhos. Mas ele desenha sempre gatafunhos negros e nada mais, ainda que eu já lhe tenha dito mil vezes: «Jonathan, não podes estar sempre a fazer rabiscos tão feios. Tens de te esforçar um pouco mais nos teus desenhos.» Devemos esforçar-nos sempre, em tudo, mas ele só me fita com aqueles olhos estranhos trazidos pelos comprimidos azuis, e então penso: «Este já não é o Jonathan. Na realidade, já não é o meu irmão.» A senhora Hamstedt e os ajudantes dela estragaram-no.

Tenho de sair daqui. Esta nem sequer é uma clínica infantil. Dizem que sim, mas não é verdade. Nada do que dizem é verdade. São todos mentirosos e maus. Este sítio é muito mau.

O meu avô pensa o mesmo. Vem ver-me todos os dias e também me acompanha às consultas médicas. Já fomos juntos ao dentista, que me ofereceu uma estrela autocolante porque tenho os dentes em muito bom estado, e a outros médicos que disseram que preciso de muita vitamina D. A vitamina D é importante, pois sem ela não crescemos. A vitamina D obtém-se da luz do Sol. Apesar disso, não me deixam abrir as persianas do meu quarto. Quando perguntei porquê, a única resposta que me deram foi: «É muito complicado, querida.» Mas não é nada complicado. O avô foi capaz de mo explicar muito facilmente: «Os teus olhos têm de se ir habituando pouco a pouco à luz, Hannah. Caso contrário, a tua retina pode-se desprender.» A retina é o tecido nervoso que cobre a parte interior do olho. Quando a retina se desprende, o olho deixa de estar bem protegido e podemos ficar cegos. É por isso que tenho de usar óculos de sol sempre que vamos às consultas médicas. Mas também não gosto dos óculos de sol, pois tornam o mundo castanho. As árvores, o céu, tudo castanho. Na realidade, o céu devia ser como um quadro,

com nuvens brancas como a neve sobre um fundo azul. A cidade também parece muito diferente através das lentes castanhas, além de cheirar mal. As casas são umas caixas grandes e castanhas. Se as queremos ver inteiras, o nosso pescoço começa a doer. Às vezes, quando vamos a caminho das consultas, o meu avô pergunta-me se quero que ele conduza mais devagar para conseguir contemplar calmamente a cidade, mas eu peço-lhe para ir ainda mais depressa. Paris era mais bonita, aqui não perco nada.

Nos últimos tempos, o coração tem-me doído com frequência. Todos os dias, a toda a hora, na realidade. Estou triste, mas penso que o avô é a única pessoa que realmente o compreende. Ontem, prometeu-me que me levaria para casa. E também me disse que devia responder às perguntas que me fazem para a senhora Hamstedt, os ajudantes dela e os polícias se darem por satisfeitos e me deixarem sair daqui. O Jonathan já não consegue responder a nenhuma pergunta. Os comprimidos azuis deixaram-no tão tonto que se esqueceu de como se fala. Já não diz nenhuma palavra, nem sequer a mim. «Agora tudo depende de ti, minha pequena Hannah», insiste o meu avô. Eu responderia às perguntas, mas tudo o que querem saber é o que aconteceu à mamã e onde está ela, e para isso não tenho resposta. A última vez que a vi foi naquela noite no hospital. No entanto, quando lhes respondo isto, abanam a cabeça e agem como se estivesse a mentir. Seja como for, pensam que digo muitas mentiras. Um dia, a senhora Hamstedt quase se zangou comigo. Não gritou, mas consegui perceber pela cara dela. Segundo o que me transmitiu, eu estava a viver em dois mundos. O que existia dentro da minha cabeça e o mundo real. A senhora Hamstedt também comentou que não era uma coisa má, mas enrugou a testa e as sobrancelhas ficaram numa tal posição que parecia que tinha um grande V castanho mesmo por cima dos olhos. Não lhe devia ter contado nada sobre as nossas viagens. Ao contrário da enfermeira Ruth, foi logo contar à polícia e o homem de fato cinzento voltou e questionou-me acerca delas. Também ele tinha a testa enrugada e um grande V por cima dos olhos. O homem de fato cinzento não acredita na quantidade de coisas bonitas que fiz com a mamã. Pensa que vivemos sempre fechados

como animais do zoo.

«És uma menina inteligente, Hannah», disse ele. «Talvez a mais inteligente que já conheci. Por isso, acredito que sabes muito bem o que aconteceu em vossa casa. E estou certo de que também sabes que a mulher do hospital não pode ser a tua verdadeira mãe, pois não? E se me contasses como conheceste a Jasmin, hem?»

«Gosto mais de Lena», disse eu, e nada mais.

Não falo com pessoas que pensam que estou a mentir.

Jasmin

É terça-feira, ou quarta, ou algum outro dia da semana. Tudo o que sei com alguma certeza é que deve passar do meio-dia e meia porque já fui à sanita. A senhora Bar-Lev, porém, ainda não veio. O meu estômago faz ruídos que se assemelham a gorgolejos.

O que também sei de imediato é que as pancadas que me fazem saltar do cadeirão de leitura estão erradas. A sequência não é aquela, não reproduz três breves seguidas de duas longas: toc-toc-toc – toc – toc.

Esfrego os olhos, porque mal dormi a noite passada, e aguço o ouvido. A torneira da cozinha está a pingar. Na rua lá em baixo, o tráfego ruge e um martelo pneumático retumba.

Voltam a bater à porta. Com demasiada força e com um ritmo equivocado.

Toc-toc-toc-toc.

Quatro pancadas breves. Cautelosa, cruzo a sala de estar com as minhas peúgas grossas de lã. A luz fraca emanada pelo pequeno candeeiro na mesa de apoio junto ao cadeirão de leitura distorce a minha sombra, tornando-a absurdamente longa.

Toc-toc-toc, três breves. Detenho-me. Será a senhora Bar-Lev?

Com o intuito de não fazer qualquer ruído, avanço a arrastar os pés, avanço pelo corredor, levando a minha sombra à frente como uma medonha anteguarda que desliza pelo laminado despido em direção à porta de entrada.

Toc-toc-toc-toc, quatro breves.

Olho rapidamente para a porta do quarto para me assegurar de que está fechada.

Lá fora, o soalho de madeira range várias vezes, como se alguém estivesse a mexer os pés com impaciência. Ouço então uma voz de mulher.

– Está aí? – diz ela, hesitante. E depois: – Senhora Grass, está em casa?

Não é a senhora Bar-Lev.

Quando chego à porta de entrada, uma corrente elétrica atravessa o meu peito. Pelo óculo vejo uma mulher distorcida. Uma agente da polícia, porventura, que enviaram com novas perguntas? Uma jornalista ávida que descobriu a minha morada e me quer fazer uma proposta pelas minhas histórias indizíveis? Ambas as possibilidades só fazem aumentar ainda mais a intensa corrente no meu peito. Decido ignorar as pancadas. Contudo, já de costas voltadas para a porta, ouço outra vez a voz:

– Senhora Grass, se está aí, abra, por favor. Foi a senhora Bar-Lev que me mandou cá.

A sensação de que algo está mal, pior ainda do que a errada sequência de pancadas, percorre todo o meu corpo. Estendo um braço para trás, na direção da cómoda da parede esquerda do *hall* de entrada, e, sem tirar os olhos da porta da rua fechada, tateio a superfície da cómoda em busca de uma arma. Uma moldura de fotografias cai e faz barulho. Sobressaltada, recolho o braço.

– Senhora Grass? Está em casa? – pergunta a mulher, que deve ter ouvido o som revelador da moldura.

Respiro fundo, rodo a chave na fechadura e, vacilante, abro a porta, mas só uma greta. A mulher, que é mais ou menos da minha idade, tem o cabelo curto e tingido de vermelho-tomate, com uma franja que lhe cai para um dos lados e tapa uma parte do rosto. Sorri com timidez.

– Ah, ainda bem. Já começava a pensar que não estava.

Revisto-a com os olhos e reparo que veste calças de ganga e uma *T-shirt*. Além disso, traz uma caçarola que segura à altura da barriga.

– Trago-lhe a comida, senhora Grass.

– Quem é você?

A mulher faz um gesto vago com a cabeça por cima do ombro em direção às escadas.

– Ai, claro, olá. Sou a Maja, a vizinha do lado da senhora Bar-Lev. Também vivo no segundo andar. A senhora Bar-Lev teve de ir ver o filho hoje e pediu-me para lhe trazer isto. – Aponta com o queixo para a caçarola que tem nas mãos. – Cozinhou esta comida especialmente para si. Ah, tome. – Inclina um pouco a cabeça sobre o ombro esquerdo. Traz debaixo do braço vários envelopes, folhetos publicitários e um jornal enrolado. – Também lhe trouxe o correio. A senhora Bar-Lev explicou-me que está a recuperar de uma operação complexa e que ainda se encontra debilitada.

– É verdade – digo com determinação, questionando-me ao mesmo tempo se será possível que não saiba quem sou, se a senhora Bar-Lev não lhe terá já murmurado ao ouvido que no quarto andar vive a trágica sensação do momento.

A própria senhora Bar-Lev soube de imediato. Há cerca de uma semana, estava ela a varrer o tapete, com movimentos pesados e as costas tortas, quando eu, exausta e acabada de sair do hospital, subi as escadas para o meu apartamento, acompanhada pela minha mãe e um polícia. O meu caminhar era algo curvado; a minha respiração, superficial. Segundo os médicos, as costelas partidas estavam a sarar muito bem, mas a dor pungente que sentia ainda me arrancava algumas lágrimas de vez em quando, principalmente quando fazia força sobre o corpo. Os cortes no rosto estavam a cicatrizar, sendo agora apenas pequenos triângulos castanhos com crosta, e a pele tinha ainda um tom amarelado em alguns sítios, sob os hematomas sarados.

Ao ver-me, a senhora Bar-Lev deixara cair a vassoura e tinha exclamado um «ai, meu Deus». Além do meu aspeto, a presença dos agentes da polícia – que deviam ter ido ao meu apartamento várias vezes para investigar o meu

desaparecimento e que sem dúvida tinham interrogado os vizinhos – há muito que a teria deixado curiosa. E depois viera a cobertura informativa nos meios de comunicação social. Eu era a mulher da cabana, era evidente. Embora a imprensa, em nome da proteção da vítima, só tivesse publicado o meu rosto pixelizado ou com uma barra negra por cima dos olhos, não teria sido difícil à senhora Bar-Lev juntar dois mais dois.

– Bem, estou certa de que sabe o quanto custa à pobre senhora Bar-Lev subir as escadas por causa da anca – explica a mulher, enquanto eu continuo a tentar perceber se ela esteve realmente a leste das notícias nestes últimos meses ou está a ser sensível o suficiente para se conter e não dizer e fazer todas aquelas coisas que as pessoas, pelos vistos, dizem e fazem quando estão perante a trágica sensação do momento. O «ai, meu Deus», o «tudo ficará bem», os olhares compassivos e, sobretudo, curiosos que atravessam a minha roupa como uma radiografia e me querem dissecar em busca de indícios de abusos terríveis.

Esboço uma expressão de concordância.

– Sim, a anca – digo. – Há muito tempo que a incomoda.

É por isso que a senhora Bar-Lev só me vem dar o correio nos dias em que ela própria se vê obrigada a sair de casa para ir às compras ou ao médico. Nos outros, não se submete ao esforço de descer todos aqueles degraus até às caixas de correio na entrada do prédio. Ou, para ser mais precisa, não se submete a esse esforço só por mim.

– Reparei que a sua caixa do correio estava a transbordar e pensei…

– Nunca a tinha visto por aqui – comento.

– A mim? Não. Bom, também nunca a tinha visto a si, mas só me mudei há umas semanas.

– Para o apartamento ao lado do da senhora Bar-Lev?

– Sim – confirma, e volta a sorrir.

– Mas vive lá uma família.

– Os Hildner, sim. Mudaram-se.

– Não sabia.

– Sim. – A mulher encolhe os ombros. Ao mexer o braço, a minha correspondência acaba no chão. – Ai, merda – diz ela, rindo, e passa-me a caçarola. Recebo-a e observo a mulher a ajoelhar-se para apanhar as cartas. – Não sou o melhor exemplo de *multitasking*, pois não? – comenta, soltando uma pequena gargalhada.

– Espere – digo, e desapareço atrás da porta para pousar a caçarola na cómoda e ajudá-la.

– Não se preocupe, já apanhei tudo. – Passa-me a pilha de correio pela frincha da porta. – Ah, é verdade, a senhora Bar-Lev disse-me para lhe pedir a louça dos últimos dias.

Penso na caçarola de ontem com o guisado. Também na pequena travessa para forno com batatas gratinadas e na terrina de salada com massa que encontrei à porta de casa, em cima do tapete cuja mensagem convidativa, «*Everybody Welcome*», perdeu toda a validade. Volto a aproximar-me da frincha e vejo que Maja continua a sorrir.

– Desculpe – digo eu, com um sorriso algo forçado. – Ainda não tive possibilidade de a lavar.

– Ah, eu posso fazer isso. Dê-me tudo e não se preocupe.

A minha imaginação já me vê na cozinha, envergonhada, a atirar para o lixo alguns restos de comida ressequida, enquanto a porta de entrada se abre por completo e no patamar aparece a desconhecida supostamente enviada pela senhora Bar-Lev, que de imediato acaba por ter acesso ao meu apartamento. Sinto um ligeiro pânico a nascer dentro de mim, um pânico absurdo, sem dúvida, mas que não consigo refrear com lógica e razão. Esta mulher só quer deixar a comida e levar a louça. Que poderia ela pretender da minha casa? Que poderia querer fazer-me?

Dou voltas desesperadas na minha mente, porém não me ocorre nenhuma desculpa para lhe fechar a porta na cara enquanto ela espera lá fora. Não há nenhuma desculpa que não me faça parecer uma completa idiota.

– Não sei, esta louça, devia mesmo…

– A sério, não me importo.

Maja, a sorrir. Maja, a mulher que a senhora Bar-Lev enviou para que eu não morra à fome. Não há nenhuma desculpa que não me faça parecer aquilo que jurei não ser: a pobre mulher da cabana, traumatizada para o resto da vida, vendo ameaças de perigo em praticamente tudo. Já é bastante horrível que não seja capaz de convidar a minha nova vizinha a entrar enquanto espera pela louça. Noutros tempos, quando a Kirsten aqui vivia, tínhamos sempre em casa gente que mal conhecíamos. Eram apenas pessoas que vinham com outras e que, como nós, gostavam de festas. «Com menos de uma dúzia não é uma festa», costumava dizer a Kirsten, rindo. *Everybody Welcome,* naquela altura, noutra vida.

Assinto com determinação, viro-me como se estivesse a ser puxada por um fio e apresso-me pelo corredor até à cozinha.

A porta da rua está aberta.

Sinto o batimento do coração na garganta. Com movimentos bruscos, empilho a travessa e a pequena caçarola na terrina grande, na qual as marcas de maionese ressequida formam padrões acusadores. Como posso deixar que aquela senhora idosa cozinhe para mim sem sequer lavar a louça dela? *Devias ter vergonha, Lena. Onde estão as tuas maneiras?* Deve haver algures também uma caixa hermética de plástico. Giro sobre mim própria, as minhas peúgas de lã deslizam nos mosaicos e estendo a mão para a bancada em busca de apoio. A porta da rua está aberta. A Maja, que eu nunca vira no prédio e que se terá mudado há pouco tempo, pergunta, num tom de voz mais alto:

– Consegue trazer tudo, senhora Grass? Quer que a ajude?

– Não, não! – respondo.

A caixa, a maldita caixa hermética, onde está ela? Abro a máquina de lavar louça. Não sei como, a caixa hermética foi ali parar, embora ainda continue suja junto a alguns talheres e canecas, à espera de que eu escolha o programa adequado e ponha a máquina a trabalhar. Tiro a caixa e levo-a em equilíbrio sobre a pilha de louça suja pela cozinha e pelo corredor, de regresso à porta de entrada. Que ainda está aberta. Que deixa livre a vista para as escadas. A pilha de louça faz barulho nas minhas mãos trémulas.

A Maja já ali não está. A Maja foi-se embora.

Estás louca.

Nunca esteve aqui, não existe.

Agora somos só nós. Somos a tua família.

Lanço um olhar inseguro à cómoda, mas a caçarola e o correio provam que foi real. Pouso a pilha de louça no chão com dificuldade e atrevo-me a olhar lá para fora. Nada, apenas as escadas em completo silêncio. Nenhum sinal da Maja. Ponho-me à escuta para ver se oiço os passos dela – nem um. Fecho a porta, tentando fazer o menor ruído possível, e viro a cabeça para, hesitante, espreitar por cima do ombro, enquanto o meu coração palpita a um ritmo ameaçador.

Que motivo a levaria a querer entrar sorrateiramente no meu apartamento?, perguntam a lógica e a razão. Há um motivo, grita o pânico.

Jasmin

O apartamento para o qual vim viver há pouco mais de três anos havia sido anunciado desta maneira:

> Procura-se companheiro/a de casa para apartamento de três quartos no centro histórico de Regensburg. São 74 m^2 num edifício de doze apartamentos, incluindo varanda com vista maioritariamente agradável. Prefiro que fumes, porque eu também fumo. O amor pelos animais seria uma vantagem, pois além de mim, uma trabalhadora do ramo gastronómico de 34 anos, o apartamento inclui um gato. Terás à tua inteira disposição um quarto com 12 m^2. A cozinha e a casa de banho são partilhadas. Temos máquina de lavar louça, frigorífico, micro-ondas e máquina de lavar roupa. Renda mensal: 310 euros mais

despesas.

A minha primeira impressão foi a de que as fotografias que acompanhavam o anúncio mostravam uma casa. Não uma casa no sentido puramente arquitetónico de quatro paredes e um telhado sobre a cabeça, mas antes um lar onde havia vida. As divisões eram coloridas e pareciam um pouco fruto do acaso, com uma coleção de móveis de feiras de artigos em segunda mão e pequenos tesouros. O quarto tinha um espanta-espíritos na janela, um colchão que fazia de cama e, por cima dele, numa volumosa moldura com adornos dourados, uma pintura *kitsch* da Virgem Maria com o seu Menino Jesus nos braços, enquanto do teto pendia um lustre com contas de vidro colorido. Na cozinha havia uma mesa de madeira grande e rústica, com riscos e marcas que se viam à distância, e um daqueles frigoríficos compactos, ao estilo americano, cor-de-rosa. Na sala, por trás do gasto cadeirão de leitura, havia pilhas de livros que escalavam pela parede, metros de livros deixados no chão à falta de estantes. Só isto teria deixado louca a minha mãe, e também me deixaria louca a mim, porém de uma forma completamente diferente. Fiquei como que eletrizada, tinha de viver ali. E fiquei com mais vontade ainda depois de conhecer a Kirsten, que me parecia saída de outro mundo, que poderia ter vivido em Ibiza ou em alguma outra ilha *hippie*, com o seu cabelo castanho comprido, que parecia ter sido emaranhado pelo vento e pela água salgada e não ser penteado há anos, com um vestido às flores, incontáveis colares coloridos e umas botas mocassins castanhas com atacadores quase até aos joelhos. A Kirsten, tão alegre e cheia de vida, sempre a sorrir. Eu tinha tardado a sair de casa, mas tal devera-se às circunstâncias, e talvez também a uma espécie de sentido de responsabilidade mal resolvido em relação à minha mãe. Depois da morte do meu pai, só nos tínhamos uma à outra, muito embora aquilo que nos unia fosse mais uma questão de princípio do que amor ou carinho. Aqui, neste apartamento, fui feliz, forte, alegre. Até que, uns meses antes do meu sequestro, a Kirsten e o *Ignaz*, um gato negro e gordo, se mudaram. Eu quis ficar, sentindo a mesma

vontade ardente que me levara a vir para aqui morar. Quis tomar conta do apartamento e das memórias a ele associadas como um legado, como o testemunho de uma era, um corajoso sobrevivente que faz frente à mudança como uma planta que abre caminho pelo alcatrão cinzento e que poderão arrancar com a violência que quiserem, mas sem nunca chegarem às suas raízes. Como as ervas daninhas da entrada da casa dos meus pais, das quais a minha mãe se estava sempre a queixar.

Entro sorrateiramente na cozinha e tiro uma faca do bloco de facas. A afiada que corta tudo, até carne. Inspeciono todas as divisões, cada um dos 74 metros quadrados deste antigo lar. Verifico os ângulos mortos atrás das portas e dos cortinados até ao chão. Vejo inclusivamente atrás da cortina do duche. Não está aqui ninguém, o apartamento está vazio, com a exceção dos meus fantasmas e de mim própria. Durante uns instantes, fiquei absolutamente convencida de que a Maja tinha entrado em minha casa e esperava escondida num qualquer canto escuro para se atirar sobre mim.

Exausta, deixei-me cair no cadeirão de leitura e depois dobrei os joelhos contra o peito, continuando a segurar na faca com a mão direita. Talvez seja verdade e esteja mesmo a ficar louca, louca no sentido clínico da palavra. Talvez já o esteja há algum tempo e, na realidade, devesse voltar ao hospital, a um quarto com puxadores de portas que podem ser retirados por razões de segurança. Apoio a minha cabeça perturbada nos joelhos e começo a soluçar. Estou enclausurada, a liberdade não alterou esta evidência. Um gulache cheira-me a guisado – e uma pessoa que me quer ajudar cheira-me a um perigo que estou disposta a enfrentar com uma faca. E mesmo agora que me sinto louca e estúpida, os meus pensamentos continuam a girar em torno de uma questão: o que terá levado a Maja a desaparecer de repente? Foi-se embora sem dizer adeus, sem um «já não quero a louça suja», um «pensei melhor e prefiro que seja você a lavar a louça» ou um «desculpe, mas tenho de me ir embora» – sem qualquer tipo de explicação.

Pouso a faca na mesa de apoio e levanto-me pesadamente do cadeirão. Quero confirmar mais uma vez se a porta da rua ficou bem fechada. Quando

quis sair do hospital por vontade própria e me neguei a ir para uma instituição especializada, os médicos e a minha terapeuta aconselharam-me a não ficar sozinha ao princípio. Disse-lhes que iria ficar com a minha mãe durante uns tempos e devo ter soado bastante convincente.

A porta está bem fechada, com duas voltas à chave. Mais trancada não é possível. Viro-me para a cómoda, pego numa moldura de fotografias e deixo-a em equilíbrio sobre o puxador da porta. Ninguém entrará no meu apartamento sem que seja avisada pelo som do vidro estilhaçado no chão. Dou alguns passos para trás, olho para a moldura e fixo-me na fotografia: a Kirsten e eu, os nossos ombros a tocarem-se, as nossas cabeças ligeiramente inclinadas, apoiadas uma na outra. Ao centro, entre ambas, vê-se a grande cabeça negra de *Ignaz*. A Kirsten está a segurá-lo pelas axilas na direção da câmara. As patas dianteiras de *Ignaz* estão languidamente suspensas, enquanto os seus olhos amarelos estão transformados em ranhuras desconfiadas. Segundos depois de tirarmos a fotografia, tentou arranhar a Kirsten. «O nosso menino resmungão», costumávamos chamar-lhe. Solto um suspiro. A pilha de correio sobre a cómoda capta-me a atenção. No topo vejo um jornal dobrado a meio, a edição de ontem. A primeira página exibe uma fotografia de Hannah. Na cabana, à débil luz da lâmpada de quarenta *watts*, já parecia muito pálida. Aqui, na fotografia a cores do tamanho da palma de uma mão publicada no jornal parece quase irreal, com aquela pele tão branca, os olhos lacrimejantes e o cabelo loiro claro. Passei com o dedo indicador pelos contornos dos lábios dela, quase impercetivelmente curvados para cima. É esta a forma de Hannah sorrir.

É a rapariga-*zombie* da cabana assustadora!

Cham/Munique (MK) – Duas semanas depois da espetacular fuga da cabana (noticiada por nós), foi anonimamente enviada para a nossa

redação uma fotografia da filha da vítima de sequestro Lena B. A menina (13) e o irmão (11) estão atualmente a receber tratamento terapêutico. B. está desaparecida desde janeiro de 2004. Segundo o comissário-chefe da polícia Frank Giesner, ainda não se conhece o paradeiro da vítima nem a identidade do sequestrador. Aguardam-se agora novas informações e pistas no seguimento de uma reconstrução plástica facial do homem que sofreu golpes fatais durante a fuga de Jasmin G. e que é considerado o presumível sequestrador tanto de Lena B. como de Jasmin G. Esta última foi raptada em maio último e mantida em cativeiro na cabana durante quatro meses, até à sua fuga em setembro. Até agora, apenas foram tornados públicos alguns detalhes chocantes sobre as circunstâncias do seu cativeiro, bem como o atual estado de saúde das duas crianças…

A minha concentração diminui, as letras começam a esfumar-se. Só a fotografia da Hannah continua focada. Questiono-me sobre quem a terá tirado. Para quem sorria a Hannah. E então apercebo-me de que, desde que me deram alta no hospital, não voltei a perguntar por ela. Nem por Jonathan. O torno em volta do crânio fica mais apertado.

Que tipo de mãe és tu, Lena?

Que tipo de monstro?

A farfalhar, o jornal voa para um canto. Massajo as têmporas. Para me distrair, pego no resto do correio em cima da cómoda e levo-o para a cozinha. Sento-me à mesa e vou passando os olhos pelas cartas. A minha companhia de seguros escreve-me, provavelmente sobre os gastos da terapia que, na realidade, não estou a fazer. Uma das cartas é da minha operadora de telemóvel e outra da companhia da água. Deixo-as todas por abrir, à exceção de uma enviada por um remetente anónimo. Um envelope simples, branco, onde apenas consta o meu nome, Jasmin Grass, escrito à mão com caneta de feltro preta em letras maiúsculas, sem direção. Abro o envelope e retiro um papel branco dobrado. Nele, escreveram apenas duas palavras: «PARA A

LENA».

Matthias

– Não, Matthias!

Raios partam, já sabia.

– Não, e ponto final.

– Querida…

– Não!

Os talheres da Karin ressoam na beira do prato. Também eu fiquei sem apetite, mas tento que isso não se note e corto um bocado de bife demasiado grande. Seria a coisa mais normal do mundo, digo para mim próprio, completamente normal, e não há qualquer motivo para interromper o jantar.

– Karin, peço-te…

– Já disse que não.

A Karin pega no guardanapo com um gesto exagerado e limpa a boca, levanta-se de imediato, recolhe o seu prato com o bife, as batatas e os feijões em que mal tocou e leva-o para a cozinha. Ouço a tampa a ser levantada e a comida a ser atirada para o caixote do lixo.

– Karin! – grito por cima do ruído. – Vamos pelo menos falar sobre o assunto!

Tudo o que ouço em forma de resposta é a tampa do caixote do lixo outra vez e a porta da máquina de lavar louça. Tento continuar a comer. A carne parece-me dura.

– Estás a falar realmente a sério? – pergunta a minha mulher quando aparece um segundo depois na porta que separa a cozinha da sala de jantar.

Engulo os feijões que me enchiam a boca e respondo:

– Claro que estou a falar a sério. Seria a coisa mais normal do mundo

trazê-la para casa, para junto da família dela. Já falei inclusivamente com a doutora Hamstedt e ela não colocou nenhum entrave. Pelo contrário, acredita que a terapia da Hannah sairia muito beneficiada.

– Quando?

– Bom, amanhã mesmo, se puder ser.

– Não é isso, quero saber quando é que estiveste a conspirar com a doutora Hamstedt?

Também eu pego agora no meu guardanapo e limpo os cantos da boca.

– Há uns dias – respondo em voz baixa. – O que, aliás, tu saberias se alguma vez a tivesses ido visitar comigo.

– Matthias, não.

– É verdade. Afinal, és a avó dela.

A Karin volta a desaparecer para a cozinha sem fazer qualquer comentário. Desta vez, ouço o frigorífico, depois uma gaveta e finalmente o ruído seco de uma rolha a sair da garrafa.

– Se não te importares, traz um copo também para mim – peço-lhe.

Trarei a Hannah para nossa casa quer a Karin esteja ou não de acordo. Prometi-lhe.

«Avô», disse-me a pequena. «Não gosto de estar aqui. É um sítio mau. À noite não consigo dormir porque estou muito triste. Quero ir para casa.»

Avô. Foi a coisa mais bonita que ouvi em muito tempo.

– Saúde – diz a Karin com a voz crispada quando regressa à sala de jantar e me passa um copo de vinho para a mão. – A ti e às tuas ações a solo.

– Ah, Karin. Deixa-te disso, por favor.

Observo-a a contornar a mesa com rigidez e, com o seu próprio copo, voltar a sentar-se.

– Não, Matthias, não me vou deixar disto. Falas com essa Hamstedt nas minhas costas e depois apresentas-me um facto consumado. Não é justo e é bom que o percebas.

– Só queria confirmar primeiro, em termos teóricos, se seria possível tirar a Hannah dali, ainda que apenas por uns dias. E a doutora Hamstedt precisava

de refletir sobre essa possibilidade. Mas não lhe passou despercebido que a Hannah tem oferecido muita resistência desde que foi admitida no centro de trauma. Não avança nem retrocede na terapia. Percebes, Karin? Não têm ideia do que fazer com ela! Nem sequer conseguem elaborar um diagnóstico! Conseguem tratar o menino, mas a Hannah, Karin, a Hannah… – Pouso o copo de vinho e atiro os braços ao ar. – Pelo amor de Deus, aquela menina é nossa neta! Temos de a ajudar!

– E como pensas tu que o poderemos fazer? Não somos psicólogos! Se eles não sabem o que fazer com ela, como a conseguiremos nós ajudar?

– A Hannah está desesperada por uma família, um ambiente familiar, normalidade e…

– Normalidade! – interrompe a Karin. – Ela não sabe o que é a normalidade!

– Ora bem, nesse caso será ainda mais importante que lha ensinemos. Olha à tua volta! – Sacudo teatralmente os braços. – Isto aqui! Tudo isto! A nossa casa! Foi aqui que criámos a mãe dela!

A Karin bebe um pouco de vinho.

– E como funcionará, na prática? – pergunta, quando volta a pousar o copo. – Vamos preparar a cama do antigo quarto da Lena para ela?

Faço por ignorar o tom sarcástico e anuo com veemência.

– E temos de lhe arranjar alguns livros o quanto antes, Karin! Também sente falta deles. No centro de trauma não pode estudar. Precisa urgentemente de uns quantos livros escolares.

– E no ano que vem matriculamo-la numa escola, é isso? Como uma criança perfeitamente normal?

– Só estou a dizer que ficará contente se lhe comprarmos alguns livros. É bastante curiosa e já tem muitos conhecimentos. Devias ouvi-la, Karin. É muito culta.

Não consigo evitar sorrir ao recordar quando a Hannah me ensinou a dizer «avô» em espanhol.

– Não vai funcionar, pensa bem.

Abuelo, é assim que se diz em espanhol. *Abuelo*…

– Matthias!

– Hem?

– Estou a dizer-te que não vai funcionar. Não nos podemos pôr a brincar às famílias.

– Peço-te que tentemos, Karin. Somos uma família! Ela é nossa neta, filha da nossa filha.

A minha mulher esfrega a testa.

– Experimentemos primeiro durante alguns dias, querida – tento convencê-la. – Foi isso que combinei com a doutora Hamstedt. E, de qualquer modo, terei de levar a Hannah às sessões de terapia no centro de trauma. Na verdade, o mais importante é dar à pobre pequena um pouco de paz.

Silêncio. Sei que a Karin está quase convencida, tenho a certeza. Não quer ser a avó sem coração, e não o é, de facto. Tem apenas medo e quer fazer tudo bem. Deixar a Hannah nas mãos dos profissionais. «Profissionais» esses que não sabem o que fazer com ela.

«Não há muito que lhe possa adiantar nesta fase, senhor Beck», confessou a doutora Hamstedt numa das nossas últimas conversas.

Estávamos sentados no gabinete da doutora Hamstedt, ela atrás da secretária, eu à frente. Na parede atrás dela havia inúmeros diplomas emoldurados que a identificavam como «profissional», enquanto no parapeito da janela à sua esquerda uma planta-aranha com as folhas murchas e amareladas provava que esta suposta «profissional» nem sequer era capaz de cuidar de uma simples planta de interior.

«A forma tão díspar como as crianças parecem ter assimilado o sucedido é bastante notória», declarou a doutora Hamstedt. «Com efeito, a evolução do Jonathan não constitui uma surpresa, sendo na verdade…», fez umas aspas invisíveis com os dedos, «“normal”, ainda que a palavra possa parecer estranha neste contexto. O Jonathan tem pesadelos, grita, nega-se a falar connosco. Verificamos com frequência que as vítimas de experiências traumáticas começam por compreender as coisas por si mesmas, ou pelo

menos tentam fazê-lo. Em todo o caso, assumimos que, com o tempo, ele se abrirá. Primeiro, terá de ganhar confiança e, a longo prazo, perceber que queremos cuidar dele e que está seguro aqui.»

Comecei a balançar um pé. A Hannah devia estar à minha espera.

«Bom, isso soa muito bem.»

«Por outro lado, a Hannah…», enfatizou a doutora Hamstedt.

«O que tem ela?»

A minha interlocutora sorriu como se me tivesse apanhado a fazer alguma coisa.

«Na Hannah observamos um padrão completamente diferente.»

Fiquei com as costas tensas e cheguei-me para a ponta da cadeira.

«E que padrão é esse?»

«O comportamento dela.»

«O que tem ele?»

«Bom, é mais fácil de explicar se usar o exemplo do Jonathan como comparação. O menino viveu a vida inteira na cabana. Num espaço reduzido e improvisado, fechado, sem janelas, sem contacto com o mundo exterior.» Fez uma pausa para salientar a importância do que acabara de transmitir e começou a falar outra vez quando eu olhei para o meu relógio. «Todo este mundo cá fora, com a agitação, a grande quantidade de pessoas, o ruído, todas as coisas que nunca experienciou na cabana, é para ele deveras intimidante. O elevador, uma catástrofe! Quando o queremos levar para um piso diferente temos de usar as escadas. E, devido aos receios que sente, até isso se revela sempre um grande desafio. Um desafio que vai muito além dos movimentos físicos pouco familiares. Percebe, senhor Beck? Estamos a ensiná-lo a subir escadas como a uma criança pequena. E este aspeto também gera frustrações. Por vezes, esconde-se durante horas debaixo da mesa, ou tira a roupa da cama durante a noite para dormir no chão. Com estes comportamentos manifesta de modo muito claro que, neste momento, está terrivelmente sobrecarregado.»

Não fazia ideia de onde ela queria chegar, mas senti-me atacado.

«A Hannah também não se sente feliz aqui», disse eu. «Dorme mal e está

sempre a pedir-me para a vir visitar.»

A doutora Hamstedt soltou um longo suspiro.

«É possível, senhor Beck. Apesar disso, é espantoso o modo como lida tão bem com um mundo que para ela é tão estranho. Ou será que lhe parece horrivelmente assustada?»

«Ela é forte», afirmei, não sem uma ponta de orgulho.

«Senhor Beck, existe uma condição neurológica específica denominada síndrome de Asperger. Talvez já tenha ouvido falar dela. Trata-se de uma forma de autismo e influencia o modo como eles processam os estímulos e interagem com outras pessoas…»

«A Hannah não está doente…»

«Não o descreveria propriamente como uma doença», disse a doutora Hamstedt, erguendo a cabeça. «É antes um transtorno. E também não estamos certos de que a Hannah sofra deste transtorno, embora gostássemos de continuar a examiná-la nesse âmbito.»

Voltei a consultar o meu relógio.

«Muito bem, senhor Beck. Quanto ao pedido de levar a Hannah durante uns dias para sua casa, estou disposta a assumir o risco. Contudo, devo insistir no cumprimento de determinadas condições.»

«Não há problema», disse eu, anuindo, e comecei a levantar-me, finalmente. A Hannah estava à minha espera.

«Um momento, senhor Beck. Também gostava que falássemos um pouco sobre a sua filha. A Lena.»

A maneira como enfatizou o nome fez o meu peito ferver de raiva. Como se eu me pudesse ter esquecido do nome da minha única filha.

«Doutora Hamstedt, agora tenho mesmo…»

«Não posso sequer imaginar o quão difícil deve ser lidar com o facto de ainda não ter obtido as respostas por que tanto anseia.»

Mordi o lábio inferior por precaução. Ela tinha razão, claro. Nenhuma das crianças prestara ainda declarações úteis a este respeito. Era como se não tivessem sequer notado que um dia a tal senhora Grass tinha aparecido na

cabana para ocupar o lugar da Lena.

«Deve ser muito frustrante. Por isso, alegra-me sobremaneira o envolvimento que tem mostrado como avô. E, para o reforçar, gostaria de lhe explicar uma vez mais o contexto psicológico.»

Soltei o lábio e suspirei. Já tinha ouvido aquilo tudo. A doutora Hamstedt começou a divagar, desenvolvendo sempre a mesma comparação. Hannah e o menino, que até agora só tinham podido ver o mundo através do buraco da fechadura. Fechados a vida inteira na cabana onde existiam apenas duas outras figuras de referência: os pais. Um ambiente que obrigava as crianças a amar os pais incondicionalmente. O isolamento que lhes negava a possibilidade de estabelecer comparações. Se nada mais conheciam, como poderiam saber que algo terrível estava a acontecer em redor deles? Como poderiam aprender a diferenciar o bem do mal? E depois a dependência face ao pai, a sujeição desenvolvida desde o nascimento. As crianças não o viam como um monstro que as tinha fechado, ficando em vez disso agradecidas por ele lhes trazer comida para que não morressem à fome e lhes acender o fogo para que não congelassem. Por cima de tudo isto, a todo o momento, ainda agora, pairava a palavra «normalidade». Para Hannah e o menino, a cabana tinha sido a normalidade, a normalidade deles. E raramente questionamos a nossa própria normalidade.

«Já consegui compreender», disse eu, tentando encaminhar as explicações da doutora Hamstedt para uma rápida conclusão. A Hannah estava à minha espera havia quase um quarto de hora.

«Quando o pai lhes dizia para se irem deitar, em certa medida isso não era muito diferente de lhes dizer que agora tinham uma nova mãe», continuou a doutora Hamstedt, imperturbável. «A palavra do pai era lei. É importante que não se esqueça disso, senhor Beck. Mesmo que, neste momento, pense que pode lidar com o facto de ainda não ter uma resposta para o que aconteceu à sua filha, quanto mais tempo esta situação se prolongar, maior será a frustração que provavelmente sentirá. Uma frustração que poderá escalar de modo vertiginoso.»

«Por favor, não me leve a mal, doutora Hamstedt, mas nestes momentos é a minha impaciência que cresce, e de modo mais do que vertiginoso. A minha neta já está à minha espera há um quarto de hora.»

A doutora Hamstedt esboçou um sorriso sabedor.

«Então é melhor que não o demore mais, senhor Beck.»

– Já te ocorreu que só falas da Hannah? – pergunta a Karin, quebrando o longo silêncio entre nós.

Liberto um suspiro, pois julgo saber o que vem a seguir.

– Não quero falar agora da Lena.

– Não me refiro à Lena. Refiro-me ao Jonathan. Chamaste-lhe «menino». Disseste: «Conseguem tratar o menino.» Não reparaste?

– Não sei o que queres dizer com isso.

A Karin ergue-se na cadeira, ficando com as costas muito direitas.

– É por não ter a cor de cabelo certa?

– O quê?

– Por, aos teus olhos, não se parecer o suficiente com a Lena?

– Do que é que estás a falar?

– Na Hannah não reconheces nenhum pai, só a Lena.

– Karin, isso é um autêntico disparate.

Tento fazer um gesto com a mão para rejeitar esta desagradável acusação, mas acabo por bater no meu copo de vinho sem querer. Ao cair sobre a madeira dura da nossa mesa de jantar, o copo parte-se pelo pé. Uma poça vermelha empapa a toalha clara numa fração de segundo. Levantei-me num salto, tal como a Karin.

– Desculpa, querida – digo eu, enquanto tento secar desajeitadamente a mancha vermelha com o meu guardanapo.

A Karin levanta a ponta da toalha para que o vinho não escorra da mesa para a nossa carpete bege.

– São coisas que acontecem – afirma ela, levantando a vista. – Mas já paraste para pensar em todas as consequências de trazer a Hannah para aqui?

Consegues imaginar aqueles jornalistas e fotógrafos a cercarem a nossa casa outra vez, como fizeram quando a Lena desapareceu?

– Oh…

– Neste momento, como as coisas estão, o telefone já não para de tocar. «Senhora Beck», – diz a Karin, imitando uma voz doce, – «ainda tem esperança de que a sua filha seja encontrada? Como estão os seus netos, senhora Beck? É só uma pequena entrevista, senhora Beck, não tomaremos muito do seu tempo.» – Começa a levantar a mesa e a abanar a cabeça. – Não quero ter de passar outra vez por tudo isso, Matthias.

– Eu sei, Karin, mas não me parece que tenhas de o fazer. Porque viriam eles para aqui? O que os levaria a perder esse tempo? Não conseguirão uma entrevista, nem connosco nem com a Hannah. E já têm uma fotografia da pequena. Por que razão se plantaria alguém à nossa porta com uma câmara? Chamam-lhe «rapariga-*zombie*», Karin! Tu mesma o leste! – Abano a cabeça em descrença. – Rapariga-*zombie*. Mas ela parece tão bonita na foto.

A Karin detém-se a meio do gesto.

– Matthias, não.

Baixo os olhos. A Karin consegue ler-me os pensamentos. Conhece-me há quase quarenta anos. Já percebeu. O «não» dela não é dirigido ao meu desejo de trazer a Hannah para casa. Consigo intuir que a Karin percebeu algo mais grave.

– Foste tu que tiraste a fotografia da Hannah e a passaste à imprensa – acaba por dizer. – Voltaste a fazer o mesmo.

Jasmin

Estou sentada no cadeirão de leitura com as pernas dobradas, tão encolhida quanto me permitem as costelas partidas. Aperto a carta entre os dedos

fechados e não paro de tremer.

Tens frio, mamã?

Cala-te, Jonathan!

Amo-te muito, mamã.

Calem-se os dois! Têm de me deixar em paz, estão a ouvir? Hoje não me sinto muito bem.

Fecho os olhos e conto as respirações, tal como me aconselhou a terapeuta em caso de ataque de pânico.

«As vozes não são reais, senhora Grass. Estão só na sua mente. Deixe-as passar como se contemplasse as nuvens do céu. Não as tente reprimir, nem às imagens da sua memória. Deixe que venham e passem, tudo está bem, respire. Respire profunda e calmamente, inspire, expire…»

Respiro.

As vozes, elas estão aqui. A memória começa a ascender e vem à superfície. Mas não passa. Agarra-me a nuca e leva-me para baixo, para as profundezas escuras, para um ambiente sombrio de quarenta *watts*. Estou de volta à cabana e está frio, um frio terrível. A minha respiração forma pequenas nuvens no ar quando me sento com Hannah e Jonathan à mesa de jantar. O plano de estudos de hoje consiste em aulas de Inglês.

«Tens de te concentrar, mamã. Aprender é importante. Não devemos ser ignorantes.»

Não me consigo concentrar. O frio. A condensação do meu hálito recorda-me que o tempo passa e ainda não consegui encontrar uma forma de escapar deste inferno. E já nem sei se aqui estou há dias, semanas ou meses. Pode ser apenas um dia de verão frio ou a chegada do inverno.

«Tens frio, mamã?», pergunta Jonathan com a ingénua naturalidade de um menino que não conhece nada mais do que isto aqui.

O teu marido tem-nos deixado mais vezes sozinhos durante o dia. Supostamente vai trabalhar, o que me surge como uma ideia absurda: um monstro com um trabalho, um emprego provavelmente muito normal e estruturado; um monstro com um recibo de vencimento e direito a

indemnização.

«Mamã, perguntei-te se tens frio?»

Não me chames mamã.

Não sou a tua mamã.

«Sim, Jonathan, estou gelada. Está muito frio hoje.»

De imediato, salta da cadeira, vai a correr até ao sofá, em cujo braço repousa uma manta de lã dobrada, e trá-la para mim.

«Que simpático, obrigada», digo, pondo a manta à volta do meu corpo.

Há dois dias que, como castigo, ando vestida apenas com uma fina camisa de dormir de cetim branco até aos tornozelos. Quando estava a lavar a roupa, sob a supervisão do «papá», demorei um pouco mais do que era devido com a garrafa do detergente líquido, a estudar a informação dos seus componentes. Veneno, uma possibilidade.

Nenhuma possibilidade.

«Poderias bebê-lo ao pequeno-almoço, Lena. É todo biológico.» Uma gargalhada, breve e horrível. «Não sabes valorizar a quantidade de liberdades que te concedo.»

«Sim, valorizo-as muito.»

Não, Deus conclui que não o faço devidamente e castiga-me. Fico sem roupa, sem meias e sem sapatos, apenas com uma fina camisa de dormir. Por esta altura, os meus pés parecem dois cepos, corpos estranhos que já não fazem parte do mim, e os meus dedos estão entorpecidos. O frio entrou-me pela pele de galinha e instalou-se até à medula. Estou completamente congelada. Até me custa sentar.

«Próxima palavra!», exclama Jonathan, bastante sorridente.

«*Summit*», leio mecanicamente o vocábulo seguinte.

Não é um manual escolar que tenho diante de mim na mesa, mas um dicionário geral, *Vocabulário Inglês Básico*. Limitamo-nos a percorrê-lo por ordem alfabética, do princípio ao fim, mecanicamente. Fazemos tudo mecanicamente.

O dedo indicador do Jonathan eleva-se imediatamente no ar. O de Hannah

não, o que é invulgar. Em vez disso, inclina a cabeça para trás e estuda o teto.

«O que se passa contigo hoje, Hannah?», pergunto, cautelosa.

Parece demorar uma eternidade antes de olhar para o Jonathan, depois para mim, e dizer:

«O aparelho de recirculação estragou-se.»

«Não te preocupes. Estou certa de que o papá regressará do trabalho em breve e o arranjará num instante», digo eu.

Mas engano-me. Não vem ninguém.

Seis e um quarto, sete menos um quarto, sete e meia, quase oito da noite.

Vamos ficar cansados, adormecer, sufocar. O Jonathan já está a bocejar.

«Não se preocupem», repito algumas vezes.

O ar parece estar a ficar rarefeito e a diferença entre realidade e ilusão esbate-se. O tiquetaque do relógio da cozinha começa a soar como o batimento de um coração, um coração com um batimento alto, lento e cansado; alto, lento e cansado; cada vez mais alto, mais lento e mais cansado. Entretanto, bocejam as duas crianças, ao princípio tapando a boca com a mão, depois com a boca bem aberta. A Hannah tem a *Menina Tinky* ao colo e, de vez em quando, assegura-a de que não há nada a temer.

Apoio as mãos frias sobre a mesa e levanto-me da cadeira. Cambaleante, atravesso a sala, aproximo-me da porta da cabana, dou fortes abanões na maçaneta, até que fico sem forças e desabo no chão.

«Estou muito cansada, mamã», ouço a Hannah dizer com uma voz fraca.

«Eu sei», respondo, também fragilmente.

Estico-me até à maçaneta da porta, alcanço-a para me levantar do chão com as minhas pernas debilitadas, frias e rígidas, e regresso à mesa, para junto das crianças. Olho para o relógio da cozinha, cujos batimentos ressoam na minha mente: já passa das oito. Ponho a mão no ombro do Jonathan, *acorda*, *mantém-te desperto*, e ouço-me dizer com uma voz surpreendentemente tranquila:

«Meninos, está na hora de ir à casa de banho.»

Percorremos o corredor, a Hannah à frente com a *Menina Tinky* ao colo, o

Jonathan e eu atrás, de mãos dadas. Alternamos na ida à sanita e lavamos os dentes, possivelmente pela última vez. Proponho às crianças que durmam comigo esta noite, na cama grande.

«A *Menina Tinky* também pode vir?», pergunta a Hannah.

Respondo com um sorriso:

«Sim, claro.»

Deitamo-nos muito juntos. Não devem estar sós agora, é tudo o posso fazer por eles, estar presente neste momento, mas é muito pouco e choro em silêncio. Quando o Jonathan respira, o peito dele faz um som ciciante.

«Tenho a certeza de que amanhã nos voltaremos a levantar», sussurra a Hannah. «Morrer não é assim tão rápido, pois não, mamã?»

«Tens razão, querida», digo, com um sorriso, e beijo-lhe a testa fria.

Evito perguntar-lhe há quanto tempo o extrator não funciona, desde quando deixou de ouvir o zumbido. Em todo o caso, estou demasiado cansada para dizer tantas palavras.

«Amo-te muito, mamã», diz a Hannah, mas já mal a consigo ouvir. «Para sempre e sempre e sempre.»

«Eu também vos amo muito. Boa noite.»

Abro subitamente os olhos e inalo uma grande quantidade de ar. Estou de novo na minha sala de estar, encolhida no cadeirão de leitura. Na minha mão, a carta treme. A folha branca com as suas letras acusadoras. PARA A LENA.

Não é possível.

Ou será?

Jasmin

Forcei-me a ligar à Kirsten, que nem demorou meia hora a chegar à minha porta e reproduzir a sequência de sons combinada ao telefone: três pancadas

breves seguidas de duas longas. Toc-toc-toc – toc – toc.

– Tenho andado para te ligar – diz ela, depois de entrar e fechar a porta.

Limito-me a anuir. Fico deslumbrada ao vê-la. Está muito bonita, bronzeada. Pergunto-me se terá ido de férias no verão. Se terá ido de férias enquanto eu estava na cabana.

– Que desarrumação, Jassy.

Acaricia-me o cabelo, que era castanho na última vez que nos vimos, como sempre tinha sido, mas agora é loiro. Loiro-claro, com raízes castanhas do tamanho de um polegar. Quando estava na cabana, imaginava o nosso reencontro. Só que na minha imaginação ela dizia: «Como estou feliz por estares aqui.»

– Ao princípio, quando desapareceste, pensei… – começa ela, mal nos sentamos no sofá da sala.

– Posso imaginar – interrompo-a logo de início.

Não quero ouvir que o meu desaparecimento também poderia ter sido um ato de encenação dramática, apenas para obter a atenção dela. Desaparecer alguns dias, desligar o telemóvel, «vá, preocupa-te comigo, vem procurar-me, encontra-me, leva-me de volta para casa».

– Então é tudo verdade? Refiro-me ao que se lê por aí.

Tira um maço de cigarros da carteira e oferece-me um.

– Não, obrigada, deixei de fumar.

– Que parvoíce a minha. Deduzo que não tivesses tabaco na cabana.

– Não, não tinha.

Começo a morder a unha do polegar, um outro mau hábito que deveria ter deixado há muito tempo.

– Bom, e quanto ao resto? Ou seja, àquilo de que se fala nos jornais.

O isqueiro dá um estalido. A Kirsten inclina-se para o cinzeiro que se encontra na prateleira da mesa de centro e pousa-o na parte de cima.

– Queres saber se tínhamos de comer em tigelas de cão, atados com correias? – Abano a cabeça. – Tínhamos talheres.

A Kirsten demora alguns segundos para se decidir a reagir com meio

sorriso. Nos últimos dias, os jornais publicaram muitas coisas, algumas verdadeiras, mas muitas outras inventadas. Às vezes, tenho vontade de superar as minhas inibições e conceder uma entrevista, apenas para corrigir as notícias erradas. Mas temo as perguntas, temo que algum jornalista pedante, demasiado ambicioso, matreiro, queira saber mais do que deve. Os meus parênteses são firmes e imutáveis, mesmo que isso signifique que a pobre mulher da cabana tenha sido alimentada numa tigela de cão.

Mostro a carta à Kirsten.

– Apareceu hoje na minha caixa de correio.

A Kirsten observa o papel durante muito mais tempo do que o necessário para ler as três únicas palavras nele escritas. Quando, por fim, se vira de novo para mim, os olhos dela evidenciam um assomo de dúvida.

– Deve ter sido só um tarado que está a seguir as notícias e quer assustar-te. Ouvimos falar sobre casos desses a toda a hora. – Inclina a cabeça para um dos lados e olha-me com uma expressão indagadora. – Ou quem pensas que poderá ter escrito isto?

Continuo a morder a unha do polegar.

– O teu sequestrador? Jassy, está morto. Mataste-o.

– Eu sei, mas…

A Kirsten abana a cabeça, sem entender.

– Então quem? Vá, diz-me. Respira fundo.

– As crianças.

– O quê?

– As crianças têm motivos para estar zangadas comigo.

A Kirsten abre muito os olhos, quase fazendo com que saltem das órbitas. É a cara de quem está sentado diante de um louco.

– As crianças? Jassy, mas o que estás para aí a dizer?

Devia rir para disfarçar o meu pequeno e ridículo descontrolo, porém, em vez disso, agarro-me ao braço do cadeirão e tento sentar-me mais direita. A dor, porém, não mo permite.

– Há algo mais – arquejo. – No quarto. Na segunda gaveta da cómoda,

dentro de um par de meias enroladas.

A Kirsten assente com veemência.

– Muito bem, Jassy. Vou ver, fica aqui.

Levanta-se, curva-se para pegar nas minhas pernas e pousa-as com cuidado sobre o sofá.

– Descansa agora – diz. E eu, agradecida, fecho os olhos.

Pouco depois, ouço o som, maravilhosamente familiar, dos saltos da Kirsten sobre o laminado do corredor, seguido de um ranger agudo: o puxador da porta do quarto. Tínhamos-lhe posto óleo centenas de vezes, mas nunca nos conseguimos livrar daquele ruído. Perdi a conta às vezes que acordei de noite por culpa dele, quando a Kirsten tentava entrar no quarto sem fazer barulho depois do turno no bar. A partir de determinada altura, passámos simplesmente a deixar a porta sempre aberta… Abro os olhos em sobressalto, mas então oiço a voz da Kirsten, afetada pelo choque:

– Jassy! Mas que…?

Matthias

Estudante (23) desaparecida em Munique

Munique (LR) – A polícia de Munique procura pistas sobre o paradeiro de Lena Beck (23), de Haidhausen (Munique). Segundo declarações de testemunhas, a estudante universitária esteve numa festa na noite de quarta para quinta no bairro de Maxvorstadt até cerca das cinco da manhã. De regresso a casa, telefonou a uma amiga. Desde então, tem o telemóvel desligado. Na sexta-feira, as buscas policiais na área urbana de Munique revelaram-se infrutíferas. Lena Beck mede 1,65 metros, é

magra e tem cabelo loiro pela altura dos ombros. Da última vez que foi vista, usava uma blusa prateada, calças de ganga pretas, botas pretas e um casaco azul-escuro.

Este foi o primeiro artigo de muitos – como tão ingenuamente pensei – que se seguiriam até que a Lena fosse encontrada.

Foi o primeiro artigo de precisamente quatro: quatro artigos ao longo de todos estes anos em que tem estado desaparecida. Quatro artigos sérios, para ser mais preciso. O segundo era em torno da infrutífera operação dos mergulhadores da polícia enviados para verificar se a Lena caíra ao Isar e se afogara. As testemunhas que haviam estado na festa naquela noite declararam que a Lena «tinha consumido uma quantidade considerável de álcool e outros estupefacientes não especificados». No terceiro artigo começaram a ir por caminhos bastante equivocados. O *Bayerisches Tagblatt* entrevistara uma suposta amiga com quem a Lena falara pouco antes de desaparecer. Essa suposta amiga, Jana W. («nome modificado pela redação»), declarara: «A Lena era uma rapariga com muitos problemas.» Pelos vistos, queria abandonar os estudos. Consumira drogas não só nessa festa de Maxvorstadt, mas também em muitas outras, por toda a parte. Era «uma dessas», «uma dessas» que ia com qualquer um. Uma rapariga fácil a quem bastava oferecer uma cerveja. Ao quinto artigo, a «estudante universitária de Munique (23)» convertera-se na «frequentadora de festas de Munique (23)». Naquela época, eu concedia todas as entrevistas que me solicitavam, embora já suspeitasse de que o interesse da imprensa não radicava em encontrar a Lena, ou pelo menos não em conseguir testemunhos úteis.

Um dia, que jamais esquecerei, reuni-me com um repórter no meu gabinete no escritório.

«A Lena era uma estudante exemplar», declarei, e para o demonstrar mostrei-lhe as notas do último semestre. «Já de pequena queria ser professora. Por isso, os estudos no ramo de formação educacional eram para ela uma

prioridade, a par da família, claro. Éramos muito unidos.»

O fotógrafo que acompanhava o repórter tirou fotos às notas e a mim, sentado muito direito na cadeira do meu gabinete. Muito direito e digno, Matthias Beck, então com 48 anos, consultor fiscal independente, com um negócio próspero, camisa bem engomada e fato às risquinhas, bem penteado, racional, resoluto.

«Não permitirei que a minha filha, que como todos sabem foi vítima de uma situação que ainda desconhecemos, seja também agora vítima de uma caça às bruxas mediática.» Tinha tomado a liberdade de escrever algumas notas prévias e de estudar as frases que pretendia dizer para que não me escapasse nada. «A forma como os meios de comunicação social a descrevem a) não reflete de modo algum o seu caráter e b) este tipo de jornalismo está, na minha opinião, a prejudicar as investigações policiais.»

«E como se sente o senhor Beck com tudo isto?», perguntou o jornalista Lars Rogner, um tipo manhoso, de cabelo escuro com gel, e o colarinho da camisa levantado.

Naturalmente, não tinha preparado a resposta a esta pergunta.

«Tenho o coração partido», disse eu, em voz baixa, depois de engolir em seco.

Rogner anuiu, consternado.

«Entendo isso muito bem, senhor Beck. É horrível.» Então, tossicou e perguntou: «Com que idade começou a Lena a consumir drogas?»

Uma pergunta lançada como um punho, um gancho de direita que me atingiu em cheio e me derrubou da cadeira.

Evidentemente, no dia seguinte, o jornal de Rogner não publicou nem a foto das notas da Lena nem a de um pai muito direito e digno. Publicou a de um despojo humano afundado na cadeira do seu escritório. O título: «Pai da frequentadora de festas (23) desaparecida em Munique confessa: “Desconhecia a vida dupla da Lena.”»

Quando leu o artigo, a Karin deu-me uma bofetada. Foram precisas quase uma semana e meia caixa de ansiolíticos para ela finalmente acreditar que eu

nunca proferira aquelas palavras. Depois disso, passei a levantar-me de manhã cedo e tirar o jornal da caixa do correio antes que a Karin o pudesse fazer. Lia-o em segredo, na garagem, sentado na minha cadeira de pesca, como precaução para a possibilidade de me voltarem a falhar as pernas por causa dos disparates que tinha de ler sobre a minha filha. Quando acabava de folhear o jornal, esperava um pouco mais, até que a minha tensão normalizasse. Então, fechava a cadeira de pesca, saía da garagem e atirava o jornal para o contentor do lixo do vizinho. Forçava-me a pôr um sorriso, entrava em casa e preparava o pequeno-almoço. A Karin e eu acabámos por concordar que eu tinha aprendido algo.

«Pelo menos, continua a aparecer nos jornais», costumávamos dizer, tentando convencer-nos a nós próprios. Por mais doloroso que fosse, não nos devia preocupar se a polícia e as pessoas lá fora estavam a tentar encontrar uma estudante exemplar ou uma farrista desenfreada. O principal era que ainda a procuravam, que ainda não a tinham esquecido. Apesar disso, a Karin fez-me prometer que, no futuro, me manteria afastado dos jornalistas.

Agora, porém, acaba de descobrir que me voltei a intrometer. Que fui eu quem passou a fotografia da Hannah à imprensa. A foto era um instantâneo que ela me deixara tirar numa das minhas visitas ao centro de trauma, depois de lhe ter explicado como funcionava a minha máquina.

– Porque raio foste tu fazer isto?

A Karin está junto da mesa de jantar, com os braços abertos. Pego nos pratos que ela já empilhou e levo-os para a cozinha sem dizer nada. A Karin segue-me.

– Esqueceste-te do que aconteceu da última vez que te envolveste com esses abutres? De como nos despedaçaram, primeiro à Lena e depois a nós?

– Só quero que se mantenham afastados da Hannah – tento desculpar-me, ainda que de forma pouco convincente, enquanto abro a torneira para lavar os pratos.

A Karin resmunga a sua incompreensão por cima do ruído da água. Logo eu, que já devia ter aprendido.

– E tinhas de enviar a foto precisamente ao Lars Rogner!

Sim, precisamente a ele. Tinha de ser. Afinal de contas, fora o único que, quando o mundo seguira em frente sem a Lena ao fim de algum tempo, continuara a publicar, de vez em quando, informações sobre o caso.

– Pelo menos é pai e também sofreu uma tragédia semelhante. Se alguém pode entender aquilo por que estamos a passar, é ele.

Cansada, a Karin solta um riso abafado.

– Referes-te à história que te contou na altura? De que o filho tinha morrido aos oito anos? Por favor. Aposto que foi apenas um truque para ganhar a tua confiança. O Lars Rogner não pensou por um segundo nem na Lena nem em nós. A única coisa importante para ele, desde sempre, é o jornal em que trabalha, tal como todos esses repórteres de pacotilha. E tu nem sequer te apercebes disso.

– Não foi só o filho que ele perdeu. A mulher tinha caído numa depressão profunda e matou-se, matando também o menino! É verdade. Li a notícia…

– Estás só a dizer isso agora para que não te confronte com o quão ingénuo podes ser. Se essa história fosse verdadeira, certamente não nos teria tratado assim.

Suspiro.

– Bom, está bem, Karin. É possível que a ideia da foto não tenha sido muito boa, mas só queria que as pessoas vissem que a Hannah é uma menina completamente normal. Não um *zombie* nem a filha de um monstro. É a filha da Lena.

Fecho a torneira, arregaço as mangas da camisa e começo a esfregar a frigideira em que a Karin fritou os bifes.

– Primeiro os copos, os pratos e os talheres – diz ela, chegando-me para o lado. – As panelas e as frigideiras são sempre no final. Se não, a água fica logo suja. Dá-me isso. – Põe a mão na água para me tirar a esponja da mão. – Eu entendo-te, Matthias, a sério. Queres protegê-la, tal como querias proteger a Lena. Mas esta não é a maneira certa. Só irás causar mais estragos. Além disso, não foste tu quem disse que a pequena precisa de paz e sossego? Para

quê então expô-la à opinião pública? E, de passagem, também a nós?

Tiro o pequeno pano de cozinha pendurado na pega do forno e seco as mãos.

– O Rogner não sabe que a foto foi enviada por mim, se isso te deixa mais descansada. Criei um novo endereço de correio eletrónico para o fazer.

A Karin solta de novo um riso abafado, mas continua a não parecer agradada.

– Claro que criaste. Porque sabias perfeitamente que, se eu descobrisse que te tinhas envolvido mais uma vez com essa escumalha, passarias o resto dos teus dias a dormir no sofá.

– E é isso que terá de acontecer?

– Estou ainda a ponderar.

Volto a pendurar o pano na pega do forno e desdobro as mangas da camisa.

– Vai ficar tudo bem. Tratarei de que assim seja, prometo.

– Também isso me dá medo – responde a Karin, com um suspiro. – Mas, por favor, promete-me que no futuro não voltarás a decidir nada sozinho… – Faz uma pausa porque tocam à campainha. – Quem será, a estas horas? – sussurra, antes de levar a mão à boca, abrir muito os olhos e dar a si mesma uma resposta – O Gerd! – arqueja. – Encontraram o corpo da Lena.

Durante alguns segundos, os meus sentidos falham-me, uma sensação de irrevogabilidade aprisiona-me o peito, o sangue aflui aos meus ouvidos. Os olhos da minha mulher estão arregalados. Ficam humedecidos. A mão à frente da boca começa a tremer.

O trajeto desde a cozinha, pelo corredor, até à porta da rua é feito em câmara lenta. Sinto a Karin atrás de mim, ouço-a a respirar pesadamente, num caminho longo e custoso. Tento assimilar a ideia de que estes são os meus últimos passos como pai de uma filha desaparecida. Que os passos que darei no futuro serão como pai de uma filha morta. O Gerd tinha razão: há uma diferença entre suspeitar e saber.

Viro-me mais uma vez para a minha mulher e concluo:

– É melhor assim.

Levo a mão ao puxador e abro. Contudo, não é o Gerd quem está à nossa porta.

Jasmin

Aperto os lábios e fico a olhar para o teto da sala. Ouço novamente os saltos da Kirsten, mas desta vez em intervalos pequenos e nervosos. Não preciso de virar a cabeça para saber que já está no vão da porta a fitar-me, incrédula. Não se chegou a aproximar da cómoda do quarto.

Imagino como, há apenas alguns segundos, pousou a mão no puxador que range, o puxador da porta do quarto, a porta que, por uma boa razão, costumava estar sempre aberta e que, por uma ainda melhor, passou recentemente a estar sempre fechada. Imagino a cara da Kirsten e como o coração dela terá disparado quando entrou no quarto.

As paredes brancas forradas com papéis sobre ti, Lena. Sobre a tua história.

– Jasmin – diz a Kirsten em voz muito baixa. Apenas «Jasmin».

As paredes estão forradas com todos os artigos que pude encontrar na internet sobre ti. Trezentos e dois artigos. Uma quantidade que representa quase uma resma inteira de folhas, uma mudança de tinteiro e toda a noite anterior a trabalhar.

Sem força, pisco os olhos quando ouço os passos da Kirsten, agora mais próximos, hesitantes, cautelosos, como se se acercassem de um animal perigoso.

– Jasmin – repete.

Como pode ela entender, Lena? Como pode ela não me tomar por uma louca obsessiva? Como pode ela evitar concluir que me comprazo com a minha desgraça? Fechei a porta ao sol, à liberdade, ao mundo. Devia tomar

um duche. Ir ao dentista por causa do buraco no maxilar inferior, onde me falta um molar. Ir ao cabeleireiro para que me pintem o cabelo. Ou pelo menos pedir à Kirsten que me compre uma caixa de tinta na loja. A Jasmin tinha o cabelo castanho, sempre o teve assim ao longo da vida. A Jasmin devia abrir as janelas de par em par para ver o céu, algum céu. A Jasmin devia regressar à vida depois de ter escapado da cabana. É isso que todos os jornais referem em uníssono. «A vítima, Jasmin G., sobreviveu a um martírio de quatro meses.»

Sobreviveu.

– Jassy?

A Kirsten senta-se na ponta do sofá. Nem sequer tento olhar para ela, fixando obstinadamente a vista no teto.

– Porque fizeste aquilo? Porque afixaste todos aqueles artigos de jornal? Que sentido têm?

Fecho os olhos.

– Jassy… – a voz da Kirsten soa como se tivesse começado a chorar. Sinto a mão dela na minha face. – Não estás bem. Precisas de ajuda.

Podes gritar o que quiseres, Lena. Ninguém te virá ajudar.

– Tens de voltar ao hospital, Jasmin.

Esqueceram-se de ti, Lena. Agora só nos tens a nós. Para sempre e sempre e sempre.

Um estertor percorre o meu corpo quando a Kirsten agarra os meus ombros e começa a abanar-me.

– Abre os olhos, Jassy! Olha para mim!

Abre os olhos, Lena. Eu sei que estás acordada.

Obedeço.

– Não me estás a ouvir, Jassy? – Uma palidez de terror tinge o saudável tom de pele da Kirsten, deixando apenas o exuberante vermelho cosmético que lhe marca as maçãs do rosto como uma tentativa falhada de pintura de guerra. – Não me estás a ouvir?

Debilitada, esforço-me para anuir. Uma única lágrima aproveita esse pequeno movimento e desprende-se do canto do olho.

– A culpa é minha – murmuro.

– Nada do que se passou é culpa tua.

Sacudo a cabeça. Outra lágrima desprende-se.

– A culpa é minha, é o que me estão a tentar lembrar. Por minha causa as crianças já não têm pai. Nem casa.

– Ah, certo, a carta. – Um segundo depois, a Kirsten salta do sofá. – A cómoda do quarto – ouço-a murmurar, antes de os seus saltos voarem de novo sobre o piso laminado.

Limpo os olhos com os punhos fechados e fungo. Durante algum tempo, não se ouve mais nada, nem passos nem qualquer outro som que insinue movimento no quarto, nenhuma gaveta a ser aberta. Por um instante, pergunto-me se a Kirsten estará aqui de verdade ou se a sua presença não terá sido mais uma partida da minha mente perturbada. A custo, levanto-me do sofá, respiro para conter a dor que volta a flamejar e arrasto os pés até ao quarto.

Não é nenhuma partida. A Kirsten está realmente aqui. Mas ainda não abriu a gaveta da cómoda. Em vez disso, está sentada no colchão, com a cabeça inclinada um pouco para trás, a percorrer visualmente as paredes. Com dificuldade, sento-me ao lado dela. De nada serve negar como me sinto. As paredes estão forradas com o meu estado anímico. É algo que salta à vista.

– Ele nunca me deu uma razão – começo a explicar, com a voz embargada, depois de fungar outra vez e secar os olhos. – Refiro-me ao porquê de me ter escolhido a mim. É verdade que o posso imaginar. Estava certamente no lugar errado à hora errada. E tive o azar de me parecer um pouco com ela. – Aponto com o rosto para o sem-número de fotografias.

Praticamente todos os artigos têm uma fotografia tua, Lena, e é quase sempre a mesma, um instantâneo. Parece que te tinhas acabado de virar, apenas um milissegundo antes de pressionarem o botão. Estás a tirar uma madeixa de cabelo loiro da cara e a rir. Tudo em ti é riso e leveza. Ontem à noite, enquanto a minha impressora zunia e trabalhava sem cessar, cheguei mesmo a pensar ter ouvido esse riso. Ao princípio, num tom muito baixo,

como num sopro. Depois, à medida que a impressora ia expelindo imagens tuas, cada vez mais próximo e forte, como se estivesses aqui comigo, no mesmo quarto.

– Porque a escolheu a ela, Kirsten? Será que lhe fazia lembrar alguém, tal como eu lha fazia lembrar? Mas, nesse caso, por que motivo terá ela podido manter o nome verdadeiro e eu não? Ou será que ele realmente a conhecia?

A Kirsten suspira.

– Talvez ela tenha sido também uma vítima fortuita, como tu, que estava no lugar errado à hora errada. Pensas que te sentirias melhor se conhecesses a razão? – Nega com a cabeça. – Depois de ter sido atacada no pátio traseiro, também me perguntei mil vezes o mesmo. Porquê eu? Porque teve de acontecer precisamente a mim? Imaginava que aquele homem me tinha estado a observar no bar, que talvez se tivesse sentado ao balcão e sorrido para mim enquanto eu lhe servia uma bebida, que inclusivamente eu lhe devolvera o sorriso com a esperança de que me deixasse uma boa gorjeta. Fiquei obcecada com esta ideia, mas, como sabes, estava completamente enganada. O tipo que me violou nunca esteve no bar. Não esperou que eu terminasse o turno para me seguir. Era apenas um homem com quem me cruzei de noite quando regressava a casa. Como a polícia confirmou mais tarde, tinha estado numa festa num outro bar e embebedou-se ali.

– Sim, eu sei.

– Nessa noite, podia ter-se cruzado com qualquer outra mulher ou não se ter cruzado com nenhuma. Cruzou-se comigo. O destino. – Encolheu os ombros. – Às vezes, não há nenhum motivo, Jassy. Às vezes, os caminhos de duas pessoas cruzam-se da maneira mais infeliz e tudo o que podemos fazer é aceitar isso e, de algum modo, seguir em frente.

– Mas o teu violador foi apanhado. Tiveste a oportunidade de lhe perguntar o que o levara a fazer-te aquilo. Ainda que apenas para ficares a saber que, na realidade, não tinha havido nenhum motivo em particular.

Estico as pernas e mexo os dedos dos pés dentro das peúgas grossas. Estão frios, como todo o meu corpo, que já só sente frio e não deixa entrar o calor.

Tens frio, mamã?

– Já quanto a mim, não posso perguntar nada ao meu sequestrador porque está morto. Nem sequer sei como se chamava.

– A polícia acabará por descobrir.

– Sabes há quanto tempo andam a investigar este caso? E independentemente do que acreditarem ter descoberto, não deixarão de ser suposições. Está morto. Será que não entendes, Kirsten? Ela foi a sua vítima original, a razão, o motivo.

– Jassy…

– Como me conseguirei eu restabelecer se nem sequer conheço a razão de tudo isto?

A Kirsten faz um gesto com o rosto para a parede em frente.

– E acreditas que encontrarás uma resposta nestes artigos?

– Não sei. Penso que apenas quero descobrir quem ela era.

A Kirsten solta uma gargalhada. E nem sequer lhe expliquei ainda que sinto um estranho consolo por estar rodeada pela tua história e pelas tuas fotografias. Que me fazem suportar a solidão porque, na verdade, já não tenho de reviver tudo sozinha. Tu viveste o mesmo, somos duas. Tenho-te a ti, Lena, tu entendes-me.

– Metade deles são histórias inventadas. Pensa bem, Jassy. Agora estão a escrever que estavas atada com uma correia e que comias de uma tigela para cães. Crês mesmo que te bastará ler uns quantos artigos sobre a Lena Beck para ficares a saber mais do que a polícia?

– Suponho que não – digo a meia-voz.

A Kirsten esboça um gesto vago, como que abarcando o quarto.

– Podias também afixar aqui os artigos sobre o teu caso, mas não o fazes! Porque sabes muito bem que muitos deles são histórias inventadas.

– Sim.

A Kirsten levanta-se, sacode a cabeça e aproxima-se da parede.

– Deixa isso! – exclamo quando a vejo tirar o primeiro pionés. – Por favor, Kirsten. É algo que me ajuda.

– Não, Jassy, não te ajuda. Pelo contrário. Não farás qualquer progresso se esta for a primeira coisa que vês ao levantar de manhã.

– Por favor – peço outra vez.

A Kirsten suspira e volta a espetar o pionés na parede.

– Vais começar a ir à terapeuta com regularidade?

– Vou ligar-lhe amanhã, prometo.

A Kirsten baixa os olhos, esfrega a testa e suspira de novo. Depois, volta a levantar os olhos subitamente, como se algo importante lhe tivesse vindo à memória.

– A cómoda, disseste tu. Segunda gaveta.

Matthias

Não é o Gerd que está do lado de fora da nossa porta. É o Mark Sutthoff. E tudo sucede muito depressa. Tento voltar a fechar porta, mas ele trava-a com o pé.

– Matthias! – grita a Karin em segundo plano.

O Mark Sutthoff em minha casa.

O Mark Sutthoff a abraçar a minha mulher. A minha mulher a abraçar o Mark Sutthoff. Estou imóvel na entrada, mas pareço cambalear.

– O que estás aqui a fazer?

– Matthias, por favor – insiste a Karin.

– Peço desculpa por aparecer sem avisar, e a estas horas, mas tentei telefonar algumas vezes e ninguém atendeu.

– Desligámos o telefone – explica a minha mulher, que põe uma mão nas costas do Mark e o conduz para a sala de estar. – Esta gente da imprensa. O telefone não parava de tocar, era insuportável. Quando é que regressaste à Alemanha, Mark?

Sigo os dois como um cão abandonado.

– Acabei de aterrar. Aluguei um carro no aeroporto e vim diretamente para aqui.

O Mark Sutthoff a tirar o casaco e a lançá-lo sobre as costas do sofá como se estivesse em casa. A sentar-se confortavelmente no meu sofá e a cruzar as pernas de um modo descontraído. A pedir à minha mulher um copo de água, ou talvez um chá, mas só se não der trabalho. Começo a ranger os dentes quando a Karin se apressa a ir à cozinha – «Ai, Mark, não dá trabalho nenhum» – para pôr a água a ferver.

– Há muito tempo que te queríamos ligar! – grita desde a cozinha.

– Mas depois pensámos que, na realidade, não havia nenhum motivo para o fazermos – prossigo eu, enquanto a Karin abre a torneira, e cruzo os braços no peito.

– Senta-te, Matthias – diz o Mark Sutthoff, que sorri sem parecer perturbado.

O seu cabelo castanho-escuro tem agora um corte mais curto, enquanto o rosto, tal como o resto do corpo, está mais cheio desde a última vez que nos vimos, há anos, na sede da polícia. Naquela altura, estava muito magro, quase só pele e osso, o que lhe destacava ainda mais o nariz inchado e vermelho, com marcas de sangue seco. Não me culpava, disse ele então na presença do Gerd, porque compreendia a situação excecional em que eu me encontrava. Apeteceu-me cuspir-lhe na cara, bem como na do Gerd, que se deixou convencer por tão miserável fingimento. No final, o Mark Sutthoff arrecadou sete mil euros pela sua pequena atuação.

– Obrigado, prefiro ficar de pé – grunhi.

– Como vão as coisas contigo, Mark? – pergunta a Karin ao regressar à sala com uma bandeja.

Três chávenas, as minhas chávenas. Sempre suspeitei de que a Karin se tinha mantido em contacto com ele, mas nunca a questionara a esse respeito. Certamente teria ripostado com o número de vezes que, por minha causa e das minhas investidas a solo, ela tivera de ir à farmácia com receitas de

ansiolíticos e calmantes.

– Sim, Mark – digo com um sorriso. – Como vai o negócio dos carros em segunda mão?

Há muito tempo, fiquei a saber pela internet que, depois de se ter mudado para França, abrira uma escola de atores, falida ao fim de uns meses.

O Mark Sutthoff também sorri.

– Já não vivemos em Paris, mudámo-nos para o campo. Para o Vale de Marne, uma zona linda com uma natureza incrível. Fazemos vinho. Vou enviar-te uma caixa, Matthias.

– És muito amável.

A Karin, já sentada ao seu lado, tossica e põe as saquetas de chá num prato à parte.

– Aqui está, Mark – diz, e faz um gesto para que ele escolha uma chávena. – Como estão a tua mulher e a tua filha?

O Mark Sutthoff tem uma filha. Primeiro teve a minha, agora tem uma dele próprio. Começo a sentir um latejar por cima da sobrancelha direita.

– Bem, bem – responde ele, sorvendo um pouco de chá.

– Quantos anos tem agora a pequena? – pergunta a Karin.

– Nove. O tempo passa a correr.

– É verdade – diz a Karin com um tom algo melancólico. – Às vezes.

– Há então novos desenvolvimentos em relação ao caso da Lena?

O latejar por cima da minha sobrancelha fica mais intenso quando ele pronuncia o nome da minha filha.

– Desde quando é um assunto que te interessa?

O Mark Sutthoff pousa a chávena com ruído e olha para mim. Se não o conhecesse, diria que lhe acertei num nervo sensível. Um tiro certeiro em cheio no alvo. Os cantos da boca caem-lhe e creio detetar inclusivamente um ligeiro tremor na zona do queixo.

– Sabes muito bem que sempre me interessou.

A Karin dá-lhe umas palmadinhas no joelho para o animar e ele pega-lhe na mão. O Mark Sutthoff e a minha mulher de mãos dadas. Imagino o que

aquelas mãos podem ter feito à minha filha. Como a agarraram, asfixiaram, enterraram numa cova.

«O Mark Sutthoff tem um álibi», informou-me o Gerd na altura.

Incrédulo, abanei a cabeça.

«Álibi, o que quer isso dizer? As pessoas mentem para ter álibis.»

«Matthias, na semana em que a Lena desapareceu, ele não estava na cidade.» Ao ver que eu continuava a abanar a cabeça, o Gerd lançou as mãos ao ar. «Pelo amor de Deus, Matthias. Nem sequer estava no país! Estava em França! Temos o bilhete de avião, a reserva do hotel, declarações do pessoal do hotel e da acompanhante!»

«Que acompanhante?»

«Uma mulher.»

«Uma mulher?»

O Gerd fitou-me durante uns instantes.

«O senhor Sutthoff declarou que a Lena e ele tinham acabado a relação há várias semanas. Encontrámos mensagens de texto no telemóvel dele que o comprovam, mas que sugerem também que os dois se mantinham em contacto e tinham um encontro previsto para quando ele regressasse. Desejavam tentar reatar a relação.»

Afasto o olhar.

– Sei que tivemos as nossas divergências no passado, Matthias – oiço a voz do Mark Sutthoff.

Anuo com debilidade ao surgir-me uma memória. As minhas mãos no colarinho dele, pressionando-lhe as costas contra a parede, deixando-lhe o rosto vermelho como uma lagosta. «Onde está ela, porco?»

– No entanto, tal como tu, sempre desejei que descobrissem o que aconteceu à Lena. Nunca a esqueci. – Quando se ri, o riso parece quase amargurado. – Pergunta à minha mulher, que está farta de ouvir histórias sobre a Lena. Mas o que posso eu fazer? O primeiro amor é para sempre.

A Karin suspira, de certo modo encantada.

– Foi por isso – continua o Mark – que apanhei o primeiro avião

disponível quando a polícia me contactou.

O latejar por cima da minha sobrancelha cessa de imediato.

– A polícia?

Mark anui com entusiasmo.

– Sim, sim. Ontem ligou-me esse tal Bernd Brühling. Pelos vistos, precisam da minha ajuda.

– Gerd Brühling – corrijo, seguindo uma reação automática parva, enquanto a minha mente tenta compreender o significado de tudo aquilo. – A tua ajuda em quê?

– Ainda não sei ao certo, mas – respira fundo e com dramatismo – espero que percebas que farei tudo ao meu alcance para ajudar a encontrarem finalmente a Lena. – Vira-se para a Karin, que parece comovida. – Agora também eu tenho uma filha. Não sei como teria conseguido aguentar estes últimos anos se estivesse no vosso lugar. – Desta vez volta-se para mim. – Provavelmente teria enlouquecido.

Faço por ignorar a expressão sugestiva que me dirige.

– Mas o Gerd Brühling ter-te-á dito alguma coisa ao telefone.

O Mark Sutthoff encolhe os ombros.

– Só que talvez pudesse ajudar, agora que encontraram a outra mulher e, por conseguinte, têm uma nova abordagem. Por falar nisso, como estão as crianças? Um menino e uma menina, não é? Caramba. – Sorri, ensimesmado. – A minha Lena, mãe. Incrível.

– A *tua* Lena…

– As crianças estão como seria de esperar dadas as circunstâncias – apressa-se a responder a Karin. – Não se pode dizer que estejam bem. O Jonathan ficou muito traumatizado. Quanto à Hannah, os psicoterapeutas suspeitam de uma ligeira manifestação de… querido, como se chama a síndrome?

– Asperger – resmungo.

– Asperger, exatamente. Trata-se de uma forma de autismo que faz com quem dela sofre tenha dificuldade em relacionar-se com outras pessoas. Na

comunicação, por exemplo. Revelam uma tendência para entender as coisas literalmente e, por isso, não costumam compreender o contexto em que algo é dito…

– Certo, mas não será isso o mais normal, se passámos a vida inteira fechados numa cabana? Como é que se espera que a pobre menina se relacione com outras pessoas? Ela não tem essa experiência.

– É o que eu lhes digo! – exclamo, levantando o indicador no ar. – É precisamente o que eu lhes ando a dizer, Mark! Não se pode diagnosticar um transtorno assim de modo tão precipitado! Devias ver como a Hannah é esperta!

– Mas, Matthias, a doutora Hamstedt já to explicou – intervém a Karin. – Muitas pessoas com Asperger apresentam uma inteligência acima da média. A questão está muito na forma como vivenciam o mundo…

O Mark abana a cabeça.

– Talvez a menina apenas precise de se habituar a tudo isto.

– É o que eu lhes digo – repito, aplaudindo.

A Karin suspira.

– Vamos ver como corre tudo. Pelo menos, em Regensburg estão nas melhores mãos possíveis. A terapeuta responsável por eles está completamente empenhada.

– Algo que a Karin apenas pode supor – digo ao Mark –, porque nunca me acompanha quando vou ver as crianças.

– Não? – O Mark dirige uma expressão de surpresa à Karin, que baixa os olhos.

– Também eu tenho de me acostumar primeiro – responde em voz baixa.

– Estou certo de que tudo acabará por ficar bem – diz ele, e volta a dar-lhe a mão.

– Quando é que te vais encontrar com o Gerd Brühling? – pergunto.

– Bom, creio que assim que possível. Quando falámos, ainda não sabia que avião ia conseguir apanhar. Por isso, ele não sabe que já cá estou. Vou ligar-lhe amanhã bem cedo.

– Podes manter-nos a par dos desenvolvimentos?

– Claro, Matthias. Nem era preciso pedires.

Pai da jovem frequentadora de festas de Munique condenado por agressão

Munique (LR) – Matthias Beck, pai da jovem frequentadora de festas de Munique, Lena Beck (23), desaparecida desde janeiro, foi considerado culpado de agressão. O Tribunal de Primeira Instância de Munique condenou o homem de 48 anos a 70 dias de multa por ter agredido violentamente o ex-namorado da filha, o promissor ator Mark S. (26). Segundo as suas próprias declarações, Matthias Beck estava convencido de que S. era o responsável pelo desaparecimento da filha. A sentença teve em consideração o estado mental em que Matthias Beck se encontrava no momento da agressão, de acordo com o testemunho de um perito nomeado pelo tribunal. A sentença transitou em julgado. A vítima, Mark S., mostrou-se satisfeita com o resultado do julgamento. «O senhor Beck atacou-me como um animal selvagem e temi pela minha vida. Alegra-me que o tribunal não o tenha deixado ficar impune. Apesar de compreender muito bem a sua dor, o comportamento explosivo do senhor Beck deve ser refreado, não só para me proteger a mim, mas também o público em geral.»

Jasmin

Cómoda, segunda gaveta a contar de cima. Continuo sentada no colchão e

observo a Kirsten, que primeiro apalpa o par de meias certo e depois o desenrola. Estudo-lhe o rosto: os olhos, normalmente tão luminosos, estão agora embaciados; os lábios parecem finos e torcidos. Com dedos trémulos, a Kirsten tirara da confusão de meias um pedaço de vidro ainda com vestígios castanhos de sangue seco.

– Isto é…?

– O caco do globo de neve que a polícia não encontrou.

– Porque é que o trouxeste da cabana? Deduzo que não foi por quereres ficar com uma recordação.

Abano a cabeça.

– Foi a Hannah que mo deu. No hospital. O médico que me estava a tratar tinha-me dado um sedativo e eu estava quase inconsciente. A Hannah entrou no quarto e passou-me o caco de vidro para a mão. «Lembro-me perfeitamente de tudo», disse ela. Quando acordei, ao princípio pensei que tinha sido um sonho, mas depois percebi que estava a segurar o caco de vidro.

– E porque é que ela to deu?

– De início, não o soube explicar. Mas, depois de ver aquela carta, julgo que queria fazer-me sentir culpada.

Lembro-me de novo da ambulância, da estranha sensação que tive quando ouvi a voz dela. «Chama-se Lena», disse a voz que, segundo acreditei então, não podia ser real, apenas efeito do sedativo ou do choque. A estranha sensação reforçada mais tarde, quando fiquei a saber pelo Cham e pelo Munique que a Hannah me tinha realmente acompanhado na ambulância e estava no hospital, talvez a apenas alguns quartos de distância ou, no máximo, um piso. A estranha sensação de que algo não encaixava em tudo aquilo. A Hannah nunca teria abandonado a cabana, e fora isso mesmo que eu lhe pedira umas horas antes aos gritos. Gritei aos dois que me seguissem: «Venham, meninos! Vamos!» – mas não vieram. O Jonathan ajoelhou-se a choramingar em voz baixa junto ao corpo imóvel no chão. A Hannah estava em pé ao lado dele, fitando-me com incredulidade. Eu tinha acabado de ferir o pai deles com toda a minha força, com um grito arcaico, com o globo de neve.

– Culpam-me pela morte do pai.

– Jassy, são crianças pequenas.

– A Hannah já tem treze anos; o Jonathan, onze.

– São crianças.

– O caco de vidro é um sinal.

– Oh, por favor.

– E a carta pretende ser um lembrete. Jamais me devo esquecer do que fiz. Queriam que eu fosse a mãe deles para sempre e sempre e sempre. Mas eu estraguei tudo para sempre e sempre e sempre. – Baixo a voz até a transformar num murmúrio. – Ela lembra-se perfeitamente de tudo.

– Jassy, a carta nem sequer tem remetente. Deve ter sido deixada por alguém na tua caixa de correio. Não podes acreditar mesmo que duas crianças que estão a ser tratadas numa instituição psiquiátrica conseguiram sair para percorrer toda a Regensburg e deixar cartas nas caixas de correio. – Gira o caco de vidro sangrento entre os dedos. – Porque é que não entregaste isto à polícia?

– Não sei. Acho que não queria ter de dar mais explicações. Por isso, escondi o vidro no espaço entre a minha cama e o colchão e depois enfiei-o no saco de viagem que a minha mãe me levou ao hospital.

Detenho-me para interpretar a expressão no rosto da Kirsten. Um rosto que, em tempos, me foi tão familiar. Um rosto no qual um tremor de pestanas continha uma resposta e uns lábios franzidos toda uma discussão. Um rosto que agora me é estranho, como o meu deve ser para ela. Como tudo em mim deve parecer estranho.

– Não percebes – afirmo. A Kirsten não responde. – Não há problema. Também não tens de perceber.

– Mas eu gostaria de te perceber, Jassy! Só que se torna bastante difícil conseguir acompanhar-te.

Esboço um sorriso débil. Ele tinha razão.

Para além de nós, não tens mais ninguém. É melhor que entendas isso.

Hannah

Ao princípio, gostei mais de aqui estar. Na clínica infantil, quero dizer. Não era muito boa, mas era melhor. O Jonathan e eu podíamos dormir no mesmo quarto. E também nos deixavam comer ali juntos, só os dois, sem termos de ir para a sala grande com as outras crianças. A senhora Hamstedt e os ajudantes dela deixavam-nos em paz. Com frequência, vinham ver-nos para confirmar se estava tudo bem. Podíamos ir pontualmente à casa de banho e perguntavam-nos sempre se queríamos ou precisávamos de alguma coisa. Eu queria a *Menina Tinky*, mas a senhora Hamstedt disse que a polícia não a tinha encontrado. Penso que ela escapou quando a mamã e eu saímos a correr da cabana naquela noite. Ou então quando os polícias entraram na cabana. Provavelmente, não fecharam bem a porta. Suponho que se assustou com todos aqueles polícias estranhos e fugiu para o bosque. Agora deve estar por lá, nalgum lugar escuro da vegetação densa, assustada porque tem fome e já não consegue encontrar o caminho de regresso a casa. Ou, pior ainda, se calhar encontrou o caminho de regresso a casa, mas está ainda mais assustada porque nenhum de nós lá está.

«Sinto muito, Hannah», disse a senhora Hamstedt quando eu fiquei triste e comecei a chorar. «Sei que a tua gata é muito importante para ti. Tenho a certeza de que está bem.»

A seguir, acrescentou que, de qualquer forma, não são permitidos animais na clínica infantil. Essa foi a primeira vez em que pensei que este lugar talvez não fosse assim tão bom. E, passados uns dias, comprovei que tinha razão.

Na clínica infantil, disseram que era melhor que o Jonathan e eu ficássemos em quartos separados e comêssemos com as outras crianças na sala grande. Também deixaram de perguntar se precisávamos de alguma coisa e fecharam a porta da casa de banho à chave. Eu conseguia aguentar-me mais ou menos bem, mas o Jonathan fazia chichi nas calças três vezes por dia. Foi então que começaram a dar-lhe os comprimidos amarelos, que ainda lhe

fizeram bem. Pelo menos, conseguia fazer um esforço para desenhar e falava comigo. Não falava com os outros, mas comigo, sim. Uma vez, disse-me que tínhamos de estar aqui como castigo. «Não é verdade», respondi, e acrescentei que não se devia preocupar porque nos viriam buscar em breve. Tinham-nos prometido isso e o prometido é devido. Mas não acreditou em mim.

Pouco depois, começou a bater com a cabeça na mesa durante as refeições. E então trocaram os comprimidos pelos azuis. Agora já não fala e, nas horas de desenho, só faz gatafunhos. Bem lhe disse que tinha de se esforçar mais, mas não me ligou. Rabisca coisas tão feias que já nem sequer nos deixam ficar juntos durante as refeições. E a hora de desenho dele é antes da minha. Quase nunca o vejo, só quando acaba de desenhar no gabinete da senhora Hamstedt e eu estou à espera no corredor para entrar. Como hoje.

Não gosto dos olhos tontos do Jonathan. Embora saiba que são os comprimidos azuis que lhe provocam aquele olhar idiota, custa-me cada vez mais gostar dele. Além disso, nem sequer diz «olá» quando me vê. Devemos ser sempre educados e dizer «olá». A senhora Hamstedt empurra-o para fora do gabinete e obriga-o a dar uns passos no corredor até perto do ajudante que me trouxe aqui e está à espera dele.

– Ocupa-se do jovem, Peter?

– *Concertezamente* – responde o ajudante, com uma palavra que não existe de verdade, antes de se virar para o Jonathan. – Bem, pequenote, como estás hoje? Fizeste desenhos bonitos com a doutora Hamstedt? – O Jonathan limita-se a arrastar os pés ao lado dele sem responder. – Ótimo – diz o ajudante de qualquer forma. – Pois então sigamos para o teu quarto, camarada.

Sigo-os com a vista enquanto se afastam pelo corredor. Além dos olhos tontos, o Jonathan também está diferente em tudo o resto. Mesmo visto por trás, consigo perceber que não penteou o cabelo. No meio, onde apoiou a cabeça na almofada durante a noite, o cabelo está dividido ao meio com caracóis achatados para a direita e para a esquerda. E as estranhas calças cinzentas que lhe deram quase caem até aos joelhos. A mim também me deram umas calças assim, mas cor-de-rosa. Preferia ter as minhas próprias

coisas de casa.

– Bom, Hannah – diz a senhora Hamstedt quando o Jonathan e o ajudante passam pela porta de vidro que dá para as escadas. – Agora é a tua vez, sim?

Ao princípio, não digo nada e nem sequer olho para ela porque quero esperar, como faço todos os dias, para perceber se o Jonathan e o ajudante cortam à esquerda ou à direita depois da porta de vidro. À esquerda está o elevador; à direita, as escadas. Já não nos deixam andar de elevador e isso também se deve ao Jonathan. Na primeira vez gritou tanto que até senti a vibração do grito no estômago. A minha barriga vibrou a sério. E tudo porque o pequeno idiota não entendia o sistema. A senhora Hamstedt disse que tal se devia ao facto de a cabina do elevador ser muito pequena e estreita e de as portas se fecharem durante a viagem. Tive de explicar que um elevador funciona graças a um sistema de cabos e que as portas têm de estar fechadas, claro, caso contrário podemos cair. Mas o Jonathan não me quis prestar atenção. Cada dia que não sobe no elevador, sei que não está «muito melhor», como todos afirmam. Não se quer esforçar e voltar a ser o meu irmão.

Viram à direita. Já sabia.

– Vens, Hannah?

– Sim – respondo, e passo diante da senhora Hamstedt para entrar no gabinete dela.

A janela está aberta. A senhora Hamstedt areja sempre o gabinete entre as sessões de desenho. Gosto que a janela esteja aberta porque isso significa que a persiana também está aberta e assim posso ver o céu. Às vezes é muito azul, às vezes é cinzento, mas nunca é castanho, pois nunca venho ao gabinete com óculos de sol. Não gosto nada do céu castanho. Espero até que ela feche a janela, baixe a persiana e diga para me sentar. O meu lugar é diante de uma mesa de crianças, na qual estão preparados um bloco de desenho e lápis de cor afiados. Ao fundo do gabinete fica a grande secretária da senhora Hamstedt, com duas cadeiras à frente, embora eu nunca me tenha sentado nelas.

– Hoje há duas coisas diferentes, Hannah – diz a senhora Hamstedt quando se senta comigo diante da mesa de crianças. Belisco o lábio porque não me

quero rir dela ao ver que tem pernas tão grandes que não cabem bem numa mesa tão baixa. Nunca devemos rir das pessoas, mesmo quando se sentam de uma forma tão engraçada.

– Queres saber o que são?

Aceno que sim com a cabeça.

– Em primeiro lugar, tenho uma boa notícia para ti. Queres ouvi-la?

Volto a confirmar.

– O teu avô vem buscar-te.

O meu coração começa a bater mais depressa.

– Para ir para casa?

Agora é ela que confirma com a cabeça.

– Estás contente?

Quero repetir o gesto de confirmação, mas acabo por não o fazer porque me parece tonto que estejamos as duas a acenar com a cabeça por turnos. Além disso, a pergunta é pateta, pois já lhe transmiti cem vezes que quero ir para casa. Portanto, é óbvio que estou contente.

– Agora mesmo? – pergunto, em vez de repetir o gesto.

– Mais tarde. Ainda preciso de ti um pouco – diz a senhora Hamstedt, dando a entender que se trata de algo muito importante.

– Para quê?

– Essa é a segunda coisa diferente de hoje.

Levanta-se da pequena cadeira aos poucos, por causa das suas pernas compridas, e caminha até à secretária grande. Só lhe consigo ver as costas, mas ouço um farfalhar de papéis. Quando se vira de novo para mim, tem um desenho nas mãos. Sei de imediato que foi o Jonathan quem o desenhou: gatafunhos negros. A senhora Hamstedt regressa à mesa e esforça-se por se sentar outra vez na cadeira pequena com as suas pernas compridas. Aproxima o desenho de mim. E é então que percebo que, debaixo dos gatafunhos negros, o Jonathan desenhara, na verdade, algo diferente.

– Se quiseres, podes pegar nele – diz a senhora Hamstedt, segurando o papel à minha frente. Pego nele e pouso-o na mesa. Quando deixámos de estar

juntos, a senhora Hamstedt nunca mais me mostrou nenhum desenho do Jonathan. – Preciso da tua ajuda, Hannah, para perceber exatamente o que o teu irmão desenhou aqui.

Passo o dedo sobre o que restou de uma cara debaixo dos gatafunhos negros. Saiu-lhe muito bem, por uma vez esforçou-se a sério.

– É a vossa mamã, não é?

Desenhou-a com um vestido comprido, mas os pés dela devem estar frios, porque o pequeno pateta se esqueceu de lhe fazer uns sapatos.

– Hannah?

– Sim, acho que sim.

– E é a vossa mamã verdadeira, ou seja, a mulher que vos deu à luz? Ou é a mulher que chegou depois dela para estar convosco na cabana?

– O papá disse que isso não é importante.

– Não é importante?

Abano a cabeça.

– Não importa quem nos deu à luz. O principal é que se porte bem e nos ame.

– Foi isso que o teu papá disse.

Encolho os ombros.

A senhora Hamstedt olha-me como se eu tivesse de dizer algo mais, mas não tenho. Quando se cansa de esperar por uma resposta, é ela própria que volta a falar.

– Observa bem o desenho outra vez, Hannah.

Obedeço. A mamã tem algo nos braços, um embrulho com um rosto.

– Consigo distinguir um bebé nos braços dela. – A senhora Hamstedt bate com a ponta do dedo no embrulho. – É o Jonathan?

Abano a cabeça.

– Ou tu, Hannah? És tu?

– Deve ser a Sara. Mas o Jonathan não a desenhou muito bem, estás a ver? – Aponto para a boca. – Aqui ela está a sorrir, mas na realidade estava sempre a berrar. – Quando levanto a vista, a senhora Hamstedt tem manchas

vermelhas no pescoço e na cara.

– E quem é a Sara?

– A nossa irmã. – Coço o pescoço, que me começou a picar, como se tivesse sido contagiado pelas manchas da senhora Hamstedt. – Mas não a tivemos muito tempo porque só causava problemas.

Matthias

Após um exame preliminar no hospital de Cham ordenado pela polícia, as crianças foram levadas para Regensburg. Embora também exista em Cham um centro psiquiátrico, este não é especializado no tratamento de menores. Para mim, teria sido preferível que fossem admitidas numa instituição de Munique, mas, como ainda não havia provas genéticas de que eu era o avô, ignoraram os meus pedidos. Assim, nas duas últimas semanas, tenho feito todos os dias a viagem de carro entre Munique e Regensburg. Hora e meia, se não houver muito trânsito. A Karin considera que é um exagero. Todo este tempo poderia ser aproveitado de outra maneira. Pergunta-me constantemente quando penso voltar a abrir o meu escritório, acrescentando que me faria bem trabalhar nos documentos fiscais de outras pessoas. Mas ambos sabemos que, desde o desaparecimento da Lena e as posteriores calúnias na imprensa, fiquei praticamente sem clientes. Desde a noite do acidente, há mais de duas semanas, está pendurada na porta do escritório uma placa: «Encerrado por motivos de emergência familiar.» A Karin passa por lá de vez em quando para ouvir as mensagens do atendedor automático e regar as plantas. Antes, podia dar-me ao luxo de ter duas colaboradoras, quando os meus clientes me consideravam um consultor fiscal meticuloso, e não um violento condenado que deu uma tal tareia a um promissor e simpático ator que o enviou para o hospital. A Karin não sabe, porém, que estou a ponderar não voltar a abrir o

escritório. Afinal de contas, já tenho sessenta e dois anos. Temos a casa paga e algumas poupanças. Podia reformar-me e ser avô. *Abuelo*…

«Não quero que vás», disse-lhe ao pequeno-almoço, quando ela se ofereceu para vir comigo a Regensburg, buscar a Hannah. «A viagem é muito longa, nisso tens razão. No troço da A9 deve haver bastante trânsito. Bem sabes como me demoro sempre.» Tantos jantares que acabaram por arrefecer nestas duas últimas semanas.

Na verdade, estou ansioso por ir buscar a Hannah sozinho. A ideia de a trazer comigo de carro para casa afigura-se-me como algo solene. Quando era pequena, a Lena adorava andar de carro. Por vezes, obrigava-me a parar a meio de uma viagem mais longa. Um dia, quando avistou um campo cheio de girassóis, agarrou com as suas mãos pequenas o apoio de cabeça do meu assento e abanou-o até eu ceder. Estacionámos à primeira oportunidade e voltámos atrás para apanhar girassóis e olhar para as formas das nuvens. Noutras ocasiões, pedia-me para parar numa estação de serviço só para poder comer um gelado. Penso que a Lena contou à Hannah tudo isto, e com grande detalhe. Contou-lhe tudo. A Hannah sabe, por exemplo, qual é o aspeto do nosso jardim, como se ela própria ali tivesse estado centenas de vezes. A parcela do jardim fica um pouco afastada da zona residencial de Germering, onde vivemos, não muito longe de Munique. É um lugar idílico mesmo na orla da floresta. Herdei-o da minha mãe, a avó da Lena, Hannah. Antigamente, passávamos ali fins de semana inteiros. Lena ficava encantada com as hortênsias. Espero poder levar a Hannah a este jardim em breve, quando se tiver habituado a nós, de preferência logo que possível, antes que as hortênsias murchem.

Estou, portanto, sentado agora no nosso velho *Volvo*. O assento de trás ainda está vazio, embora já só faltem doze quilómetros para Regensburg. No bolso do casaco, o meu telemóvel vibra. Não atendo, não porque não se deve falar ao telefone enquanto se conduz, mas porque me surge a ideia de que poderá ser a doutora Hamstedt do outro lado da linha para me dizer que

mudou de opinião e que não me deixará levar a Hannah. Ou a Karin. A Karin poderia dizer a mesma coisa, mas por outras razões. Aumento o volume do rádio do carro. O boletim meteorológico promete um belo dia de final de verão. Não vou deixar que ninguém o estrague.

São quase onze e meia quando entro num dos parques de estacionamento para visitantes atrás do edifício principal. Cheguei cedo, tínhamos combinado ao meio-dia. Desligo o motor e tiro o telemóvel do bolso. Tenho um total de quatro chamadas perdidas. Da Karin. Também me escreveu uma mensagem de texto, mas não a abro, por precaução. Não há como voltar atrás. É a coisa mais normal do mundo. A Hannah deve ficar connosco. Volto a guardar o telemóvel e saio do carro.

O centro clínico regional é composto por vários edifícios independentes, dispersos pelo recinto hospitalar como se constituíssem uma pequena povoação. Todos os dias, passo pelo enorme sinal que aponta o caminho para a «Clínica de Psiquiatria Infantil e Juvenil, Medicina Psicossomática e Psicoterapia» e olho para o chão. «Psiquiatria» é uma palavra feia. Para a Hannah é uma «clínica infantil»; para mim, um «centro de trauma».

Entro no edifício, que me parece uma versão gigantesca e com vários andares da antiga escola primária da Lena: muitos vidros e estruturas de aço lacado de várias cores. A rececionista deste turno já me conhece e levanta a mão.

– Bom dia, senhor Beck!

– Bom dia, senhora Sommer. Cheguei um pouco cedo.

– Não há problema. Suba, se quiser. De qualquer modo, já estão à sua espera.

Avanço pelo corredor do segundo piso em direção ao gabinete da doutora Hamstedt e reconheço de imediato o Frank Giesner, ainda que esteja de costas para mim. Parece que só tem um fato, este de tom cinza-rato, com os ombros demasiado folgados que lhe fazem as costas parecerem maiores do que realmente são. Junto a ele vejo a doutora Hamstedt e um polícia de uniforme.

Falam em voz baixa até que a doutora se apercebe da minha presença, fica em silêncio e, um segundo depois, os três se viram para mim.

– Ah, senhor Beck, ainda bem que aqui está – diz o Giesner.

Começo a arrastar os pés. Passa-me brevemente pela mente que, por algum motivo, a doutora Hamstedt me quer impedir de levar a Hannah e chamou a polícia. Endireito os ombros e levanto o queixo. A Hannah é minha neta, eu sou o *abuelo* dela e vou levá-la para casa.

– Doutora Hamstedt, senhor Giesner – digo, secamente. Ao polícia de uniforme cumprimento com um aceno de cabeça.

– Senhor Beck – devolve a doutora Hamstedt. – Alegra-me que já tenha chegado.

– Aconteceu alguma coisa à Hannah? Onde está ela?

– Não se preocupe, senhor Beck. Está à espera no meu gabinete com uma enfermeira.

– Há algum problema?

O Giesner toca-me no ombro e suspira.

– Há novidades – declara ele. – A doutora Hamstedt telefonou-me de manhã cedo e já me informou de uma conversa que teve com a Hannah na sessão de terapia. Senhor Beck, parece que há uma terceira criança.

– Sara – acrescenta a doutora Hamstedt.

– Sara – repito eu, tolamente.

A doutora Hamstedt assente.

– Vamos precisar de si, senhor Beck. Ajude-nos a falar com a Hannah.

Hannah

O grito da mamã preocupou-me. Preocupar não é exatamente ter medo, mas também não é bom. Saltei da beira da cama e apertei-me contra o papá,

que estava de pé ali ao lado. Foi uma sorte que estivesse em casa, porque assim tínhamos o fogão aceso e ele podia cozinhar para nós. Naquele momento, o papá segurou-me com muita força. Pôs a mão, grande e quente, sobre a minha orelha direita, para que eu pudesse ouvir o mar. A minha orelha esquerda estava apertada contra a barriga dele. De um lado rugia o mar, do outro gorgolejava o estômago dele.

«Não tenhas medo, querida», disse ele, acariciando-me o cabelo. «As dores são boas. Significam que o bebé está quase a nascer.»

Virei a cara para a mamã, que se contorcia na cama. Tinha a cara muito feia. O lençol fazia ondas por causa das contrações. A pulseira grossa e prateada da mamã fazia barulho contra a coluna do alçado da cama e ela tinha as pernas enroladas na manta.

«Estou bem, Hannah, está tudo bem», conseguiu dizer-me entre os gritos.

«Ajudamos a mamã e damos-lhe a mão?», perguntou o papá.

Ao princípio, não fiquei muito segura, mas depois concordei. Estava tudo bem. As dores eram boas. O bebé estava quase a nascer.

Só que não era verdade. Tinham-se enganado. O bebé não saía. E era por isso que a mamã estava a gritar desde o dia anterior.

Há muito tempo que já não lhe queria dar a mão, nenhum de nós queria. Sentíamo-nos cansados, ninguém conseguia dormir com tantos gritos e estávamos nervosos. Inclusivamente a *Menina Tinky*, que nessa manhã derrubou a minha caneca e fez com que todo o cacau quente se derramasse pela mesa e caísse no chão. A *Menina Tinky* sabia muito bem que não podia subir para cima da mesa. O papá veio, certamente depois de me ter ouvido ralhar com a *Menina Tinky*, e deu-me razão, confirmando que os gatos não podem estar em cima da mesa. A *Menina Tinky* tentou esconder-se debaixo do sofá, mas o papá encontrou-a, agarrou-a pelo pescoço e levou-a lá para fora, para fora da porta de entrada. Ao princípio, pareceu-me bem, porque ela tinha de aprender, mas, quando o papá voltou a trancar a porta, comecei a ficar com medo. Lá fora era perigoso. E se a *Menina Tinky* se perdesse e não conseguisse encontrar o caminho de volta? E se ficasse assustada? E se

pensasse que já não a queríamos? A mamã soltou então um grito bastante horrível. O papá queria ir vê-la e foi logo buscar um balde e um pano para que eu pudesse limpar o que a *Menina Tinky* tinha sujado.

«Papá», consegui dizer, mesmo antes de ele sair da sala.

O papá virou-se para mim.

«Há alguma coisa que me queiras dizer, Hannah?», perguntou, sorrindo, e depois apoiou um joelho no chão e estendeu os braços para mim. Os nossos olhos encontraram-se à mesma altura. O papá diz sempre que, se alguém não nos olha nos olhos, é porque tem algo a esconder.

«Temos de deixar entrar outra vez a *Menina Tinky*. Está demasiado frio para ela lá fora.»

«Só assim aprenderá a lição, Hannah», disse ele, dando-me um beijo na testa. «Agora tenho de ir ver como está a mamã, querida. Ela precisa de mim.»

Assenti com a cabeça.

Ouvi a mamã a gritar. E a *Menina Tinky* lá fora, a arranhar a porta e a miar de uma forma muito triste…

– Hannah? – É o avô. Deve ter percebido que eu estava perdida nos meus pensamentos.

Olho para ele, depois para a senhora Hamstedt e por fim para o polícia de fato cinzento. Estão sentados comigo no gabinete da senhora Hamstedt e esperam que lhes conte algo acerca da Sara, mas eu não quero falar mais dela. Esta manhã já contei tudo à senhora Hamstedt e isso devia bastar. Contei-lhe que a Sara era nossa irmã e que não ficámos com ela muito tempo. Mas a senhora Hamstedt queria saber mais coisas: «Que queres dizer com isso, Hannah?», «O que significa isso?»; «Queres fazer um desenho para explicares melhor?»

Respondi «não» com a minha voz de leão e disse-lhe que preferia voltar para o meu quarto. Só queria descansar um pouco, porque devemos sempre descansar o suficiente antes de fazermos algo especial. E hoje vou fazer algo especial.

O meu avô vai levar-me para casa. Sou a neta preferida dele e já o sei há algum tempo. O avô não vai às consultas com o Jonathan, mas isso não é culpa do avô. O Jonathan não quer sair da clínica. Por isso, ainda não foi ao dentista e também não ganhou uma estrela autocolante.

– Hannah – diz o avô. – Podes contar-lhes com toda a calma. Eu também estou aqui, não precisas de ter medo.

Não tenho medo. Simplesmente não me apetece falar mais da Sara. O mundo não tem de girar sempre só à volta dela. Há coisas mais importantes.

– Já alguém encontrou a *Menina Tinky?* – pergunto. – Tenho a certeza de que ela sente a minha falta.

Matthias

O Giesner e eu, a pedido dele, saímos para uma pequena caminhada pelo recinto da clínica. Por minha vontade, teria partido com a Hannah logo após a conversa no gabinete da doutora Hamstedt. Já podíamos estar a meio da autoestrada, mas o Giesner interpelara-me.

«A doutora Hamstedt informou-me dos seus planos», dissera ele, lançando um olhar duvidoso à Hannah. Pelo menos, tinha tido a decência de não se pôr a discutir as minhas intenções em frente da pequena. Em vez disso, fizera um sinal na direção da porta.

«Vamos esticar as pernas, senhor Beck.»

Entretanto, a Hannah está com a doutora Hamstedt. Prometi-lhe que não demoraria muito e julgo ter visto um sorriso fugaz surgir-lhe no rosto. Tem um sorriso verdadeiramente encantador.

– Compreendo que queira levar a menina para casa, senhor Beck – diz agora Giesner, enquanto saímos pela grande porta de vidro e pisamos o caminho de gravilha que rodeia o edifício da clínica.

– A doutora Hamstedt concorda com a ideia – saliento, cauteloso.

Se a Hannah e eu sairmos na próxima meia hora, poderemos parar uma ou duas vezes pelo caminho. Se não, ficará certamente demasiado tarde, nisso a minha mulher tem razão. Na opinião da Karin, seria melhor que a Hannah conhecesse a sua nova casa durante o dia. O argumento que utilizou, porém, foi o de que, se a Hannah não se sentisse confortável connosco, seria ainda possível levá-la de volta à clínica a tempo do jantar. «É isso que faremos, querida», respondi, e sorri.

– Sim, estou a par disso. – O Giesner acende um cigarro. Não sabia que fumava. – Quer um?

Bato ao de leve na lapela esquerda do meu casaco, junto ao coração, e digo:

– O meu médico far-me-ia em pedaços. Já me salvou duas vezes no limite.

Não sei por que razão lhe conto do meu coração fraco. Talvez para que se compadeça de mim: «Deixem o pobre velho doente levar a neta, pois já não tem muito tempo para estar com ela.» E, de facto, o Giesner parece um pouco preocupado.

– Desculpe – diz ele, ao soprar o fumo da primeira passa por cima do ombro, para longe do pobre velho doente. – Prefere que eu…?

– Não, deixe estar, não me incomoda. Queria falar comigo.

– Sim. Como lhe disse, compreendo que queira levar a Hannah. A questão, e também a fiz à doutora Hamstedt, é: não poderíamos usar esta circunstância para a nossa investigação? A doutora Hamstedt vê nela uma boa oportunidade.

– Não entendo.

O Giesner aponta para um banco a alguns metros de nós, na extremidade do caminho de gravilha.

– Sentemo-nos ali por um momento.

Caminhamos em silêncio, com a gravilha a ranger debaixo dos pés.

– Senhor Beck – retoma o Giesner quando nos sentamos –, a Hannah é uma testemunha importante, mas também muito complicada. Não percebo muito de psicologia, mas a doutora Hamstedt parece-me convincente quando

nos aconselha a não a pressionarmos. Por outro lado, não tem sido particularmente útil na resolução do caso.

– Não são todas as crianças testemunhas complicadas?

– Hum, poderá ter razão. – O Giesner dá uma passa. – Quando interrogamos crianças, costumamos encontrar dois tipos de reação. Algumas precisam de muito tempo antes de começarem a falar, porque se sentem intimidadas, e então limitam-se a dizer o mínimo dos mínimos. Outras, pelo contrário, mostram-se muito comunicativas e quase falam pelos cotovelos, como se tivessem estado à espera para se poderem exprimir. Além da descrição do perpetrador, dizem-nos também o que comeram ao almoço nesse dia e o que o Egas disse no último episódio da *Rua Sésamo*. – Sorri de forma afetada. Eu não sorrio. Quando vê o meu rosto impassível, aclara a garganta. – Enfim, bom, o que estou a tentar dizer é o seguinte: estas crianças, algumas até mais novas do que a Hannah, pelo menos percebem que nós precisamos da ajuda delas e esforçam-se para ajudar, naquilo que podem, a resolver o caso.

– Para ser sincero, continuo sem saber aonde quer chegar.

O Giesner inclina-se na direção da parte lateral no banco para apagar o cigarro.

– A Hannah, pelos vistos, não pertence a nenhuma destas duas categorias, o que complica ainda mais a situação. – Quando se volta a endireitar, deteto uma expressão estranha no rosto dele. – Tem uma mente bastante inquiridora, não lhe parece? – pergunta, com o sobrolho franzido e os olhos semicerrados. – Por exemplo, sem que lho tivesse pedido, explicou-me como funciona a luz azul de um carro da polícia. Em contrapartida, quando lhe pergunto o nome do pai, a única resposta que consigo obter é «papá», ou nenhuma de todo. Este aspeto, naturalmente, intriga-me. Esta é uma menina que procura respostas para tudo. Não a surpreendeu que a senhora Grass tivesse aparecido de súbito na cabana como substituta da Lena? Limitou-se simplesmente a aceitar o desaparecimento da mãe?

– Ora, por favor. – Agito a mão no ar, incomodado. – Não quer mesmo insinuar que a Hannah poderá estar a ocultar informações de maneira

deliberada, pois não? – Solto uma gargalhada. – Chama-se «trauma», senhor Giesner. Quem sabe o que aquele monstro lhe teria feito se ela se tivesse atrevido a fazer as perguntas erradas.

O Giesner olha para o chão e começa a revolver a gravilha com a ponta do sapato.

– Mas agora o monstro está morto – diz ele, uns instantes depois, encarando-me. – Nas duas últimas semanas, interroguei a Hannah nove vezes, senhor Beck. Nove. – Encolhe os ombros. – Pelo menos, agora sei quanto mede a Torre Eiffel, que ela garante ter visitado com a mãe. Trezentos e vinte metros.

– Trezentos e vinte e quatro – corrijo, e começo a mexer-me no banco, incomodado. A madeira dura do banco torna-se muito desconfortável. – Com todo o respeito, senhor Giesner, não creio que nenhum de nós esteja em posição de compreender o que ocorre na psique humana nestas circunstâncias extremas. Mas, pelo menos, vocês têm a cabana, um cadáver e essas vossas engenhocas de ADN. Portanto, podem finalmente resolver o caso sem a ajuda da Hannah. Encontrem o corpo da minha filha.

– É precisamente isso que estamos a tentar fazer, senhor Beck! E acredito que a Hannah poderia ser uma verdadeira ajuda nesse sentido. Só que parece estar a esconder-nos algo. O que poderá ser, senhor Beck?

– Porque não deixam a minha neta em paz de uma vez por todas e vão antes ter com a senhora Grass? O que o senhor pretende é que também eu interrogue a Hannah, não é verdade? Era a isso que se referia no início, quando perguntou se «não poderíamos usar esta circunstância para a nossa investigação». Afirmou que não a queria pressionar. Claro que não, porque quer deixar isso para mim! Resumindo, quer que seja eu a resolver o vosso caso.

– Pelo amor de Deus, senhor Beck, ninguém disse isso. Só pensei que, tendo o senhor desenvolvido um evidente vínculo com a Hannah, talvez existisse a possibilidade de ela se abrir consigo e lhe contar coisas potencialmente úteis para a nossa investigação.

– Investigação… – murmuro.

– Estou apenas a pedir que colabore connosco. Quer encontrar a sua filha e nós também.

– Aqui tem a minha colaboração: a senhora Grass é uma mentirosa. Não tem de quê.

– Tem alguma prova concreta? O que o leva a pensar isso? A Hannah, por acaso, insinuou…

– O que me leva a pensar isso? O puro senso comum, senhor Giesner! Ninguém é simplesmente sequestrado e passa a viver durante meses com uma família a representar o papel de mãe e esposa… – O Giesner abre a boca para me interromper, mas eu levanto as mãos para o impedir. – Sim, sim, eu sei, ela foi obrigada. Mas, ainda assim, nunca tentou perceber o que se estava ali a passar? Nunca tentou descobrir o que tinha acontecido à mulher que ali estivera antes dela? Nunca tentou falar com o suposto sequestrador? Não acreditará certamente em tudo isto, senhor Giesner!

– Senhor Beck, a senhora Grass é uma vítima, tal como a sua filha.

– Mas, ao contrário da minha filha, conseguiu sair viva da cabana.

– Compreendo que esteja furioso, mas não devia dirigir a sua fúria contra a senhora Grass. É injusto, não lhe parece?

Suspiro.

– Além disso, acabou de o dizer, senhor Beck: nenhum de nós está em posição de compreender o que ocorre na psique nestas circunstâncias extremas.

O meu batimento cardíaco, nos últimos minutos consideravelmente mais acelerado, provoca-me um aperto no peito que conheço há já algum tempo. E acresce a isso o desconforto provocado pela madeira dura do banco. Deixo de fitar o Giesner, viro-me na direção contrária e olho por cima das costas do banco para o grande edifício onde a Hannah me espera. Tento pensar nela, na certeza de que, daqui a pouco, sairemos daquele edifício juntos e iremos de carro para longe daqui, para casa. No entanto, os meus pensamentos voltam a ser levados para a Jasmin Grass. Aquela mulher. Como gostaria de ter falado

com ela e ter-lhe tomado o pulso. Tê-la-ia agarrado pelo colarinho e, se necessário, sacudido até obter as respostas às perguntas pertinentes: «Onde diabo está a minha filha?»; «Que sabes tu?»; «Como é que conseguiste voltar a casa e a minha filha não?» A verdade é que não tive oportunidade. Depois de não a ter identificado como sendo a Lena na noite do acidente, não me deixaram falar mais com ela. Para meu próprio bem, como referiu Gerd. E puseram guardas à porta do quarto dela.

– É apenas um palpite, senhor Giesner – digo, tão calmamente quanto posso, para que o meu batimento cardíaco baixe para um ritmo mais saudável. – Nessa mulher há algo que não encaixa. Não vos está a dizer tudo o que sabe.

O Giesner murmura um ausente «hum» e depois tira uma folha de papel dobrada do bolso interior do casaco. Alisa a folha e passa-ma para a mão.

– Reconhece esse homem?

Depois de pôr os óculos de ler, respondo:

– Não. Quem é?

– Segundo a reconstrução facial realizada pelo departamento forense, é o homem cujo corpo foi encontrado na cabana.

– O homem que sequestrou a minha filha?

– É o que supomos, sim.

Normal, é o meu primeiro pensamento. Parece um tipo perfeitamente normal. É isso que mais me espanta. Tento focar-me no rosto dele, talvez para encontrar alguma anomalia que me possa dar algum estranho conforto. Desse modo, a Lena teria sido vítima de um monstro, de uma criatura cuja crueldade pode ser detetada a quilómetros de distância. Contra *algo* assim, não teria tido nenhuma hipótese. Contudo, a imagem que tenho nas mãos não mostra *algo*, mas *alguém*, uma pessoa. Um homem que podia ter vivido no nosso bairro. Um homem que podia ter sido um dos meus clientes, ou um advogado ou um mecânico de automóveis. Um homem que se podia ter apresentado à porta da nossa casa para vir buscar a Lena para um encontro e ter recebido da minha parte o desejo de uma noite agradável. E talvez até me tivesse causado uma boa primeira impressão. Melhor do que a do Mark Sutthoff, em cujo sorriso

julguei detetar de imediato uma certa manha. Por um momento, não sei se fico desapontado ou aliviado com o facto de a reconstrução não mostrar o rosto de Mark, porque ontem à noite, quando concordou comigo em relação à Hannah, pensei pela primeira vez que talvez me tivesse enganado a respeito dele. Afinal de contas, era possível que tivesse sido injusto com o Mark.

– Tem a certeza, senhor Beck? – pergunta a voz do Giesner, intrometendo-se nos meus pensamentos. – Observe bem o homem. Demore o tempo de que precisar.

Assinto. O homem que sequestrou e matou a minha filha. Este homem tão normal e comum.

Sem tirar os olhos da imagem, abano a cabeça.

– Não o conheço, não.

O Giesner suspira, eu levanto a vista.

– Mostraram a imagem à Hannah?

– Sim, esta manhã, antes de ter chegado. Olhou para ela e felicitou-me pelas minhas capacidades de desenho. – O Giesner volta a suspirar.

– Têm de tornar esta imagem pública! Deve ser divulgada em todos os jornais e noticiários televisivos. – As minhas mãos, que estão a segurar o papel, começam a tremer de agitação. – Alguém reconhecerá este porco.

– Hum – diz novamente Giesner, e depois: – Vamos pensar nisso. O problema é que, de acordo com a nossa experiência, se tornarmos a imagem pública, meio mundo julgará que conhece o homem. As pessoas ligar-nos-ão para dizer que é o vizinho, o professor dos filhos, o dentista. Levaremos com uma avalancha de pistas e demoraremos uma eternidade a peneirá-las, sem qualquer garantia de resultados.

– A sério que me está a dizer que é demasiado trabalho para vocês, senhor Giesner? É a vossa profissão!

O Giesner não diz nada.

O meu coração começa a acelerar de novo.

– Então, não vai acontecer nada? Vão deixar que a coisa morra por si mesma?

– Não, não, senhor Beck, de maneira nenhuma. – Tira-me a folha de papel da mão, dobra-a e volta a guardá-la no bolso interior do casaco. – Primeiro, perguntaremos ao círculo mais próximo.

– Mas eu sou a pessoa mais próxima da Lena! E estou a garantir-lhe que não conheço esse homem!

– Senhor Beck, sei que tinha uma relação estreita com a sua filha, mas… – Faz um compasso de espera.

Tenho uma ideia do que vai dizer a seguir, enquanto escolhe as palavras para não transtornar demasiado o pobre velho doente. É claro que leu os ficheiros antigos. É claro que o Gerd o informou acerca da investigação em torno do desaparecimento da Lena. É claro que conhece os artigos dos jornais. As mentiras que possivelmente considera verdadeiras, apenas porque sendo impressas em letras garrafais parecem ganhar importância. Uns pais que, pelos vistos, não conheciam realmente a própria filha. Recordo cada um dos artigos, cada uma das palavras…

Amiga da estudante universitária de Munique desaparecida (23) afirma: Lena tinha problemas

Munique (LR) – Jana W. (nome alterado pela redação) senta-se no peitoril da janela da sua sala de estar no quarto andar e deixa os olhos vaguearem sobre a cidade. «Onde estás, Lena?» é a pergunta que a amiga da estudante universitária Lena Beck (23, como aqui foi noticiado), desaparecida há quase uma semana, repete vezes sem conta. Jana W. foi a última pessoa com quem Lena Beck teve contacto antes do seu desaparecimento. «Ela ligou-me a caminho de casa depois da festa», recorda W., tentando manter a compostura. «Eu devia ter percebido que algo de errado se passava com ela, mas estava apenas zangada por me ter acordado àquela hora.» Quanto ao conteúdo dessa chamada, W. declara:

«A Lena disse que finalmente queria mudar de vida e que não podia continuar assim.» No entanto, W. não entendeu aquela afirmação como um pedido de ajuda. «Parecia que tinha bebido muito. Além disso, a Lena tinha com frequência o impulso de querer mudar alguma coisa. Já tinha pensado em desistir dos estudos, o que teria sido sensato. Nunca se interessou particularmente por eles e era presença mais assídua nas festas do que nas aulas. Provavelmente, teria chumbado nos exames deste semestre.» Beck e W. frequentam ambas o quarto semestre da formação de professores na Universidade Ludwig Maximilian, em Munique. «Mas penso que ela tinha medo de desapontar os pais. A Lena que os pais conhecem é uma pessoa bastante diferente.» Será que a jovem de 23 anos estava tão desesperada que pensou em suicídio e saltou para o Isar na noite do seu desaparecimento? Jana W. não pode descartar essa possibilidade. «Mas também a imagino simplesmente a fugir com um tipo qualquer. Estava sempre a falar-me de novos encontros amorosos. No pior dos casos, desta vez apaixonou-se pelo tipo errado.» Todavia, W. ainda não perdeu a esperança de, em breve, poder abraçar novamente a amiga e, entre lágrimas, deixa o apelo: «Lena, se estás algures por aí, volta para casa. Sentimos a tua falta.» Pouco antes do meio-dia de hoje, a operação de mergulho da polícia foi retomada. «Até agora, as buscas não produziram quaisquer resultados que possam estar relacionados com o caso da desaparecida», comunicou o comissário-chefe Gerd Brühling. O comissário-chefe recusou-se a comentar o recente estado mental de Lena Beck. Brühling também não quis entrar em pormenores sobre a declaração de uma mulher que afirmou tê-la visto acompanhada por um homem numa estação de serviço perto da fronteira com a Áustria. Não obstante, assegura: «Claro, levamos a sério todas as pistas e investigamos em todas as direções.»

– Senhor Beck? – Giesner.

– Muito bem – respondo, abatido. – Interrogue o… – desenho umas aspas invisíveis no ar – «círculo mais próximo». Esses amigos que supostamente conheciam a Lena muito melhor do que eu. Pergunte-lhes se este tipo poderia constar entre o suposto vasto número de engates da minha filha. Tome-lhes bem o pulso. – Procuro as costas do banco para me apoiar e levanto-me com um gemido. – Talvez o senhor, ao contrário do senhor Brühling, consiga perceber quantas pessoas se dedicaram naquela altura a espalhar mentiras sobre a Lena apenas para se sentirem importantes. Só para descortinar isso já valerá a pena. Ah, sim, e não se esqueça da senhora Grass, por favor.

O Giesner, que também se levantou do banco, dirige-me um olhar penetrante.

– Não tem nenhum motivo para duvidar de si mesmo como pai, senhor Beck. Os pais querem proteger os filhos, é algo perfeitamente normal. Só que, às vezes, esquecem-se de que os filhos são pessoas independentes…

– Sim, sim, está bem – resmungo, apontando depois para o casaco dele, em cujo bolso interior guardou a folha de papel com a reconstrução facial. – Posso levar esse documento comigo para Munique para o mostrar à minha mulher? Ela também faz parte do «círculo mais próximo».

– O comissário Brühling poderá tratar disso, uma vez que se encontra lá.

– Senhor Giesner, não quero que a minha mulher se sinta mais pressionada do que o necessário. – Levo a mão ao peito. – Estes interrogatórios são angustiantes para todos nós.

– Não posso entregar esta reconstrução a ninguém, senhor Beck, não posso mesmo. Lamento.

A mão que tenho em posição plana sobre o peito recolhe-se num punho fechado e faço um trejeito.

– Talvez pudesse olhar para o lado um segundo enquanto eu tirava uma fotografia com o meu telemóvel. – Arquejo, com falta de ar. – E assim poderia mostrar a imagem à minha mulher e contactá-lo de imediato se o homem fosse familiar. Afinal de contas, acabámos de combinar que nos esforçaríamos por colaborar um com o outro, não foi?

O Giesner esboça uma leve expressão de discordância.

– Ainda que não acredite em mim, senhor Beck, eu entendo-o. No entanto, não lhe estaria a fazer nenhum favor com isso. Deixe-me fazer o meu trabalho e preocupe-se em cuidar da sua neta. É melhor para todos, acredite.

Hannah

O meu avô foi lá fora com o polícia, mas prometeu não demorar muito. Na verdade, isto também quer dizer que não demorarei muito a ir para casa.

A senhora Hamstedt propôs que, enquanto esperávamos, fizéssemos mais desenhos. Tive de lhe fazer ver que é mentira dizer que vamos desenhar quando sou só eu quem desenha. Além disso, não me apetece desenhar mais. Parece-me que aproveitaria melhor o tempo se me fosse despedir do Jonathan. Devemos despedir-nos sempre, antes de irmos embora. Não nos despedirmos é mal-educado. A senhora Hamstedt deu-me permissão.

Saímos do gabinete dela e vamos pelo corredor até à porta de vidro. À esquerda está o elevador; à direita, as escadas. Pergunto à senhora Hamstedt se podemos ir de elevador. Ela olha para mim como a mamã costumava fazer às vezes, nas horas de estudo, quando a minha resposta não era muito certa. Como se eu não tivesse pensado bem.

– É só um sistema de cabos – explico à senhora Hamstedt, depois de pôr uma cara de exasperação sem querer. Não posso dizer à senhora Hamstedt que ela é idiota, pois nesse caso não me deixará ir para casa. – E as portas devem estar fechadas, caso contrário podemos cair da cabina.

– O Jonathan também sabe isso, mas não deixa de ter medo de andar de elevador – diz ela. – E sabes que mais, Hannah? É algo que também está bem. Não temos de fingir que somos muito fortes se, na realidade, não nos sentimos assim. É muito normal termos medo das coisas que não conhecemos.

– Um elevador, também chamado de ascensor ou monta-cargas, é uma cabina que se desloca para cima e para baixo por um poço vertical e cuja finalidade é transportar de um piso para outro, fim – recito de memória a passagem correspondente do livro grosso e pressiono o botão que tem uma seta para cima, o qual se ilumina então de amarelo. É assim que se chama o elevador. – Eu já subi três vezes sem ter medo. Não te esqueças de que estive com a minha mãe na Torre Eiffel. Lá temos de subir quase trezentos metros num elevador para chegar ao miradouro mais alto.

Ao princípio, a senhora Hamstedt não diz nada. O elevador faz tocar uma pequena campainha ao chegar. Entramos nele. As portas prateadas deslizam atrás de nós. A senhora Hamstedt pressiona o botão redondo com o número dois. No total, há três botões redondos alinhados na vertical, como um semáforo. Com eles, indicamos para que piso tem de ir o elevador.

– Porque não levavam o Jonathan quando saíam nas vossas viagens?

Os cantos da minha boca estremecem porque sinto que o meu estômago salta. Esta sensação no estômago é o que mais gosto ao andar elevador.

– Hannah?

Volto a pôr a cara de exasperação.

– Porque sou a filha preferida dela.

Não sei quantas vezes tenho de explicar isto até que a senhora Hamstedt finalmente perceba. Até que o mundo inteiro perceba. Deve haver sempre um filho preferido no qual se possa confiar.

Está escuro no quarto do Jonathan porque as persianas estão para baixo. O problema da retina deve ser coisa de família. Além disso, cheira mal no quarto, a ar de peidos, o que não é de estranhar porque ninguém instalou um aparelho de recirculação. No meu quarto passa-se o mesmo, só abrem a janela quando vou comer ou desenhar, ou quando saio para uma consulta médica com o avô. Uma vez perguntei porquê, mas ninguém me respondeu. Penso que é porque os fechos das janelas têm um pequeno cadeado e é preciso abri-lo primeiro para os poder manusear. É possível que só exista uma chave para

todos os cadeados e que os ajudantes da senhora Hamstedt tenham de a ir buscar de cada vez que ela é necessária. Já lhes disse para fazerem como nós fazíamos em casa. Nunca tínhamos de pensar onde podiam estar as chaves nem passar muito tempo a procurá-las porque o papá encarregava-se sempre delas. Expliquei à senhora Hamstedt que deviam escolher alguém para ser o encarregado das chaves. Mas ninguém me ligou, claro. Pelos vistos, pensam que sou só uma menina e que por isso não sou muito esperta. Mas sou muito mais esperta do que eles.

O Jonathan está sentado no canto mais distante do quarto, no chão, com os joelhos dobrados contra o corpo.

– Olá, Jonathan – diz a senhora Hamstedt.

Ao fechar a porta do quarto, tenta fazer o menor ruído possível para não o assustar, mas penso que ele toma tantos comprimidos azuis que não se importa que alguém lhe entre no quarto. Nem sequer levanta a cabeça dos joelhos.

– Queres que eu espere lá fora? – pergunta-me a senhora Hamstedt, e eu aceno-lhe que sim.

«Fora», no entanto, significa que fica em pé junto à porta aberta, de costas para nós. Aproximo-me do Jonathan em bicos dos pés, embora não me pareça que ele seja perigoso. Já não é nada. Sento-me muito perto dele para que me possa ouvir quando lhe sussurrar. Se é que ainda consegue ouvir seja o que for.

– Porque desenhaste a Sara?

Parece-me que estremece um pouco.

– Esqueceste-te dos gritos terríveis que a mamã deu por culpa dela? Será que te esqueceste realmente de tudo?

Quanto a mim, lembro-me muito bem. Os gritos terríveis. A cara feia que a mamã pôs. O modo como dava pontapés e se contorcia tanto que a pulseira lhe cortou o pulso e o sangue lhe correu pelo antebraço. E depois mais sangue e mais gritos que não deixavam dormir ninguém. E aquela situação da *Menina Tinky*. Se a mamã não tivesse gritado tanto por culpa da Sara, a *Menina Tinky* nunca teria derrubado a caneca de cacau quente com o susto e o papá não a

teria deixado fora da porta como castigo. Só à noite é que pôde voltar a entrar. Estava muito fria e rígida, e demorou uma eternidade a ficar outra vez com o pelo quente, junto ao fogão a lenha. Tudo por culpa da Sara.

A nossa irmã tinha uma cor muito estranha. Estava lilás e viscosa, manchada de amarelo e vermelho. Só concordei tocar-lhe depois de a mamã a ter limpado. Estava tudo imundo: a Sara, a mamã, a cama inteira. Puxei o lençol para o tirar do colchão. O papá disse que a mamã tinha perdido muito mais sangue do que no parto do Jonathan e no meu. As nódoas eram mesmo enormes. O papá também disse que não valia a pena lavar os lençóis. Trouxe para o quarto um rolo de sacos do lixo grandes de cor azul, antes de ir com as duas à casa de banho. Eu estava a desabotoar as fronhas das almofadas quando a mamã voltou com a Sara nos braços. A mamã movia-se de uma forma muito estranha, devagar, como se a cada passo tivesse medo de partir os ossos. Sentou-se então na beira da cama. O bebé já tinha melhor aspeto, estava limpo. A mamã disse que era um bebé perfeito. Que a Sara era perfeita. O nome significa «princesa». «Perfeito» significa «completo». Não havia nada melhor do que a Sara. Eu estava cansadíssima. Primeiro os gritos da mamã, agora os gemidos da Sara. Enfiei os lençóis em dois sacos do lixo, tal como o papá me ordenara.

«Quando voltaremos a ir de viagem, mamã?»

Ao princípio, a mamã não me ouviu e, por isso, tive de perguntar outra vez.

«Não poderemos durante algum tempo, Hannah», disse então, sem tirar os olhos da Sara, que estava nos braços dela.

Aqueles horríveis gemidos. Nem sequer teria podido dizer se o aparelho de recirculação estava a funcionar bem.

«Ela também podia vir», disse eu, embora não quisesse realmente que isso acontecesse. «Podia vir connosco», voltei a dizer. A mamã devia olhar para mim, pois eu estava a falar com ela. «Mamã?» Era mal-educado não olhar para mim. «Mamã!»

«Já chega, Hannah», murmurou.

Só então olhou para mim, mas por um breve momento, porque de seguida a Sara começou a gemer novamente, desta vez ainda com mais força.

«Chiu, chiu», disse a mamã, acariciando-lhe a cabeça. «Ainda é muito pequena, Hannah. Com um bebé como ela não se pode ir de viagem. Seria demasiado cansativo.»

«Mas, mamã…»

«Agora não, Hannah», disse ela, e nada mais.

«Agora não, o quê?» O papá estava no vão da porta.

Eu respirei fundo para responder, mas então a mamã disse:

«Não é nada.»

Como se as nossas viagens não importassem, como se de repente nunca tivessem existido. Porque agora tinha a Sara.

«Penso que a mamã gosta mais da Sara do que de nós», disse eu depois ao Jonathan.

Tinha-o encarregado de ficar junto à porta da cabana, por causa da *Menina Tinky*, que ainda estava lá fora. Queria que ela ouvisse uma voz conhecida, nem que fosse apenas através da porta fechada, para que não ficasse ainda mais assustada e começasse a correr pelo bosque. O Jonathan estava sentado no chão de madeira com as costas apoiadas na porta. Sentei-me ao lado dele. A *Menina Tinky* arranhava a partir do lado de fora. O som angustiava-me tanto que até me saltaram lágrimas.

«O que queres dizer, Hannah?»

«A mamã não o afirmou claramente, mas acho que já não nos querem. Agora têm a Sara e consideram-na perfeita. Perfeita quer dizer completa.»

«E já não nos querem?»

Abanei a cabeça.

O Jonathan não se pode ter esquecido disto. E sei que não o fez porque, ainda que não me dê nenhuma resposta, estremeceu. Acho mesmo que está a chorar, mas não tenho a certeza porque não lhe vejo a cara.

– Desenhaste a Sara para que eu tenha problemas, não foi? Porque eu disse

que não a conseguia suportar.

O Jonathan faz agora um ruído que se assemelha a um grunhido.

– Está tudo bem? – pergunta a senhora Hamstedt, à porta. Virou a cabeça na nossa direção.

– Sim – respondo, voltando a sussurrar para o Jonathan. – Já disse muitas vezes que lamentava. Não te recordas? Quando o papá chorou tanto. Eu soube de imediato que a culpa de a mamã se ter ido embora com a Sara tinha sido minha. Tu só olhavas para mim e não quiseste falar comigo durante vários dias, até que te recordei que tu também não suportavas a Sara. Foi assim que tudo se passou, Jonathan.

O meu irmão volta a grunhir.

– Foi muito estúpido da tua parte fazeres um desenho dela. Mas, para todos os efeitos, continuas a ser meu irmão, ainda que sejas pateta. Por isso, vou contar-te agora uma coisa bonita. O nosso avô é muito simpático. Hoje vai levar-me para casa. Portanto, é tudo verdade. Eu bem te disse que ia tudo correr bem, mas tu não acreditaste. Uma promessa é uma promessa e o prometido é devido.

O Jonathan vira ligeiramente a cabeça para mim, sem a levantar dos joelhos. Só lhe vejo um olho tonto, mas está muito aberto por causa da surpresa.

– Tens de te esforçar para voltares a ficar normal. Percebeste, Jonathan? Se não ficares normal, não te poderemos vir buscar. E então terás de permanecer aqui sozinho.

Vira outra vez a cabeça sobre os joelhos, mas assente. É, sem dúvida, um assentimento.

Jasmin

Quando acordei pela primeira vez esta manhã, eram sete menos dez, como sempre. A voz na minha mente insistia para que me levantasse e fosse fazer o pequeno-almoço das crianças. Às sete e meia em ponto teria de estar na mesa. Virei-me para a Kirsten, cujo rosto recebia a pouca luz do candeeiro de rua que conseguia entrar no quarto através da abertura do tamanho de um palmo na base das persianas. A Kirsten tinha os olhos fechados e a boca ligeiramente aberta. Vi como respirava com serenidade: para dentro, para fora. A voz na minha mente subira de volume. As crianças tinham de tomar o pequeno-almoço, imediatamente. Sete e meia: pequeno-almoço. Era assim tão difícil de perceber? As crianças precisam de uma rotina diária bem definida. Pus-me a imitar a respiração da Kirsten: para dentro, para fora. Contra a insistência da voz interior, limitei-me a respirar ao mesmo ritmo, para dentro e para fora. E, de facto, devo ter adormecido. Pela primeira vez, tinha funcionado, e não me levantei da cama.

É a voz suave da Kirsten que me acorda agora, a voz dela e uma claridade admirável a que já não estava acostumada. Pisco os olhos. As partículas de pó dançam nos raios de sol. Sento-me. A Kirsten tinha levantado as persianas. O final do verão inunda o quarto. O meu coração palpita de forma selvagem. Sorrio. E tu sorris das paredes, Lena. Passo a vista pelos artigos de jornal e surpreende-me o quão diferente é à luz do dia essa tua fotografia que se me tornou tão familiar. Demoro um momento a devolver a atenção à Kirsten, que está a falar ao telefone noutra divisão da casa, provavelmente na cozinha. Ouço-a cancelar o turno de hoje no bar, explicando que se trata de um assunto pessoal, uma emergência na família. O chefe parece compreensivo porque ela lhe agradece encarecidamente. É o mesmo chefe de antes do ataque no pátio traseiro, o mesmo bar onde trabalha atrás do balcão, os mesmos horários, a mesma clientela. Depois da violação, não demorou nem uma semana a voltar ali e virar a página, obstinada e decidida. De início, quando saía do trabalho àquela hora incerta, cinzenta e perigosa, ainda regressava a casa de táxi, mas pouco tempo depois começou a voltar outra vez a pé, pelo mesmo caminho, passando pelo mesmo pátio traseiro. Continuo, porém, sem perceber como ela

encaixa tudo isto. Por um lado, esta força, esta determinação em seguir em frente. Por outro, o fim da nossa relação. Naquela noite, depois do ataque, perguntei-lhe porque não tinha dado luta, uma pergunta estúpida e naturalmente insensível.

«Foi como se me tivesses dado uma bofetada, Jasmin. Naquele momento, senti que algo se tinha rompido entre nós.»

Garanti-lhe mil vezes que só estava cansada e assoberbada pela situação, mas a Kirsten não acreditou em mim, nem mesmo quando sorriu e disse: «Está bem.»

Continuámos numa relação tremida mais uns meses, mas no final saiu de casa.

«Não posso continuar a viver contigo, Jasmin. Tentei, mas não consigo.» E: «Podemos continuar a ser amigas.»

A última vez que ouvi isto foi na noite do meu desaparecimento. *Podemos continuar a ser amigas.* Contudo, a julgar pela expressão dela, o que realmente teria preferido fazer quando, ao fim da tarde, lhe apareci à porta, com pão e sal e um saco de viagem, seria fechar-me a porta na cara. Pão e sal como presente de mudança de casa, embora já estivesse a viver ali há algumas semanas e eu ainda continuasse à espera de um convite para a ver. Nesse fim de tarde, apareci sem avisar. Com as coisas essenciais acondicionadas num saco de viagem. Poderia passar a noite com ela. Ou, se voltássemos a discutir, poderia apanhar o primeiro comboio para passar alguns dias fora e afastar-me, desligar o telefone e tentar «superar a situação», como ela desejava.

«Tens de superar a situação, Jasmin! Não quero mais chamadas nem mais mensagens. E menos ainda que apareças à minha porta, está bem? Neste momento, preciso de estar sozinha. Entende isto, por favor.»

Sacudo a cabeça, tentando expulsar a memória daquele horrível fim de tarde. Aquele fim de tarde já não interessa. O que interessa é que ela está aqui agora. Voltou para mim e é melhor não pensar nas circunstâncias. Está aqui.

Ouço o som de louça na cozinha e, pela porta aberta do quarto, chega um ténue aroma a café, um ténue aroma a normalidade. Deixo-me cair na

almofada e fecho os olhos. Devo ficar apenas meio adormecida porque, logo a seguir, escuto as pancadas irregulares na porta. A Kirsten, por seu turno, só interrompe o que está a fazer quando as pancadas se tornam insistentes. Escuto os passos dela no laminado do corredor, o estalido da fechadura quando roda a chave e depois o «oh, olá, bom dia» de uma voz masculina que reconheço de imediato.

– Frank Giesner, da polícia de Cham – confirma a voz.

– Kirsten Thieme – apresenta-se a Kirsten, que também parece ter reparado na surpresa do Cham ao ver uma estranha a abrir a porta. – Sou amiga da senhora Grass – explica, sem que tal lhe tivesse sido pedido.

– A senhora Thieme, certo. O nome é-me familiar, vi-o nos relatórios da investigação. Foi a senhora que reportou o desaparecimento da senhora Grass.

– Sim, é verdade.

– Bom, gostaria de falar com ela.

Por via das dúvidas, afundo-me na almofada e fecho os olhos. Não quero falar com ele agora, e menos ainda na presença da Kirsten.

– Lamento, ainda está a dormir.

– Talvez lhe pudesse dizer que é muito importante.

– Eu entendo, mas a verdade é que não está muito bem. Passou uma noite complicada e precisa de descansar um pouco. Será que ela lhe podia ligar mais tarde?

O Cham hesita na resposta.

– Sim, claro, mas talvez a senhora me pudesse dispensar um minuto. É muito próxima da senhora Grass, não é?

Fico paralisada. Tudo em mim se paralisa.

– Sim… – Agora é a Kirsten quem parece surpreendida. – Entre, por favor, senhor…

– Giesner. Obrigado.

Sinto um súbito enjoo. O Cham está no meu apartamento. O Cham, que quer falar com a Kirsten. A Kirsten, que agora pega no puxador que range para fechar a porta do quarto. Porque a pobre rapariga da cabana precisa de

descansar, ou porque o comissário não deve vislumbrar a divisão cujas paredes, por algum motivo doentio, estão cobertas com artigos de jornal sobre a Lena Beck. Devia levantar-me, porém, em vez disso, tapo a cabeça com as mantas, fecho os olhos com força e respiro, para dentro e para fora.

Devo ter adormecido de novo. A Kirsten tem razão, preciso de dormir e descansar. Parece-me que, sobretudo, ainda não recuperei da noite de anteontem, quando estive a pesquisar os artigos e a imprimi-los. Acordo em sobressalto e ponho-me à escuta. Não se ouve nada, nem a Kirsten nem o Cham. Levanto-me a custo da cama e vou em bicos dos pés até à porta do quarto. Antes de pegar no puxador, que com o seu ranger daria um sinal claro de que já acordei, encosto com cuidado o ouvido à madeira da porta, embora continue sem ouvir nada. O apartamento está em silêncio.

Encontro a Kirsten sentada à mesa da cozinha, ocupada a pintar as unhas com um tom vermelho de frutos do bosque.

– Olha, já acordaste, Bela Adormecida – diz, sorrindo, ao levantar a cara. – Queres café? Ainda há um pouco na cafeteira. Mas terás de ser tu a servir-te. – Como explicação, levanta a mão esquerda, em cujas unhas brilha um verniz fresco.

Atravesso a cozinha em direção ao armário da louça e tiro uma chávena.

– O que era tão urgente?

– Estás a falar do quê?

A minha mão, que um segundo antes agarrara a cafeteira, fica suspensa no ar.

– Ouvi baterem à porta, mas depois voltei a adormecer.

Viro-me para a Kirsten e interrogo-a com o olhar.

– Ah, sim. Era a tua vizinha. Maja, creio. Do segundo andar. Uma rapariga simpática. – A Kirsten aponta para o fogão antes de retomar a pintura das unhas. – Trouxe comida. – Giro sobre mim mesma e vejo uma pequena caçarola no fogão. – Canja de galinha – explica a Kirsten. – Disse-lhe para não trazer mais comida, agora que estou aqui para cuidar de ti. Ainda assim, deixou o número de telemóvel para o caso de precisarmos de alguma coisa.

Está no frigorífico. – E, de facto, vejo uma nota adesiva cor-de-rosa com o nome de Maja, uma sequência de números e uma cara sorridente desenhada por baixo. – Ah, também te trouxe o correio. Está na cómoda da entrada.

A cafeteira começa a pesar-me na mão e pouso-a na bancada.

– Não, Kirsten. Refiro-me ao Frank Giesner. Ele esteve aqui. Ouvi a voz dele.

Levanta novamente a cara e suspira. A pausa pode ser apenas de alguns segundos, mas alonga-se interminavelmente, enquanto algo começa a arder no interior da minha testa. O calor sai-me pelos poros, cobre-me o rosto com uma película húmida e abrasadora, gera bolhas de apreensão. A seguir a Kirsten dir-me-á que imaginei a visita do Giesner, a voz dele, e que tudo não passou, mais uma vez, de uma partida do meu cérebro. Que fora a Maja quem batera à porta. A pequena caçarola no fogão e o número de telefone no frigorífico comprovam-no.

– Sim. Queria falar contigo sobre o resultado da reconstrução facial – diz ela, por fim.

Rio de alívio antes de compreender a informação. O meu sequestrador volta a ter rosto e querem que o observe. Que o identifique. Que reviva as imagens alojadas na minha mente. Que olhe para dois olhos acusadores. *Que tipo de monstro és tu?*

– E porque não me disseste logo? – pergunto eu, para erradicar os outros pensamentos.

– Porque não queria que ficasses já transtornada. Vá, bebe o teu café e vê se acordas como deve ser.

Não escapa à minha atenção o tom de ligeira irritação. Sirvo-me uma chávena de café.

– Mostrou-to?

– O retrato? Sim, mas não estou segura de alguma vez ter visto aquele homem. Antigamente, tínhamos sempre muitas pessoas aqui, lembras-te?

Sim, lembro-me. Pessoas que vinham com outras e que, como nós, gostavam de festas. *Com menos de uma dúzia não é uma festa*. Reprimo a

nostalgia que começa a surgir e assinto.

– Suponho que terás de analisar o retrato, Jassy. Não há volta a dar. – A Kirsten parece preocupada. – Achas que vais conseguir fazê-lo?

Consigo, pelo menos, esboçar um sorriso, ainda que me saia um pouco forçado.

– Não tenho alternativa, não é verdade?

Sorvo um pouco de café. É-me difícil engolir. Suspirando novamente, Kirsten enrosca a tampa do frasco de verniz com a ponta dos dedos. Pergunto-me se lamentará ter regressado para cuidar de mim. Se me suporta.

– O Giesner está à espera que lhe ligues para marcarem a identificação. Disse que, se não quiseres, não terás de te deslocar à sede da polícia. Ele está disponível para voltar cá. A qualquer hora, inclusivamente fora do horário de trabalho se for preciso.

– É muito amável – digo com voz rouca.

– Estou a pensar se não seria bom marcares também uma consulta com a tua terapeuta. Quem sabe como poderás reagir, quando te mostrarem o retrato do teu sequestrador?

– Ela também não me poderá ajudar.

– Bem… há que estar disposto a deixar que nos ajudem.

– Então é isso que pensas – digo em voz baixa, pousando a chávena de café na bancada. – Se estou a ser um fardo para ti, sente-te à vontade para mo dizeres. Eu compreenderei.

A Kirsten revira os olhos.

– Vá lá, Jassy. Não é isso. A sério.

– Não me deves nada.

– Não continues, está bem? A questão agora não tem que ver connosco, tem que ver com a necessidade de começares a superar a situação.

– Superar a situação.

– Aprender a viver com o que te aconteceu, sim. Não o vais conseguir se continuares assim. Precisas de ajuda profissional.

– Estou melhor desde que chegaste.

A Kirsten estala a língua. Vejo-a morder o lábio inferior uns instantes, antes de se decidir a prosseguir a conversa.

– Fizeste chichi na cama.

De início, penso ter ouvido mal, é possível até que esteja a rir.

– Fiz…?

A Kirsten desliza para trás na cadeira e levanta-se. Aproxima-se de mim com olhos tristes e a cabeça inclinada para o lado.

– Fizeste chichi na cama – repete lentamente. – A noite passada. Devias estar a sonhar. Começaste aos pontapés e a esbracejar. Também começaste a gritar: «Não são pulseiras, Hannah! São algemas! Abre-as, porra!» Tentei acordar-te, mas estavas completamente adormecida.

Abano a cabeça. Não sonhei na noite passada.

– Sim, Jassy, foi isso que aconteceu. Quando me apercebi de que o lençol estava molhado, tirei-te da cama. Na realidade, queria levar-te para o sofá da sala, para que pudesses continuar a dormir enquanto eu mudava os lençóis da cama. Mas tu agarraste-te a mim e começaste a gritar para não te deixar sozinha e que tinhas medo que um aparelho qualquer deixasse de funcionar outra vez.

– Não me recordo de nada.

– Porque estavas a dormir.

Abano novamente a cabeça, enquanto os olhos tristes da Kirsten se expandem de preocupação e ela assente sem parar, como se estivesse hipnotizada.

– Foi isso que aconteceu, Jassy. Tal como te contei. E é um sinal de que, na verdade, não estás muito melhor. Será que não entendes? Eu posso ficar aqui, posso fazer-te as compras e mudar a roupa da cama. Posso abraçar-te e escutar-te quando precisares. Mas não sou terapeuta.

Passo por ela sem dizer nada e saio da cozinha, afastando-me daquele olhar preocupado e da proximidade da Kirsten, que agora me magoa. O meu objetivo é a sala de estar, para ali ficar sozinha, apenas por um momento, e poder refletir, tentar compatibilizar a sensação de paz que tinha quando

acordei e a noite terrível por que aparentemente passei.

– Não te quero mal – ouço atrás de mim, e volto-me. A Kirsten seguiu-me pelo corredor e agora está à minha frente, com as duas mãos levantadas e os dedos abertos no ar, pois o verniz das unhas ainda não tinha secado. – Mas sozinhas não vamos conseguir. – Estende um braço para me tocar no ombro, mas depois muda de ideias, provavelmente porque não quer estragar o verniz. – Por favor, liga para a tua terapeuta.

Viro-me de costas com brusquidão.

– Vá lá, Jassy. Porque é que estás a dificultar tanto, em vez de me deixares ajudar-te?

Olho em redor e fito a pilha de correio sobre a cómoda da entrada. Vejo-o de imediato.

– Achas que mereces sofrer assim?

Um envelope branco simples sem selo.

– Ninguém merece isto.

Ainda está meio tapado pelo jornal de ontem e só se vê uma parte do destinatário, mas a letra é a mesma. Tenho a certeza.

– Está bem. Vou ligar-lhe já – digo numa voz monocórdica. – Podes ir ver onde deixei o telemóvel? Julgo que está na sala de estar.

A Kirsten solta um suspiro de alívio atrás de mim, antes de se afastar, com passos sonoros, pelo corredor.

– Vou à casa de banho! – digo eu, num tom de voz mais alto, e agarro a carta.

Apresso-me a ir à casa de banho, fecho a porta e apoio-me contra ela. Os meus dedos trémulos e transpirados rasgam a aba adesiva do envelope, mas então distraio-me por instantes com o ruído da rotação da máquina de lavar roupa. Quando compreendo que devem ser os lençóis sujos da noite anterior que giram monotonamente ali dentro, forma-se um nó no meu peito. Tiro a folha de dentro do envelope.

As mesmas letras maiúsculas grandes, negras e acusadoras. Outras palavras, três, desta vez:

«DIZ A VERDADE.»

Matthias

Podia ter tido com o Gerd a conversa que tive com o Giesner. No entanto, ter-nos-íamos zangado e, na despedida, ele brindar-me-ia com um «burro» e eu a ele com um «idiota». Os polícias são todos iguais, intercambiáveis, moldados pelo mesmo padrão. Dizem todos as mesmas coisas. «Círculo mais próximo.» Não há forma de lhe escapar. A expressão acompanha-nos, à Hannah e a mim, na viagem para casa. Espalhou-se no carro com um ar pegajoso, pesado, tóxico, e pressiona-me o crânio. Todos acreditam que eu não conhecia a Lena. Que fechava os olhos. Que andava meio adormecido, embalado pelo amor pela minha única filha, tanto há catorze anos como ainda hoje. Mas eu conheço-a. Conhecia-a muito bem.

Respiro fundo e espreito pelo espelho retrovisor. Só consigo ver os olhos e o cabelo da Hannah. Podiam ser os da Lena. Neste preciso instante, podia estar a levar a minha Leninha às aulas de ginástica ou a casa de uma amiga.

«Papá», ouviria dizer uma voz aguda, vinda do banco de trás. «Porque não paramos um bocadinho para comprar um gelado?»

«Parece-me bem. Quem paga?»

«Claro que tens de ser tu, papá! Eu ainda sou pequena e não trabalho.»

«Sim, é verdade, tinha-me esquecido. Está bem, Leninha. Abrirei uma exceção, mas só porque és tu.»

Talvez a Hannah também me faça a mesma pergunta: «Avô, porque não paramos um bocadinho para comprar um gelado?» O que eu não daria para ver chegar esse dia.

– Apetece-te fazer uma pequena paragem na próxima área de serviço, Hannah? – pergunto para o espelho retrovisor, com um sorriso esperançoso

nos lábios. – Ainda temos cerca de meia hora de caminho e fazer uma pausa talvez fosse boa ideia. O que te parece?

A Hannah olha pela janela sem me responder. De ambos os lados da autoestrada, a grande velocidade, passam por nós árvores e campos em pousio. A previsão meteorológica enganara-se: o céu, que há umas horas estava azul, ficara coberto por um véu de nuvens cinzentas. Quem me dera poder entrar na mente da Hannah. Atrever-me a perguntar-lhe o que está a sentir neste momento, enquanto avançamos pela autoestrada a 130 quilómetros por hora. Se tem medo ou se está emocionada. Se está contente por irmos para casa. Contudo, é sempre assim quando estamos os dois sozinhos. Há algo que me impede de perguntar as coisas realmente importantes, talvez por receio de estragar não sei muito bem o quê.

Um *BMW*, que me ultrapassa de forma perigosa, devolve-me à realidade. Uma placa à direita indica uma estação de serviço a cinco quilómetros.

– Hannah? – tento outra vez. – O que te parece? Uma curta paragem?

– Prefiro chegar a casa sem ter de parar em nenhum sítio, avô.

– Está bem, não há problema – digo eu com o entusiasmo possível para disfarçar a minha deceção, e depois murmuro inadvertidamente para mim próprio: – Para todos os efeitos, era provavelmente uma má ideia. Alguém acabaria por pegar no telemóvel para tirar a próxima foto da rapariga-*zombie*.

– O que disseste, avô?

– Que tens toda a razão, Hannah – respondo em tom mais alto, sorrindo-lhe outra vez pelo espelho retrovisor.

Agora, também ela sorri para mim. A minha Leninha…

Germering fica a oeste de Munique e é capital de distrito. Não é nenhuma aldeola, como a Lena dizia sempre, com uma expressão fastidiosa. Nunca falámos sobre se, na verdade, era isso que tornava tão insuportável a viagem de meia hora de comboio que ela tinha de fazer entre Germering e a universidade, no centro de Munique, ou se era o ambiente geral da cidade, que, apesar dos seus quarenta mil habitantes, continuava a ter algo de

agregador e acolhedor. Seja como for, logo depois de se ter matriculado na Universidade Ludwig Maximilian, procurou um pequeno apartamento no bairro de Haidhausen, na margem do Isar. Assim, só demorava um quarto de hora a chegar a casa e era feliz. Eu encarregava-me de pagar a renda, naturalmente, embora a Karin insistisse cada vez mais para que a Lena contribuísse também, o que significaria encontrar um trabalho a tempo parcial. Ou, pelo menos, alugar um quarto mais barato num apartamento partilhado. Para mim, ambas as possibilidades estavam descartadas. Queria que a minha filha tivesse tempo e tranquilidade suficientes para se concentrar nos estudos. A Karin e eu íamos visitá-la a Munique de vez em quando. Gostávamos da cidade, mas nunca tivéramos vontade de ali viver. Germering oferecia-nos tudo aquilo de que necessitávamos, algo agregador, acolhedor. Infantários, escolas, parques infantis, lojas com os produtos necessários para o dia a dia e médicos, tudo a dois passos. Ideal para uma família. Foi isso que pensámos nos anos oitenta, quando comprámos o lote para construção na zona prestes a ser urbanizada. O ambiente perfeito para criar um filho.

«Não te esqueças de que, na realidade, a Hannah já não é uma menina», alertara-me a Karin esta manhã ao pequeno-almoço.

Estava tão emocionado por estar quase a sair de Regensburg para ir buscar a Hannah ao centro de trauma que me tremiam as mãos e mal conseguia pegar na faca. A Karin tirou-me o prato no qual havia uma fatia de pão branco parcialmente barrada com manteiga. Devido à inabilidade que o nervosismo me provocava, fizera buracos no pão. Fiquei parado a olhar enquanto a minha mulher acabava de barrar a fatia de pão, acrescentava fiambre, cortava a fatia em duas e, por fim, empurrava o prato na minha direção com um olhar cúmplice.

«Já sei isso», respondi, e comecei a comer.

A Karin afastou um pouco o seu próprio prato de pão com marmelada para ter onde apoiar os cotovelos na mesa. Juntou as mãos diante do queixo como que para rezar.

«Independentemente de onde ou como foi criada até agora, mais tarde ou

mais cedo chegará à puberdade, Matthias. Tu olhas para ela e, como é tão pequena para a idade, esqueces-te de que, na realidade, estás a falar de uma rapariga de treze anos.»

Não mencionei que os médicos a que levei a Hannah não estavam tão certos disso. A Hannah, ao contrário do irmão, padece de uma grave deficiência de vitamina D que, até agora, retardou o seu desenvolvimento físico. Os médicos supõem que a Lena sofreu de falta de vitaminas quando estava grávida da Hannah, ao passo que, com o menino, terá tomado complementos vitamínicos especiais para grávidas desde o início. Nenhum deles se atreve a confirmar que o corpo da Hannah acabe algum dia por ter uma recuperação plena, sendo isso inclusivamente improvável. A Karin também estaria a par destes dados, se me tivesse acompanhado aos médicos. Também não mencionei que me é indiferente a forma como a Hannah continuará a desenvolver-se. No que me resta de vida, serei generoso o suficiente para a aceitar tal como ela vier a ser. Tanto se continuar a ser uma menina pequena como se se converter numa mulher.

«Já sobrevivemos à puberdade da Lena», resmunguei, cansado, entre duas mordidelas no pão.

A Karin assentiu sem se deixar impressionar.

«Sim, mas naquela altura ainda éramos jovens, Matthias. Agora já passámos dos sessenta, temos ossos fracos e nervos delicados. E, além disso, há o teu coração.» Abanou a cabeça. «A Hannah e o Jonathan têm necessidades mais especiais do que as outras crianças em fase de crescimento. É possível que precisem inclusivamente de apoio psicológico durante a vida inteira.»

Engoli um bocado de pão com fiambre.

«Julgo que conseguiremos encontrar soluções para muitas questões, Karin. Por exemplo, podíamos tentar saber se há aqui perto alguma instituição para pacientes traumatizados onde pudesse ter aulas. Assim, não teríamos de continuar a pensar no tema da escola.»

«*Pudessem,* Matthias. Os dois, no plural. Onde *pudessem* ter aulas. São

duas crianças, e passamos o tempo todo só a falar da Hannah…»

«Sim, sim», interrompi-a, fazendo um gesto com a mão. «Tudo isto se aplica também ao menino.»

«Chama-se Jonathan.»

«Sim, Jonathan.»

A Karin inclinou a cabeça e semicerrou os olhos.

«Já tens, portanto, planos para mais tarde. Não se trata apenas de trazermos a Hannah uns dias para casa com o objetivo de lhe reforçar a terapia, pois não?»

«Como te disse, julgo que haveria soluções…»

«E quando é que voltas a abrir o escritório?», insistiu, com um tom cortante.

Ergui a minha chávena e bebi um pouco de café para ganhar tempo.

«Falaremos sobre esse assunto noutro momento. Agora tenho de ir embora.»

Levantei-me da mesa e saí da sala de jantar para o corredor de entrada.

«E se eu fosse contigo?», ouvi-a perguntar no instante em que tirei o casaco do bengaleiro.

Virei-me na direção da voz dela. A Karin estava no vão da porta com os braços cruzados e um olhar receoso.

«Não quero que vás», respondi, sorrindo, e aproximei-me para me despedir dela com um beijo na face. «A viagem é muito longa…»

O meu coração bate com força quando corto para a nossa rua com o velho *Volvo*. De ambos os lados da rua alinham-se, separadas por arbustos bem podados, moradias cuidadas com carinho, em cujas portas estão penduradas placas de barro com mensagens de boas-vindas e os nomes das famílias que aí vivem. Todas as moradias têm à frente um pequeno jardim com equipamentos para as crianças brincarem ou pequenas ilhas de roseiras no relvado. *O ambiente perfeito para criar um filho*.

Faço a curva no final da rua, respiro para anunciar à Hannah que já

chegámos ao nosso destino e é então que os vejo. Um grupo de cerca de doze pessoas à frente da nossa casa. E metade desse número de carros alinhados ao longo do passeio.

– Que raio…? – deixo escapar, e paro o carro.

Atrás de mim, na diagonal, Hannah endireita-se, desliza para a frente e aperta o apoio de cabeça do banco do passageiro.

– O que se passa, avô?

A multidão deteta o nosso carro. Os rostos voltam-se, sincronizados, para o *Volvo* que está parado no meio da estrada, a vinte metros deles. Fico com os maxilares tensos e os ombros rígidos. Toda a minha postura se torna dolorosamente desajeitada. As mãos agarram o volante com tal força que os nós dos dedos sobressaem, brancos, debaixo da pele. Sustenho a respiração.

– Avô? Quem é aquela gente toda?

O meu pé direito treme sobre o acelerador. Pela mente passa-me uma súbita imagem: pisá-lo a fundo, avançar contra a multidão e ter finalmente sossego.

– Avô? – A voz da Hannah perde um pouco do seu tom monocórdico, soando quase chorosa.

«Não percebem que estão a assustar a menina?», apetece-me vociferar, mas depois penso na minha neta, que não precisa de mais motivos de alarme neste momento. É evidente que todas aquelas pessoas são jornalistas. Consigo ver os blocos de notas e as máquinas fotográficas, até mesmo uma câmara de televisão e um microfone regulável. Uma mulher ruiva com um sobretudo azul-claro afasta-se da multidão e arrisca uns passos hesitantes na nossa direção.

– Aquele maldito Rogner – resmungo, embora Lars Rogner não pareça estar entre eles.

Não em pessoa, pelo menos, mas apostaria que enviou alguém. Talvez a mulher de sobretudo azul-claro, que se aproxima do nosso carro devagar, mas sem parar. Seguem-na mais alguns jornalistas. Estão a cerca de dez metros.

– Hannah – digo, com tanta serenidade quanto me é possível. Sem afastar

os olhos dos jornalistas, tiro rapidamente o casaco e atiro-o para a parte de trás –, deita-te no assento e tapa-te com o casaco.

A minha neta não diz uma palavra, mas ouço o clique do cinto de segurança dela. Ainda assim, para me certificar, lanço um rápido olhar ao banco de trás. De facto, a menina deitou-se, encolhida, debaixo do meu casaco. Estico a mão e ponho o casaco um pouco mais para cima, de modo a tapar alguns caracóis loiros que sobressaem ainda da cabeça da Hannah. Então, ponho as mãos no volante e arranco com cuidado. Sinto o batimento do coração na garganta. Dou quase por certo que a multidão, agora a apenas cinco metros de distância, se lançará sobre o carro vinda de todos os lados. Na minha mente, vejo como a mulher de casaco azul-claro salta sobre o capô, enquanto os colegas puxam as portas, golpeiam as janelas e gritam. Mas estou errado. O grupo deixa-me passar e mantém-se a uma distância de segurança quando o carro avança por entre eles a uma velocidade muito baixa. Consigo virar sem problemas para a nossa propriedade enquanto alcanço com a mão o pequeno comando à distância na consola central para abrir o portão automático da garagem.

– Mantém-te escondida, Hannah – digo, e espero que o portão desça completamente atrás de nós antes de desligar o motor e voltar a respirar com normalidade pela primeira vez em minutos. – Está tudo bem – afirmo, para a tranquilizar, e retiro o casaco de cima do seu delicado corpo. – Já chegámos.

A Hannah senta-se direita e pisca os olhos.

Abro a minha porta, saio do carro e depois ajudo-a a sair. Do porta-bagagens retiro o pequeno saco de viagem que nos prepararam com roupas doadas pela clínica. Teremos de ir às compras amanhã mesmo. Não quero ver a minha neta com a roupa usada de outras pessoas.

Saímos da garagem por uma pesada porta de metal e subimos umas pequenas escadas que vão dar à parte de trás do corredor de entrada, onde a Karin nos espera, branca como a cal.

– Graças a Deus – diz ela, aliviada, quando faço entrar a Hannah.

Uma invulgar luz fraca mostra-me que a Karin baixou todas as persianas

da casa para nos proteger dos olhares ávidos do sensacionalismo. A minha mulher, com os joelhos a estalar, baixa-se junto da Hannah, mas continua a olhar para mim.

– Tentei ligar-te para o telemóvel mais de dez vezes! Como é que isto pôde acontecer? – A voz da Karin está carregada de ansiedade. – O que faz aqui toda esta gente? Como poderão ter sabido que hoje ias buscar a Hannah? O que vamos fazer agora?

– Primeiro, manter a calma – digo, e levanto as mãos para a apaziguar.

– Manter a calma? Já viste o que se está a passar lá fora!

– Vou tratar disso.

– E como, posso saber? Nem sequer podemos chamar a polícia para os afastar! Nenhum deles pisou a nossa propriedade! Já conheces as regras desde que estiveram aqui por causa da Lena. Enquanto se mantiverem na rua, não se pode fazer nada. É espaço público. – A Karin estica o braço e agita o dedo indicador na direção da porta de entrada. – Podem ficar ali durante dias sem que ninguém os incomode!

– Karin… – aponto para a Hannah, que continua calada e rígida diante dela.

A minha mulher suspira e, por fim, centra a atenção na nossa neta.

– Olá, Hannah – cumprimenta, sorrindo. – Estou tão feliz por estares finalmente aqui connosco.

Como a Hannah não reage, a Karin volta a fixar-se em mim, algo desconcertada. Preparo-me para quebrar o gelo, mas então a Hannah olha para mim. Parece dececionada.

– Avô, pensei que não íamos fazer nenhuma paragem.

– Não, já… – balbucio. – Já chegámos, Hannah. Estamos em casa.

Hannah torce a boca.

– Mas esta não é a minha casa, avô.

Jasmin

– Desculpe não ter podido recebê-la antes, senhora Grass – diz a doutora Hamstedt ao fechar a porta atrás de si. Tínhamos consulta para as oito e meia da noite, mas estive um bom bocado à espera no gabinete. – Tem sido um dia atarefado – acrescenta com um sorriso.

A clínica psiquiátrica de Regensburg, dirigida por Maria Hamstedt, é a única das redondezas especializada em crianças e jovens. Não quero pensar no que significa «atarefado» num sítio destes porque a minha mente fica logo repleta de imagens de adolescentes com ataques epiléticos que esperneiam e cujos braços acabam presos em redor do torso por camisas de forças. Também ouço gritos que ecoam pelos longos corredores e fico arrepiada.

Forço um sorriso e verbalizo um «não há problema». Mas, de facto, há. Toda esta situação, o assunto das cartas. A minha pequena excursão à clínica psiquiátrica, o voltar a sair de casa, ainda por cima a estas horas, quando já está escuro e os candeeiros de rua projetam os seus cones de luz amarela que, por sua vez, convertem tudo em sombras longas e fantasmagóricas. Tudo isto me pressiona o peito e faz com que os membros me pesem como se estivesse a começar a ser atacada por um forte resfriado.

A doutora Hamstedt lança-me um breve olhar desconfiado, antes de passar para trás da secretária e sentar-se.

– Para ser sincera, fiquei surpreendida quando me ligou a pedir esta reunião, senhora Grass.

Tal como surpreendeu a Kirsten que eu não tivesse começado a refilar e gritar, recusando-me a telefonar à minha terapeuta, e, pelo contrário, tivesse sido rápida a marcar o número, repetidas vezes, pois estivera ocupado durante boa parte do dia, até a conseguir ter do outro lado da linha e convencê-la a receber-me ainda hoje, apesar de ser um «dia atarefado».

– Principalmente – continua a doutora Hamstedt, cruzando as mãos sobre a secretária e inclinando-se um pouco para a frente – porque já não é minha

paciente, mas da minha colega, a doutora Brenner, em Schützenstrasse.

Olho de soslaio para a porta para me assegurar outra vez de que se encontra realmente fechada. Lá fora, no corredor, está sentada a Kirsten, que me acompanhou até aqui para que eu pudesse ver – assim pensa ela – a «minha» terapeuta. Na realidade, só tive uma sessão com a doutora Hamstedt. Foi no hospital de Cham, pouco depois da fuga da cabana para a realização da minha avaliação psicológica.

– Sim, imagino. Que a surpreendeu, quero dizer – comento em voz baixa, apesar de não me parecer que a Kirsten possa ouvir do outro lado da porta. Suponho inclusivamente que terá posto os auriculares do *iPod* ou estará concentrada nalguma revista. A Kirsten é uma pessoa que aguenta muito bem não fazer nada e o aborrecimento.

A doutora Hamstedt parece esperar algo mais, uma explicação para o facto de ter eu recorrido a ela e não à doutora Brenner e para a urgência que lhe dera a entender ao telefone. Antes, no caminho para aqui, preparara tudo e ensaiara mentalmente as palavras. Contudo, perco-as agora de súbito.

A doutora Hamstedt inclina-se um pouco mais sobre a secretária.

– Não se entende bem com a doutora Brenner, é isso?

Abano impetuosamente a cabeça.

– Não, não é isso. Ela é muito simpática. Parece-me.

– Não está a ir às sessões com regularidade?

– Não com muita regularidade, não.

– Mas devia, senhora Grass. É importante.

– Eu sei. É só que… – Inclino a cabeça para trás e fixo-me no teto. Os contornos castanhos e pouco definidos de uma infiltração de água alongam-se e tornam-se ainda mais indistintos. «Não chores», advirto-me em silêncio. Nada de me pôr a choramingar outra vez. Não agora, nem neste lugar. Afinal de contas, não vim aqui para que a Maria Hamstedt escarafunchasse as minhas feridas. Vim porque preciso de informação. E da opinião dela.

– Custa-lhe falar do que aconteceu – ouço dizer a voz compreensiva da doutora.

– Sim.

– Talvez pense até que tem motivos para se sentir envergonhada.

– Talvez.

Um som sibilante faz-me estremecer. Deixo de olhar para o teto e fixo-me na doutora Hamstedt, que acaba de tirar, talvez com demasiado ímpeto, um lenço de papel da caixa que tem no gabinete e mo oferece. Aceito-o e seco os olhos, antes de endireitar os ombros e aclarar a garganta.

– Obrigada.

– Conheço a doutora Brenner há muitos anos, senhora Grass. É muito boa ouvinte. E, quanto a si, não tem absolutamente nenhuma razão para se sentir envergonhada. É uma vítima. E isso não é algo que se escolha.

– Sim, é o que toda a gente me diz – afirmo, com um sorriso algo pateta, enquanto penso em como conseguir mudar de tema.

– Porque é verdade, senhora Grass – anui a doutora Hamstedt, devolvendo-me o sorriso. – De qualquer forma, se não se sentir confortável com a doutora Brenner, terei com certeza todo o gosto em ajudá-la a encontrar outro terapeuta.

– Não, não é isso – apresso-me a dizer quando percebo que ela deve pensar que é este o motivo da minha visita. – Não preciso de outro terapeuta. Há uma coisa urgente de que queria falar com a doutora.

– Ah, está bem. Em que mais a posso ajudar então, senhora Grass? Se se trata do progresso terapêutico das crianças, lembre-se, por favor, de que o meu dever de confidencialidade como médica me impede de discutir seja o que for consigo, visto não ser um elemento da família…

Abano a cabeça.

– Preciso de saber se as crianças têm autorização para sair.

– Sair? Está a perguntar-me se elas podem, de vez em quando, sair da clínica?

– Exato.

A doutora Hamstedt parece algo irritada.

– Sim, claro. Como sabe, somos uma instituição psiquiátrica e,

naturalmente, a nossa capacidade é limitada no que concerne a exames médicos gerais. Por isso, a resposta é sim. A Hannah tem visitado outros médicos.

– A Hannah saiu?

– Foi ao dentista e várias vezes ao hospital regional, sim. Dadas as circunstâncias, está num bom estado físico, se é isso que a preocupa.

– A Hannah saiu – repito, quase para mim mesma, enquanto a minha imaginação forma a imagem dela, sozinha e espectral, a vaguear pelas ruas da cidade até ao prédio onde vivo.

Vejo-a descalça, numa camisa de noite branca, com a *Menina Tinky* debaixo do braço. «Lembro-me perfeitamente de tudo», sussurra ela. E depois acrescenta: «Para sempre e sempre e sempre.»

– Não sozinha, claro. Foi sempre acompanhada por um elemento da nossa equipa ou, mais recentemente e com maior frequência, pelo avô – diz a doutora Hamstedt, fazendo dispersar a minha visão, como se me tivesse lido os pensamentos.

– Porque pergunta, senhora Grass?

Não digo nada. Em vez disso, começo a rasgar o lenço de papel em pedaços no meu colo.

– Senhora Grass?

O avô da Hannah. O teu pai, Lena. O homem que gritava junto à minha cama no hospital.

– Senhora Grass.

– E sozinha? Os pacientes têm aqui algum tipo de tempo livre em que os deixem sair sem supervisão?

– Como lhe disse, senhora Grass, somos uma instituição psiquiátrica. É evidente que a maioria dos pacientes aqui internados não pode simplesmente passear por aí sem supervisão.

– Nem mesmo no recinto do hospital?

– Não, claro que não – responde ela de forma muito definitiva.

– E não é possível que alguém consiga sair às escondidas, sem ser notado?

A doutora Hamstedt suspira e diz com toda a clareza:

– Não, senhora, isso é de todo impossível. Posso saber do que se trata?

Tinha pensado em falar-lhe das cartas. Tenho-as inclusivamente comigo, na carteira, pousada no chão junto à cadeira. Contudo, de súbito, já não tenho a certeza de que seja boa ideia. E se tem uma reação semelhante à da Kirsten? «Não estás bem. Precisas de ajuda.» Penso nos quartos nos quais o puxador da porta pode ser retirado com um simples movimento do pulso. «É para sua própria segurança, senhora Grass.» Sinto a garganta seca e engulo a saliva com esforço. Imagino que ninguém assinaria mais depressa o formulário de hospitalização forçada do que a diretora da clínica psiquiátrica que agora me fita expectante.

– Senhora Grass?

– É que…

De repente, sinto-me muito estúpida por não me ter penteado, nem sequer mudado as calças de fato de treino e a *T-shirt* com nódoas antes de vir aqui. Tudo em mim deve gritar «*estado preocupante!*». Como que para o ilustrar, uma madeixa de cabelo oleoso cai-me sobre a testa. Apresso-me a desviá-la.

– Escute, senhora Grass. O meu dever de confidencialidade estende-se também a esta conversa – informa-me a doutora Hamstedt, e eu fico recetiva à sua voz profunda e expressão sincera. – Por isso, se há alguma coisa que a incomoda… – O resto da frase é um convite que fica suspenso no ar.

Respiro fundo.

– Alguém me enviou cartas – começo a dizer, com cuidado, enquanto observo as feições da doutora Hamstedt em busca da mínima reação. Uns lábios que se tornam mais finos, umas sobrancelhas que se erguem ou um nariz que se torce. – E, bom, sei que parecerá esquisito, mas questiono-me se não terão sido as crianças.

– Cartas?

Assinto.

– E o que dizem elas?

Até agora, não detetei nada no rosto dela que me deva alarmar, pelo que

me baixo para retirar os dois envelopes guardados na bolsa lateral da minha carteira.

– «Para Lena» – lê a doutora Hamstedt uns instantes depois. – «Diz a verdade.» O que significa isto, senhora Grass? E porque pensa que poderão ter sido as crianças?

– Porque me devem odiar depois de tudo o que lhes fiz. É inevitável que me odeiem. Sobretudo o Jonathan.

Noto agora uma alteração no rosto da doutora Hamstedt. Arqueou de súbito as sobrancelhas. Felizmente, parece-me uma reação de surpresa genuína e não uma expressão de dúvida em relação a mim.

– O Jonathan?

Anuo, angustiada.

– Fiz-lhe muito mal.

– Não compreendo.

Volto a anuir, mas desta vez evito olhar para ela.

– No dia em que escapei da cabana…

Jasmin

Por essa altura, já estava familiarizada com a rotina no reduzido espaço da cabana, tinha ganhado alguma confiança e resignava-me dentro do possível. Naquela manhã, quando o teu marido se despediu para ir trabalhar e me beijou na boca, nem sequer senti náuseas, Lena. Mas então ele disse:

«Esta noite trarei um teste.»

E sorriu com alegria.

Os dias passavam e eu optava certamente por não reconhecer o facto de que já não tinha o período havia muito tempo. Tal poderia dever-se à tensão que afetava todo o meu corpo. Poderia ser pela perda de peso, bastante notória

no quão salientes estavam os ossos dos ombros e das ancas. No entanto, a possibilidade de estar grávida não era real para mim até ele ter proferido aquelas palavras. «Esta noite trarei um teste.» E então tudo desmoronou, abrindo-se no chão um enorme buraco, profundo e escuro, que me engoliu. Quando ele saiu pela porta, reuni as minhas últimas forças e arrastei-me até ao sofá.

Por uma conversa anterior, eu sabia que ele sempre quisera ter três filhos. Um irmãozinho para a Hannah e o Jonathan. Chegámos mesmo a brindar à minha rápida gravidez. Tomava todos os dias os comprimidos que me dava para supostamente aumentar a fertilidade e anuía com complacência enquanto ele escolhia o nome. Matthias se fosse menino e Sara se fosse menina. Matthias, segundo me explicou, significa «dádiva de Deus» e Sara significa «princesa».

Não havia nenhuma razão para duvidar da seriedade de tais intenções. Não, ele não brincava. De repente, tudo acabou, tudo se tornou escuro, morri por dentro ao perceber que lhe iria gerar o terceiro filho. E se o teste não fosse positivo nesse dia, seria no seguinte, ou passada uma semana, ou dali a um mês. E a culpa de que outra criança tivesse de viver este horror seria minha. Traria ao mundo um prisioneiro, alguém que estaria morto mal nascesse. Chorei com tanta amargura que a minha cara parecia prestes a explodir.

As crianças estavam habituadas a que tivesse dias maus, ou pelo menos algumas horas más, em que o meu estado de espírito se alterava drasticamente e eu gritava com elas ou lhes esmagava de alguma forma as ilusões, tudo por pura raiva. A Hannah quisera convencer-me a fazer uma viagem que, de qualquer maneira, nunca iria acontecer, e eu berrara com ela. Dera um pontapé à *Menina Tinky*. Quanto ao Jonathan, que adorava fingir que sabia voar, garantira-lhe com maus modos que nunca, mas nunca na vida, ele iria entrar num avião de verdade. «Não sou vossa mãe», vociferava-lhes, e berrava ainda mais alto quando fingiam que não me ouviam. Só que os meus ataques de crueldade nunca duravam muito. Por norma, sentia vergonha logo a seguir, ou pelo menos temia que pudessem contar ao pai, e pedia-lhes desculpa.

Nesse dia não os estava a tratar mal, não estava furiosa – simplesmente já não estava nada. Sentada no sofá com os braços apertados em redor do meu torso, balançava-me apática para a frente e para trás. Fiquei horas assim. Tanto a Hannah como o Jonathan tinham feito algumas tentativas para me tirarem daquele torpor. Perguntaram quando começariam as horas do estudo. Aconselharam-me a participar pelo menos na atividade física e lembraram-me da necessidade de exercitar os músculos com regularidade. Ofereceram-me algo para beber e um pedaço de uma barra energética. Cada um deles fez um desenho para me animar, mas nem sequer olhei para eles com olhos de ver. Eram uns gatafunhos estúpidos e sem sentido. A certa altura, como que ao longe, percebi que a Hannah lia ao Jonathan algo do livro grosso.

«Uma depressão», explicava ela, com a sua típica voz monocórdica, «é um transtorno psicológico. Os seus indícios são o desânimo, os pensamentos negativos e a apatia. Com frequência, perde-se também a alegria, a produtividade, a empatia e o interesse geral pela vida, fim.»

«Isso quer dizer que já não se importa connosco?», perguntou o Jonathan.

«Idiota», respondeu a Hannah. «Isto quer dizer que já não se importa com nada.»

«Incluindo nós», insistiu ele, antes de começar a fazer uns ruídos estranhos. Este foi talvez o único motivo por que tomei atenção. Nunca tinha ouvido tais ruídos, nem vindos dele nem da Hannah. Ainda assim, apesar da estranheza que os caracterizava, pareceram-me familiares. Recordaram-me a dor após a morte do meu pai, quando me trancara no quarto a chorar dias a fio. Recordaram-me a sensação de perda que me invadia quando a Kirsten insistia que estava a falar a sério quanto à nossa separação e ao facto de não haver retorno possível.

O Jonathan soluçava.

Pisquei os olhos para afastar as minhas próprias lágrimas. Com efeito, o menino tinha começado a chorar e soluçava com tal intensidade que o corpo se lhe balançava como se estivesse a receber choques elétricos. Olhei para aquele rosto delicado e pálido, deformado pela dor, até que não aguentei mais

vê-lo assim e acabei por lhe estender a mão. O menino, em vez de pegar nela, lançou-se sobre mim, quase me fazendo cair do sofá. Ao princípio, fiquei muito rígida, presa naquele abraço. Até então, não vira nenhum dos dois chorar, nunca. Creio mesmo que tinha assumido que não eram capazes de expressar sentimentos, nem sequer de os ter. Sim, tinha havido aquele dia em que o aparelho de recirculação deixara de funcionar e nos havíamos deitado juntos na cama grande, onde os abraçara aos dois. «Amo-te muito, mamã», dissera a Hannah, «para sempre e sempre e sempre.» E eu: «Eu também vos amo muito. Boa noite.» Agora via outro significado naquelas palavras, mas então pensara que a menina apenas as tinha proferido para tornar um momento tão horrível ligeiramente mais suportável. Para mitigar um pouco o medo. Pelo menos, eu proferira as minhas por isso mesmo. Claro que sentia algo pelas crianças, mas alguma vez tinha ido além da compaixão? Estremeci ao pensar que elas podiam ter começado a amar-me de verdade e que eu nem me apercebera nem correspondera a esse amor. Que tudo o que fizera havia sido por recear que o pai delas me castigasse se não desempenhasse bem o meu papel.

Hesitante, pousei uma mão nas costas do Jonathan e, com a outra, comecei a acariciar-lhe a nuca. Senti os suaves cabelos nos meus dedos, a respiração agitada e quente no meu pescoço, os espasmos que lhe sacudiam o corpo a cada soluço e o rápido batimento do seu coração contra o meu peito. Senti que era invadido pela mesma dor que me afligira quando o meu pai morrera e quando me separara da Kirsten. O menino experimentava a pior dor possível, a dor causada pelo amor.

Olhei então para a Hannah, que estava algo afastada, junto à estante, ainda com o livro grosso nas mãos. Esperava que me estivesse a observar com os seus olhos penetrantes de um azul-celeste, mas mantinha-os baixados, parecendo algo inibida com a situação. Também aquele era um sentimento que eu desconhecia nela. Até então, a Hannah não tinha tido qualquer problema em fitar-me quando um novo hematoma me surgia no rosto, provocado pelos ataques do pai. Por vezes, chegava mesmo a sorrir e dizer: «Não é assim tão

mau, mamã. Foi só um descuido tonto.» Com isso, na verdade, não queria desculpar a perda de controlo por parte do pai, mas antes o meu comportamento. Fora eu quem dissera ou fizera algo tonto por descuido, razão pela qual o pai me batera. Uma mera consequência da minha própria estupidez.

«Já sei!», exclamou o Jonathan.

Nesse momento, saltou do meu colo e desapareceu a correr pelo corredor. Quando regressou, tinha ainda o rosto vermelho do choro, mas estava radiante. Trazia algo escondido atrás das costas.

«Tenho uma prenda para ti», disse ele, com alegria, e mostrou-o. O globo de neve.

No interior daquele objeto, conseguia ver uma casinha com porta castanha, portadas vermelhas e telhado pontiagudo. De ambos os lados, erguiam-se dois pequenos abetos.

«Olha, mamã.» Jonathan agitou o globo e uma infinidade de minúsculos flocos de neve artificial voou para cima, começando a girar, antes de aterrar no telhado da casinha, nos abetos e no chão. «Olha como dançam os flocos de neve! E ali dentro estamos nós.» Jonathan sorriu e apontou para a casinha.

«Posso segurá-lo?»

Jonathan estendeu a mão para mim.

«Mas tem cuidado. É feito de vidro a sério e é muito pesado.»

«Muito pesado», repeti, aturdida. E era verdade. O globo de neve tinha um peso considerável. Um peso maravilhoso.

«Onde o arranjaste?»

«Foi o papá que mo ofereceu. Deu à Hannah a *Menina Tinky* e a mim o globo de neve. É o meu tesouro mais precioso.»

«Mas onde o tinhas escondido?»

«No nosso quarto. Debaixo da cama há uma tábua que está solta e tem um buraco por baixo.» Sorriu muito. «A *Menina Tinky* também se esconde às vezes ali debaixo, quando come alguma coisa que não devia ter comido.» Virou-se para a Hannah, que não lhe devolveu o sorriso.

«No vosso quarto», repeti, enquanto continuava a sopesar o globo de neve. O quarto onde eu havia estado milhares de vezes a fazer as camas ou a contar histórias para adormecer.

«Sim», disse o Jonathan, sentando-se ao meu lado no sofá. «Mas agora quero oferecer-to.»

«Queres…?»

«Sim, porque estás muito triste, mamã.» Alcançou o globo e voltou a agitá-lo. Os flocos de neve redemoinharam em torno da casinha. Jonathan sorria de modo sonhador. «Esta é a nossa cabana. Ali dentro estamos nós, confortáveis e quentes.» Devolveu-me o globo. «Vês como vivemos bem?»

«Sim, querido, vivemos muito bem.»

«Na próxima vez que ficares triste, só tens de o agitar.»

«Sim, querido, é isso que vou fazer.»

Saltaram-me as lágrimas quando dei ao Jonathan um abraço apertado. Este menino maravilhoso que me queria alegrar e, para isso, me oferecia o seu maior bem, o único que tinha.

«E agora podemos estudar um pouco?», resmungou a Hannah, ao fundo. Até então, mantivera-se estranhamente calada.

Beijei o Jonathan na testa e agradeci-lhe a prenda. Depois, confirmei as horas no relógio da cozinha – quase quatro da tarde – e levantei-me do sofá.

«Muito bem, meninos. Tirem os cadernos e os lápis de cera. Hoje vamos fazer um ditado…»

O tempo passou e já era tarde, quase oito da noite. Não pensei que ele fosse voltar a casa naquele dia e estava prestes a mandar as crianças à casa de banho a fim de se prepararem para ir dormir. Durante o estudo, o globo de neve tinha permanecido na mesa de jantar. Por vezes, o meu olhar recaíra sobre ele sem que eu pudesse conter um sorriso. E o Jonathan também sorrira sempre que me apanhara a fazê-lo. Sem dúvida, sentia-se muito feliz e orgulhoso, com a sensação de ter conseguido algo extraordinário. Curara a mamã da tristeza mórbida. Não podia imaginar.

Então, ouviram-se uns passos no exterior, passos pesados sobre a madeira das escadas que subiam até à porta da cabana. As crianças saltaram das suas posições para o centro da sala, bem visíveis e com as mãos estendidas. Depois de deixar o globo de neve no assento da minha cadeira para que ele não o visse quando entrasse em casa, juntei-me às crianças. Nesse mesmo instante, a chave rodou na fechadura.

Observei-lhe as costas, enquanto ele voltava a trancar a porta da cabana no interior, e o movimento da mão ao tirar o tilintante porta-chaves da fechadura e guardá-lo no bolso das calças. Tudo feito como sempre. Só que o meu coração palpitava por todo o meu corpo, toda eu era uma enorme pulsação enquanto ele inspecionava as minhas unhas, aproximando-se tanto que pude sentir o frio que trazia lá de fora. Tinha ido às compras para cozinhar algo especial e celebrarmos a ocasião. E também tinha trazido um teste de gravidez que nos devia garantir o motivo de celebração. Mesmo as crianças podiam ficar levantadas até mais tarde e juntar-se à festa. Parecia estar muito seguro do resultado do teste.

«Está tudo bem contigo, Lena?», perguntou ao passar por mim para pousar os sacos das compras na bancada da cozinha.

«Sim, sim», apressei-me a dizer, posicionando-me entre a cadeira e ele, a fim de ocultar com o meu corpo o globo de neve.

Não passaria deste dia. Seria livre ou morreria. Conseguia intuí-lo, senti-lo em cada batimento do meu coração. E tive medo, um medo terrível que envolveu todo o meu corpo como película aderente, algo impenetrável que me apertava e me entorpecia.

A partir desse instante, tudo aconteceu em modo automático. Juro que não me lembro do preciso momento em que agarrei o globo de neve. Estaria ele a retirar as compras dos sacos ou a afastar as cinzas do fogão a lenha? Vejo-o diante de mim, de costas voltadas, numa posição inclinada. Aproximo-me dele por trás. O globo de neve pesa uma tonelada na minha mão, mal consigo sustê-lo, e, ainda assim, consigo ganhar balanço fazendo um enorme arco.

Onde estão as crianças neste momento? É a Hannah, a menos de um metro

de mim, quem solta um grito de aviso que não ouço porque nada a atravessa a película que me envolve? Sim, vejo-a pelo canto do olho, mas tem a boca fechada. Sem fazer nem dizer nada, a Hannah observa como o globo de neve avança pelo ar no seu amplo e perigoso arco.

E o Jonathan? O Jonathan também tem de estar por aqui. Estou certa de que não saiu da sala. Talvez continue a tagarelar de emoção enquanto corre à volta do sofá. O papá chegou e ele está contente. O papá acenderá o fogão e fará com que a cabana fique quente. O papá cozinhará algo delicioso para nós. É tão bom que o papá tenha chegado.

Nesse momento, o teu marido ameaça virar-se, mas já é demasiado tarde: há um impacto, que faz «pum!», como quando atiramos uma melancia ao chão. Será que ele emite algum som? Será que geme de dor ou chega mesmo a gritar? Não ouço nada para além do zumbido do sangue nos meus ouvidos e desse «pum!» surdo que o sacode por inteiro. Golpeei-o, atingi-o uma vez com força, com a força suficiente para que o corpo dele ficasse dobrado de forma idêntica ao de uma marioneta à qual cortaram os cordelinhos. Este golpe teria sido suficiente, ele está agora estendido no chão, mas parece que não me consigo conter. Golpeio-o uma e outra vez até que o globo de neve se parte contra o seu crânio. Devo estar ajoelhada sobre ele, atingindo-o vezes sem conta com o globo partido, e as bordas afiadas do vidro desfiguram-lhe a cara. Sangue, deve haver sangue por toda a parte.

Cambaleio para trás, com a arma do crime na mão. As crianças entram no meu campo de visão. Estão ali de pé, como que pregadas ao chão. A Hannah tem uma expressão impassível, vazia. O Jonathan está horrorizado. Correm-lhe lágrimas pelo rosto e o choque deixou-o de boca aberta. Os braços pendem-lhe de ambos os lados do corpo pequeno. Os olhos, a forma como olha. O globo de neve era a prenda que me havia oferecido, o maior e mais importante ato da sua vida, o bem em que tinha mais orgulho. O seu globo de neve matara o pai. Matara o pai porque *ele* mo oferecera. Os lábios do Jonathan formam um mudo «mamã».

Solto o globo. Na minha cabeça, ele embate com estrondo no chão. Na

minha cabeça, é agora que se parte. O som consegue atravessar a película e deixa-me alarmada. Caio de joelhos junto ao corpo imóvel e os meus dedos retiram o porta-chaves do bolso das suas calças. Ai, Deus, será que se mexeu agora mesmo? Não pode ser, é impossível, está morto, tal como a polícia comprovará mais tarde. Volto a cambalear para trás. As chaves tilintam na minha mão. Corro para a porta da rua. Os meus dedos trémulos tentam uma chave atrás da outra na fechadura, até que por fim uma serve. Serve! A porta abre-se!

«Venham, meninos!», grito. «Vamos!»

Mas as crianças não se mexem. Estão paralisadas junto ao corpo inerte do pai.

«Venham já! Temos de ir!»

Vejo o Jonathan afundar-se de joelhos ao lado do pai como que em câmara lenta. Inclina o torso para diante, estremecendo. Soluça em voz baixa de dor, de amor.

Incrédula, abano a cabeça. Olho para a Hannah, que continua ali de pé, paralisada, com o rosto inexpressivo.

Fico ofegante. Já não há pensamentos na minha mente, à exceção de um: *Foge daqui!* As minhas pernas começam a mexer-se. Tropeçam ao descer os degraus de madeira que dão para um pequeno alpendre. Sou atingida pela escuridão e pelo ar gelado. Por um momento, esqueço-me de respirar, pois os meus pulmões parecem bloqueados pela estranheza daquele ar, verdadeiro ar fresco.

Começo a correr. Atravesso a parcela de erva alta que rodeia a cabana e embrenho-me no bosque adjacente. Os ramos arranham-me a pele, não vejo nada na escuridão e, por baixo dos meus pés, ouço estalos fortes e secos. Esbracejo, afasto ramos, por vezes encontro o vazio, tropeço, caio, sinto dor. Volto a levantar-me – *apressa-te, não pares, afasta-te daqui!*

Então, de repente, atrás de mim. Terá sido um estalo? Será que ele se conseguiu levantar e me está a perseguir?

Mais depressa, corre!

Corro, tropeço, escorrego, vou contra uma árvore.

Continua, não pares!

Sim, ouço outros estalos atrás de mim.

Mais à frente, a uma certa distância entre as árvores, será uma luz?

Duas luzes, diminutas, mas estão ali. Movem-se. Os faróis de um carro?

Corro nessa direção. *Continua, não pares!* Uma estrada, há ali uma estrada! Estico os braços e aceno. Um carro, sim, é realmente um carro! Corro até ele, aceno, o carro aproxima-se mais – e depois… um impacto ensurdecedor. Perante os meus olhos explodem cores brilhantes. Pestanejo depressa e sem parar. Estou estendida sobre algo rígido e frio. Terrivelmente frio. Distingo um movimento por cima de mim. Há ali alguém. Debruça-se sobre mim. O condutor do carro. A voz não combina com o rosto quando diz:

– Senhora Grass? Senhora Grass! Tenha calma, senhora Grass!

Matthias

Esta noite não consigo descansar. E só desejo ser capaz de dormir para que a manhã chegue rapidamente, com um novo e melhor dia. Deitada a meu lado na cama, adormecida, a Karin faz algum ruído a respirar pelo nariz e, de vez em quando, mexe-se muito, vira-se de um lado para o outro, também ela inquieta. Mas, pelo menos, tem a sorte de conseguir dormir.

Estava à espera de uma reação diferente, claro. Foi como se uma fenda invisível se me abrisse no peito e alguém me arrancasse o coração, estando eu plenamente consciente, quando a Hannah, acabada de chegar, me disse: «Mas esta não é a minha casa, avô.» Como parecia dececionada! Pensara obviamente que eu a ia levar outra vez para a cabana. De início, faltaram-me as palavras, mas a Karin conseguiu improvisar:

«Tens razão, Hannah», disse a minha mulher com muita naturalidade.

«Esta é a nossa casa, do teu avô e minha. A tua mamã viveu aqui muitos anos connosco e, por isso, pensámos que gostarias de nos vir visitar. Queres ver o antigo quarto dela?»

«Sim», respondeu a Hannah, deixando que a Karin a levasse pela mão para o piso de cima, enquanto eu as seguia a uma certa distância, arrastando os pés.

O quarto, para sermos precisos, já não é mais do que o esqueleto do velho quarto da Lena. A cama de madeira de pinho, o roupeiro, a volumosa aparelhagem de som que fora uma prenda de Natal quando a Lena acabara de descobrir a música, a secretária com a sua cadeira giratória, tudo isto continua no mesmo sítio de sempre. No teto, por cima da cama, as estrelas autocolantes ainda brilham no escuro, uma relíquia sentimental dos dias da primária da nossa filha. Ela mesma criou o seu céu estrelado naquela altura.

«É tonto que só possamos ver as estrelas quando estamos lá fora à noite, não é, papá? É muito mais bonito dormirmos debaixo delas, não é?»

«Sim, Leninha, é verdade», respondera eu, enquanto colava as estrelas no teto de acordo com as instruções que ela me ia dando, uma vez que não conseguia lá chegar.

Os inúmeros pósteres que antigamente cobriam as paredes acabaram há muito no papelão. As fotografias e o quadro com um colorido caos de polaroides e bilhetes de concertos foram removidos. As roupas que costumavam estar penduradas no roupeiro foram retiradas. A cómoda e o tapete junto à cama são novos, fruto do esforço da Karin para converter o espaço num quarto de hóspedes, ou pelo menos num quarto sem fantasmas. Tal como as cortinas e a orquídea branca no vaso sobre o peitoril da janela, de que a Karin cuida com carinho.

A Hannah caminhou com passos inseguros até ao centro do quarto e olhou em redor.

«É muito grande», disse ela, regressando depois à porta e pondo-se a medir o quarto com um pé a seguir ao outro. «Vinte e oito passos», contou ao chegar à parede oposta.

«Gostas?», perguntei esperançado, mas ela limitou-se a encolher os

ombros.

Quando lhe mostrei a secretária, devo ter parecido tão desesperado como um vendedor de móveis que não fez uma única venda durante todo o dia.

«Olha, este é o sítio perfeito para estudar. E a cadeira é muito confortável. Queres experimentá-la? Vem, senta-te. E olha para isto! Comprámos um bloco de desenho e lápis de cor especialmente para ti. Se te apetecer, amanhã ou num destes dias podemos comprar também alguns livros. Ou a Karin, quero dizer, a tua avó, podia ir ao sótão para ver se ainda lá temos manuais escolares da tua mãe em alguma caixa, e então…»

«Matthias», interrompera a Karin, da porta, fazendo sinal para eu me aproximar. «Deixa-a ficar sossegada uns instantes para que se habitue.»

Segui o conselho com um suspiro e fui para junto dela.

«O que te passou pela ideia?», perguntou-me, com voz sibilante, a meu lado.

Referia-se ao facto de eu ter dito à Hannah que a iria levar para casa. Todavia, ninguém estava mais dececionado com aquele mal-entendido do que eu próprio.

«As estrelas», disse a Hannah de repente.

Estava agora diante da cama da Lena, a olhar para cima e a sorrir. O sorriso deu-me coragem.

«Sim, a tua mamã desejava tanto ter o seu próprio céu estrelado que colámos um no teto. Karin, apaga a luz e fecha a porta por um segundo.»

Como também as persianas do quarto da Lena estavam descidas para nos protegerem dos jornalistas lá fora, as estrelas começaram a brilhar assim que o interruptor da luz foi desligado: um mar de estrelas verde-néon sobre nós, estrelas grandes e pequenas, estrelas com cauda e sem cauda.

«A mamã também me fez um céu de estrelas em casa, mas as cores dos lápis de cera não brilham.»

«Desenhou-te ela as estrelas?»

Um sentimento quente inundou-me o peito aberto, a caixa torácica partida que, por momentos, pareceu que ia sarar. Que mãe maravilhosa e carinhosa

devia ser a minha Leninha.

«Sim, na parte de baixo do estrado do Jonathan. Quando me deito na minha cama só tenho de esticar a mão e quase consigo tocar nas estrelas. Também são muito bonitas, ainda que não brilhem. São azuis e verdes e vermelhas. As amarelas não se veem bem na madeira do estrado, mas eu sei na mesma que elas estão lá.»

«Diz-me, gostarias de dormir hoje neste quarto? Debaixo das estrelas brilhantes da tua mamã?»

A Hannah não disse nada, porém, na penumbra gerada pela luz que entrava pelas frestas da porta que dava para o corredor, vi que ela assentia. Pensei que este era o momento, o instante de ligação em que os laços soltos se unem. As estrelas do teto que a mãe tinha deixado para trás como um sinal. As estrelas que mostrariam à Hannah, de uma forma especial e silenciosa, que este era o sítio a que pertencia a partir de agora.

No entanto, estava enganado. Foi durante o jantar que ela perguntou:

«Quanto tempo tenho de ficar aqui até poder voltar para casa?»

Esperei que a Karin dissesse algo novamente, mas nem a ela ocorreu o que responder desta vez.

«Hannah», comecei a explicar ao fim de alguns segundos, «a polícia fechou a cabana. Afixou uma coisa na porta para indicar que já não se pode entrar lá.»

A Hannah deixou cair a fatia de pão em que acabara de dar algumas mordidelas.

«Nunca mais?»

«Não, penso que não.»

«Mas porquê?»

«Hannah…», iniciei a resposta sem saber exatamente o que dizer, mas fui interrompido pela Karin.

«Porque se passaram lá coisas más.»

Fiquei tenso e lancei um olhar de advertência à minha mulher. Na minha opinião, até a Hannah compreender por si mesma o que acontecera de verdade

na cabana, era melhor deixar que fossem os especialistas a explicar-lhe as coisas com cuidado. E o facto de eles ainda não terem sido bem-sucedidos a este respeito mostrava muito claramente que devíamos tratar o assunto com pinças. Contudo, não podia apresentar nada disto como argumento à Karin, pois ela faria questão de me recordar de imediato a quantidade de vezes que eu tinha classificado de idiotas esses mesmos especialistas. Para minha surpresa, porém, a Hannah anuiu.

«De qualquer maneira, julgo que o Jonathan não conseguiria eliminar todas aquelas manchas da carpete.»

A Karin inspirou o ar sonoramente.

«Apesar disso, temos de lá ir, avô. Por causa da *Menina Tinky*. Ela não sabe que a cabana já não pode ser a nossa casa.»

«Faremos isso, Hannah. Não há problema», assegurei, e desta vez fui eu que recebi um olhar de advertência por parte da Karin.

Não duvido de que a Hannah se sentirá bem connosco. Que tudo ficará bem no final. E, ainda assim, esta noite não consigo ficar apaziguado. Não pretendo prestar atenção a essa pequena e incómoda incerteza que me corrói. A Karin não pode ter razão quando acredita que não nos conseguiremos transformar numa família. Voltar a ser uma família, como antes… Devo ter finalmente adormecido a pensar nisso.

Já estou habituado a que a Karin não consiga dormir a noite inteira de seguida. Não o consegue fazer há anos, desde o desaparecimento da Lena. Em algum momento, a meio da noite, levanta-se da cama e vai à casa de banho, desce à cozinha para beber um copo de água ou preparar um chá, ou à sala de estar para ler um pouco até ficar outra vez com as pálpebras pesadas. Para mim, ao fim de todos estes anos, os passos nas escadas ou o som da torneira aberta são meros ruídos de fundo. Mal abro os olhos quando os ouço e, no máximo, apenas mudo preguiçosamente de posição de dormir.

Esta noite, porém, fico sobressaltado. Gritos.

A minha mão alcança o interruptor da mesa de cabeceira.

Gritos. A voz da Karin.

O meu corpo ergue-se nesse instante, a pressão sanguínea quase não consegue acompanhar o movimento. Os meus pés procuram o chão.

Os gritos vêm do piso de baixo. Algo produz um estrépito, talvez uma cadeira. Na sala de jantar, penso.

Chego à porta do quarto com as pernas a tremer. Alguém entrou em nossa casa, penso. Alguém tem a Karin. Uma arma, penso, preciso de uma arma e não tenho nenhuma. O único objeto que me ocorre é o atiçador, que está no suporte junto à lareira, mas a lareira encontra-se na sala de jantar, onde imagino que também esteja a Karin.

Aos tropeções no corredor, sinto-me por um momento tentado a entrar no antigo quarto da Lena quando a ideia de proteger a Karin é suplantada pela imagem mental da pequena Hannah. Nada lhe deve acontecer.

Então, volto a ouvir a Karin e fico parado.

– Que diabo é tudo isto? – grita a minha mulher. E recebe uma resposta a meia-voz:

– É mal-educado não responder quando nos acenam.

Hannah! Quem respondeu foi a Hannah.

Apresso-me a chegar às escadas, desço os degraus a toda a velocidade, atravesso o corredor de entrada e entro na sala de jantar iluminada, onde a Karin está a agarrar a Hannah pelo braço.

– O que se passa aqui? – pergunto, e olho em redor, incrédulo. Não há nenhum ladrão, nenhuma luta, apenas a Hannah e a Karin.

– Eu vi-os pela janela!

Quando me apercebo do esgar de dor da Hannah por a Karin estar a agarrá-la com força, avanço na direção delas e separo os dedos rígidos da minha mulher do fino e pequeno braço da minha neta.

– Não sabia que não me podia aproximar da janela. Lamento.

– Claro que te podes aproximar da janela, Hannah – tranquilizo-a, e tento pôr alguma distância entre as duas, afastando a Karin pelos ombros. – O que aconteceu?

– Desci para beber um copo de água e ouvi-a aqui a mexer nas persianas.

Pensei que fosse um ladrão – diz a Karin, sem fôlego. Levo-a para a sala de jantar e sento-a com cuidado numa cadeira. Está a tremer. – Ela diz que alguém lhe atirou pedrinhas à janela do quarto.

– E é verdade. Não digo mentiras – intervém a Hannah. – Como não conseguia ver bem quem era, vim cá abaixo. Daqui vê-se melhor para o exterior.

– Então tivemos sorte por apenas teres olhado pela janela em vez de abrires a porta da rua – diz a Karin, num tom sarcástico. Apoia os cotovelos na mesa e entrelaça as mãos para apoiar a testa.

– Está alguém lá fora? – Automaticamente, o meu corpo dá um salto em direção à lareira, ao atiçador.

– Não, não há ninguém – diz a Karin, interrompendo o meu movimento. – A Hannah deve tê-los espantado, quando os saudou com tanta amabilidade.

– Karin, não continues, por favor – digo eu, esboçando um gesto com o rosto para a fazer reparar na nossa neta.

A Hannah tem um aspeto algo deplorável com a camisa de noite doada, que lhe fica demasiado grande e é muito fina para o outono. Além disso, a cabeça pende-lhe, pesada e abatida, sobre os ombros estreitos e magros.

– Hannah – aproximo-me dela e, com esforço, dobro os meus velhos joelhos –, contas-me o que se passou? Pode ser?

– Havia alguém no jardim e atirou coisas à minha janela. A princípio, pensei que tinha começado a chover. Era um som muito parecido, como um pequeno e suave tilintar. Mas depois pensei que era melhor ir ver, ainda que só tivesse conseguido distinguir uma sombra. Por isso, desci as escadas até esta sala.

– E havia alguém do outro lado da janela?

A Hannah assente.

– Acenámos um ao outro.

– Viste quem era?

– Ainda está muito escuro lá fora.

Afago-lhe os braços para a tranquilizar.

– Não tenhas medo. Vou agora mesmo verificar. Sobe para o teu quarto e deita-te outra vez, pode ser?

A Hannah assente de novo e, por cima do ombro, diz à Karin:

– Peço desculpa. Prometo que não voltarei a aproximar-me das janelas sem autorização.

Quando a Karin se limita a suspirar, respondo por ela:

– Está tudo bem, Hannah. Não fizeste nada de mal. Está tudo em ordem. E agora volta para a cama. Nós subiremos já de seguida.

Mantenho os olhos fixos na minha mulher, enquanto escuto os pequenos passos cuidadosos da Hannah a subir as escadas.

– Como pudeste? – atiro à Karin, quando creio que a Hannah já não nos pode ouvir.

– Por favor – resmunga ela, baixando as mãos entrelaçadas.

– No melhor dos cenários, teve apenas um pesadelo. E tu pões-te assim com ela.

– Ou aconteceu precisamente o que eu temia. – A palma da mão da Karin cai sobre a mesa com um impacto surdo e sem força. – Algum daqueles abutres da imprensa ficou acampado lá fora durante a noite.

– Que disparate. Foram-se todos embora pouco antes das nove. Ambos ouvimos os carros a afastarem-se e, quando fui espreitar, pouco depois, já não restava ninguém. Perceberam que não havia aqui nada que pudessem explorar.

A Karin ignora a minha objeção.

– E depois a Hannah encoraja-os, oferecendo-lhes uma fotografia em que os saúda com alegria! Eu avisei-te, Matthias! Disse-te logo de início que não queria voltar a passar por isto. Não me quero voltar a ver todos os dias nos jornais.

A Karin levanta-se com tal brusquidão que a cadeira ameaça cair para trás. Mas ela apanha-a pelas costas mesmo a tempo e volta a arrumá-la junto à mesa.

– Por precaução, vou dar uma vista de olhos – informo, antes de me virar para a lareira e tirar o atiçador do suporte. – Vou esclarecer isto, se é que há

alguma coisa a esclarecer. Quanto a ti, sobe e fica um pouco com a Hannah. Mas sê amável, Karin, está bem?

Lá fora está tudo silencioso, à exceção dos pássaros que começaram a chilrear com a aproximação da madrugada. De atiçador na mão, detenho-me no topo dos quatro degraus que sobem até à nossa porta. Percorro com o olhar o jardim dianteiro. O portão está fechado e não há sinal de que alguém tenha entrado na nossa propriedade há alguns minutos. E, sem contar com as roseiras, não temos arbustos nem árvores de troncos grossos atrás do quais um intruso se pudesse esconder. O pequeno relvado mantém-se tranquilo sob a ténue luz da madrugada. Tal como eu suspeitava: a Hannah só teve um pesadelo.

Matthias

Não sei o que se passa com a Karin. Tudo começou ao pequeno-almoço. A Hannah só queria comer uma fatia de pão com manteiga, tal como ontem à noite. E então? Bom, a Karin acreditara que lhe cairia nas boas graças, que lhe estaria a oferecer algo, quando trouxe um frasco de *Nutella* da cozinha para a mesa da sala de jantar.

«Tanto quanto sei, todas as crianças adoram *Nutella»*, disse ela, piscando o olho à Hannah com cumplicidade.

No entanto, depois de estudar os ingredientes, a Hannah afastou o frasco.

«Não devemos ingerir demasiado açúcar. O consumo excessivo de açúcar e alimentos doces pode gerar os seguintes sintomas: cansaço, apatia, ansiedade, problemas digestivos, flatulência, diarreia ou obstipação, nervosismo, transtornos do sono e da concentração, bem como cáries dentárias, fim.»

A Karin esboçou um sorriso pouco convincente e depois pegou no frasco, levou-o para a cozinha e escondeu-o na despensa, juntamente com todas as tabletes de chocolate, os sacos de gomas e os pacotes de bolachas que havia comprado especialmente para a Hannah, quando soubera que ela poderia ficar connosco. Compreendo a deceção que sentiu. A intenção era boa, mas não poderia simplesmente ter guardado o frasco?

Claro que não, também tinha de se pôr a choramingar. Conseguimos ouvi-la da sala de jantar. Já tenho as mãos apoiadas sobre a mesa para me levantar e ir ter com ela à cozinha, mas então decido não o fazer. A Hannah está sentada à minha frente e observa-me. No prato dela há uma triste fatia de pão na qual não voltou a tocar desde que a Karin saiu disparada.

– Só manteiga? – pergunto. A Hannah assente.

Estico o braço e pego no prato dela para lhe barrar o pão.

– Obrigada – agradece educadamente quando lhe devolvo o prato.

– Começa a comer, Hannah. Vou só ver como está a avó.

– Não podemos simplesmente tomar o pequeno-almoço juntos e em paz?

Tento sussurrar para que a Hannah não ouça, porém, mesmo falando em voz baixa, percebe-se uma inequívoca dureza no meu tom que surpreende tanto a Karin como a mim mesmo.

– Não consigo viver assim, Matthias – diz ela, apontando vagamente para cima. A lâmpada do teto emana uma luz fria e branca que não é natural a esta hora nesta divisão. Em todas as divisões, para ser exato, pois as persianas continuam descidas em toda a casa.

– Hoje não são nem metade dos de ontem, Karin – digo eu, referindo-me aos jornalistas que montam guarda no passeio.

Esta manhã, quando fui buscar o jornal à caixa do correio, às seis e meia, ainda não tinha chegado ninguém e quase acreditei que eles não apareceriam. O primeiro carro estacionou lá fora pouco passava das oito.

– Claro. – A Karin ri com escárnio. – Ontem à noite já conseguiram a fotografia que queriam da Hannah.

– Não comeces outra vez, por favor. Ninguém esteve aqui ontem à noite. A Hannah teve um pesadelo. E nem sequer viste ainda o jornal de hoje. Não há nenhuma fotografia da Hannah a acenar, apenas… – Detenho-me ao ver uma notícia, mas não quero discutir agora a veracidade da fundamentação desse artigo do *Bayerisches Tagblatt* que ataca a forma como as autoridades estão a gerir o caso. – Escuta, Karin – digo eu, em vez de referir a notícia. – Também não é fácil para mim, mas a única coisa que importa agora é que descubramos quem é esse tipo e o que fez com a nossa filha. – Fico com a garganta seca. – Onde a escondeu.

– É isso que realmente importa, a sério?

Os olhos da Karin continuam a brilhar pelo efeito das lágrimas, mas ao mesmo tempo adquirem uma expressão estranhamente sinistra.

– Sim, claro. O que achavas tu?

– Nem sequer telefonaste ao Mark para lhe perguntar se já se reuniu com o Gerd.

– O Gerd ter-me-ia informado.

A Karin atira as mãos ao ar.

– Nem disso te dás conta!

– Não levantes a voz – cicio, e espreito para a esquina do corredor aberto, por onde se vê a Hannah. A menina olha em frente enquanto mastiga, ensimesmada, a fatia de pão com manteiga. Felizmente, está sentada de lado para nós, o que significa que a sua visão periférica não nos abarca, chegando quando muito apenas até à lareira da sala de jantar.

– Não me dou conta do quê? – pergunto então à Karin.

– O Gerd só fala contigo quando é absolutamente incontornável. E o artigo do jornal de hoje dá-lhe ainda mais razão para não o fazer.

– O Gerd não fala comigo? Ai, não? Talvez então a minha memória não esteja boa. Devo ter imaginado que ele me telefonou a meio da noite quando essa tal senhora Grass foi admitida no hospital.

– Telefonou-nos a nós, Matthias, aos dois. E certamente já se arrependeu. Ele não queria que fôssemos ao hospital de Cham. Foste tu quem decidiu ir.

– Decidimos os dois! – Abano a cabeça, desorientado. – E, seja como for, que razão há para estarmos a falar do Gerd? Queria saber o que te levou a gerar esta confusão toda à volta de um frasco de *Nutella*.

O queixo da Karin começa a tremer.

– O facto de dizeres que o que te importa é a Lena, embora não seja verdade. Já não. Agora, tudo o que te importa é a Hannah.

Não posso acreditar no que estou a ouvir. Não entendo como se atreve. A minha Leninha, o meu universo… Só o pensamento de se tratar da Karin, a mulher com quem estou casado há quase quarenta anos, impede que me torne agressivo. Se tivesse sido o Gerd, o Giesner ou o Mark Sutthoff, tê-los-ia agarrado pelo colarinho por tão grande ofensa.

– Mas a Hannah é tudo o que nos resta – digo, em vez disso, acrescentando no mesmo fôlego: – e o Jonathan. – Para não lhe dar mais munições nesta conversa atroz.

No entanto, a Karin não parece estar disposta a parar.

– E como sabes isso? – vocifera, sem se conter, levando-me a ciciar um «chiu!» e a espreitar pela esquina do corredor para ver como está a Hannah. – Ainda não encontraram o cadáver da Lena. E se não…?

– Karin, sabemos que está morta – interrompo-a, depois de confirmar que a Hannah permanece sentada à mesa, obediente e alheada, a comer o pão.

– Mas como sabemos? Quando o Gerd nos telefonou na noite do acidente, há duas semanas, nem sequer duvidámos de que a Lena pudesse ainda estar viva!

– Karin, por favor…

– E tu não fazes nada para ajudar!

– O quê?

– Há muito tempo que já podias ter perguntado por ela à Hannah!

– Não sou psicólogo, Karin! Quem sabe o que poderíamos provocar se…

– Não eras tu que dizias que esses supostos profissionais não tinham nem ideia? Em todo o caso, pareces ser bastante entendido em psicologia para a trazeres para nossa casa – interpõe ela.

– Está bem, Karin. – Dou um passo em frente e pouso as mãos nos ombros da minha mulher. – Prometo que telefonarei ao Mark mais logo. E também ao Gerd. Mas tu, por favor, senta-te a tomar o pequeno-almoço com a Hannah e comigo, pode ser?

A Karin abre a boca, mas parece mudar de opinião e limita-se a anuir com debilidade. Pego-lhe na mão e encaminho-a para a sala de jantar, mas a Hannah já não está sentada à mesa.

– Onde está ela?

– Deve ter ido à casa de banho – supõe a Karin, mas eu sei de imediato que não pode ser isso.

– Hannah!

Atravesso a sala de jantar a correr em direção ao corredor de entrada.

– Vou ver lá em cima – diz a Karin, que me seguiu e sobe as escadas à pressa.

A casa de banho das visitas, ao fundo do corredor de entrada, está vazia. Fecho a porta um segundo depois de a ter aberto. Naturalmente, não tinha ido à casa de banho. Não era a hora de ela ir e, além disso, não iria sem pedir autorização. Talvez se tivesse assustado ao ouvir a minha discussão com a Karin. Lembro-me da Leninha, que também detestava que discutíssemos. Quando tal acontecia, escondia-se, quase sempre no armário grande da entrada. Ficava ali sentada, com os joelhos encolhidos contra o peito, e esperava que a procurássemos e, por fim, a encontrássemos. Era como se, com o seu desaparecimento, quisesse impedir as nossas discussões. Naquela altura, discutíamos sobre as despesas da casa, que então tínhamos dificuldade em pagar; sobre o escritório, que não estava a ir muito bem; sobre a educação da nossa filha; sobre a louça suja, que eu ficara de lavar, mas me esquecera; e sobre todas as pequenas coisas que, de vez em quando, assumem indevidamente demasiada importância.

Aproximo-me com cuidado do antigo armário de madeira de abeto por baixo das escadas, onde a Karin guarda os casacos e sobretudos que não usamos no dia a dia. Uma recordação…

Finalmente, encontrei-te.

Estavas preocupado comigo, papá?

Muito preocupado, querida!

Ainda bem…

Estou prestes a abrir a porta do armário quando a Karin diz lá de cima:

– Está no quarto!

O meu coração regressa ao normal nesse instante e um sorriso percorre-me os lábios. Sinto-me aliviado, mas também um pouco dececionado. Talvez tivesse gostado de encontrar a Hannah neste armário.

Estavas preocupado comigo, avô?

Muito preocupado, querida…

– Podes vir cá acima, Matthias, por favor? – pede a Karin.

Quando piso o primeiro degrau das escadas, deteto pelo canto do olho um movimento, como que uma sombra do outro lado do vidro da porta de entrada. Não penso. Avanço para a porta e abro-a de repente, no preciso momento em que uma mulher deixa no nosso tapete uma enorme caixa de cartão fechada com fita adesiva.

– Senhor Beck… Olá – balbucia ela, igualmente surpreendida, antes de dar um passo atrás, em sobressalto.

Nesse momento, o pequeno pelotão plantado diante do portão do nosso jardim ganha vida e começa a tirar fotografias. Os cliques das máquinas fotográficas soam como as teclas de uma máquina de escrever e são disparadas perguntas como projéteis que me são dirigidos.

– Como está a menina, senhor Beck?

– O que sabe do menino, senhor Beck?

– Alguma novidade sobre o paradeiro da sua filha, senhor Beck?

– É verdade que se sentem abandonados pela polícia?

A minha atenção oscila entre a caixa castanha que tenho aos meus pés, a mulher que retrocede com passos inseguros pelos degraus até ao jardim dianteiro e a multidão aos berros do outro lado da cerca.

– A Hannah viverá convosco a partir de agora, senhor Beck?

– Trarão também o Jonathan?

– Senhor Beck! Senhor Beck!

Nesse momento, toda a minha frustração culmina numa súbita erupção de puro desespero que me faz gritar:

– Desapareçam, seus porcos, ou chamo a polícia e apresento queixa de todos vocês por assédio!

Pontapeio a pesada caixa de cartão deixada nosso tapete de entrada, pontapeio-a em direção à mulher, que já desceu o último dos quatro degraus e prossegue a sua cautelosa retirada pela superfície plana do caminho lajeado. Conheço-a. Reconheço o cabelo ruivo e o sobretudo azul-claro. Ontem estava aqui quando cheguei com a Hannah do centro de trauma.

– Deixem-nos em paz de uma vez por todas – disparo, antes de desaparecer para dentro de casa e bater com a porta.

– Então vai ser esta a manchete de amanhã. – A voz zangada da Karin chega do topo das escadas.

Viro-me para ela, sem forças.

– Desculpa.

A minha mulher revira os olhos.

– É o que estás sempre dizer. Já agora, a Hannah trancou-se no quarto. Talvez devesses tentar tu.

– Ela…

– Trancou-se. Voluntariamente.

Jasmin

Acordo, já não às sete menos dez, nem com a voz dele na minha mente, embora não deixe de ter uma sensação semelhante à de uma ressaca que me faz pensar de imediato na noite anterior. Tateio o lugar onde a Kirsten devia

estar deitada, mas então lembro-me de que ela tinha pensado passar hoje de manhã por casa para dar de comer a *Ignaz* e depois ir fazer compras para nós. Já deve ter saído, pois não ouço quaisquer ruídos vindos da casa de banho ou da cozinha. Talvez calhe bem ficar sozinha, numa espécie de período de graça. Quando regressar, telefonaremos ao Cham. Tenho de ver a imagem da reconstrução facial. Não há volta a dar. Sobretudo porque desde ontem à noite surgiu mais uma razão premente para me reunir com ele.

«Esse poderá ser um elemento de informação relevante, Jasmin», dissera a doutora Hamstedt. «É até possível que ajude a descobrir a identidade e a motivação do sequestrador. Em certo sentido, soa a algo muito pessoal, não lhe parece?»

«Ou talvez seja alguém que acompanhou a cobertura informativa dos jornais e esteja a querer divertir-se um pouco.»

«É possível. Ainda assim, parece-me que deveria falar o quanto antes com o comissário Giesner.»

Só de pensar nisso, fico com vontade de voltar a afundar-me na almofada e continuar a dormir. Mas como poderia eu fazer tal coisa, Lena, com cem versões de ti a olharem para mim nas paredes? Em todas essas fotografias, dos inúmeros artigos de jornal que afixei, sorris com o propósito de me animares – de me obrigares? Dou-me por vencida e levanto-me da cama.

De facto, o apartamento está vazio. A Kirsten já saiu. Entro na cozinha com passos silenciosos, ainda algo indolente, encho um copo com água da torneira e tomo os analgésicos, meio comprimido a mais do que o necessário, como sempre. A noite passada continua às voltas na minha mente. O meu encontro com a doutora Hamstedt. Não tinha planeado que a nossa conversa tomasse o caminho que tomou. Só queria explicar-lhe como surgira a ideia, que inicialmente deve ter parecido absurda, de que as cartas podiam ser das crianças. Não queria passar a imagem de uma pessoa tão desequilibrada que se justificava deixá-la num daqueles quartos sem maçaneta na porta. Na realidade, apenas pretendia explicar-lhe que as crianças, sobretudo o Jonathan, tinham uma razão muito forte para estarem zangadas comigo. Para me

odiarem. Para me enviarem cartas que me recordassem a minha culpa. Eu abusara do gesto carinhoso do Jonathan, do seu grande ato, do seu presente e da sua confiança, para lhe matar o pai. Depois, desatara a correr rumo à liberdade, sem olhar para trás, até ser atropelada por um carro, é certo, mas em todo o caso fugira. Primeiro, tirara tudo às crianças – o pai, a mãe, cujo papel me fora delegado, o lar – e depois abandonara-as.

Enquanto contava à doutora Hamstedt os pormenores da minha fuga, comecei a perder o rumo, e deixei-me levar de tal modo pelo meu próprio relato que parecia estar a reviver tudo de novo. Corria pelo bosque. Sentia debaixo dos pés o chão irregular que me fazia tropeçar, os ramos que batiam no meu rosto e me arranhavam a pele. Conseguia ouvir os ruídos da vegetação rasteira e a minha respiração ofegante – tudo era muito real. O momento em que saí do bosque e cheguei à estrada. O carro que me atropelou. Os clarões de cores que explodiram diante dos meus olhos. O impacto surdo e forte do meu corpo ao aterrar no alcatrão. A forma como pisquei os olhos ao ouvir a voz do condutor quando este se debruçou sobre mim.

«Senhora Grass», ouvi-o dizer várias vezes, antes de perceber que algo de estranho se passava com aquela voz.

Além disso, é claro que também não me poderia estar a chamar pelo meu nome. Quem realmente estava a falar comigo naquele momento era a doutora Hamstedt, que me tentava trazer de volta à realidade.

«Senhora Grass! Tenha calma, senhora Grass», ouvi-a dizer com insistência, e notei que me segurava nos ombros. Nem sequer me tinha dado conta de que ela se levantara da cadeira atrás da secretária enquanto eu falava. «Está a sentir-se bem, senhora Grass?»

«Sim», arquejei. «Sim, eu…» Levei a mão à testa e comprovei que estava a arder. «Desculpe. Não sei o que se passou.»

«Não tem de pedir desculpa, senhora Grass. Quer que lhe traga um copo de água?»

«Não, obrigada. Já estou melhor.»

Não me atrevia a encará-la e, por isso, os meus olhos procuraram outro

objeto de foco, algo de aparência mais inofensiva. O bloco de notas em cima da secretária da doutora Hamstedt, ao lado das duas cartas. Mas depois compreendi o que estava na realidade a ver: a doutora Hamstedt tinha tirado notas.

«Esteve a escrever?»

«Sim», confirmou ela, mas com um sorriso. «E a Jasmin esteve incrível. Já tinha visto ocorrências semelhantes em terapias que trabalham com técnicas de hipnose especiais. A Jasmin, porém, experimentou uma regressão pelos seus próprios meios, sem intervenção alguma da minha parte, e reviveu o dia da sua fuga. E mencionou algo…», alcançou o bloco de notas e assinalou com o dedo um sítio concreto. «Aqui está», disse ela, parecendo quase entusiasmada. «Afirmou que o seu sequestrador queria que o seu bebé se chamasse Sara ou Matthias. Sabe que o pai da Lena Beck se chama Matthias?»

«Sim», respondi, mas omiti que estava a par deste detalhe graças à investigação exaustiva que fizera, a investigação que cobria as paredes do meu quarto.

A doutora Hamstedt não parecia considerar-me louca e eu queria que continuasse a ser assim.

«Esse poderá ser um elemento de informação relevante, Jasmin. É até possível que ajude a descobrir a identidade e a motivação do sequestrador. Em certo sentido, soa a algo muito pessoal, não lhe parece?»

«Ou talvez seja alguém que acompanhou a cobertura informativa dos jornais e esteja a querer divertir-se um pouco.»

«É possível. Ainda assim, parece-me que deveria falar o quanto antes com o comissário Giesner.»

«A sério que pensa que poderá ser assim tão importante?»

A doutora Hamstedt assentiu com fervor.

«Porque haveria o sequestrador de querer dar o nome do pai da vítima dele ao vosso filho em comum?»

Não sei. Talvez porque era um degenerado muito doente?

Procurei com a ponta da língua o buraco na minha gengiva inferior, que já sarara, apesar de ainda lá se encontrar. «A doutora é a especialista. O que era ele, na sua opinião? Um sádico?»

A doutora Hamstedt balançou a cabeça de um lado para o outro e disse:

«Para a Lena Beck, Matthias teria tido um significado, sim. Com efeito, seria uma tortura ter de chamar sempre o filho pelo nome do pai e, desse modo, recordar-se constantemente da sua vida anterior. No entanto, para si, Jasmin, este nome não significou nada durante o tempo que passou na cabana. Só descobriu que era o nome do pai da Lena Beck depois de escapar. Creio que há aqui de facto uma dimensão pessoal. Se não a podia torturar a *si* com o nome, este devia satisfazê-lo de alguma outra forma.»

«Bom, ele tomava-me pela Lena Beck.»

«Tentou convertê-la na Lena Beck. É diferente.» Franziu os lábios, pensativa. «Talvez o conhecesse.»

«A quem?»

«Ao pai dela. Contudo…», deteve-se a refletir. «Tanto quanto sei, o senhor Beck não reconheceu o homem da reconstrução facial do sequestrador. Mas…», recusou continuar, «destas coisas será melhor falar diretamente com o comissário Giesner.»

A reconstrução facial. Fiquei de imediato enjoada, a mesma sensação que regressa agora. Tento convencer-me de que se trata apenas de uma imagem, de uma folha de papel, mas não serve de nada. O meu estômago sofre espasmos, as minhas bochechas afundam-se devido ao sabor ácido que me sobe à boca. Pouso com força o copo de água na mesa da cozinha e corro para a casa de banho, onde me ajoelho diante da sanita, com os dedos bem agarrados à borda do assento. As náuseas não desaparecem nem ao fim de algum tempo, mas tenho o estômago vazio e a única coisa que consigo expulsar são uns sons profundos e ocos.

«Peço-lhe, Jasmin», dissera a doutora Hamstedt, pegando nas duas cartas em cima da secretária, dobrando-as e voltando a colocá-las nos respetivos envelopes. «Telefone ao comissário Giesner. Fale com ele. Conte-lhe também

a respeito das cartas.» Ergueu-as com veemência. «É certo que me parece impossível que as crianças estejam envolvidas nisto, mas considero, ainda assim, que o comissário Giesner as devia examinar.»

Em resposta, anuí.

«Está bem, sim. Vou ligar-lhe amanhã de manhã, prometo.»

Levantei-me da cadeira e estendi-lhe a mão para me despedir, mas detetei uma hesitação na psicóloga que me deixou de súbito apreensiva.

«Há algo mais», afirmei.

«Sim, hoje entreguei a Hannah ao cuidado temporário dos avós.»

O meu coração acelerou. A doutora Hamstedt percebeu que eu fiquei afetada com a informação que me dera.

«Por favor, dê uma oportunidade à doutora Brenner, Jasmin. Estou certa de que ela a ajudará.»

A Hannah saiu… Arrasto-me até ao lavatório e, quase sem forças, apoio-me nele para me levantar. O meu estômago continua com espasmos e tento respirar. Abro a torneira e lavo a cara. A mulher no espelho parece doente. Tem um aspeto acinzentado e umas sombras escuras rodeiam-lhe os olhos. No entanto, diz-me que sim com a cabeça, decidida. *Tens de telefonar ao Cham*. Eu sei. *Ele poderá procurar impressões digitais nas cartas e assim terás a certeza*. Mas também aproveitará a circunstância para me mostrar o resultado da reconstrução facial e eu não sei se aguentarei. E se, tal como aconteceu ontem à noite na consulta da doutora Hamstedt, perder o controlo? O pouco que me resta? E se vir o retrato e vier tudo outra vez à superfície e lhe começar a contar a história toda, sem conseguir parar? Telefonarei ao Cham, mas mais tarde, na presença da Kirsten. *A Kirsten pensa que estás doente*. E tem razão. *Para ela és um fardo*. Bato na beira do lavatório com a palma da mão e expiro a dor resultante por entre os dentes cerrados. De súbito, a mulher no espelho presta atenção. *Está aqui alguém*.

Jasmin

Saio de forma furtiva da casa de banho para o corredor. Sei de imediato que não é a Kirsten. A chave não está na fechadura, o que significa que a Kirsten a deve ter levado. Além disso, as pancadas na porta não correspondem ao nosso sinal. Calculo que seja o Cham, que não quis deixar nas minhas mãos a decisão de falar ou não, e quando, com ele. Mas depois ouço uma voz intercalada com as pancadas.

– Senhora Grass? É a Maja. Hoje trago-lhe a comida um pouco mais cedo!

Fico parada.

– Senhora Grass?

Aproximo-me da entrada sem fazer barulho, enquanto a Maja volta a bater à porta.

– Senhora Grass, é a Maja!

Lá fora, as tábuas do chão rangem. É a Maja que começa a ficar impaciente. Respiro fundo e abro a porta.

– Acordei-a, senhora Grass?

– Não, não se preocupe – respondo, suspirando.

Maja passa-me uma caixa de plástico com tampa verde. Parece que não traz correio.

– Desculpe, mas hoje não pude aquecer a comida – lamenta ela. – O meu micro-ondas avariou.

– Não há problema. Obrigada.

Pego na caixa e estou prestes a virar-me para a deixar em cima da cómoda quando a Maja empurra a porta e, de repente, está já dentro da minha casa.

– Há, sim, senhora Grass – diz, com tal firmeza que eu estremeço. – Prometi à senhora Bar-Lev que cuidaria de si, e agora trago a comida fria. Se ela descobrir, mata-me.

– Eu não lhe direi nada – respondo, enquanto ainda tento assimilar que a Maja acaba de entrar em minha casa e fecha a porta com toda a naturalidade.

– Nem pensar. – Tira-me a caixa de plástico das mãos, cujos dedos ainda estão rígidos de medo, e passa por mim, apressada. – Vou aquecer isto rapidamente. Tem micro-ondas, não tem?

Os meus olhos, que não acreditam no que veem, estão fixados na entrada da cozinha, por onde ela acaba de desaparecer. Um instante depois, ouço-a exclamar:

– Ora bem, aqui está!

Quando chego à cozinha, a Maja está a girar o temporizador do micro-ondas, que começa a zumbir.

– Espero que tenha fome, senhora Grass. Hoje é gratinado de vegetais. Fui eu própria que escolhi, espero que goste. – Vira-se para mim e dirige-me um sorriso exageradamente amável. – No meu congelador ainda há uma caçarola de massa e algo com carne picada. Pelo menos, penso que é isso. A letra da senhora Bar-Lev não é fácil de decifrar. Pode pensar com calma no que prefere para amanhã.

– Obrigada, Maja. Julgo que agora consigo tratar do resto sozinha.

– Também posso lavar-lhe os pratos, se quiser.

– Não é necessário, obrigada. A minha amiga fará isso mais tarde.

– Ah, sim. A Kerstin. Conheci-a ontem. Espero que tenha gostado da canja de galinha.

– Kirsten, chama-se Kirsten. Estou certa de que ela lhe disse que se mudou temporariamente para aqui. E, como cozinha muito bem, não passarei fome. – Viro-me para o *hall* de entrada, convidando-a a sair. – Bom, então… não quero que pareça que estou a mandá-la embora, mas a verdade é que gostaria de me deitar e descansar mais um pouco. Não me sinto muito bem hoje.

A Maja continua a sorrir, embora exista agora algo de rígido e pouco natural na sua expressão. Como se fosse uma escultura cujo criador nunca tivesse observado um sorriso verdadeiro e se limitasse a cinzelá-lo com base em relatos e na sua própria imaginação escassa. Como se tivesse sido a Hannah a criar este sorriso.

– Mas antes tem de comer alguma coisa, senhora Grass. – O micro-ondas

apita, como que de propósito. – Pling! – A Maja imita o som. – Veja, a comida já está pronta.

Vira-se de costas para mim e vejo-a a abrir os armários e as gavetas da cozinha em busca de um prato e de talheres. Está demasiado próxima, penso. Demasiado próxima do bloco de facas. Só teria de esticar a mão. Dou um passo para trás com cuidado.

– Na primeira vez que aqui esteve, porque é que desapareceu tão depressa, Maja? Quando voltei da cozinha com a louça, já cá não estava.

A Maja avança então para o outro lado da cozinha, afastando-se das facas e voltando para perto do micro-ondas.

– Muito bem, que cheiro delicioso – diz a sua voz alegre.

Afasto-me mais uns passos, mas vou contra a porta.

– Maja?

– Ah, sim, na primeira vez que aqui estive. Lembrei-me de que tinha uma piza no forno. Não há nada pior do que uma piza queimada. Bom, não é verdade. Há coisas muito piores, não há, senhora Grass?

Levo a mão à garganta, que subitamente sinto como se estivesse obstruída.

– A minha amiga deve estar a chegar.

Imperturbável, a Maja passa o conteúdo da caixa de plástico para o prato.

– Sente-se, senhora Grass.

Tenho as costas pressionadas contra a porta da cozinha. Bastaria um passo para o lado e conseguiria regressar ao *hall* de entrada, mas o meu corpo não está a funcionar, já não parece ligado às sinapses do cérebro, e deixa-se ficar imóvel, a observar fixamente.

– Foi só buscar algumas coisas a casa dela. Deve estar prestes a chegar.

– Lamento, Jasmin. – A Maja vira-se para mim com o prato preparado numa das mãos e a faca e o garfo na outra. – Infelizmente, só há comida para uma.

Hannah

Há coisas que não estão certas. O jardim, por exemplo. Não é enorme, nem sequer tem quinhentos passos em todas as direções. E também não há hortênsias grandes como couves. Sei isto porque espreitei pelas frinchas das persianas. Lá fora, no jardim, só há umas quantas roseiras muito finas e retorcidas e pessoas com máquinas fotográficas.

A avó também não é como devia ser. Não é assim tão simpática e ainda não me contou nenhuma história para dormir.

Só o avô é como deve ser. Bate à porta do quarto da mamã com muita educação.

– Hannah, abre a porta, por favor – diz ele.

Devemos pedir sempre por favor e agradecer. Devemos ser sempre educados. Rodo a chave na fechadura e ele entra.

– Porque é que te trancaste, Hannah?

Parece muito assustado.

– Porque vocês os dois se esqueceram – respondo. – Os adultos devem trancar sempre as crianças antes de discutirem.

– Ah – diz o avô. Põe uma mão nas minhas costas e leva-me até à cama da mamã. – Senta-te, Hannah.

Obedeço, embora preferisse sentar-me na cadeira giratória. O avô tinha razão, é muito confortável, e com ela podemos ir a rodar de uma ponta à outra do quarto.

– Escuta, Hannah – diz o avô. O colchão afunda-se quando ele se senta ao meu lado. – A tua avó e eu não estávamos realmente a discutir. Estávamos apenas a comentar um assunto sobre o qual temos opiniões diferentes. É uma coisa muito normal e não é má. Não precisas de ter medo.

Levanto a vista para o céu estrelado do teto. Sempre que o vejo, recordo-me de como costumava ficar deitada na cama, em casa, com a mamã ao meu lado a levar-me o dedo indicador pelo estrado do Jonathan de uma estrela à

seguinte, até que elas ficassem unidas por linhas invisíveis. Recordo-me de como a mamã sorria. «Esta é uma constelação muito famosa, Hannah. O Grande Carro», dizia ela, e eu devolvia-lhe o sorriso, apesar de ter lido no livro grosso que sabe sempre tudo que o Grande Carro não era realmente uma constelação, mas o conjunto das sete estrelas mais brilhantes da constelação da Ursa Maior.

Mas agora não penso na mamã e sim na enfermeira Ruth e em quando me quis contar a história da pequena estrela no hospital. Não devia ter gritado com ela só porque foi tonta e contou mal a história.

– Peço desculpa – digo, ainda que a enfermeira Ruth não esteja aqui e não me possa ouvir.

– Pelo amor de Deus – diz o avô, olhando para mim ainda mais assustado. – Não tens de pedir desculpa por nada, minha pequena Hannah. O que aconteceu não tem nada que ver contigo. A tua avó e eu estamos radiantes por estares aqui connosco. A avó só ficou um pouco nervosa porque há muita gente em frente à nossa casa.

– Mas não é assim tanta gente. São só seis pessoas. Ontem eram muitas mais.

O avô tosse, embora me pareça que se queria rir.

– Foi o que eu disse.

– Penso que a enfermeira Ruth seria uma boa avó para mim – digo ao avô quando ele acaba de se rir. – É verdade que às vezes é um pouco pateta e não sabe subtrair bem, mas, apesar disso, é sempre simpática.

O avô observa-me agora como se eu tivesse dito algo errado.

– É verdade! – acrescento de seguida. – Eu não minto! Não devemos mentir. Ela nem sequer sabe quanto é treze menos dois.

– Hannah… – diz ele, mas depois faz uma pausa até tirar um lenço do bolso das calças e assoar o nariz. – Não podemos escolher a nossa família. E também não podemos substituir as pessoas. Ou simplesmente trocá-las porque às vezes há problemas. – Dobra o lenço de forma descuidada e volta a guardá-lo no bolso das calças. – Mas acredita em mim quando te digo que a tua avó, a

Karin, é a melhor avó que alguém poderia desejar. Só que primeiro tem de se habituar a tudo isto.

– O meu papá também dizia sempre isso – comento eu com um sorriso, embora fique um pouco triste porque o avô me fez pensar no papá.

O avô também parece triste. Aperta os lábios com tanta força que no lugar da boca só se vê uma linha fina.

– Sabes que mais, Hannah? – diz ele, passados uns momentos. – O que te parece se descermos agora e formos os dois ver a avó? Aposto que já se acalmou e está a perguntar-se onde nos teremos metido. Podemos ver juntos algumas fotografias de quando a tua mamã era pequena.

Assinto com a cabeça.

– Só mais uma coisa, querida. Por favor, não voltes a fechar a porta. Deixa-a sempre um bocadinho aberta para que eu saiba que estás bem. Sim? Prometes, Hannah?

Volto a assentir.

O avô sorri, primeiro para mim, depois para o céu estrelado da mamã.

– Recebeste uma estrela autocolante do dentista. Se quiseres, podes pô-la também ali em cima.

– Não pode ser, avô. O firmamento assim não ficaria bem.

– Ah, estou a ver – diz ele. – Bom, de qualquer forma, era apenas uma ideia.

Quando o avô e eu descemos as escadas, há na entrada um pacote grande e a avó está a fechar a porta da rua.

– Foram-se embora – diz ela, parecendo contente. Tem uma carta na mão. – Isto estava do lado de fora da porta.

– Sim – responde o avô, tirando-lhe a carta. – Foi uma jornalista, mas pensei que tinha voltado a levar a caixa depois de eu lhe ter dado um pontapé.

– E o que tem dentro?

– Não faço ideia.

Há um som de rasgão forte quando o avô abre o envelope.

– Cá está – diz ele ao passar os olhos pela nota que vinha no interior. – São coisas para a Hannah e para o Jonathan. O texto diz:

Muitos dos nossos leitores estão preocupados com o destino dos vossos netos e querem ajudar. Tomámos a liberdade de vos fazer chegar os bens que nos enviaram ou vieram deixar à nossa redação nos últimos dias. Com os melhores cumprimentos, a equipa editorial do Bayerisches Tagblatt.

– Tão atenciosos – comenta a avó, e arranca um bocado grande da fita-cola castanha da caixa de cartão. – Vem, Hannah. Vamos ver o que tem.

Aproximo-me, enquanto a avó vai tirando da caixa peças de roupa, uma atrás da outra.

– Olha – diz ela, segurando numa camisola de lã azul-escura. – Achas que o Jonathan gostaria desta camisola?

– Ele gosta da cor azul. As calças preferidas dele são azuis.

– Mais roupa doada – declara o avô, amachucando a carta na mão. – Maravilha! – acrescenta, embora não soe como se achasse realmente que é uma maravilha.

– Matthias – diz a avó, que continua a tirar coisas da caixa, inspecionando-as e depois pondo-as em dois montes diferentes no chão. Um para mim e o outro para o Jonathan. – Foram muito amáveis, não te parece? E as roupas estão em muito bom estado. Ah, Hannah, olha! Este aqui é para ti. – Levanta um vestido branco às flores. – É o vestido perfeito para ti!

Preparo-me para lhe perguntar como é que sabe isso, mas então ela exclama:

– E, vê bem, também há brinquedos!

Primeiro tira uma escavadora de plástico cor de laranja com um balde preto, mas depois… Largo de imediato o vestido e estendo as mãos. A avó sorri e passa-me o pequeno novelo com pintas vermelhas e brancas, depois vira-se para o avô e repete o quão amáveis são os leitores do *Bayerisches Tagblatt*, enquanto eu aperto a *Menina Tinky* contra o meu peito com todas as minhas forças. Nesse instante, começa a ronronar.

– Eu também tive saudades tuas, minha pequenina – murmuro, e aperto o

nariz contra o pelo macio da *Menina Tinky*.

Jasmin

O meu estômago dá um salto, como se ao descer as escadas tivesse falhado um degrau. A chave que raspa na fechadura, o puxador que alguém pressiona várias vezes, os insistentes empurrões da madeira contra as minhas costas. Só quando ouço os palavrões do outro lado da porta da rua é que me levanto e deixo livre a entrada. Sentara-me no chão com as costas contra a porta, os joelhos encolhidos até ao peito, todo o peso do meu corpo a fazer de batente para defender o meu apartamento de possíveis intrusos.

– O que se passa? – pergunta a Kirsten alguns instantes depois, quando a puxo para dentro de casa, quase lhe arranco a chave das mãos e tranco a porta com duas voltas. – Jassy?

– Esteve aqui!

– Quem?

– A tal Maja. Tu sabes, a que se mudou para o segundo andar, o piso dos Hildner. Foi medonho.

A Kirsten solta um longo suspiro e de seguida tira o casaco.

– Bom, estou de volta – diz ela simplesmente, sem me perguntar mais nada.

A reação da Kirsten faz-me lembrar de mim mesma. Quando vivia com a minha mãe. Quando pensava que estava lá por ela, embora a todo o momento me sentisse como se as minhas entranhas estivessem cheias de chumbo fundido.

– Passei muito bem durante a tua ausência – digo à Kirsten, que acaba de pendurar o casaco no bengaleiro. Não quero ser um fardo para ela, como a minha mãe era para mim. – A sério. Se preferires voltar para a tua casa, não há

problema. E também devias voltar a trabalhar. No bar precisam de ti, ainda mais ao fim de semana.

– Já te percebi, Jassy – murmura antes de se virar para mim. – E então? O que se passou com a Maja do segundo andar?

Hesito alguns instantes.

– Jassy? – A Kirsten acaricia-me a face. – Caramba, estás outra vez a arder. – O olhar dela denota verdadeira preocupação. – Assustaste-te?

Confirmo, anuindo.

– A Maja. Veio trazer-me o almoço.

Conto à Kirsten o estranho comportamento da Maja, da desagradável insistência. O momento em que disse: «Lamento, Jasmin. Infelizmente, só há comida para uma.» Como depois disso só queria ir-me embora, afastar-me daquela mulher. Saí da cozinha a recuar aos tropeções, enquanto a Maja deixava o prato na mesa e vinha atrás de mim. Mas não me atacou, veio lentamente e com calma, levantando as mãos como que para me tranquilizar.

«Não tenha medo, Jasmin. Sei que passou por algo horroroso. Coisas que ninguém parece compreender. Não é, Jasmin?»

Ao chegar ao corredor de entrada, confrontei-me com a necessidade de decidir: direita, para a sala de estar, onde tinha o meu telemóvel e podia pedir ajuda; ou esquerda, para o quarto, onde me podia trancar.

«Podemos sentir-nos muito sós quando ninguém nos compreende, não é verdade?»

Esquerda, decidi.

«O que quer de mim, Maja? O que é tudo isto?»

«Gostaria de a ouvir, Jasmin.»

Choquei de costas com a sapateira.

«Falar ajuda, Jasmin. Confie em mim.»

A Kirsten sacode a cabeça, incrédula.

– E depois?

– Corri para o quarto e tranquei-me lá dentro. Ela bateu algumas vezes à

porta e tentou convencer-me a sair. Gritei-lhe para se ir embora, caso contrário chamaria a polícia. Em resposta, ela disse apenas: «Isso não a ajudará, Jasmin.» E depois ouvi a porta da rua. Tinha-se ido embora.

– Tinha-se ido embora – repete a Kirsten, numa voz monocórdica, e semicerra os olhos. – Tens a certeza de que foi assim que tudo se passou?

– Sim, claro que tenho a certeza! – respondo, irritada, mas a Kirsten apenas arqueia as sobrancelhas. – Não estou louca – tento convencê-la, agora num tom mais calmo. – Pode ter sido absurdo pensar que as crianças me tinham escrito as cartas. Tinhas razão, o mais provável é que tenha sido apenas um alucinado qualquer a tentar amedrontar-me. Mas isto da Maja…

A Kirsten presta atenção.

– O que queres dizer com «cartas»? Era só uma.

– Não – digo com calma. – Chegou outra ontem.

Vou buscar a minha carteira ao bengaleiro, tiro os dois envelopes da bolsa lateral e entrego-os à Kirsten. O primeiro que ela abre contém a carta que já viu.

– «Diz a verdade» – lê na segunda, com as sobrancelhas arqueadas, e acrescenta: – Que apropriado. – Devolve-me a carta e o envelope. – Porque não me mostraste esta?

Não digo nada.

A Kirsten solta um riso algo amargurado.

– Esperas realmente muito de mim. Tens consciência disso?

– Não te queria deixar mais preocupada. Por isso, pensei que seria melhor falar sobre o assunto com a doutora Hamstedt, e ela garantiu-me que era de todo impossível que tivessem sido as crianças a escrevê-las.

A Kirsten suspira.

– E ela sabe isso porque é a terapeuta das crianças e não a tua, como me tinhas dito.

– Sim – confesso, hesitante.

– Ontem fui lá contigo porque me pareceu que estavas prestes a ter uma crise nervosa. – A Kirsten abana a cabeça com incredulidade. Fica em silêncio

durante um momento e depois acrescenta: – Jassy, assim não vai funcionar. Se não confiares em mim, não poderei ficar aqui.

– Mas não é isso. Eu confio em ti.

A Kirsten volta a rir.

– Não, não confias! As coisas incómodas guardas para ti. Mas eu não sou estúpida, Jassy. Não me subestimes.

Dou um passo atrás de forma instintiva.

– Lembro-me perfeitamente de quando desapareceste. Por acaso, tínhamos acabado de discutir. E tu levavas um saco de viagem, não me esqueci. Era o saco preto com os fechos prateados. Não referi isso à polícia quando fui denunciar o teu desaparecimento dois dias depois porque queria que levassem a sério as buscas. Porque pensei que seria mais saudável que fosse a polícia a encontrar-te num qualquer quarto de hotel e não eu, tal como imaginei que pretenderas.

– O que estás tu a querer insinuar com isso, Kirsten? Que planeei o meu desaparecimento? – Fico com a boca seca. *Vá, preocupa-te comigo, vem procurar-me, encontra-me, leva-me de volta para casa*. – Garanto-te que o meu plano não contemplava ser trancada numa cabana e torturada por um psicopata durante quatro meses!

– Não foi isso que eu disse.

– Então o que estás a dizer, Kirsten? Que estou a mentir?

– Que a tua tendência para dramatizar te traz sempre problemas, é isso que estou a dizer. E que não te apercebes do quão ridícula essa faceta te faz parecer. Primeiro, acusas duas crianças pequenas e doentes de te ameaçarem, e agora é a vizinha do segundo andar que te anda a assediar.

– Mas foi exatamente isso que aconteceu! A Maja esteve aqui e assediou-me. Sim, é verdade, assediou-me.

A Kirsten esboça um gesto vago com a cabeça. Depois, avança para a porta, roda a chave na fechadura com brusquidão, abre a porta com tal força que esta embate na cómoda da entrada e sai a correr de casa.

O meu coração parecer parar de bater.

– Não… por favor… não vás – balbucio quase sem alento.

Fico sem voz devido ao medo e, quando ouço os passos da Kirsten a descer em intervalos breves e decididos o primeiro lanço de escadas, apercebo-me de que aquilo que tinha pensado não era verdade: não conseguirei seguir em frente sem ela, preciso dela.

Decido ir atrás da Kirsten. A dor nas costelas explode a cada degrau que desço. Fico ofegante.

És uma ingrata, Lena.

– Kirsten, espera… sei que só queres o meu bem! Desculpa! Lamento muito tudo isto!

Alcanço-a no segundo andar e compreendo que não tinha intenção de se ir embora. Está diante do apartamento da Maja e faz-me um sinal com o rosto antes de tocar à campainha.

– Vamos esclarecer esta merda.

A campainha toca. Consigo ouvir movimento do outro lado da porta.

– Senhora Grass, senhora Thieme! Há uma eternidade que não vos via! – Não é a Maja quem profere estas palavras, mas a senhora Hildner, que nunca se mudou do seu apartamento no segundo andar.

Jasmin

Quase consigo ver como as engrenagens do cérebro da Kirsten se põem em movimento e rodam até atingirem uma velocidade descontrolada, levando-a de repente a arregalar os olhos. Sem fazer caso da surpreendida senhora Hildner, que continua de porta aberta, dá meia-volta e corre escada acima sem dar qualquer explicação. Confusa, a senhora Hildner avança um passo, a tentar ver para onde vai a Kirsten, e depois volta para dentro de casa e olha-me com expectativa.

– Nós… eu… – começo a balbuciar.

– Mamã, quem é? – pergunta uma voz delicada ao fundo. É o filho mais novo dos Hildner, que aparece junto à porta e se agarra ao joelho da mãe.

Estou prestes a perguntar pela Maja, mas sem a Kirsten a meu lado fico com vergonha de estar ali plantada e volto a sentir-me fragilizada, sem controlo sobre as minhas faculdades mentais. Que pensará de mim a senhora Hildner se lhe perguntar por Maja? Ali não vive nenhuma Maja, isso parece evidente. Debato-me para encontrar uma desculpa, algo relacionado com a minha máquina de lavar roupa, talvez avariada, razão pela qual eu queria pedir à senhora Hildner que me deixasse usar a dela nos próximos dias.

– Só lhe queria perguntar…

As feições da senhora Hildner iluminam-se de súbito.

– É por causa dessa tal König que ultimamente se passeia muito por aqui?

– Dessa tal…?

– Vá, sinta-se à vontade para me perguntar, senhora Grass! – O tom de Sonja Hildner é agora quase agressivo. – Pergunte-me se falei com ela! É claro que não! Nem o meu marido! Nunca o faríamos! Não nos arrancou uma única palavra, por mais que tivesse insistido. – Sorri com o que aparenta ser um certo orgulho. – Chegou mesmo a oferecer-nos dinheiro, mas nunca nos conseguiria comprar! A senhora Grass já passou pelo suficiente. – O orgulho do sorriso abre agora espaço a um toque de compaixão.

– Mamã? Estão a falar de quê? – interrompe o filho, puxando-lhe a perna das calças.

– Larga-me, Lenny. A mamã está a falar com a senhora Grass.

Lenny resmunga algo incompreensível antes de se separar da mãe e regressar com pequenos passos para dentro de casa. A senhora Hildner segue-o com os olhos e manda-o ir arrumar os brinquedos.

– Não sei se a entendi… – digo, para lhe captar novamente a atenção.

– Sim, essa tal König! Connosco não conseguiu nada, mas deduzo que terá encontrado depois outras vítimas. – Faz uma careta. – Peço desculpa, «vítima» não é uma boa palavra. Em todo o caso…

– Kirsten! – chamo uns minutos depois, e o eco do nome ecoa pelas escadas. O sangue sobe-me à cabeça enquanto galgo os degraus. – Kirsten! – Com uma mão agarro-me ao corrimão e com a outra amparo as costelas que latejam dolorosamente com todo este esforço. – Espera!

Sei muito bem o que está a acontecer neste instante dois pisos acima. Vejo a Kirsten a irromper pelo apartamento em pleno ataque de raiva, a dar passos furiosos e a proferir insultos feios, de início sem saber muito bem o que fazer, mas depois a lembrar-se da nota adesiva colada no frigorífico.

E, de facto, quando entro em casa, a Kirsten está a marcar no telemóvel o número da nota adesiva cor-de-rosa.

– Não, Kirsten, não faças isso!

Corro até ela e arranco-lhe a nota da mão.

– O que estás a fazer, Jassy? Dá-me o número. Vou ligar-lhe para perceber que brincadeira é esta!

A Kirsten tenta alcançar-me e recuperar a nota que eu escondi atrás das costas, fechada no meu punho.

– Espera, Kirsten! – arquejo. – Já compreendi tudo! Escuta-me primeiro!

– A senhora Bar-Lev?

Os olhos da Kirsten parecem prestes a sair das órbitas. Fica de boca aberta. A expressão dela dá rosto aos meus sentimentos, um rosto assustado e perplexo. E contudo… não tinha eu pensado exatamente isto há uns tempos? A senhora Bar-Lev a servir café na sua sala de jantar a um repórter. A mordiscar um biscoito com a sua dentadura postiça, enquanto vai descrevendo o que viu, a pobre rapariga do quarto andar que está num estado terrível e macérrima, que já não lava o cabelo e usa sempre roupa com nódoas, que claramente não está bem depois do que viveu. A senhora Bar-Lev, que aproveitou a oportunidade de complementar a pequena pensão com um dinheirinho extra.

– Então, a Maja é jornalista?

Confirmo, anuindo.

A Sonja Hildner falou-me de uma mulher que, pela descrição, só pode ser a Maja. Uma mulher de trinta e poucos anos, com cabelo curto e pintado de vermelho e uma franja que lhe cai para um dos lados do rosto. Pelos vistos, tocou a todas as campainhas do prédio em busca de um bom vizinho para entrevistar, tendo encontrado primeiro a resistência da Sonja Hildner e mais tarde a recetividade da senhora Bar-Lev.

A Kirsten volta a pegar no telemóvel, mas desta vez para pesquisar informações sobre a Maja na internet. Está quase febril, uma febre perante a qual a minha suposta tendência para dramatizar parece ser relegada para segundo plano, como comprovo com alívio.

– Aqui está – diz ela, e agita o telefone na mão, exaltada. – Maja König, do *Bayerisches Tagblatt*, redação de Munique. De Munique, Jassy! Terá vindo todos os dias de Munique a Regensburg para vir trazer-te comida? Deve estar completamente obcecada contigo! – Passa-me o telefone e no ecrã vejo a fotografia de Maja. – Primeiro, devíamos ir apertar a senhora Bar-Lev e depois informar a polícia.

– Segundo a Sonja, parece que a senhora Bar-Lev foi passar uns dias a casa do filho – digo eu, distraída, enquanto observo a foto da Maja. Maja König, uma mulher que olha pretensiosamente para a câmara, com uma blusa branca e o colarinho levantado. – «2004, estágio curricular, 2005-2008, estágio profissional; 2008-2011, redatora júnior; desde 2011, redatora de *Pessoas e Atualidades*» – leio à Kirsten o breve currículo que aparece por baixo da imagem.

– Muito bem, vamos então diretamente à polícia – diz ela. – Mentir às pessoas para conseguir entrar em casa delas é com certeza um delito. E, seja como for, não têm os jornalistas também uma espécie de código deontológico?

– Não sei, Kirsten. Afinal de contas, ela ainda não escreveu nenhum artigo. E o que acontecerá se lhe pusermos a polícia em cima? – Com o dedo indicador, desenho no ar um título invisível. – «A vítima usa a polícia para obstruir o trabalho jornalístico. Tem Jasmin G. algo a esconder?»

– Mas não podemos tolerar isto! Certamente não o fez só contigo…

As palavras da Kirsten convertem-se em murmúrios apagados quando uma ideia muito concreta se ilumina na minha mente e me faz estremecer por dentro.

– As cartas! – digo bruscamente.

– O quê?

– Eram da Maja! A primeira carta chegou no mesmo dia em que apareceu pela primeira vez à minha porta com a comida. Até foi ela que a trouxe, depois de supostamente a ter tirado da caixa do correio. – Tapo a boca com a mão. – O que quererá de mim?

– Uma entrevista, claro!

– E para quê toda esta encenação?

A Kirsten encolhe os ombros.

– Não sabes o que vale neste momento uma entrevista exclusiva contigo. Talvez estivesse a tentar amolecer-te para que lhe desses o furo sensacional – diz ela, abanando a cabeça. – A sério, Jassy, vamos telefonar ao Giesner. – Pega-me na mão. – Seja como for, terás de o fazer, já sabes.

Assinto com a cabeça.

– A reconstrução facial.

A Kirsten também assente.

– Quanto mais a atrasares, mais difícil será para ti.

– Não, vamos fazer de outra forma. Primeiro, telefonaremos à Maja para descobrirmos o que ela quer.

– Jassy… – suspira a Kirsten.

– E depois telefonaremos ao Giesner. Satisfeita?

A Maja atende a seguir ao segundo toque.

– Estou? – diz ela, com uma voz muito simpática.

– Maja? Olá, é a Jasmin Grass.

– Senhora Grass! Que surpresa! Está tudo bem? Está a sentir-se melhor? Creio que me devo desculpar por esta manhã, talvez a tenha assustado…

– Não há problema – interrompo-a. – A Maja não teve culpa. Só queria ser

amável e eu exagerei na minha reação. Sou eu quem lhe deve um pedido de desculpa.

A Kirsten, sentada ao meu lado no sofá com as pernas cruzadas, revira os olhos.

– Bem sabe que não estou a viver os meus melhores dias.

– Sim – diz a Maja, que soa preocupada. – A minha oferta naturalmente mantém-se, Jasmin. Se precisar de alguém com quem falar…

– Sim, Maja. Preciso de alguém com quem falar.

– Foi rápido – comenta a Kirsten quando desligo o telefone pouco tempo depois. – O que te disse ela?

– Ainda está no trabalho, mas pode passar por cá esta noite. Chega entre as nove e as nove e meia.

– O que significa que, neste momento, está no gabinete do chefe a pavonear-se por ter conseguido a entrevista exclusiva – diz a Kirsten, com um sorriso irónico indicador de que afinal a minha ideia também lhe agrada.

Por ela, teria bastado telefonar à Maja para lhe dizer das boas. E sei que o teria feito de bom grado por mim. Sei que se sentiria bem a agir como uma espécie de válvula de escape de modo a libertar a pressão dos últimos dias e de toda esta situação. Mas eu não queria dar à Maja a oportunidade de simplesmente desligar o telefone, de se livrar do assunto com o mero pressionar de um botão. Não depois de ter ido tão longe, ao ponto de acabar por entrar no meu apartamento sob falso pretexto. Não depois de, mesmo sabendo que eu não tinha nenhum outro lugar no mundo para onde ir, se ter infiltrado nos últimos poucos metros quadrados que ainda me transmitiam alguma sensação de proteção e controlo. A Kirsten tinha de compreender isto.

– Provavelmente – digo, devolvendo o sorriso, ainda que, na realidade, não me apeteça sorrir.

A Kirsten pega-me na mão.

– E agora…

E agora.

Respiro fundo mais uma vez.

Hannah

O avô está lá em baixo, na cave. Foi buscar os velhos álbuns de fotografias.

A avó e ele voltaram a discutir. Não se importaram com o facto de eu estar ali ao pé deles a ouvir tudo. O avô zangou-se porque a avó tinha guardado os álbuns na cave. Para ele, as fotos de quando a minha mamã era pequena não deviam estar metidas numas caixas, e menos ainda na cave, porque é um sítio húmido e as fotos podem ficar estragadas. A avó disse então que primeiro ele devia fazer os telefonemas, tal como tinha prometido.

«Telefonarei ao Mark a seguir», resmungou o avô, antes de desaparecer para a cave.

A avó está na lavandaria.

Segundo me explicou, devemos sempre lavar a roupa de outras pessoas antes de a vestirmos. Por isso, ia lavar agora mesmo as roupas da caixa de doações para que talvez amanhã eu já as pudesse vestir. Também queria lavar o meu vestido, mas eu agarrei-o com muita força. Ao princípio, olhou para mim com estranheza, e quase lhe disse que o vestido não era de ninguém desconhecido e que, portanto, não tinha de o lavar, mas não o fiz porque ela depois disse:

«Está bem, podes experimentá-lo primeiro e trataremos de o lavar mais tarde.»

Provavelmente não queria continuar a discutir com o avô. A verdade é que ele agora sabe que, se for necessário, a enfermeira Ruth também poderá ser minha avó, o que para a avó Karin significa que mais vale pensar melhor e portar-se bem. Parece-me que suspeita de alguma coisa, pois bastou-me gritar

só um pouco quando ela quis levar também a *Menina Tinky* para lavar.

«Vê bem, este bicho está todo coçado e sujo…»

Mas não insistiu. A minha voz de leão salvou a *Menina Tinky*. Na verdade, penso que a avó não está completamente errada, mas a *Menina Tinky* está demasiado frágil para a máquina de lavar roupa. Por isso, tive de a proteger e ajudar. Tal como ela me ajudou tantas vezes, ao suportar por mim o castigo quando algo caía ou se entornava ou acontecia qualquer outra coisa tonta. Por minha culpa, teve de passar uma noite inteira do lado de fora da porta da cabana.

O avô está na cave, a avó na lavandaria e eu no quarto da mamã. A porta está ligeiramente aberta, como o avô pediu que a deixasse.

Já mudei de roupa e estou bonita. Dou voltas em frente ao espelho do roupeiro. Atrás de mim, na cama da mamã, está a *Menina Tinky*.

– Olha, *Menina Tinky* – digo, e dou uma volta muito rápida para ela.

A saia do vestido voa muito, mas a *Menina Tinky* apenas balança a cabeça de um lado para o outro com cansaço. Sento-me ao lado dela e ponho-a no meu colo.

– Era assim que nos sentávamos sempre em casa, em frente ao fogão a lenha. Lembras-te, *Menina Tinky?* – Afago-lhe a cabecita. Ainda está muito fria e rígida, o que não é de estranhar. Deve ter ficado muitas horas na rua, dentro da caixa das doações, até a avó a ter trazido para dentro de casa. – Já viste as estrelas tão bonitas ali em cima? – Aponto para o teto. – Foi a mamã que as fez para nós. Ela sabia que viríamos para aqui. – Fecho um dos olhos e com o dedo indicador desenho linhas invisíveis para unir o Grande Carro no ar. – Se quiseres, posso contar-te uma história, *Menina Tinky*.

A *Menina Tinky* mia muito baixinho.

– Está bem, presta atenção. Devemos prestar sempre muita atenção. Não prestar atenção é mal-educado, mas isso já tu sabes, não é verdade, *Menina Tinky?* Bom, vamos lá. Era uma vez duas estrelas. Uma maior, que emanava um brilho vermelho, e uma outra mais pequena, cuja luz era um pouco mais apagada. E eram as duas muito amigas. Dormiam ambas durante o dia para

assim descansarem e poderem brincar juntas no céu depois de irromperem com o anoitecer. A estrela pequena admirava a sua amiga grande, reluzente e vermelha, e esforçava-se muito por brilhar, se possível, com uma luz igualmente bonita. Certo dia, ao entardecer, quando o céu começava a ganhar tons cinzentos, mas a noite ainda demorava a chegar, um valente estouro despertou a estrela pequena do seu sonho. Sobressaltada, olhou em redor, mas não conseguiu identificar a causa daquele ruído ensurdecedor. Junto a ela, ouviu a sua amiga grande e vermelha dizer com voz tranquila: «Está tudo bem, estrelita. Não tenhas medo e dorme mais um bocadinho. Prometo que esta noite brilharei com uma claridade especial só para ti.» E assim foi: nessa noite, a amiga grande brilhou com mais intensidade do que nunca, inclusivamente mais do que todas as outras estrelas da galáxia, e a estrela pequena admirou-a e ficou a gostar ainda mais dela. Nas noites seguintes, a amiga continuou a brilhar de uma forma magnífica no céu escuro, até que a estrela pequena acordou uma noite e ela tinha desaparecido. Muito assustada, olhou em redor, mas não encontrou a amiga em lado nenhum. A estrela pequena teve medo e ficou ainda mais receosa ao ver que estava rodeada por uma névoa misteriosa, densa e cinzenta. Começou a chamar a amiga, mas não obteve resposta. Então, começou a chorar muito porque adorava a sua companheira e se sentia muito só. As outras estrelas estavam demasiado longe para poder encontrar uma nova amiga entre elas e, além disso, nenhuma poderia jamais substituir a sua querida e grande amiga vermelha. Nesse instante, soou na névoa uma voz igual à da sua amiga: «Tinha chegado a minha hora, estrelita. Consumi toda a minha energia e extingui-me.» «Mas não pode ser!», exclamou a estrela pequena. «Brilhaste mais do que nunca nas últimas noites!» E a voz disse: «Sim, é isso que acontece com a morte. Quando as estrelas como nós esgotam o seu combustível, convertemo-nos numa gigante vermelha e brilhamos com esplendor. Depois há uma explosão e estouramos.» A estrela pequena assustou-se com estas palavras terríveis. «Então, também quero estourar», disse ela, com a sua voz de leão, muito teimosa. «Agora mesmo! Prefiro estar morta a ter de passar a minha vida

sozinha sem ti.» Em resposta, a voz da amiga disse: «Mas não estás sozinha. Não vês a névoa que te rodeia? É o meu espírito, do qual nascerão muitas novas estrelas. Precisarão de ti para que sejas a amiga grande delas, para que as protejas e lhes sirvas de exemplo.» Pouco convencida, a estrela pequena perguntou: «Como vou eu fazer isso? Sou muito pequena e a minha luz é fraca. Como posso ser uma amiga grande e um exemplo?» E ouviu: «Olha à tua volta! As novas estrelas são apenas diminutas partículas de pó na névoa. Não acreditas que, em comparação, tu lhes deves parecer enorme e radiante?» A estrela pequena pensou que a voz tinha razão. As estrelas novas eram ainda mais diminutas do que partículas de pó, tão minúsculas que quase não as conseguia ver. «Agora sou a amiga grande», repetiu, emocionada, e olhou para a névoa que momentos antes a tinha assustado e que agora prometia algo maravilhoso. «E serei uma boa amiga grande», decidiu a estrela pequena, que brilhou como nunca, fortalecida pela sua nova responsabilidade e pela segurança de estar para sempre rodeada pelo espírito da sua melhor amiga. Responsabilidade, na verdade, significa que devemos fazer sempre o que está certo, senão nunca se sabe, *Menina Tinky*. – Sorrio e digo: – Fim.

A enfermeira Ruth deve ter pensado que eu não conhecia a história, mas conheço-a há muito tempo, graças à mamã, e sem Deus. É muito melhor sem a intromissão de Deus na história.

Ponho as pernas para cima da cama e enrosco-me com a *Menina Tinky* nos meus braços.

– Não tenhas medo – murmuro-lhe ao ouvido. – Já não falta muito.

Jasmin

São quase sete da tarde. Não abro até que as pancadas na porta se tornam insistentes e reconheço a voz do Cham, que grita do outro lado:

– Senhora Grass, é o comissário-chefe Frank Giesner.

Trouxe com ele o polícia que na semana passada me acompanhou a casa com a minha mãe. Convido-os a entrar.

– Olá, senhor Giesner – diz a Kirsten, que acaba de sair da casa de banho e estende a mão ao Cham e ao outro polícia.

O Cham cumprimenta a Kirsten e agradece-me por lhe ter telefonado e mostrado disponibilidade para o receber hoje mesmo. Eu peço desculpa por não ter estado disponível ontem e fico-lhe grata por ele não mencionar diante da Kirsten que tentou contactar-me para o telemóvel várias vezes ao longo do dia. Em boa verdade, esse também foi um dos motivos por que me decidi a encontrar-me com ele hoje. Deduzi que, se continuasse a evitá-lo, seria apenas uma questão de tempo até que se apresentasse à minha porta sem avisar. Do mesmo modo, também poderia ser apenas uma questão de tempo até que a Kirsten me apanhasse a rejeitar as chamadas dele no telemóvel. A Kirsten certamente não entenderia como eu, por um lado, me poderia mostrar tão decidida, ao ponto de, na conversa telefónica de há pouco, convidar a Maja a vir a minha casa para a reduzir à sua insignificância, e, por outro, poderia continuar a mostrar-me relutante quanto à colaboração com a investigação do caso. Não nos podemos esquecer de que o caso sou eu – somos as duas, Lena. Quem me dera que fosse só sobre ti. Quero ajudar-te a encontrar paz. Ajudar a encontrar-te. Sei que contas comigo e, por isso, agora tento reunir forças. Penso no teu sorriso, o da fotografia, na despreocupação captada naquele momento em que eras feliz e não imaginavas sequer o que ambas teríamos de sofrer.

– Porque não nos sentamos? – propõe a Kirsten, conduzindo-nos à sala de estar.

Quando o Cham passa à minha frente para a seguir, reparo na fina capa de cartão verde que traz debaixo do braço. Deve estar ali, a folha de papel com a reconstrução facial.

– Será muito rápido, verás – garantira-me antes a Kirsten para me dar um último empurrão, a centelha de coragem que ainda me faltava para marcar o

número do Cham. – Uma mera formalidade. Olhas para a imagem e identificas o homem. É muito simples: «Sim, é ele.» E já está. Não terás de dizer mais nada. Suportaste aquela cara durante quatro meses, Jassy, e sobreviveste. Também suportarás os dois segundos de que o Giesner necessita agora para os registos dele. – Como eu não devo ter parecido particularmente convencida, apesar de querer acreditar nela, a Kirsten acrescentou: – Confia em mim, vais sentir-te muito melhor a seguir. É o primeiro passo para que possamos seguir em frente com a nossa vida.

«A nossa vida» foi o que ouvi mais claramente.

– Compreendo que não seja fácil para si, senhora Grass – diz o Cham quando se senta no sofá junto à Kirsten, pousando a capa de cartão em frente, na mesa de apoio. Tento não me fixar no modo como analisa o meu aspeto descuidado, a mesma camisola com nódoas e as calças de fato de treino deformadas nos joelhos que levei à minha reunião com a doutora Hamstedt e que parecem confirmar que, neste momento, não é possível esperar grandes esforços meus. – Mas espero que entenda também que, infelizmente, não é algo que possamos evitar.

– Não há problema. – Reprimo um gemido de dor quando me sento no cadeirão de leitura. – Vamos despachar isto – declaro, olhando para a Kirsten, que anui para me dar ânimo. O Cham também anui, depois retira a folha da capa de cartão e aproxima-a de mim. Respiro fundo, respiro para controlar o ritmo cardíaco cada vez mais acelerado, o meu coração, que lateja e salta, que expande o seu poder até se fazer sentir não apenas no meu peito, mas no corpo inteiro. Então, seguro a folha com as mãos e estudo o rosto, as feições, simultaneamente impressionada e assustada. O meu dedo indicador contorna as linhas. A imagem dele aparece na minha mente, sobrepondo-se de forma quase sinistra àquele retrato numa folha de papel A4 e depois tudo se esbate diante dos meus olhos, a imagem mistura-se com a realidade tridimensional, com fragmentos de memórias que ricocheteiam na minha mente como projéteis e me ferem. É um remoinho que me arrasta, que me leva com ele, fecho os olhos, aperto-os, e, quando volto a abri-los, estou outra vez no

bosque.

O acidente. Diante de mim explodem cores intensas. Sinto dores. Estou estendida sobre algo rígido e frio. Alguém se inclina sobre mim. Uma voz diz:

«Merda, está ferida? Consegue ouvir-me?»

Pisco os olhos com dificuldade, tenho sangue num dos olhos. O rosto continua a esbater-se.

«Consegue ouvir-me? Vou chamar uma ambulância, está bem?»

Quero confirmar com a cabeça, mas não consigo. As minhas pálpebras tremem.

«Tem de se manter acordada, sim? Ei! Está a ouvir?»

– Senhora Grass? – pergunta de longe uma voz de uma outra realidade. É o Cham.

– Dê-lhe um momento, por favor – pede outra voz, a da Kirsten.

Os faróis do carro cegam-me, a dor faz-me sentir ébria. O homem, o condutor do carro, ajoelha-se junto a mim. Identifico um movimento desfocado enquanto ele leva a mão ao bolso do casaco.

«Vou pedir ajuda, está a ouvir? A ambulância não tardará a chegar.»

Por um momento, posso relaxar. Se morrer agora, morrerei em liberdade. E este homem ter-me-á salvado. Venero-o, o rosto do meu salvador…

– É ele, senhora Grass?

De súbito, aparece algo mais. Um ruído, como um silvo que corta o ar. Conheço este ruído. Já o ouvi, gerei-o eu mesma ao tomar balanço com o globo de neve e ao fazê-lo rasgar o ar. E conheço o som que se segue. Como quando atiramos uma melancia ao chão – *pum!, é assim que soa quando abres a cabeça a alguém*. Pisco os olhos, sobressaltada. De início, o condutor está ajoelhado sobre mim, mas, quando pisco novamente os olhos, colapsa. O rosto do homem está agora muito próximo do meu, tão próximo que deveria sentir a sua respiração na minha pele. Só que não sinto nada porque ele não respira. Tem os olhos muito abertos e baços. Quero gritar, mas não posso. Não aqui nem neste momento, antes no outro lugar. O meu grito ressoa por toda a minha sala de estar e dilacera as imagens. Encolho-me no cadeirão de leitura,

contorço-me como se estivesse a ter um ataque epilético, tudo é uma grande convulsão. A Kirsten salta do sofá e abraça-me. Estou a espernear e esbracejar, tenho a cara quente e húmida e arde-me a pele.

– Jassy! Está tudo bem, estás a salvo. Estás em casa e eu estou contigo. Consegues ouvir-me, Jassy?

– Reconhece-o, senhora Grass?

Sim, reconheço-o. E grito – de medo. E choro – pelo meu salvador. E esperneio – para afastar o que isto significa. E a Kirsten abraça-me com mais força.

– Deixe-a em paz, senhor Giesner! Não vê o estado em que ela está?

Não estás bem. Precisas de ajuda.

Outra vez. Começo a correr. Atravesso a parcela de erva alta que rodeia a cabana e embrenho-me no bosque adjacente. Os ramos arranham-me a pele, não vejo nada na escuridão. Então, de repente, atrás de mim. Terá sido um estalo?

– Foi este o homem que a sequestrou, senhora Grass?

Podia jurar que me cheirara a guisado.

Podia jurar que só o golpeara uma vez.

O rosto dele desfeito, vermelho, tudo vermelho.

Um quarto sem puxador na porta. *É para sua própria segurança, senhora Grass.*

– Respira, Jassy, devagar. Estou aqui, está tudo bem. Tenta respirar.

Uma mera formalidade. Olharás para a imagem e identificarás o homem. É muito simples: «Sim, é ele.» E já está. Não terás de dizer mais nada.

– Estou contigo, Jassy. Não tens nada a recear. Já passou.

Pisco os olhos. Sinto o batimento cardíaco da Kirsten, forte e fidedigno. Os braços dela, que me amparam por inteiro. O calor que emana. E então ouço a minha própria voz, que diz:

– Sim, é ele.

Matthias

A Hannah está deitada na cama a dormir. Parece um anjo, igual à minha Leninha. Só me incomoda a visão do velho peluche que tem nos braços, doado por um qualquer leitor do *Tagblatt*, tal como o vestido gasto que está a usar. Hoje não conseguimos ir às compras, mas amanhã tenciono ir à cidade com a Hannah para lhe comprar roupa por estrear e um brinquedo novo. Bem, talvez vá sem ela para evitar uma cena no centro comercial. Contudo, se as vou deixar às duas em casa durante algumas horas, quero estar seguro de que a Karin conseguirá lidar com tudo. Estico com cuidado a colcha sobre o delicado corpo da Hannah e sussurro.

– Boa noite, minha querida.

Lanço um último olhar ao meu pequeno anjo adormecido e deixo a porta encostada. A Karin foi a Gilching, não muito longe daqui, visitar uma amiga das aulas de ioga, certamente para fazer queixas de mim.

Estou a descer as escadas quando ouço o meu telemóvel tocar na sala de estar, lembrando-me de que talvez a minha mulher tenha um bom motivo para estar de mau humor. Esqueci-me de telefonar ao Mark. Desço os últimos degraus mais depressa para que o toque insistente não acorde a Hannah.

No ecrã, leio: «Gerd Brühling, trabalho.»

– Estou? – atendo.

É a única palavra que o Gerd me deixa dizer antes de se lançar numa enxurrada de insultos. Para ele, tenho um parafuso a menos, sou doido, não estou bem da cabeça. Considera-me um burro velho e ridículo, teimoso, inútil e até perigoso. Entendo as palavras proferidas, mas não o problema do Gerd.

– Deduzo que já acabámos a parte em que me ofendes – digo eu, aproveitando a primeira pausa para respirar que ele parece fazer a meio da tirada. – Tens agora a amabilidade de me dizer o que se passa?

– Criticaste o nosso trabalho no jornal! – Arqueja o Gerd. Os insultos deixaram-no sem fôlego.

Vejo-o diante de mim, sentado atrás da secretária, com aquela barriga redonda a sobressair da camisa mal abotoada, o rosto gordo e vermelho.

– O artigo que saiu no *Bayerisches Tagblatt* de hoje!

– E?

– Só tu! – grunhe o Gerd, antes de começar a citar o jornal de hoje. – «Dado que a infrutífera colaboração das duas autoridades policiais», abre parêntesis, «Cham e Munique», fecha parêntesis, «continua às apalpadelas no escuro quase três semanas depois da espetacular fuga de Jasmin G., a mulher que foi sequestrada, consideramos ser nossa obrigação, como meio de comunicação consciente da sua responsabilidade, informar o público de que já existe um retrato-robô que poderia ajudar a identificar o alegado sequestrador. As autoridades policiais, porém, ocultaram-no, aparentemente para evitar a carga de trabalho com que se veriam confrontadas se a população se envolvesse no processo de identificação do homem até agora desconhecido. Uma testemunha que preferiu permanecer no anonimato recorda a este propósito as palavras que lhe dirigiu um dos investigadores: «Levaremos com uma avalancha de pistas e demoraremos uma eternidade a peneirá-las.» Por esta razão, não foram feitas quaisquer tentativas de consultar o público, ainda que tal possa atrasar a resolução definitiva do caso, um dos mais sensacionais das últimas décadas, em prejuízo das vítimas e dos seus familiares. O homem que Jasmin G. espancou até à morte durante a sua fuga, cuja identidade permanece desconhecida, parece estar relacionado também com o desaparecimento, em janeiro de 2004, da jovem frequentadora de festas de Munique, Lena Beck», abre parêntesis, «então com 23 anos», fecha parêntesis. «O *Bayerisches Tagblatt* condena a decisão das autoridades policiais quanto à ocultação de informação relevante do público, uma vez que a vossa ajuda, caros leitores, poderia, em última análise, conduzir à descoberta do paradeiro de Lena Beck.» Consegues imaginar como está isto aqui? Agora, os nossos telefones não param de tocar, e não porque um qualquer tarado acredita ter reconhecido o tipo, mas porque as pessoas querem queixar-se do nosso trabalho! Tem sido assim o dia inteiro! Pensas, por acaso, que não tenho

nada melhor para fazer? Não devia estar antes a procurar a tua filha? Não era isso que querias de mim? Agora, em vez disso, tenho de me ocupar desta merda! Olha bem para o relógio! Vês que horas são? Pois ainda aqui estou sentado no meu gabinete a atender telefonemas absurdos!

– Alguém tinha de fazer alguma coisa… – resmungo, mas o Gerd parece ainda não ter terminado.

– Estamos a fazer tudo, Matthias! Estamos a fazer tudo para encontrar a Lena! Mas isso não será possível se te dedicares a boicotar a nossa investigação, pondo estes tabloides, e com eles a Baviera inteira, contra nós.

– O que queres que te diga, Gerd? Que lamento que, por uma vez, tenhas de ficar a fazer algumas horas extraordinárias? Não, não lamento! Já estava na altura de alguém vos pôr na linha. Agora, têm de conseguir resultados para que as pessoas não acabem por perder a fé no vosso trabalho e em todo o sistema!

– Diz-me, continuas a importar-te com a tua filha, ou já é só uma questão à volta dos teus princípios de merda?

– Como te atreves? – vocifero ao telefone. – Tu não devias ter já passado por aqui há muito tempo para mostrares o retrato-robô à Karin, como disse o Giesner? Não devias ter estado hoje às oito da manhã à nossa porta para interrogar – bufo com desdém – «o círculo mais próximo»? Onde estavas, hem, se levas tão a sério a investigação? E se a Karin tivesse reconhecido o homem? Já podíamos saber onde começar a procurar a Lena!

O Gerd grunhe.

– Por favor, diz-me só mais uma coisa, Matthias, para que eu possa enquadrar melhor tudo isto: também foste tu quem passou a essa maldita equipa de redação a informação recente de que o Mark Sutthoff esteve aqui para fazer um teste de ADN?

– Ele esteve… o quê?

Deixo-me cair num dos sofás de dois lugares da nossa sala de estar, por coincidência precisamente no lugar onde se sentara o Mark Sutthoff na noite de quarta-feira, quando a minha mulher lhe serviu um chá.

– Ainda bem – suspira o Gerd com alívio, e despede-se de mim.

– Gerd, não, espera, não desligues! Lamento ter-me queixado do vosso trabalho ao Rogner, mas tens de me dizer por que motivo fizeram um teste de ADN ao Mark!

– Era o que faltava – responde o Gerd, soltando uma gargalhada seca.

– Não, Gerd, a sério! Juro-te pela vida da minha neta que não o comentarei com ninguém.

O Gerd não diz nada. Por um momento só se ouve o ligeiro ruído da ligação telefónica.

– De qualquer forma, já me arrependi de ter voltado a confiar naquele Rogner. Como agradecimento, mandou para aqui uma horda de jornalistas no dia em que fui buscar a Hannah ao centro de trauma.

O Gerd continua calado. Mais estática na linha.

– Por favor – volto a tentar. – O Mark fez-nos uma visita-surpresa há dois dias e a verdade é que nos contou que lhe tinhas pedido ajuda, mas não referiu que precisava de se submeter a um teste de ADN.

– Enfim, isso de ter sido um pedido é relativo – diz o Gerd, fazendo mais uma pausa e depois acrescentando: – Jura, Matthias. Nem uma palavra a ninguém.

– Sim! Quero dizer, não – apresso-me a garantir. – Nem uma palavra, juro. Agora, fala de uma vez.

Gerd volta a suspirar e, durante alguns instantes, receio que desta vez não vá ceder, tendo em conta que, depois da publicação do último artigo, a minha credibilidade lhe deverá parecer tão sólida quanto a tinta preta das letras dos jornais quando lhe tocamos com os dedos húmidos, suados de ira. Sim, é verdade. Depois da minha conversa com o Giesner no exterior do centro de trauma, não me ocorreu nada melhor do que telefonar para a redação do *Bayerisches Tagblatt* e confessar à assistente do Rogner as minhas preocupações quanto ao deficiente trabalho policial. A verdade é que foram demasiadas as coisas que correram mal, tanto nos catorze anos durante os quais deviam ter procurado a Lena com perseverança e consistência como,

especialmente, agora que todas as peças do *puzzle* estão sobre a mesa. Contudo, parece que ninguém se quer dar ao trabalho de o montar, e isso é algo que não posso aceitar. Como é possível terem o culpado e o local do crime e, ainda assim, não conseguirem encontrar a vítima? Como é que a testemunha mais importante, a senhora Grass, ainda não foi interrogada para contar finalmente o que sabe? Como é que ainda não encontraram o condutor que fugiu do local do acidente? E porque é que só escavaram o ridículo raio de um metro e meio à volta da cabana, na busca do corpo de Lena? Deviam ter escavado todo aquele maldito bosque! De facto, já dou por garantido que o Gerd me vá deixar de fora. Aposto que recebeu alguma informação do seu teimoso colega Giesner, que nem sequer me deixou tirar uma fotografia ao retrato-robô para mostrar à minha mulher, mesmo vendo que eu podia estar prestes a ter um ataque cardíaco. Ainda assim, reconheço que não teria servido de muito, pois eu iria entrar em contacto com a redação do jornal de qualquer forma. A única diferença seria a de ter podido enviar também a fotografia do retrato-robô, em vez de me ter limitado a fazer queixas ao telefone. Teriam publicado a reconstituição facial na edição de hoje e talvez já tivessem chegado pistas valiosas da parte dos leitores. Felizmente, porém, o Gerd não é o teimoso Giesner. Felizmente, o Gerd é ainda o Gerd, o homem que em tempos foi o meu melhor amigo, o meu companheiro de pesca, o padrinho da minha filha. E, por isso, agora volta a balbuciar e diz:

– Está bem. Como sabes, enquanto parte da nossa investigação estamos obrigados a comprovar os parentescos, ainda que, à partida, tudo pareça claro. Tal como tivemos de comprovar a relação entre a Lena e as crianças. No entanto, encontrámos uma discrepância.

Sinto um aperto no peito e vem-me à mente uma ideia absurda: a Hannah não é minha neta. Foi tudo um enorme equívoco. Reparo que estou a abanar a cabeça. *Não é possível, não te preocupes, a Hannah é tua neta. É igual à tua Leninha.*

– Passa-se o seguinte, Matthias.

É igual à tua Leninha.

– Não conseguimos estabelecer nenhum grau de parentesco entre o cadáver da cabana e as crianças.

O coração cai-me sobre o estômago com alívio. É claro que a Hannah é minha neta, está tudo bem.

– O que significa…

– O que significa que o homem da cabana não é o pai biológico das crianças. As provas descartam-no.

– O Mark Sutthoff – arquejo ao telefone, sem realmente compreender o que isso pressupõe.

– Ao comissário-chefe Giesner ocorreu a ideia de fazer o teste de ADN ao senhor Sutthoff porque a Lena esteve com ele pouco antes de desaparecer. Embora estivessem oficialmente separados no momento do sequestro, se bem te recordas, a análise das mensagens de texto dela revelou que os dois voltaram a estar em contacto depois de ele ter regressado da viagem a França.

– Continua – peço-lhe, cerrando os dentes.

– Pois bem, tivemos de fazer algumas contas! Não dispomos de informações sobre as datas exatas do nascimento das duas crianças, pelo que tivemos de confiar nos testemunhos delas e nas avaliações dos médicos. Se a Hannah tem, de facto, treze anos e a Lena desapareceu há treze anos e nove meses, então há apenas duas possibilidades. Ou engravidou imediatamente após ter sido sequestrada e a Hannah foi um bebé prematuro, ou a Lena já estava grávida no momento do sequestro.

– Do Mark Sutthoff – digo eu, tapando a boca com a mão.

– Sim – confirma o Gerd, embora não pareça muito convencido. – Só que o ADN do cadáver também não tem correspondência com o do Jonathan, e ele é aproximadamente dois anos mais novo do que a Hannah.

– Sim, e então? Há uma correspondência com o ADN do Mark?

– Ainda não sabemos. O laboratório só terá os resultados, quando muito, na segunda-feira.

– Raios partam, Gerd! Se o Mark é o pai, então…

Fico sem palavras, enquanto o significado do que acabo de dizer me cai

em cima, se afunda em mim, enterrando-me sob o seu imenso peso, de modo que já quase não consigo respirar.

Meu Deus, tive-o em meu poder. Tive-o de verdade.

As minhas mãos no colarinho do Mark Sutthoff, as costas dele contra a parede, o rosto vermelho como uma lagosta. «Onde está ela, porco?», perguntei-lhe eu. Tive-o num momento em que a Lena ainda estaria viva.

– Sim – limita-se a dizer o Gerd.

– Mas, então, quem é o homem da cabana?

– Quem *era*, Matthias, está bem? Quem *era* o homem da cabana? Enquanto não tivermos os resultados do laboratório, tudo não passa de uma teoria, entendido? Enquanto não houver resultados, o Mark Sutthoff é uma testemunha que teve a amabilidade de nos ajudar a excluir uma possibilidade em concreto. E, para ser sincero, não acredito que a prova do laboratório venha a ser positiva. Ele gostava muito da Lena e é um tipo realmente simpático, ou não concordas? Até me pediu a morada da Jasmin Grass para lhe enviar um cartão de melhoras. É claro que não lha pude dar, mas o facto de a ter pedido mostra bem o tipo de pessoa que é.

– Mas quando…

– *Se* – corrige-me o Gerd. – *Se* o teste vier positivo, significa que o morto da cabana é o homem errado. Ou que houve mais do que um sequestrador…

– E um deles foi o Mark Sutthoff.

Volto a sentir na testa o latejar insuportável que começou há dois dias, quando o Mark nos veio visitar.

– Sabê-lo-emos em breve. Mas… – O Gerd hesita.

– Mas?

– Escuta, Matthias. Quero que agora passes o telefone à Karin.

– Não posso. Ela está com uma amiga.

– Muito bem, podes então telefonar-lhe? Pede-lhe para ir para casa. Não quero que fiques sozinho e cometas algum ato irrefletido que acabe por nos trazer problemas a todos. Juraste-me pela vida da tua neta…

O Gerd continua a falar: nada de parvoíces, esperar, ligar à Karin para vir

para casa. Contemplo o vazio e as palavras passam-me ao lado. Apesar de estar sentado de costas para o *hall* de entrada, consigo captá-la pelo canto do olho. Uma sombra que nesse momento se precipita em direção à porta da rua.

Jasmin

Uma parte de mim fechou-se em si mesma e está enroscada e encolhida numa sala exígua e escura, com paredes grossas, inexpugnáveis, enquanto o resto continua sentado na minha sala de estar, com o Giesner e a Kirsten, a quem acabo de mentir. A folha de papel do Giesner não mostra o meu sequestrador, mas o condutor do carro do acidente. E, devagar, muito devagar, gota a gota, o significado inerente vai caindo na minha consciência.

– Há outro assunto sobre o qual gostaria de falar consigo, senhora Grass – diz o Cham, e com um clique recolhe a ponta da sua esferográfica. Acaba de apontar, com o outro polícia como testemunha, que eu identifiquei, sem nenhuma dúvida, o meu sequestrador.

O meu sequestrador que não está morto. Compreendo que, de facto, tudo aconteceu como eu pensava quando fui admitida no hospital. Que só o atingi uma vez, e não várias e com tanta força que parti o globo de neve, como a polícia acredita. Uma única e insuficiente vez.

– Um momento – intervém a Kirsten. – Com todo o respeito pelo seu trabalho, senhor Giesner, julgo que a Jassy já fez a parte dela por hoje. Agora devia descansar.

O globo de neve apenas se partiu quando o deixei cair no chão.

Venham, meninos! Vamos!

– Não há problema, Kirsten.

– Tens a certeza, Jassy?

Agora tenho. Não imaginei os estalos na vegetação rasteira enquanto

corria pelo bosque. Era ele que me perseguia. Depois, atacou o condutor do carro e levou-o para a cabana para ocupar o lugar dele. Deve ter acontecido exatamente assim. De seguida, desfigurou-lhe o rosto até o deixar irreconhecível, enquanto a Hannah ia comigo para o hospital.

– Sim, tenho a certeza.

Mais uma vez, sou invadida pela estranha sensação que tive na ambulância ao ouvir a voz da Hannah. A Hannah, que não devia estar ali. E pergunto-me porquê. Por que razão deixou ele que a ambulância me levasse? Porque não me matou também a mim quando matou o condutor do carro? Certamente, aos olhos dele, eu teria mais do que merecido, depois de o ter atacado e me ter posto em fuga.

– Ótimo, senhora Grass.

Mas não, não me arrastou de volta à cabana ou ao bosque para acabar comigo ali. E até mandou a Hannah comigo.

– Quando precisar de descansar, diga-nos.

Assinto, embora abstraída.

Porquê? Porque não levou as crianças e desapareceu? Devia ser-lhe claro que a polícia faria uma investigação, quer eu morresse devido aos ferimentos quer sobrevivesse. Devia saber muito bem que a polícia encontraria a cabana. Sabia-o, de facto, caso contrário não teria deixado o condutor no lugar dele. Mas porquê? Porquê?

– Bom, continuemos então, senhora Grass. Estamos quase lá. – Penso que o Cham está a sorrir, mas não consigo devolver o sorriso porque tenho as feições entorpecidas. – O nome Sara diz-lhe alguma coisa?

Sempre houve então uma Sara. Esse terceiro filho que o teu marido sempre desejou. Já lho tinhas dado há muito tempo, Lena. Deduzo que esteja morta. Ele queria substituir a filha morta, tal como fizera contigo. Uma parte de mim, a que está fechada na sala exígua e escura, começa a ver luzes intermitentes. A outra, a que está sentada com o Cham e a Kirsten, ficou completamente vazia, sendo já só um invólucro, um manequim que me

representa, que responde às perguntas sem nenhuma entoação, incapaz de expressar seja o que for. E sei porquê. Não é difícil de perceber. O teu marido está vivo. O teu marido deixou-me viver. O teu marido tem um plano. O Cham começa a falar dos últimos testes de ADN, que provam efetivamente que têm o homem errado. Só ainda não chegaram a essa conclusão, e não podem fazê-lo porque eu continuo calada. É até possível que o Cham pense que se tratou de um erro, de uma contaminação laboratorial que conduziu a um resultado incorreto. As palavras que profere convertem-se em remoinhos, acercam-se de mim, tornam-se mais opressivas a cada segundo que passa. Começo a respirar superficialmente, cada vez mais superficialmente. Como se apenas arfando conseguisse afastar tão horrível perceção. Por um momento, funciona, mas depois volto a ser invadida por um calor implacável e abrasador. Começo a sufocar.

Tens de lhes contar. Abre a boca. A polícia pode ajudar-te.

Ninguém te virá ajudar. Agora só nos tens a nós.

Para sempre e sempre e sempre.

O teu marido está vivo. O teu marido deixou-me viver. O teu marido tem um plano. E virá à minha procura. Nesse momento, o manequim cai do cadeirão de leitura.

Papá, a mamã teve outro ataque!

Matthias

Uma sombra a deslizar pela nossa entrada.

Viro a cabeça, como que em câmara lenta, mas então ouço a porta da rua já a fechar-se. O telemóvel cai-me da mão e embate com um ruído seco na carpete da sala. Salto do sofá. Os meus passos, que deveriam ser rápidos, revelam-se pesados. Há algo a acontecer. O meu coração. A minha mão

procura o puxador. Abro a porta num movimento súbito. Lá fora está escuro, apenas os candeeiros de rua projetam ilhas solitárias de luz amarela sobre o asfalto negro. A minha vista percorre rapidamente a rua. E então vejo-a. É a Hannah, que entra num carro a cerca de trezentos metros de distância. Uma grande figura escura fecha a porta do passageiro quando ela entra. Fico paralisado a olhar para aquele homem que contorna o carro e se apressa a entrar no lugar do condutor.

– Hannah – digo com uma voz rouca quase inaudível.

O motor começa a trabalhar. O carro arranca e avança. Já se afasta. É só então que me consigo libertar do meu torpor. Desço as escadas aos tropeções, cruzo o portão do jardim, que está aberto, saio para a rua e grito:

– Mark! Não!

No entanto, do Mark e da Hannah já só consigo ver duas pequenas luzes traseiras de cor vermelha na noite.

Jasmin

Está demasiado escuro. Desde que me deram alta no hospital, tenho sempre de ter uma luz acesa algures. A Kirsten sabe isso. Estar às escuras é estar na arrecadação da cabana, é sentir os braços dolorosamente estendidos e as mãos presas a um tubo de canalização, é a terrível esfera negra na qual os meus pensamentos não conseguem ancorar, é o medo e o estar à espera de que ele volte para me matar. Pisco os olhos. Tudo continua escuro. Tento recapitular rapidamente o que aconteceu. O Cham estava aqui. Mostrou-me o retrato da reconstrução facial. Menti-lhe e identifiquei o homem errado. O Cham disse que o ADN das crianças não tem correspondência com o do cadáver que encontraram na cabana. Perguntou-me se eu poderia explicar tal facto. A mim própria consegui explicá-lo de imediato, mas não a ele. O medo

de que me tomasse por louca era demasiado grande. Um medo enorme de que, depois de tudo aquilo por que havia passado, tivesse realmente enlouquecido. E como reagiria a Kirsten se eu viesse com outra história melodramática? Até quando poderia continuar a pô-la à prova? Devo ter desmaiado, algo dentro de mim deve ter ficado bloqueado de repente e procurado o caminho mais curto para uma perda de sentidos temporária. Tal como nos tempos da cabana. Quantas vezes o teto se inclinou, o chão ondulou e o espaço rodopiou quando senti que era demasiado? E como fiquei grata sempre que caí nessa escuridão libertadora, sempre que sofri o que a Hannah apelidava de «ataques».

Sinto uma almofada ao meu lado. A Kirsten deve ter-me trazido para a cama depois de ter colapsado à frente dela e do Cham. Foi a isto, portanto, que chegámos, e diz muito. A ninguém ocorreu chamar um médico ou até uma ambulância. Porque já ninguém me leva a sério. Porque já não estou doente e, na melhor das hipóteses, sou só histérica. Imagino a Kirsten ofegante devido ao esforço, enquanto me levantava do chão da sala de estar e garantia ao Cham que não havia motivo para alarme, que era apenas dos nervos acumulados, pois eu passara dois dias a temer o momento em que teria de enfrentar o retrato do meu sequestrador. Além disso, não andava a dormir nem a descansar o suficiente. «Não está bem. Ultimamente até tem urinado na cama, sabe?» Também imagino a reação do Cham, fazendo os comentários inevitáveis sobre o quão importante é ir ao psicoterapeuta com regularidade, a evidente cura universal para alguém na minha situação.

E já estou a fazê-lo outra vez, não é verdade? Se neste preciso momento me centro no que as outras pessoas podem pensar de mim, então sou ridícula nesta lamentável tentativa de escapar para dentro da minha mente. Faço-o outra vez, tento negar, não admitir o que está a acontecer, tento ignorar o pânico que rufa como um tambor no meu peito, esse pânico perante a escuridão que me rodeia.

Pisco os olhos de novo e o negro continua a ser negro, um negro absoluto e sem contornos. Procuro o interruptor do candeeiro da mesa de cabeceira. Encontro-o e ligo-o. Há um clique, porém tudo continua às escuras. Da minha

garganta sai um som estranho, sem força e quase sem projeção, um som contido, como quando sustemos a respiração por uns instantes e a queremos recuperar. Sento-me e olho para as ranhuras das persianas por onde a luz residual dos candeeiros de rua devia entrar no quarto. Não há luz residual, apenas escuridão e o forte bater do meu coração.

– Kirsten? – chamo, e espero por uma resposta.

A resposta não chega. Ponho-me à escuta para distinguir algum ruído. Não há nenhum. Silêncio, escuridão e o meu coração palpitante. Penso então que estou a sonhar. É isso, estou a sonhar. Mas, apesar disso, é difícil ficar calma. Resignar-me a esta escuridão opressiva, a esta pura desorientação que me lembra a arrecadação no dia em que fui sequestrada. Primeiro, deixo-me cair para trás, fecho os olhos, inspiro o odor familiar da minha casa, um resto do perfume da Kirsten, o aroma de frésias que ainda permanece na almofada. Posso suportar este sonho.

Não é verdade, não o suporto. Abro os olhos, de novo com esperança, de novo em vão. Está tudo escuro. Sento-me outra vez. Procuro às apalpadelas a extremidade do colchão, arrasto-me de gatas pelo chão, com um braço esticado, até à porta do quarto. Levanto-me com cuidado, enquanto tento dar com o puxador da porta. Pressiono-o e ele range como sempre. Uma vez, outra, e muitas mais em rápidas sucessões, até que percebo que a porta não abre. Estou trancada. Tateio a parede junto à ombreira em busca do interruptor da luz. O interruptor clica, mas a luz não se acende. Clica outra vez, e continua escuro. Golpeio a porta com o punho.

– Kirsten? O que se passa? Deixa-me sair! – grito.

Bato com violência na porta, grito incrédula. Um sonho, um pesadelo. A minha respiração torna-se irregular, começo a arfar. Então, ouço um riso ténue do lado de fora do quarto. O riso dele.

E a pergunta:

– Como estás, Lena?

Matthias

Acelera mais. Acelera-acelera-acelera-acelera.

O velocímetro não passa dos 180. Esta velha carripana não anda mais depressa.

Para onde a levou ele?

«Gerd!», penso. As palavras do Gerd, mais cedo, ao telefone.

Até me pediu a morada da Jasmin Grass para lhe enviar um cartão de melhoras. É claro que não lha pude dar, mas o facto de a ter pedido mostra bem o tipo de pessoa que é.

Uma pessoa que, mesmo sem a ajuda do Gerd, certamente conseguiria obter a morada da Jasmin Grass. Qualquer pessoa a conseguiria obter, bastando para o efeito alguns cliques na internet. Semicerro os olhos para ver melhor ao longe, mas a autoestrada está vazia e escura. Não há luzes traseiras em nenhuma parte.

– E se a levou para algum outro sítio?

Perdi um tempo valiosíssimo quando, a correr, voltei a entrar em casa para ir buscar as chaves do carro. Perdi anos enquanto esperava que o portão da garagem se abrisse, e mais anos ainda a tirar o carro em marcha-atrás até à estrada. Quase catorze anos.

Não consigo alcançar o Mark com o avanço que me leva.

Não perdi tempo algum a pegar num casaco ou a calçar uns sapatos. Estou a conduzir de pantufas.

Em contrapartida, devia ter perdido o tempo necessário para pegar no meu telemóvel, que agora está inutilmente caído na carpete da nossa sala de estar.

Sem telemóvel. Sem possibilidade de telefonar para pedir ajuda. Sem apoio.

Estou sozinho.

Tive-o em meu poder.

As minhas mãos no colarinho do Mark Sutthoff, as costas dele contra a

parede, o rosto vermelho como uma lagosta. «Onde está ela, porco?»

E deixei-o escapar.

Na minha mente, ouço-o falar do Vale de Marne, «uma zona linda com uma natureza incrível». Mentiroso. Estava a gozar connosco. Até admitiu que tinha uma filha. Hannah. Como é possível que não me tenha apercebido?

Papá, ouço uma voz aguda vinda do banco de trás. Pelo retrovisor só consigo ver a linha do cabelo e o brilho dos olhos, destacados contra o fundo negro. *Tens de me ajudar, papá*.

– Eu sei, querida – respondo, com a voz embargada.

Desta vez tens realmente de me ajudar.

– Sim, Leninha, eu sei. – Passo com as costas da mão pelos olhos quando a autoestrada ameaça desaparecer à minha frente. – Estou agora mesmo a caminho para te ajudar. Desta vez não te vou deixar ficar mal, prometo.

Mas tens de te despachar, papá.

O ponteiro do velocímetro treme sobre os 200 e a velha carripana quase se desfaz.

Jasmin

– Onde está a Kirsten? – pergunto, com a voz rouca.

– Não virá – responde a voz dele. – Ninguém virá.

Golpeio a porta com a mão aberta.

– Kirsten! – grito. – Socorro!

– Cala-te! – murmura a voz. – Não queres importunar os vizinhos, pois não?

Volto a golpear a porta, grito mais alto, pressiono com força o puxador, que range e range e range. Um momento depois chega a mão dele, que erra um par de vezes – tão desorientada como eu nesta escuridão sem contornos –

antes de atingir o alvo pretendido. Está agora sobre o meu nariz e a minha boca, a apertá-los com demasiada força, não me deixando respirar. O corpo dele pressiona as minhas costas, a mão aperta-me o rosto. Começo a espernear, pontapeio a porta e sou atirada para trás. Caio, aterro no chão duro, sou derrubada por ele. Berro de medo, de dor, de incredulidade.

– Abre a porta, por favor.

Silêncio.

– Acende a luz, por favor.

De algum lugar da escuridão, a voz diz:

– Infelizmente, não é assim tão simples, Lena. Desliguei o quadro elétrico.

Retrocedo de gatas até sentir uma parede nas costas. Levanto-me com cuidado, apoio-me nela e apalpo a superfície com a mão. Há um ligeiro ruído de papel ao tocar num dos artigos que afixei na parede. Estendo a outra mão para o vazio. Onde está ele?

– Como é que fizeste isto? Quem é que te ajudou a preparar tudo?

– Ajudar-me? A mim? – Solta uma gargalhada que vem da minha direita. – Ninguém, Lena. Sou Deus, não preciso da ajuda de ninguém. – Ouço uns passos a aproximarem-se lentamente e depois um sussurro: – Posso até levantar-me dos mortos.

Arrasto-me ao longo da parede para me afastar dele, fazendo com que o papel dos artigos impressos soe atrás de mim.

– Não é que não me tenhas dado um bom golpe com o globo de neve, se isso te serve de consolação. Tive um traumatismo e até me deram baixa. – Ele ri, eu estremeço. – Mas vejamos a parte positiva. Assim, pelo menos, dispus de algum tempo para preparar tudo o resto.

– Mataste o condutor do carro – arquejo na escuridão.

– E tu? Tu quiseste matar-me. O que significa que não és melhor do que eu, não é? Mas, para ser sincero, admira-me que ainda não tenhas entendido tudo. Pensava mesmo que eras mais inteligente.

– Hannah… – murmuro. As minhas pernas estão fracas, *controla-te*, continuo ao longo da parede, só devem faltar alguns passos. – Enviaste a

Hannah para me seguir.

– Não. Na realidade, foi ela que te seguiu por vontade própria. E tiveste mesmo uma boa vantagem inicial. Sobretudo porque, com o ferimento na cabeça, não fiquei em grandes condições para te conseguir apanhar. Felizmente, atiraste-te para a frente daquele carro. – Há um breve silêncio na escuridão, depois ouço-o rir de satisfação. – Mas estou a ver que estás à espera de uma explicação. Como nos filmes, certo? No cinema, os acontecimentos anteriores ao acidente apareceriam agora em forma de analepse a partir do ponto de vista do mau da fita. Vê-lo-íamos a desfigurar a cara do seu substituto, a guardar as coisas essenciais numa mala, a dar instruções ao filho para que este espere e limpe todas as superfícies, enquanto ele próprio cruza a fronteira checa com o carro do acidente e se esconde. Depois esboça um sorriso irónico porque sabe perfeitamente que já estará muito longe quando a polícia encontrar a cabana. – Ri outra vez, à minha direita, demasiado próximo. Tento atingi-lo, mas a minha mão encontra apenas o vazio. – No entanto, podes imaginar algo parecido com isto. Não temos muito tempo, querida.

– Porque agora o mau da fita regressa para acabar com tudo e matar a protagonista.

– A protagonista? – Encontra-se mesmo à minha frente. Fico paralisada. Sinto o hálito dele no meu rosto. – Estás muito confiante em ti mesma. Gosto disso. Acredites ou não, sempre gostei que resistisses. Mas não, não tenhas medo. Se quisesse, já te poderia ter matado há muito tempo. Inclusivamente no local do acidente. Porque é que julgas que liguei para a emergência? Sobreviveste porque eu assim o quis.

A minha mão avança para a direita, encontra a fita das persianas e puxa uma vez com força. Abre-se uma fresta, talvez de um palmo, e o sorriso dele aparece à luz dos candeeiros de rua.

– Ou melhor, sobreviveste porque a tua filha assim o quis.

Hannah

O papá aconselhou-me a fazer um desenho. Para não me aborrecer enquanto ele vai acordar a mamã. Trouxe-me um bloco e alguns lápis de cor numa caixa metálica, tudo novo. Os lápis são muito compridos, mais compridos do que o meu dedo indicador, e até têm três tons de vermelho diferentes: carmim, vermelhão e *bordeaux*. Também me deu uma barra energética quando ainda estávamos no carro e, pela primeira vez na vida, fiquei realmente contente por receber uma. Tão contente que a barra energética me soube melhor do que nunca. Mas a verdade é que estava com muita fome. Em casa dos meus avós só tinha comido pão com manteiga. O papá felicitou-me por me ter lembrado de tudo bastante bem. Ainda melhor, na realidade, do que ele estava à espera. Disse-me que isso lhe pareceu surpreendente. Gosto que me felicitem. Posso agora sentir-me orgulhosa, acho eu. Por outro lado, pergunto-me se o papá terá duvidado de mim em algum momento, pois «surpreendente» significa «impressionante», mas também «inesperado». E isso não me pareceria bem, tendo em conta que foi tudo ideia minha. Ele não podia ter tido nenhuma ideia na cabeça quando estava caído no chão, como morto, a manchar a carpete de sangue, depois da grande tontice da mamã. A mamã abriu a porta da cabana e disse com a sua voz de leão: «Venham, meninos! Vamos!» Mas o Jonathan e eu ficámos a pensar um pouco. «Venham já! Temos de ir!» O Jonathan caiu de joelhos junto ao papá, na carpete toda ensanguentada, e a mamã saiu a correr.

Então, eu disse ao Jonathan que nos tínhamos de separar. Por um lado, a carpete estava suja e era preciso limpá-la. A limpeza é importante. Por outro, a mamã tinha-nos dito para irmos com ela, e devemos fazer sempre o que os adultos nos dizem.

«Mas vê bem o que ela fez, Hannah», queixou-se Jonathan, interrompendo os meus pensamentos.

Não sabia se ele estava a falar do papá, que continuava imóvel no chão, ou

do globo de neve partido, do qual segurava um caco na mão.

«Dá-me isso!»

Tirei-lhe o caco de vidro e guardei-o no bolso do vestido para evitar que se magoasse com ele. Os objetos afiados podem ser muito perigosos e já havia manchas suficientes na carpete. Depois, disse-lhe que já tinha refletido. Ele devia limpar a carpete e eu iria seguir a mamã.

Embora tivesse sido muito rápida, só a alcancei depois do grande estrondo. A mamã estava caída no meio da estrada, com os olhos fechados, e havia um desconhecido ajoelhado junto a ela. Ouvi como lhe falava.

De repente, também ouvi uns barulhos atrás de mim. Era o papá, que tinha uma mancha vermelha num dos lados da cabeça. Trazia o nosso atiçador. Levou o dedo indicador aos lábios franzidos e disse «chiu» baixinho. Depois, agarrou-me pelo ombro e murmurou-me ao ouvido pelo funil de segredos:

«Senta-te aqui e fecha os olhos, Hannah.»

Por isso, sentei-me entre o mato com os olhos fechados, tal como o papá me tinha mandado. Só que, sem querer, pestanejei algumas vezes. Pestanejei depois do «pum!» e também quando ouvi uns ruídos de coisas a serem arrastadas e a estalarem ao meu lado. Era o papá a arrastar o desconhecido até à vegetação. Nesse momento, voltei a abrir os olhos como deve ser porque não queria perder nada do que se iria passar com a mamã.

O papá agarrou-a pelas axilas. A cabeça da mamã balançava, torcida no pescoço, e as pernas raspavam no alcatrão, enquanto o papá a arrastava também para o meio da vegetação. Então, levantei-me do meu esconderijo e disse com a minha voz de leão:

«A ambulância.»

O papá ficou sobressaltado e quase deixou cair a mamã.

«O homem disse que ia chamar uma ambulância. A ambulância não a encontrará se a levares!»

«Hannah.»

O papá deixou a mamã outra vez na estrada e veio ter comigo. Baixou-se e fez-me uma festa na cara. Quanto a ele, tinha a cara completamente molhada,

com gotas de suor vermelho a escorrerem desde a testa até ao queixo. O colarinho da camisa tinha também ficado manchado de vermelho.

«Querida, não sabes o que estás a dizer.»

«Sei, sim!», respondeu a minha voz de leão. «Uma ambulância é um veículo especialmente equipado para casos de emergência e é usada para prestar os primeiros socorros a feridos ou doentes e para os transportar para o hospital, fim.»

«Sim, Hannah, é verdade, mas…»

«E um hospital é um edifício onde se tratam doenças ou ferimentos mediante cuidados médicos!»

«Não é assim tão simples, minha querida…»

«A ambulância tem de vir.»

«Hannah, tu viste o que ela fez.» Referia-se ao suor vermelho que lhe caía pela cara e à situação com o globo de neve.

«Foi só um acidente tonto. Por favor, papá.» Devemos pedir sempre por favor e agradecer.

O papá começou então a andar de um lado para o outro, esfregando a testa, o que o fez manchar de suor vermelho a cara toda.

«Está bem», disse de súbito. «Deixaremos que a levem para o hospital.»

O homem desconhecido tinha um telemóvel no bolso do casaco. Um telemóvel é um telefone sem fios que funciona quase em toda a parte.

«Vou ligar para a emergência, mas depois temos de regressar muito depressa à cabana e arrumar as nossas coisas para irmos embora.»

Só que eu não queria arrumar as minhas coisas. E menos ainda ir embora. Expliquei-lhe que assim não fazia sentido que o hospital curasse a mamã porque se fôssemos embora não poderíamos voltar a ter connosco a mamã curada. Quase pensei que o papá era um pouco tonto, pois não entendeu logo que aquilo que eu queria era que ficássemos com a mamã. E eu nunca tinha pensado que queria realmente ficar com esta mamã. Quando ela chegou à cabana, receei que fosse outra daquelas que não funcionavam de nenhuma maneira. A verdade é que parecia uma boa mamã, pois tinha a cicatriz, o

cabelo muito bonito, loiro e comprido, e uma cara muito branca. O papá esforçou-se muito com ela, porque devemos esforçar-nos sempre, principalmente pelos nossos filhos. Talvez também já estivesse um pouco farto, porque o Jonathan e eu não parávamos de lhe dizer que queríamos uma mãe nova para não nos sentirmos tão sós em casa quando o papá ia trabalhar. Estar um pouco farto não é o mesmo que estar realmente zangado e pôr-se a gritar e a castigar os outros, mas também não gostamos muito quando já não temos ninguém com quem falar. Sobretudo porque já merecíamos uma mamã nova. Tínhamos sido muito obedientes, o Jonathan e eu. Fazíamos sempre os trabalhos de casa e eu estava a falar a sério quando jurei que tinha aprendido com a situação da Sara. Mas quando o papá finalmente aceitou e a nova mamã chegou e a vimos deitada no nosso sofá, ela não parecia contente por ter sido a escolhida. E isto apesar de os filhos serem a maior dádiva que existe e de termos a obrigação de nos mostrarmos gratos por eles. Penso que a mamã não o entendeu até ao dia em que o aparelho de recirculação deixou de funcionar e nós quase sufocámos. Mas isso não importa. Pelo menos, acabou finalmente por perceber. Algumas pessoas precisam de mais tempo, o que não faz delas pessoas más, apenas um pouco tontas. Aprendem devagar, como o Jonathan, que só aprendeu a ler como deve ser aos quatro anos.

«Está bem», disse o papá quando finalmente percebeu. «Mas precisarei da tua ajuda. Concentra-te, Hannah. Consegues fazê-lo? Consegues, não consegues? Já és uma menina crescida. Bom, escuta-me com muita atenção…»

Tirou o casaco ao desconhecido e pôs-mo sobre os ombros para que não ficasse gelada naquela noite tão fria. Quando temos frio, não nos conseguimos concentrar bem. Depois, falámos do que eu teria de fazer e esforcei-me ao máximo, o que não foi sempre fácil. Afinal de contas, não devemos mentir. Mas também não podemos fazer como o Jonathan e não dizer nada, porque então as pessoas pensam que estamos muito doentes e dão-nos comprimidos, ou pensam que temos algo a esconder, começam a desconfiar e, no final, estragam o plano todo. Embora soubesse que estava a fazer tudo bem, às

vezes receava que o papá pudesse ter mudado de opinião. Cheguei a pensar que tinha alterado o plano e incluído nele o avô quando, de repente, o avô passou a falar só de me levar para casa. Infelizmente, enganei-me a este respeito. E fiquei atrapalhada. Nem sequer percebi se era de facto o papá ontem à noite, quando ele entrou no jardim dianteiro dos avós e começou a atirar pedrinhas à janela do antigo quarto da mamã. Também podia ser uma daquelas pessoas que estavam lá fora com as suas máquinas fotográficas desde que tínhamos chegado de manhã, «ali plantadas», como disse a avó. Mas logo no dia seguinte, hoje, apareceu a caixa com o meu vestido e com a *Menina Tinky* lá dentro, e eu soube que tinha chegado o momento. Por fim, voltaríamos a ser uma família e teríamos uma nova casa. O papá disse que a mamã estava à nossa espera. Mas a espera deve tê-la deixado cansada e ela teve de se deitar um bocado. Não é um problema, pois devemos descansar sempre antes de fazermos uma coisa especial. Por isso, o papá deixou-me na cozinha do apartamento da mamã e acendeu uma vela que estava no peitoril da janela para que eu tivesse luz suficiente e pudesse desenhar enquanto ele ia acordar a mamã. O papá disse-me que tinha de desligar o quadro elétrico durante algum tempo para que ela não tivesse problemas com a luminosidade quando acordasse. O problema da retina é uma coisa de família. Infelizmente, a cozinha está agora muito pouco iluminada e o resto do apartamento está às escuras. Teria sido melhor se a mamã tivesse posto lâmpadas mais fracas nos candeeiros. Mas, pelo menos, a luz da vela é suficiente para que consiga distinguir os três tons de vermelho da minha caixa de lápis de cera. É que estou a desenhar a mulher caída no chão da cozinha e preciso mesmo do carmim. Não é verdade que esta cor se obtém do sangue de pulgões. Na realidade, trata-se mais de um ácido produzido por estes insetos para se defenderem dos seus predadores. Para obter a cor, os pulgões são secados e fervidos em água com ácido sulfúrico. Apesar disso, continua a ser a melhor cor quando queremos desenhar sangue fresco. O *bordeaux* também não é mau para o sangue um pouco mais seco, mas para o sangue realmente seco é melhor usar o castanho.

Jasmin

É uma camada estranha, como que de cimento, mas feita de espanto e emoção, a que cobre o meu rosto e o torna rígido.

Ele repara nisso.

– Apesar de tudo o que fizeste, as crianças continuam a gostar de ti.

Assinto com a cabeça. Compreendo. O caco de vidro que a Hannah me dera no hospital e que, percebo agora, não pretendia ser uma ameaça, mas antes um consolo. A garantia de que se lembrava perfeitamente de tudo. Com isso, queria dizer que se recordava de todos os detalhes das instruções do pai.

– Porque não te limitaste a desaparecer com as crianças? Por que motivo as expuseste a este mundo que não são capazes de compreender?

Penso na Hannah, a rapariga-*zombie*, cujo sorriso ninguém entende. Nas histórias terríveis dos jornais, na verdade e nas mentiras. Nesse intenso escrutínio a que as crianças também foram submetidas. Outras duas trágicas sensações do momento. E saltam-me as lágrimas. De vergonha, de compaixão, de todos os sentimentos que, neste momento, vêm à superfície. Choro por todos nós.

Então, ele leva a mão ao meu rosto, acaricia-me com o polegar e enxuga as lágrimas. Suporto-o.

– Sei que não foi o ideal. Mas alguém tinha de tomar conta delas durante este período, ou não? Eu tenho uma vida fora da cabana. Como iria explicar de repente a existência de dois filhos? Além disso, precisava de tempo para preparar tudo o resto. Deixar o meu trabalho e o meu apartamento. Procurar uma nova casa. O que teria acontecido, se tivesse desaparecido de um dia para o outro? O que teriam pensado as pessoas?

Tento imaginá-lo a viver essa segunda vida, a fazer parte da sociedade normal, um homem que compra copos coloridos para as escovas de dentes, num supermercado, sem dar nas vistas. E não consigo, ainda não consigo.

– E agora? O que vamos fazer agora? Vamos buscar as crianças e

simplesmente desaparecemos?

– Já tenho a Hannah comigo. Só temos de ir buscar o Jonathan.

– E como vamos fazer isso?

– É possível que não estejas a par da comovente campanha de doações por parte do *Bayerisches Tagblatt*. Duas grandes caixas com roupa, livros e brinquedos doados pelos leitores. Uma delas foi enviada para a clínica psiquiátrica infantil. O Jonathan já terá reconhecido as suas calças preferidas e a *T-shirt* vermelha. Saberá que estamos a caminho.

– Mas não podes entrar na clínica sem mais nem menos e levar o menino.

– Também não tive de entrar em casa dos Beck. Foi a Hannah que saiu.

– A Hannah – arquejo. – Onde está ela? Quero vê-la.

Com aquele olhar característico, ele inclina a cabeça.

– Por favor – peço eu, quando penso ter compreendido a exigência implícita. Devemos pedir sempre por favor e agradecer. – Por favor, leva-me até à minha filha.

Mais um momento em que ele só me observa, só me escrutina, com a cabeça inclinada para o lado e com aquele olhar. Então, começa a rir, um riso que é pura crueldade, um riso que lhe conheço bem. Um segundo depois, agarra a fita das persianas, ouve-se um estrondo e a escuridão regressa ao quarto, a escuridão absoluta. Pega-me no braço e atira-me para o centro do quarto, para o centro da escuridão.

– És tão patética – murmura ele. – De repente, finges que te preocupas com as crianças.

Passos, ouço uns passos lentos que atravessam o quarto, seguidos de algo metálico que cai ao chão. A chave.

– Mas, na realidade, estás a borrifar-te para elas.

Ponho-me de joelhos e, levada pelo pânico, tateio o chão com pequenos movimentos.

– Permitiste que os jornais escrevessem aquelas mentiras. Permitiste que dissessem que a Hannah tem uma deficiência. Podias ter dado uma entrevista para esclarecer as coisas. No mínimo, devias ter-te queixado à redação.

A chave, encontrei-a. Continuo a rastejar com a chave bem guardada na mão.

– «Abusos sexuais»: usaram esta expressão em relação às crianças! Só a ideia! Nunca lhes toquei! Sabes muito bem! Jamais teria feito isso!

A voz dele troa por cima de mim, enquanto os passos parecem vir de todas as direções. Alcanço uma parede, mas não sei qual.

– Que tipo de mãe és tu, que permite que se publique algo assim? Que tipo de mãe és tu, que não luta pelos seus filhos? Não os foste visitar uma única vez!

O roupeiro, sinto o roupeiro. Sei agora onde estou e para onde tenho de ir.

– Nem uma! – berra a voz.

A porta, a fechadura. Consigo meter a chave, mas esta escapa-me e cai no chão.

– És uma mulher para quem nada disso tem valor!

Enquanto a minha mente regista de modo fragmentado o que está a acontecer – o quadro elétrico desligado, o círculo que se fecha, ter acordado com ele e a escuridão, tal como aconteceu naquele dia na arrecadação da cabana, a escuridão como advertência, a demonstração do seu poder absoluto que ainda lhe permite desempenhar o papel de Deus, que ainda lhe permite decidir sobre a minha vida, sobre o dia e a noite, inclusivamente aqui, na minha própria casa, no mundo real, numa liberdade que só pode ser aparente enquanto ele, Deus, existir – consigo recuperar a chave e tento uma segunda vez. Meto-a na fechadura, rodo-a e pressiono o puxador, que range. A porta abre-se, saio aos tropeções para o corredor escuro, fecho a porta atrás de mim e apoio-me nela enquanto tento meter a chave na fechadura pelo lado de fora. Sinto a resistência dele do outro lado e a chave cai outra vez ao chão. Não a tento apanhar, não é preciso, tenho é de sair do apartamento para o refúgio das escadas. Estou quase a chegar à porta da rua, faltam apenas alguns passos, quando a voz diz atrás de mim:

– Tens mesmo a certeza de que queres ir sem a tua amiga?

Matthias

A minha velha carripana sobe o passeio em frente ao prédio da Jasmin Grass. Com uma mão desligo o carro e, em simultâneo, abro a porta com a outra. Salto do carro e corro para a entrada. Uma senhora idosa acaba de entrar e solta um pequeno grito, sobressaltada, quando avanço para o átrio atrás dela, quase tropeçando na mala que pousou no chão, mesmo atrás da porta.

– Chame a polícia! – peço-lhe, agarrando-a pelos ombros. A mulher treme. – Está a ouvir? Tem de chamar imediatamente a polícia!

Solto-a e subo ruidosamente as escadas. Como sei há muito, por ter estudado o painel das campainhas, a Jasmin Grass vive no terceiro ou no quarto andar.

E se te enganaste?

E se não a trouxe para aqui?

Nesse caso, tê-lo-ia deixado escapar de novo.

Reprimo todas as dúvidas e, em vez delas, concentro-me nas escadas.

No terceiro andar não há nenhuma campainha com o nome de Jasmin Grass, o que significa que tenho de subir mais um piso. O suor escorre-me pelo pescoço, enquanto o meu corpo velho e rígido se queixa do esforço. Chego ao quarto andar. As duas primeiras placas que leio junto às campainhas não são as certas. Por fim, encontro o apartamento dela e fico completamente paralisado durante um segundo. A porta. Está entreaberta. «Hannah», penso de imediato.

«Por favor, não voltes a fechar a porta», pedi-lhe esta manhã, quando se trancou no antigo quarto da Lena. «Deixa-a sempre um bocadinho aberta para que eu saiba que estás bem.»

Hannah, a menina boa e obediente que faz sempre o que lhe mandam. Respiro fundo e depois empurro a porta com cuidado e entro no apartamento.

A entrada está às escuras, mas consigo distinguir alguma luz vinda de uma

das divisões. Ouço vozes abafadas. Avanço à socapa e todo o meu corpo palpita. Desta vez, apanharei o Mark. A dor que estala agora no meu peito diz-me que talvez seja a última coisa que faça, mas isso não me importa. Desta vez, não te deixarei ficar mal, Leninha. Tento manter-me o máximo possível junto à parede para evitar projetar uma sombra denunciadora que possa avisar o Mark da minha presença. As vozes tornam-se mais claras.

– Ainda podemos ser uma família. – Esta voz deve ser da Jasmin Grass.

Alguém solta um longo suspiro, um homem: Mark.

Por um segundo, instala-se o silêncio total. Depois, sem aviso, tão subitamente que as minhas pernas quase cedem com o susto, ouve-se uma cadeira que se arrasta e algo que estala, um grito agudo mistura-se com um estrépito, e eu saio do meu esconderijo, disposto a dar cabo do Mark.

Jasmin

É o fim, todos o sabemos.

A minha cozinha, a nossa cozinha, que já foi um lugar de risos, de convívio, o coração da nossa casa, converteu-se num sítio de dor, numa esfera cheia de raiva e medo, desespero e angústia. Já não há saída, nem sequer a que Deus tinha previsto quando esta noite invadiu o meu apartamento para me levar daqui. É como se este momento se tivesse desligado do curso normal do tempo, como se o mundo tivesse ficado parado nesta divisão da casa.

Tudo aconteceu muito rapidamente.

Empurrou-me pelo corredor escuro até à cozinha, onde a Hannah estava sentada à mesa a desenhar à luz de uma vela. Desenhava uma natureza morta – a Kirsten, calada, contorcida e imóvel sobre os azulejos do chão. Com um pano de cozinha a fazer de mordaça na boca e sangue no rosto. Sangue que lhe escorria da têmpora até às pálpebras fechadas. Podia estar morta ou

inconsciente. Como sei por experiência, nem sempre o conseguimos perceber à primeira vista.

A Hannah, pelos seus padrões, parecia contente quando me saudou:

– Olá, mamã.

Fiquei paralisada junto à moldura da porta da cozinha, com o corpo todo a tremer, tiritando como se fizesse um frio enorme, um frio que não me deixava respirar, que primeiro me agarrara e depois me abanara.

– Senta-te – disse ele, antes de voltar a desaparecer no corredor.

Ouvi-o levantar os disjuntores do quadro elétrico um a um, de volta à sua posição inicial.

– Kirsten – murmurei. A Kirsten não reagiu.

– Disse-te que te sentasses.

Voltou à cozinha, elogiou a Hannah pelo desenho que ela tinha feito e ligou a luz do exaustor.

– Não o vou dizer uma terceira vez.

Hesitante, aproximei-me da mesa e sentei-me. À minha esquerda, a não mais de meio metro, a Kirsten estava caída no chão, contorcida, imóvel, ensanguentada.

– Assim é melhor – disse ele, com um sorriso de satisfação.

Tentei encará-lo e não me deixar distrair pelo bloco de facas na bancada atrás si. Não me deixar distrair pela Kirsten, a quem deveria ter verificado a pulsação, a quem deveria estar a salvar ou por quem devia chorar. Deduzo que ela abriu a porta do apartamento sem suspeitar de nada, enquanto eu dormia na cama. E ele agrediu-a.

– Ninguém tinha de ficar ferido – disse ele, como se lendo os meus pensamentos.

– Eu sei. A culpa é minha.

– Exato.

– Não há problema, mamã – disse a Hannah, levantando os olhos do bloco de desenho. Consegui distinguir a curva ascendente quase impercetível no canto dos lábios dela, a sua forma de sorrir. – Foi só um descuido tonto.

Torço o nariz.

– Sim, Hannah, foi isso.

Um pequeno gemido. Kirsten.

– Olha. – Também ele a ouviu. – Uma criatura tão delicada e ainda está viva.

– Deixa-a em paz, por favor – digo, com dificuldade. – Isto é entre nós. Cometi um erro, muitos erros. – Pelo canto do olho, apercebo-me de um movimento. É a Kirsten, que está a não mais de um braço de distância do limiar da cozinha. Desloco o meu corpo na cadeira para a ocultar do raio de visão dele. – Desiludi-vos. Lamento.

– A sério?

– Talvez vos possa compensar. Ainda podemos ser uma família.

Não sei em que momento notou que a Kirsten se estava a arrastar para fora da cozinha. Talvez tivesse percebido aquele penoso esforço desde o início e se estivesse até a divertir em segredo. Talvez só estivesse à espera do momento certo, do momento em que os dedos dela alcançaram a moldura da porta. Ou talvez se tivesse apercebido de repente, porque estivera atento não à Kirsten, mas aos meus visíveis esforços para ganhar tempo. Numa fração de segundo, lançou-se em redor da mesa sobre a Kirsten e arrastou-a pelos cabelos até ao centro da cozinha. Numa fração de segundo, saltei da minha cadeira e comecei a dar-lhe murros nas costas, a dar-lhe pontapés nas pernas, a gritar. Numa fração de segundo, a Kirsten caiu novamente no chão, agonizante. Numa fração de segundo, aterrei ao lado dela, sacudida como um mero inseto incómodo. Foi então que vi o segundo homem, que nesse momento caiu de joelhos no vão da porta, a apertar o peito com a mão, os olhos arregalados, o rosto como uma cera sem cor e as feições como incisões gravadas e desfiguradas pelo espanto. Este homem não foi atacado, nem sequer houve necessidade disso. O que acabou com este homem foi ter reconhecido o sequestrador.

– Rogner? – arquejou.

Uma estranha sensação inundou a cozinha e atingiu-me como uma

gigantesca onda gelada. Conhecia o nome, mas não me conseguia lembrar de onde.

– Senhor Beck – disse Rogner. – Ora, ora.

É o fim, todos o sabemos.

Provavelmente até o próprio Rogner, que agora desaperta o botão de cima da camisa, como se de súbito o colarinho lhe tivesse ficado demasiado apertado. O Matthias Beck, a Kirsten e eu estamos sentados em fila contra a parede esquerda da cozinha, os três impotentes, passivos, fracos. Rogner nem sequer tem uma arma para nos manter imobilizados. Não precisa dela. O Matthias Beck está prestes a desmaiar e receio que possa ser o coração. Continua com o rosto desfigurado e branco como a cal, tem a mão direita apertada num punho contra o lado esquerdo do peito. A Kirsten, que o Rogner derrubou com um golpe, tem um ferimento na cabeça que não para de sangrar. Pressiono-o com o pano de cozinha que antes fazia de mordaça, enquanto ela apoia a cabeça cansada no meu ombro. E eu, a causa de tudo isto, o motivo de toda esta dor, também não estou em condições de me levantar e lançar sobre ele, de fazer alguma coisa, ou pelo menos tentar. Depois de o Rogner me ter atirado ao chão, primeiro no quarto e de seguida na cozinha, as costelas ficaram-me a doer tanto como logo após o acidente. Sinto como que uma punhalada de cada vez que respiro, e odeio-me por isso. Deveria ser eu a nossa salvação, nem que fosse só para compensar o mal causado, nem que isso significasse sacrificar a minha própria vida.

O Rogner anda de um lado para o outro à nossa frente. Consigo perceber em que está a pensar. Está a pensar sobre o fim. Terá de matar o Matthias Beck e a Kirsten, não há alternativa. Quanto a mim, não estou tão segura. Talvez deseje levar-me com ele, pela Hannah. Eu devia ter percebido. Não deixo de pensar que devia ter percebido. Que perdi tempo precioso a ter pena de mim mesma e a suspeitar das crianças. Devia ter percebido tudo. Afinal de contas, conheço muito bem este homem.

– Escuta – tento convencê-lo de novo. – Partirei convosco, sim? Posso ser tua mulher e uma boa mãe. Em troca, só tens de deixar ir a Kirsten e o senhor

Beck.

O Rogner dá meia-volta e solta uma gargalhada seca e sem alegria.

– Não sejas ridícula. É claro que virás connosco, se eu quiser. – Aproxima-se de mim e olha-me diretamente nos olhos. – A questão é se ainda quero, *Jasmin*.

Engulo em seco várias vezes enquanto o Rogner retoma o seu movimento pensativo pela cozinha. Da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, sem parar, como um tigre enjaulado, uma fera selvagem e imprevisível. Os meus olhos fixam-se no relógio do micro-ondas. A Maja, vem-me à mente. A Maja, tinha-me esquecido por completo. A Maja, que iria passar por aqui depois do trabalho. Que irá passar, sem dúvida, porque não sabe que o objetivo do meu telefonema era simplesmente trazê-la de volta ao meu apartamento para lhe dar uma reprimenda. Deve pensar que vou desabafar e fornecer-lhe material para o artigo da vida dela. A verdade é que está atrasada, confirmou que passaria por aqui entre as nove e as nove e meia e já são quase onze, mas virá de certeza, tem de vir. A Maja, que pode ser a nossa salvação. Com o entusiasmo, a minha respiração fica mais superficial. Assim que a ouvir junto à porta da rua, terei de gritar, gritar a plenos pulmões. Sei muito bem que só terei alguns segundos até que ele me agrida ou me faça calar de alguma outra forma, talvez estendendo o braço para o lado, até ao bloco de facas, e pegando numa delas para me esfaquear. Mas aproveitarei bem esses poucos segundos. Dirigirei todas as minhas energias para esse grito de socorro, na esperança de que ela reaja da forma correta e avise de imediato a polícia. Regresso sobressaltada à realidade quando a mão do Rogner me agarra subitamente o queixo e me desvia o olhar do micro-ondas.

– Lamento, Jasmin – diz ele, com um sorriso irónico –, mas ela não virá.

Tento compreender, sem sucesso, o sentido destas palavras. A confusão espelhada no meu rosto parece diverti-lo. Solta-me o queixo e dá-me umas palmadas na cabeça como se eu fosse um cachorrinho pateta.

– Sei que tinhas um encontro marcado com a Maja. Infelizmente, terás agora de te contentar comigo.

– Não entendo…

– Oh, pois, grande deceção, não é verdade? Mais uma vez, pensei que fosses mais inteligente. Mas, se te serve de consolo, a Maja também não entendeu, de início. Afinal de contas, tinha permissão para me substituir enquanto eu estava de baixa. Com a exceção de alguns artigos, que me desagradaram tanto quanto a si, senhor Beck, e que por infelicidade foram publicados durante a minha ausência, devo dizer que fez um trabalho muito bom. Sob a minha orientação, evidentemente. Primeiro, fez-se amiga da tua vizinha. Aquela velha… como se chama ela? Bem, não é importante. Falou pelos cotovelos e contou-lhe logo que estava a cozinhar para ti porque não tinhas mais ninguém. Quando teve de ir ver o filho, ficou preocupada contigo. Quem continuaria a cozinhar para ti? A Maja, claro, chegou-se à frente para assumir alegremente essa responsabilidade.

É como uma torrente de água fria em cheio na minha cara. Foi ele quem enviou a Maja. À distância, ia sabendo a todo o momento como eu me encontrava. Divertiu-se à minha custa.

– Isso significa…

– Lars Rogner – diz ele, num tom muito formal, não sem uma ponta de deceção. – Chefe de redação do *Bayerisches Tagblatt*. Vejo que tens de ler mais os jornais, Jasmin.

Volta a sorrir com ironia, e compreendo agora porque o nome dele me era familiar. Escreveu muitos artigos sobre ti, Lena. Talvez até a maioria deles. Que prazer cruel deve ter sido para ele.

– Em defesa da Maja, devo dizer – prossegue – que durante todo este tempo ela pensou que se tratava de conseguir uma entrevista. Tinha como missão travar uma certa amizade contigo para ganhar a tua confiança e manter-te vigiada. Hoje ficou bastante emocionada quando lhe ligaste para falar com ela, a pobre diabinha. No final, porém, teve de compreender que era melhor deixar esse trabalho para o chefe.

Imagino um escritório amplo, com pessoas sentadas atrás de cubículos cinzentos com separadores finos, todas a falar com enorme entusiasmo ao

telefone. Consigo ouvir o ruído de todos aqueles dedos a baterem nos teclados. Vejo a Maja com a tal blusa branca com o colarinho levantado que estava a usar para a fotografia da página *online* da redação e custa-me a acreditar que teria bastado, à Kirsten e a mim, clicar mais algumas vezes para, provavelmente, nos cruzarmos com uma fotografia de Lars Rogner. Teríamos então informado a polícia e o Rogner já estaria preso. Depois, imagino-o a ele a passear pelos corredores da redação em busca de alguém que pudesse enviar ao meu encontro, vejo-o a escolher a Maja porque é dedicada, ambiciosa e, para cúmulo, talvez suscetível aos encantos do chefe. A jovem não suspeita sequer de que, em vez de subir alguns degraus na carreira, está apenas a desempenhar um papel no jogo dele. E receio que fique encantada, que se sinta honrada, porque ele a escolheu.

– Tu não a…?

– Oh, por favor. – Rogner levanta as mãos de modo defensivo. – A Maja está no escritório a fazer horas extraordinárias. Infelizmente, ontem não foi a única a deslocar-se a casa dos Beck depois de a Hannah ter saído da clínica psiquiátrica. E, quando perdemos a exclusividade de uma história, temos de nos esforçar um pouco mais para nos diferenciarmos da concorrência. Sugeri-lhe que entrasse em contacto com o teu antigo chefe da agência de publicidade. Reuniram-se esta tarde. Segundo me foi transmitido, três semanas antes do teu desaparecimento, foste despedida porque, de um dia para o outro, deixaste de aparecer no trabalho. O teu antigo chefe disse que talvez não tivesses superado a separação da tua namorada. Ou talvez os teus problemas remontem a muito antes. Não tiveste uma infância fácil, pois não? Depois da morte do teu pai, viveste durante uns anos num orfanato, até que a tua mãe te levou outra vez para casa. Uma mulher simpática, sem dúvida, a tua mãe. Simpática e bastante afetada. Talvez porque foste uma… como é que ela disse? Foste uma «criança difícil». – O Rogner estala a língua em desaprovação, enquanto eu inspiro algumas vezes para conseguir ar. – Educar bem os filhos é muito importante, não é? Bom, de qualquer forma, o artigo sairá na edição de amanhã, pelo que a Maja tem muito que fazer. Digamos que

te envia sentidas desculpas.

– No teu lugar, desaparecia agora mesmo – ouço a Kirsten dizer, num tom sóbrio. Mesmo ferida, continua a mostrar-se forte e desafiante, não há ninguém que consiga alterar isso. Nem sequer um deus irado. – Porque se a Maja sabe que estás aqui…

O Rogner, de mau humor, agita uma mão no ar.

– E depois? Quem garantirá que realizei a entrevista a Jasmin esta noite? Se calhar, na versão oficial dos acontecimentos, só apareço aqui amanhã e descubro alguns cadáveres. Tenho muitas possibilidades.

– Não vais a lado nenhum sem me contares antes o que aconteceu à minha filha – diz o Matthias Beck, com voz rouca.

É a primeira coisa que diz desde que reconheceu o Rogner e, de imediato, resvalou sem forças pela parede. O teu pai, Lena. Não sou capaz de imaginar como esta descoberta deve ser dolorosa para ele. É citado em muitos dos artigos do Rogner e deve ter estado em permanente contacto com ele, com o sequestrador da filha, sem o saber, sem suspeitar de nada, cheio de esperança.

– Silêncio! – vocifera o Rogner, mas controla-se logo de seguida. Suspira, aproxima-se de uma cadeira e senta-se virado para nós, como um general implacável que fez três prisioneiros. Surge uma expressão furtiva no seu rosto. – Sempre o respeitei, senhor Beck. Um respeito da mais elevada ordem. Quase diria que o admirei. A forma como lutou pela Lena e pela sua família. Fracassou, naturalmente, e muitas vezes as suas ações não foram mais do que imbecilidades. – Solta uma gargalhada. – Mas nunca desistiu. Como gostei de ler os seus *e-mails*, a raiva que continham, a determinação. A ameaça, repetida centenas de vezes, de que deixaria de falar comigo, embora voltando sempre a fazê-lo, com queixas, com informações, com pistas, sempre com a esperança de suscitar algum desenvolvimento. Considero-o um pai, senhor Beck, um pai a sério. Deve entender-me, ou não? Um pai a sério não tem alternativa.

– És um degenerado – arqueja Beck, e volta a agarrar-se ao peito.

– E o senhor está aqui! O que diz isso de si? Sabe muito bem que não recuperará a Lena, mas já a substituiu pela Hannah. – O Rogner faz um gesto

de saudação. – Não somos assim tão diferentes, senhor Beck!

– Diz-me o que fizeste à minha filha, monstro!

Num dos cantos da boca de Rogner surge um sorriso.

– Não faz ideia, senhor Beck. A filha que defendeu durante anos nunca existiu. Tínhamos um caso. A sua filha era esse tipo de rapariga. Tinha um caso com um homem casado. – O sorriso do Rogner torna-se maior, mais provocador. – O que me diz disto, senhor Beck?

– É mentira!

– Não é mentira – responde o Rogner. – É a verdade. Não a consegue suportar, senhor Beck? – Inclina a cabeça com compaixão fingida. – O seu coração doente não a aguenta?

De soslaio, vejo o Matthias Beck cerrar os dentes.

– E então? – O Rogner mostra os dentes. Depois, como se alguém tivesse pressionado um interruptor, o rosto obscurece-lhe.

Conheço esta expressão. É a última que vemos antes de o punho dele nos esmurrar e o pé começar a dar-nos pontapés sem piedade, a última coisa que vemos antes de a dor explodir e tudo voltar a ficar escuro.

– Uma fedelha malcriada e mentirosa, recheada com o dinheiro do papá como um ganso gordo de Natal. Sem responsabilidades, caprichosa, sem qualquer tipo de respeito. Era assim a filha por quem mandou um homem para o hospital, a filha que não teve pejo em falsificar as notas da universidade. – O Rogner inclina a cabeça para o outro lado, com o propósito de comprovar o efeito destas palavras. – Lembra-se do nosso primeiro encontro, senhor Beck? Cheio de orgulho, mostrou-me as notas da Lena. Uma estudante de excelência! O meu fotógrafo até lhes tirou umas fotografias. Não duvidei nem por um instante dos resultados da Lena, até que entrevistei o tutor dela. A sua filha tinha uma média de 10 a fugir para o 9, mas isso já o senhor sabia, não é verdade? – O Rogner abana a cabeça com um sorriso de satisfação. – Mentiu pela sua filha desde o início. E então deduzi que nos divertiríamos muito juntos. E assim foi, não concorda, senhor Beck? Bom, eu pelo menos diverti-me à brava.

– Continue – rosna o Beck. – Quero saber tudo.

O Rogner murmura algo. Contempla o Beck. Parece ficar pensativo.

Por um momento, sinto uma centelha de esperança. Rezo para que a sua reação seguinte seja a certa. Quem quer fugir não tem tempo para histórias longas. Quem tem algo a perder guarda para si as coisas inconfessáveis.

– A culpa foi sua, senhor Beck – ouço-o dizer, e fecho os olhos.

É o fim.

– Conhecemo-nos quando a Lena estava no segundo semestre. Talvez motivada pelo fugaz desejo de se tornar independente e de se sustentar a si mesma, ou pelo menos de escapar aos comentários negativos da mãe, a verdade é que apareceu na nossa redação para solicitar um estágio. Nessa primeira entrevista, pareceu-me logo que ela não tinha vocação para jornalista. *Em torno* de Lena Beck não havia nenhum mundo, Lena Beck *era* o mundo. Ou pelo menos era o que ela pensava. Ainda assim, dei-lhe uma oportunidade. Tinha uma semana para me entregar um artigo sobre um tema específico. – O Rogner ri. – Não o fez, claro. Quando lhe telefonei para a questionar, respondeu-me que tinha mudado de opinião e que preferia concentrar-se nos estudos. Que rapariga detestável, pensei. E, ainda assim, não consegui deixar de pensar nela. Na leveza que tinha, como um pássaro delicado. Naquela despreocupação que me fascinava e, ao mesmo tempo, repugnava. – O Rogner abana de novo a cabeça, desta vez perdido em memórias. – Uma coisa levou à outra. Só que tínhamos de ter cuidado porque eu era casado. Estava casado com a Simone há doze anos. Nunca lhe tinha sido infiel. Entregara a minha vida à Simone e fizera-o com sinceridade. Até que apareceu a Lena. De início, encontrávamo-nos apenas durante algumas horas, mas pouco depois já não nos bastava, pelo que começámos a passar fins de semana juntos. À Simone dizia que ia em viagens de trabalho. Os jornalistas passam muito tempo fora e a minha mulher não tinha motivos para duvidar de mim. Levava a Lena para a cabana, que já existia quando eu era criança. Sou dos arredores de Cham. A cabana… ia para lá brincar desde pequeno. Fingia que vivia lá. A verdade é que é um sítio precioso. Infelizmente, nunca a viste durante o dia – diz ele,

dirigindo-se a mim, com um tom de ligeira nostalgia que não me convence. – A cabana está toda rodeada de vegetação, é um lugar fora do espaço e do tempo. Não se pode chegar lá de carro. Pelo menos, não se podia, até a polícia ter aberto caminhos de acesso que a natureza nunca pretendera. Antigamente, tínhamos de estacionar a mais de meio quilómetro de distância, perto de um trilho, e percorrer o resto do caminho a pé pelo bosque. Para mim, isso teve sempre algo de primordial. E possuía mesmo uma dimensão romântica, quando caminhava até lá com a Lena, os dois de mãos dadas, e juntos abríamos o nosso próprio trilho para um lugar secreto e escondido que nos pertencia apenas a nós. Ali, existíamos um para o outro, estávamos seguros e afastados do mundo. Naquela altura, a cabana estava em muito mau estado. Juntos, tratámos de a restaurar e equipar. – Encara-me. Esboça um sorriso irónico. – Foi a Lena quem escolheu a carpete da sala.

Ajudaste a construir a tua própria prisão, Lena.

Olho para o Matthias Beck, em cuja testa é visível uma veia saliente. Está em silêncio, paralisado, mas intuo que é apenas uma questão de tempo. Não conseguirá aguentar, não muito mais.

– Eu já só vivia para os nossos fins de semana na cabana. E pensava que ela também. – O Rogner passa as mãos com aspereza pelo cabelo escuro. Onde antes havia um penteado cuidado, há agora, ao voltar a baixar as mãos, um emaranhado de cabelos. – Mas estava enganado. Ao fim de algum tempo, começou a inventar desculpas para não ficar comigo. Não podia porque precisava de estudar para os exames. Porque tinha um aniversário. Do pai, da mãe, da avó, de repente havia sempre alguém a fazer anos. Também deixou de atender o telemóvel que lhe tinha comprado. Eu tinha comprado um telemóvel para cada um de nós porque não queria que a Simone nos descobrisse. – Começa a soprar, parecendo desdenhoso e, ao mesmo tempo, perplexo. Sinto que está cada vez mais imerso no relato, que a história se converte numa experiência que revive neste momento. – Quem pensou ela que era? – A voz dele ressoa por toda a cozinha. – Por quem me tinha tomado? Sou o melhor jornalista do país, sei bem quando me estão a mentir. E ela estava a mentir-me.

Por isso, comecei a segui-la. E comprovei que tinha razão. Voltou a encontrar-se com o ex-namorado, e logo quando eu tinha acabado de contar à minha mulher sobre nós. Decidira finalmente contar-lhe, tal como a Lena queria. Ela estava sempre a pedir-me que me decidisse e, por isso, disse à Simone que a ia deixar. Que queria viver com a Lena. – Interrompe-se.

Algo acontece neste momento, consigo senti-lo. De súbito, parece inacreditavelmente velho. Pode ser apenas a minha imaginação, ou a luz fraca do exaustor que lhe cai sobre as feições num ângulo pouco favorável e as desfigura.

– Foi por isso – diz o Matthias Beck, que claramente percebeu alguma coisa.

Rogner anui.

– Não pude impedir que alguns jornais escrevessem sobre o assunto. Por sorte, quando se trata de suicídio, a nossa profissão tende a ser mais contida para não encorajar as outras pobres almas desesperadas. – Esfrega a testa, cansado, talvez também na esperança de afugentar as imagens que lhe povoam a mente. Mas não consegue. – Intoxicação por monóxido de carbono. A Simone levou o grelhador para a casa de banho, selou tudo e acendeu o carvão. Fui eu que a encontrei ao chegar a casa depois do trabalho. Estava na banheira, com o Pascal nos braços, quase como que adormecidos. Só que não estavam adormecidos. Estavam mortos. – Tira a mão da testa e baixa-a. Por um momento, a expressão do Rogner parece a de alguém que acaba de ter uma ideia. – A Lena é tudo o que me resta, é tudo o que tenho agora. Não voltarei a perder o controlo. Uma desgraça como esta não voltará a acontecer, prometo-te, Pascal. A partir de agora, o papá terá sempre muito cuidado.

Durante alguns instantes, instala-se o silêncio absoluto, um silêncio que contém uma tensão quase insuportável. É como se um gás invisível e mortífero se estivesse a propagar também por esta divisão da casa, tal como havia acontecido na casa de banho do Rogner. Então, ele aclara a garganta. Parece que regressou do passado e está de novo na nossa presença, nesta cozinha onde se desenrola o inevitável fim.

– A Lena nem sequer se assustou quando a intercetei no regresso a casa de uma festa universitária. «Ei, Lars», disse ela a rir. Tresandava a álcool e erva. «Há uma eternidade que não te via.» Tinham passado exatamente treze dias. Treze dias durante os quais havia enterrado a minha família e transformado a cabana. Quando a levei para lá, ao princípio pensou que se tratava de uma brincadeira. Pensou que era um jogo, talvez até de contornos sexuais. Um pequeno jogo de despedida. Até que lhe contei sobre a Simone e o Pascal. Então, percebeu tudo. Jamais voltaria a sair da cabana. Pela primeira vez na vida, teria de assumir responsabilidade por alguma coisa, e eu encarregar-me-ia disso.

– Você… escreveu artigos sobre ela – diz o Matthias Beck, incrédulo.

O Rogner fita-o e eu noto que toda a dor lhe desaparece do rosto, como se um interruptor tivesse sido pressionado. Volta inclusivamente a esboçar um sorriso irónico.

– Era a minha forma de fazer com que o senhor se apercebesse de quem era a sua filha na realidade. Além disso, assim podia estar sempre próximo da investigação. É um aspeto importante quando cometemos um crime e não estamos particularmente interessados em que se descubra a verdade.

Noto que o Matthias Beck se debate consigo mesmo. Tem a veia da testa a latejar e move os lábios sem emitir qualquer som. Contudo, a pergunta, essa pergunta, consegue sair por fim – ainda que provavelmente todos suspeitemos de que será a última.

– Porque teve a Lena de morrer?

O Rogner suspira, recosta-se na cadeira e inclina a cabeça para trás.

– O senhor pensa que eu matei a Lena – começa a dizer, pensativo. – Mas não foi isso que aconteceu. Tratou-se de um acidente, não muito depois de a Sara nascer. A nossa filha mais nova. Ao princípio, ela só gritava…

Hannah

Devemos prestar sempre muita atenção, sobretudo quando o papá está a falar. Já pousei o lápis de cera vermelho há algum tempo, mas isso também foi porque o objeto do meu desenho se mexeu. A mulher já não está caída no chão, está sentada contra a parede entre o avô e a mamã. Para as manchas que tem na cara precisaria agora do lápis *bordeaux*, pois o carmim já não me serve. A verdade é que o papá atirou a cabeça dela com força contra a parede do corredor de entrada quando ela nos abriu a porta da rua. Com tanta força, aliás, que até se ouviu um enorme «pum!». Mas, mesmo quando os ferimentos são maiores, o sangue costuma secar muito depressa. É uma coisa que desenvolvemos com a evolução. Uma rápida coagulação do sangue aumenta a probabilidade de sobrevivência quando estamos feridos. Uma vez, tivemos em casa uma mamã que tinha problemas de coagulação. Esteve quase três dias seguidos a sangrar carmim, mas fomos espertos e pusemo-la em cima de um plástico grande, caso contrário teria sujado tudo. Seja como for, neste momento, o papá acaba de explicar a história triste do menino na banheira. Era meu irmão, tal como Jonathan é meu irmão. Presto atenção, embora já conheça a história. O papá contou-ma depois do que se passou com a mamã e a Sara. Naquela altura, o papá chorou e disse que devemos saber sempre valorizar a família, caso contrário perdemo-la. Julgo que me disse aquilo porque eu não conseguia suportar a Sara e sentia muita vergonha disso. Agora, está a explicar ao avô, à mamã e à outra mulher como a Sara não parava de gritar quando nasceu. E como logo a seguir também começou a tossir. Por sorte, não durou muito. Lembro-me de como me senti feliz da primeira vez que ela ficou calada, porque pensei que podíamos finalmente voltar a dormir a noite inteira. «Não é nada bom», disse a mamã, mas estava enganada. Dormir é muito bom e, acima de tudo, é importante para que o corpo se possa regenerar. «Precisa de ir para o hospital!», já andava a mamã a dizer ao papá há uns dias, mas o papá respondia: «Não é nada, é só um resfriado. Em breve,

ficará boa.» Normalmente, a mamã contentava-se com a resposta, mas não naquela noite em particular. Não parou de repetir que a Sara tinha uma pneumonia. Uma pneumonia é uma inflamação aguda ou crónica do tecido pulmonar, causada por infeções produzidas por bactérias, vírus ou fungos. O papá respondeu que a mamã não era médica. E nem sequer era uma boa mãe se não conseguisse curar a Sara. A mamã pôs-se a chorar, fazendo muito ruído.

Na realidade, os adultos devem trancar sempre as crianças nos quartos antes de discutirem, mas julgo que eles não pretendiam discutir e, além disso, o papá já tinha dito «basta!». Ainda assim, a mamã continuava a chorar, fazendo cada vez mais ruído.

«O que se passa?», murmurou o Jonathan, que também estava escondido atrás da porta do quarto. Tínhamos acabado de lavar os dentes quando começámos a ouvir as vozes agitadas no quarto deles.

«A Sara voltou a dar problemas», respondi, também a murmurar.

«Já disse que basta!» A voz de leão do papá. O Jonathan encolheu-se.

«Por favor, nem sequer tenho de ir com ela», suplicou a mamã. «Ficarei aqui, mas peço-te que a leves a um hospital.»

O papá agarrou o braço da mamã.

«É melhor que pares já», ciciou.

«Tem febre!»

«Ficará boa.»

Então, a mamã cuspiu o papá na cara. E também soube usar a voz de leão:

«És do pior que há! Estás a deixar morrer a tua própria filha! Não sobreviverá à noite!»

O papá tentou acalmar a mamã. A verdade é que ela nunca tinha tido um ataque tão forte como aquele. O papá agarrou-a pela garganta, como costumava fazer nos outros ataques da mamã.

Voltei-me para o Jonathan e murmurei:

«Vamos para a cama.»

Na realidade, queríamos ficar acordados até que a mamã nos viesse contar

a história para dormir, mas adormecemos assim que nos deitámos. Estávamos muito cansados devido àquelas noites todas mal passadas porque a Sara só sabia gritar. Mas naquela noite estava muito tranquila.

O papá acaba de dizer isso mesmo:

– Mas naquela noite…

Jasmin

– … houve um silêncio terrível. – O Rogner suspira com tristeza e depois faz uma breve pausa. – Bem sei que não precisava de ter acontecido – conclui. – Não de novo. Mais uma vez, não fui suficientemente cuidadoso. Falhei. Tal como o senhor Beck falhou. Tal como todos os bons pais falham de vez em quando.

– Não se atreva – protesta o Matthias Beck, visivelmente afetado pela dor.

O Rogner encolhe os ombros, não com indiferença, mas como um homem que chegou ao fim da sua história e se questiona sobre que mais poderá acrescentar.

O silêncio invade toda a cozinha, um silêncio que volta a ser quebrado por um som ténue e desconcertante. Todos os olhos se viram para a Hannah, que começa a chorar, soltando pequenos soluços.

– Ainda pensa que a culpa foi dela – explica o Rogner, levantando-se da cadeira. – Porque não podia suportar a bebé. Mas era só porque ainda não se tinha habituado à nova situação.

Vejo-o aproximar-se da Hannah e beijar-lhe a testa.

– Não foi por tua culpa que a Sara ficou doente. Nada disto foi culpa tua, querida.

O Matthias Beck respira com esforço. É difícil de suportar, mas é assim que as coisas são. É assim o amor. Por mais doente, retorcido e

incompreensível que seja, continua a ser amor. O amor que nos impulsiona. Que nos converte em monstros, cada um à sua maneira.

– Lars – digo eu, e reprimo um vómito instintivo. É o nome dele e é a primeira vez que o pronuncio.

A Kirsten tenta deter-me. Agarra-me o braço.

– Jassy, não – sussurra ela.

Afasto-a. Ponho-me de pé. O Lars Rogner está aqui por amor. Por amor à sua família. Agora que me levantei, tremem-me os joelhos. Mas continuo em pé. Ele não me impediu. Nem sequer fez questão de se mexer. Limita-se a observar-me. Dou um primeiro passo hesitante na direção dele. Não me impede. Dou um segundo passo.

– Quero ir para casa – declaro.

– Não te incomodes, Jasmin – escarnece ele. – Sabes que acabou tudo.

Nego com a cabeça.

– Se tudo tivesse acabado, não terias vindo aqui. E certamente não terias trazido a Hannah. Disseste que querias que a Lena fosse finalmente responsável por alguma coisa, mas tu também carregas uma responsabilidade, Lars. Para com os teus filhos, para comigo. A Hannah quer que voltemos a ser uma família. Não é verdade, Hannah?

O Rogner olha para a filha, que confirma, anuindo hesitantemente.

A minha anca roça na bancada. Mais dois ou três passos e estarei diante dele.

– Eu também quero que sejamos uma família.

O Rogner semicerra os olhos.

– É uma tentativa patética, Jasmin – diz ele, mas não me tenta atacar.

Sei agora que tenho razão. É o amor.

Só mais um passo. E esticar o braço.

– No hospital disseram-me que estou grávida.

O Lars Rogner inclina a cabeça e avalia-me com o olhar. É o melhor jornalista do país, sabe bem quando lhe estamos a mentir. Sabe, portanto, que é isso que está a acontecer. Contudo, quando abre a boca para me transmitir o

veredicto, só lhe sai uma arfada reprimida.

A minha anca roça na bancada.

Esticar o braço até ao bloco de facas.

E esperar que os olhos dele estejam centrados nos meus. Que não veja mais nada neste momento e talvez para sempre.

Fica então com os lábios mais finos. As pupilas cintilam-lhe. O olhar diz que não pode acreditar. A dor penetrante e intensa no ventre. O Lars Rogner já não é divino, já não é Deus. É apenas um ser humano como o resto de nós, com essa centelha de esperança que todos temos e que nos faz cair nas mais lamentáveis situações.

Ao fundo, estala o caos. A Kirsten grita. O Matthias Beck berra.

Para nós os dois, é como se eles se dissipassem em segundo plano.

Ficamos só ele e eu – e o momento em que lhe cravo a faca no ventre. Corta tudo, até carne.

Matthias

– Não! Isso não!

Rastejo até junto do Rogner, que caiu ao chão. Continua a respirar, embora muito devagar.

– Diga-me onde está a Lena!

Aperto com as mãos o sítio onde a mancha vermelha atravessou o tecido branco da camisa dele e está a aumentar a olhos vistos.

– Por favor – suplico.

O Rogner faz barulho ao respirar.

– Chame uma ambulância! – grito à Jasmin Grass, que ficou paralisada junto ao corpo imóvel com a faca na mão e o observa lá de cima. – Prometi à mãe dela que a levaria para casa – continuo a implorar.

No rosto pálido do Rogner aparece um leve sorriso.

– De pai para pai. Por favor.

A respiração do Rogner é cada vez mais superficial. As pálpebras começam a tremer-lhe.

Afasto as mãos do ventre do Rogner. Ele tem razão, deixei-a ficar mal.

Alguém me toca no ombro. A amiga da Jasmin Grass.

– Deixe-me! – berro.

– O pequeno bosque – sussurra o Rogner com a voz rouca. – Atrás do seu jardim. A Lena adorava esse jardim.

– O jardim? Refere-se à nossa propriedade às portas de Germering? O jardim da avó Hannah, é isso?

Rogner faz um ligeiro movimento com a cabeça e eu interpreto-o como um gesto de assentimento. Sem perder tempo, assinto também.

– Atrás do nosso jardim começa o bosque de Germering. É aí?

– Na orla do bosque – confirma o Rogner, arquejando. – Para que possa ver sempre as hortênsias.

– Enterrou-as ali, foi? Encontrarei a Lena e a Sara ali?

– Ela amava as hortênsias – diz o Rogner, com as pálpebras fechadas e trémulas. – E eu amava-a a ela.

– Eu sei – murmuro, por alguma razão.

Um sorriso volta então a aparecer no rosto do Rogner, desta vez bem visível. A cabeça cai-lhe para o lado e os olhos ficam presos ao vazio.

Quatro mil oitocentos e quarenta e dois dias depois.

Chau, papá! Até breve!

Sou atingido por uma onda que percorre rapidamente todo o meu corpo, estremeço, soluço e começo a chorar pela minha filha. Como que através de um véu, vejo a Hannah, que se levanta da cadeira junto à mesa da cozinha e se agacha ao lado do corpo do Rogner. Estica-lhe o braço esquerdo inerte e deixa-o estendido. Deita-se no chão sobre o braço do pai, pousa uma mão no peito dele e a cabeça no ombro. Depois, murmura:

– Boa noite, papá.

E fecha os olhos.

Terrível descoberta de cadáveres em Germering

Germering (MK) – Ontem à tarde, os cadáveres de três mulheres e um bebé foram recuperados de uma sepultura comum numa área florestal perto de Germering. De acordo com o comissário-chefe da polícia Gerd Brühling, dois dos corpos seriam os da estudante universitária de Munique, Lena Beck, desaparecida desde janeiro de 2004, e da sua filha recém-nascida. As identidades das outras duas mulheres ainda não são conhecidas. Segundo Brühling, um primeiro exame forense no local onde os corpos foram encontrados revelou que as duas mulheres desconhecidas morreram presumivelmente em condições de forte violência. A causa da morte de Lena Beck e da filha ainda não foi claramente determinada. Todos os cadáveres foram ontem transportados para o Instituto de Medicina Legal de Munique, onde serão realizados novos exames. «A nossa intenção é identificar as duas mulheres desconhecidas o mais depressa possível», afirmou Brühling. «Devemos assumir que as suas famílias as reportaram como desaparecidas. As famílias das vítimas merecem ser esclarecidas.»

Jasmin

Um artigo muito realista, não te parece?

A Kirsten pousa a edição de hoje do *Bayerisches Tagblatt* e leva a mão ao cesto do pão. O inchaço na parte inferior esquerda da cara já desapareceu,

deixando apenas um resto do hematoma visível através da pele. A laceração que o Rogner lhe provocou está a cicatrizar bem. O *Ignaz* encosta-se às minhas pernas e ronrona sonoramente, como que impulsionado por um pequeno motor. O meu apartamento, o «local do crime», ainda se encontra selado pela polícia e, por isso, estou a viver com a Kirsten «temporariamente», como costumamos dizer.

– O que queres que escrevam? Que o seu antigo jornalista, a estrela da casa, era um assassino?

A ideia de que existiram mais duas mulheres provoca-me calafrios. Embora a polícia certamente descubra em breve quem eram, talvez nunca se venha a saber a razão por que tiveram de morrer. Possivelmente, ofereceram maior resistência, lutaram com mais determinação pelas suas vidas do que eu. Enfrentaram o deus colérico com tal persistência que ele se sentiu obrigado a fazer-se valer do último recurso para provar aos filhos, e a si mesmo, quem detinha ali o poder absoluto. Por outro lado, podem ter morrido apenas porque aos olhos dele não eram suficientemente convincentes no papel de Lena. Ao pensar nisso, lembro-me do meu primeiro dia na cabana, quando acordei deitada no sofá, depois de ter desmaiado na arrecadação.

Sabes como soa o crânio de alguém quando o partes, Lena? Como quando atiras uma melancia ao chão. Pum!

Estas palavras deixaram-me aterrorizada e não pensei por um momento que se tratasse de uma ameaça vã. Não duvidava de que ele já tinha ouvido realmente aquele som. Várias vezes, como veio a provar-se. Não deixo de pensar nas famílias das duas mulheres, que terão de aprender a viver com estas lacunas, com o facto de que nunca conseguirão chegar ao fundo do mistério. Sei bem o difícil, o quase inumano que isso pode ser. A menos, claro está, que a Hannah e o Jonathan consigam algum dia falar deste assunto. Antes disso, porém, teriam de ser capazes de compreender os acontecimentos de uma forma diferente. A doutora Hamstedt pensa que há algumas hipóteses. Compara a visão que as crianças tinham do mundo na cabana com a de quem espreita através de uma fechadura. A porta está agora aberta, apenas uma

fresta para não os assustar. No entanto, quanto mais a porta se abrir com o passar do tempo, mais ampla se tornará a visão que têm das coisas. Um dia, segundo ela, conseguirão focar-se em tudo a partir da perspetiva correta, ainda que tal possa demorar muito tempo e, além disso, pressuponha aceitarem que o pai foi um assassino.

Não tenho de me questionar sobre se ele gostava do que fazia. É claro que gostava. Adorava desempenhar o papel do grande Deus que tinha poder sobre a vida e as pessoas. Adorava torturar. Talvez nem sempre tivesse sido assim. Talvez a perda da mulher e do filho o tivessem devastado ao ponto de o enlouquecerem. Depois disso, só restavas tu, Lena, a mulher que ele amava e, ao mesmo tempo, odiava pelo que tinha provocado. As coisas descontrolaram-se, não é essa a expressão que se costuma usar? As coisas descontrolaram-se assustadoramente.

– Sim – responde a Kirsten, arrancando-me da minha divagação. – Porque ele era isso mesmo. Será que não têm a obrigação de contar a verdade aos seus leitores? O autor dos crimes foi precisamente o seu jornalista mais famoso, que até escreveu artigos sobre o caso. Era perverso a esse ponto. E nenhum dos seus colegas tão perspicazes se deu conta de nada.

– Não me parece que escreverem isso seja muito bom para o negócio.

– Os outros jornais estão a fazê-lo – diz a Kirsten, encolhendo os ombros e dando uma dentada no seu *croissant*.

A Kirsten tem razão, Lena. Os meios de comunicação social não se fartam da nossa história. E é possível que continue a ser assim durante muito tempo. Até ao próximo crime «mais espetacular das últimas décadas». É, de facto, assim que o descrevem. Recebi vários convites para entrevistas e até uma proposta para um telefilme. Os nossos papéis seriam interpretados por atores de primeira linha e o filme passaria em horário nobre. Talvez te tranquilize saber que, aos poucos, vão deixando os teus filhos em paz, preferindo centrar-se em ti. Na realidade, já não te podem fazer mal. Salvo no *Bayerisches Tagblatt*, que discretamente voltou a descrever-te como «estudante universitária», agora apareces em toda a parte como a amante malvada que

contribuiu de maneira decisiva para o terrível destino que acabou por encontrar. Trata-se, naturalmente, de uma questão moral. Não nos devemos envolver com homens casados.

Todos dizem agora que a Lena Beck não era a mulher que os outros pensavam que era, e a maioria di-lo com as sobrancelhas arqueadas. Mas não fazem ideia, Lena. Foste uma mãe que deu tudo pelos filhos. Foste forte. Forte e corajosa pelo amor aos teus filhos, até à morte. E eu admiro-te por isso. Prometo-te que acompanharei as crianças. Mas não ainda, porque todos precisamos de mais algum tempo, embora saiba que vão ficar bem. Têm os melhores terapeutas. Os teus pais estão lá com eles. E eu também estarei em breve.

– Jassy? Estás a chorar?

A Kirsten pousa o *croissant* no prato.

– Está tudo bem – respondo, a fungar.

– Já acabou – diz-me, com um sorriso. – Desta vez, a sério.

Procura a minha mão e entrelaçamos os dedos.

– Sim – digo eu, devolvendo o sorriso. – Já acabou.

O Lars Rogner está morto.

Nem dois minutos depois de lhe ter cravado a faca no ventre, a polícia irrompeu pelo meu apartamento. A senhora Bar-Lev tinha-a chamado devido ao desconhecido de aspeto perturbado e horrível com quem se tinha cruzado ao chegar a casa, vinda de viagem, nessa noite.

O teu pai, Lena.

Apesar de tudo o que se possa dizer ou escrever sobre o Lars Rogner, pelo menos teve a decência de lhe contar a tua história. De não a levar para a sepultura e deixar que o teu pai continuasse a sofrer.

Em contrapartida, houve uma segunda história que levou com ele. E, por mais estranho que possa parecer, também isso foi decente da sua parte.

É a história de outra mulher jovem e instável que se tinha zangado com a ex-namorada e planeava um desaparecimento dramático. Iria para a estação de comboios e, a meio da noite e sem dizer nada a ninguém, apanharia o primeiro

comboio, não importava para onde. Só queria ir embora, desligar o telemóvel, assustar a ex-namorada para lhe dar uma lição. Era esse o plano dela naquela noite de maio, quando a caminho da estação acabou num bar para beber um copo e assim ganhar o pouco de coragem que lhe faltava. E, por acaso, ele estava nesse bar. E foi ela quem o convidou para um copo. Foi ela quem não só bebeu com ele, mas também se sentou ao colo dele. Foi ela quem lhe murmurou ao ouvido: «Porque não vamos para tua casa?»

– Há mais alguma coisa que me queiras contar? – pergunta a Kirsten, semicerrando os olhos de modo inquisitivo.

– Não – respondo eu. – Não há mais nada.

Mais nada que importe.

O Lars Rogner está morto e eu estou a tomar o pequeno-almoço com a mulher que amo.

– Achas que podemos passar mais tarde por uma loja?

– Claro – responde a Kirsten. – Do que precisas?

Sorrio.

– De tinta para o cabelo. Já está na altura de me livrar do loiro.

É algo com que todos os jornais concordam, Lena: a Jasmin G. sobreviveu. E assim, pouco a pouco, começo a acreditar que é verdade. Uma boa verdade.

Matthias

É um dia de final de outubro retirado de um postal. A temperatura está amena. As árvores empregam de novo todas as suas energias na vida e exibem as mais belas cores antes do inverno. A luz tem um ligeiro tom dourado. É o que diz a Karin. A tarde perfeita para um passeio, acrescenta, porque não está disposta a desistir.

E, ainda assim, ambos sabemos que também não sairei de casa hoje. Estou sentado à mesa da sala de jantar, em frente dela, e tenho diante de mim um pedaço de bolo que não me está a saber bem. Tenho o pijama vestido debaixo do grosso roupão azul-escuro e as pantufas calçadas. Não fiz a barba e não me penteei. Tal como ontem. Como anteontem. Como todos os dias da última semana em que não fiz mais do que andar de um lado para o outro da casa. Por vezes, para descansar, sento-me à mesa a comer qualquer coisa insípida. Ou dormito no sofá. Ou subo, pensativo, até ao antigo quarto da Lena, que está novamente vazio. Tal como eu. A Hannah foi-se embora. Voltou ao centro de trauma. A doutora Hamstedt diz que a terapia dela corre um pouco melhor agora que se sabe a história toda e lhes é possível trabalhar de modo mais concreto. Também o Jonathan apresenta progressos. A Karin contou-me que, na sua última visita, o viu realmente alegre. Já a chama «avó».

– Queres outro chá? – pergunta a Karin, sorrindo do outro lado da mesa para me animar.

Abano a cabeça. Afasto o prato. Digo que vou para cima, para o quarto da Lena. A Karin deixa que me levante sem fazer qualquer comentário.

Ontem, o Gerd telefonou. Analisaram as impressões digitais das duas cartas que a Jasmin Grass entregou à polícia. E, evidentemente, são minhas. O Gerd disse que ia ver o que podia fazer. Esta é, para todos os efeitos, a segunda acusação contra mim. Ainda que a Jasmin Grass não queira apresentar queixa – e não quer –, a verdade é que interferi nas investigações. Com uma multa acima dos noventa dias fica-se com registo criminal, acrescentou o Gerd.

«Porque raio o fizeste, Matthias?», perguntou ele, suspirando.

Também eu suspirei. Só suspirei, nada mais. Falharam-me as palavras. Pensava que a Jasmin Grass tinha algo a esconder. Pensava que as cartas ajudariam a fazê-la falar. A assustariam um pouco. A recordariam de que a Lena merecia a verdade. Mas talvez não estivesse sequer a pensar. Tinha voltado a ficar furioso, a ser o burro inútil que sempre fora. Deixei as cartas em casa da Jasmin Grass a caminho das minhas visitas ao centro de trauma. O

Gerd quis saber onde tinha conseguido a morada. Balbuciei algo ao telefone. Ah, Gerd, o bom, ingénuo e velho Gerd. Qualquer um consegue obter uma morada com uns meros cliques na internet.

«Não facilitaste a vida de ninguém, Matthias.»

Pois não, sou um caso perdido. Até eu o sei.

«Bom, tudo acabou finalmente», dissera o Gerd no final da conversa. «Talvez um dia destes possamos ir pescar juntos outra vez. Lembras-te? Como dantes.»

«Sim, talvez», respondi, acrescentando: «Adeus, Gerd.»

Tudo acabou finalmente.

Entro no antigo quarto da Lena. A cama está feita, a cadeira giratória está bem arrumada na secretária. No parapeito da janela crescem as duas orquídeas que a Karin trata com carinho.

Tudo acabou e eu devia estar em paz.

Sento-me na cama da Lena, com o céu estrelado dela sobre mim.

Quatro mil oitocentos e quarenta e dois dias.

Foi o tempo que passei à procura da minha filha, em busca de respostas, e estava certo de que, se me dessem alguma, encontraria a paz.

Quatro mil oitocentos e quarenta e dois dias que, em última análise, couberam numa história de dez minutos. O Rogner não precisou de mais do que isso.

E agora está tudo resolvido?

Sim, parece que está tudo resolvido, embora sinta algo em falta. Não me sinto satisfeito. Quem sou eu agora? O que resta de mim? O que me resta se Lena está morta e levaram a Hannah?

A doutora Hamstedt diz que, se quisermos, podemos visitar as crianças duas vezes por semana, às terças e sextas, entre as três e as quatro da tarde. Com o tempo, o horário das visitas poderá ser alargado, mas neste preciso momento, e sobretudo depois dos últimos acontecimentos, as crianças devem focar-se, antes de mais, na terapia. A Karin considera que é uma visão «sensata».

Contemplo o céu estrelado. Penso na Hannah.

A minha pequena Hannah…

Imagino como seria se me voltasse a sentir cheio de vida. Se houvesse esperança, perspetivas. Imagino que, de repente, me levanto porque sei o que tenho de fazer e isso é como uma revelação. Entro no meu quarto e tiro roupa limpa do roupeiro. Logo de seguida, vou à casa de banho para tomar um duche, algo que não acontece há dias. Faço a barba. Penteio o cabelo, deixando-o com um risco bem feito. Desço à cozinha, onde a minha mulher está ocupada a lavar a louça e fica agradada quando me vê vestido e arranjado como um ser humano normal. Também ela se enche de esperança ao ver-me. A esperança de sair para um passeio nesta resplandecente tarde outonal. Dou-lhe um beijo na face e digo: «Vou levar o carro para dar um salto ao escritório e ouvir as mensagens do gravador.» A Karin fica ainda mais esperançada. Conseguiremos ultrapassar esta situação. Ainda temos pela frente uns quantos bons anos juntos. Será diferente, claro, mas ainda nos temos um ao outro e, por fim, sabemos o que aconteceu. Sorrio-lhe mais uma vez antes de sair da cozinha, cruzar a entrada até à garagem e entrar no carro. A porta da garagem abre-se e faço marcha-atrás. Entro na estrada. Mas não vou ao escritório.

Vou a Regensburg, ao centro de traumatizados. Vou ver a Hannah.

Imagino que a tomo pela mão, a tiro do edifício e a levo até ao parque de estacionamento. Ponho-lhe o cinto no banco de trás. Sento-me à frente. Ponho o carro a trabalhar.

«Vamos para muito longe, avô», pede ela, com uma voz aguda, a partir do banco de trás.

Sorrio para o retrovisor e digo:

«Sim, querida, vamos.»

Estou deitado sob o céu estrelado. Podia…

Não somos assim tão diferentes, senhor Beck.

Epílogo

Lena, setembro de 2013

O nosso mundo tem paredes compactas. Sem janelas, sem portas. O nosso mundo é pequeno. Vinte e quatro passos, pondo o calcanhar de um pé à frente dos dedos do outro, desde a estante grande até à pequena cozinha. No nosso mundo há regras e castigos, bem como um tempo próprio.

É uma questão de poder.

Tu pensas que nos prendeste. Que somos teus prisioneiros. Afastados de tudo, do exterior e das pessoas. Só te pertencemos a ti.

Sim, é uma questão de poder.

O teu consiste em quatro paredes compactas e vinte e quatro passos.

Sei o quanto gostarias que dissesse o teu nome. Quase me imploras que o faça, como no passado, quando ele saía dos meus lábios com amor, excitação, admiração, ou pelo menos com educação. Mas não penso dar-te esse prazer, por mais que me tentes lembrar dos bons tempos que vivemos, por mais que me esmurres ou pontapeies, insultes ou magoes de todas as formas imagináveis. Para mim, transformaste-te num estranho, e penso fazer com que o sintas até ao final. Também isso é poder. O meu poder, e é inesgotável.

Pensas que nos prendeste?

Se em tudo isto só consegues ver uma prisão, és um pobre homem doente, um estranho. De cada vez que me viras as costas, faço crescer uma flor atrás delas, todo um campo de girassóis amarelos. Posso criar molhos de hortênsias do tamanho de couves, se quiser.

E quero. Sempre que nos deixas aqui sozinhos, trago o mundo para dentro destas quatro paredes compactas. Crio segredos e esferas privadas. Saio em viagem com a nossa filha, enquanto o nosso filho dorme profunda e deleitosamente depois da sua taça de leite com mel e sonha que voa. Levo a Hannah ao nosso jardim para ver as hortênsias. Apresento-a aos avós e faço

com que lhe corram joaninhas pelas costas das mãos. Tu julgas que estamos aqui, fechados e presos, quando na realidade estamos em Paris, ou junto ao mar, ou em todos esses sítios que nos pensas ter tirado quando trancaste a porta à chave e entaipaste as janelas.

Poder. Estranho.

Posso dar vida ao gato de peluche. Posso inundar as divisões da casa com a luz do sol. Posso trazer até nós as estrelas do firmamento. E tenho a certeza de que, um dia, os meus filhos poderão ver tudo isto não só através dos meus olhos e das minhas histórias. Um dia, sairão por esta porta, sairão para o mundo.

É a esperança a falar – e está em meu poder garantir que ela nunca morrerá.

Não nos tens, não de verdade.

Esta é a tua prisão. Não a nossa.

Agradecimentos

Sinto uma enorme gratidão para com a minha agente, Caterina Kirsten, sem a qual este livro simplesmente não existiria. Querida Caterina, nunca esquecerei como lutaste comigo e por mim. Espero que esta nossa viagem conjunta dure ainda por muitos mais anos e muitos mais livros.

Gostaria também de agradecer de todo o coração a Georg Simader, Vanessa Gutenkunst, Lisa Volpp e Felix Rudloff pelo apoio, pela experiência inesquecível de ler perante um público pela primeira vez e pelos copos no momento certo.

Era uma vez uma pequena autora que, ao receber a chamada da sua agente, verteu verdadeiros rios de lágrimas de alegria, felicidade e incredulidade… Vocês também são responsáveis por isto, Claudia Baumhöver e Bianca Dombrowa. Aproveito esta oportunidade para, uma vez mais, vos dizer – e a todas as pessoas magníficas, dedicadas e apaixonadas da editora dtv – o quanto aprecio o vosso empenho e o vosso trabalho, e como estou grata por este período tão especial da minha vida.

E, por fim, agradeço à minha família: espero dizer-vos com regularidade suficiente aquilo com que poderia encher uma quantidade absurda de páginas. Espero que o saibam todos os dias. Vocês são o propósito e a razão de tudo para mim.